



PREFÁCIO de JOHN PIPER

AS COISAS DA TERRA

Estimar a Deus ao Desfrutar de Suas Obras



Joe Rigney



É provável que tenhamos conhecimento do provérbio a respeito do homem piedoso em demasia, tão dedicado aos céus que não consegue ser bom na terra. E já vimos tantas vezes o oposto que nem precisamos de um provérbio para ele — o pensador carnal tão voltado para a terra que não é bom para o céu. E nem para a terra, como se verificou mais tarde. A coisa mais difícil de atingir na questão é equilíbrio, mas este é um feito difícil que Rigney realizou. Compre este livro. Faça dele um de seus bens terrenos. Leia-o para descobrir o que isso quer dizer.

— Douglas Wilson

Senior Fellow of Theology, New St. Andrews College; pastor da Christ Church, Moscow, Idaho; autor de *Alegria no limite das forças*

A leitura deste livro será um doce momento de profunda libertação para muita gente. Com sabedoria e vivacidade, Rigney mostra como podemos adorar nosso Criador ao desfrutar da criação. Fará muitos cristãos mais felizes em Cristo — e mais atraentes e semelhantes a ele.

— Michael Reeves

Diretor da Associação e Lente da Wales Evangelical School of Theology, autor de *Deleitando-se na Trindade*, *Deleitando-se na oração* e de *A chama inextinguível*

Este livro fez-me querer assistir aos jogos olímpicos comendo um bolo de abóbora crocante, deleitando-me em Deus, que em toda a sua riqueza nos oferece tudo para nossa alegria. Parte de mim, no entanto, está um pouco desconfiada da deliciosa crocância das nozes e das habilidades atléticas impressionantes. E se meu coração se perdesse nessas coisas? Se você conhece essa hesitação, este livro é para você. Fomos feitos para participar da

plenitude da glória intergaláctica do Deus trino. Este livro é um guia confiável para ajudar seu olhar a seguir os raios esparsos até o sol.

— Gloria Furman

Esposa do pastor da Redeemer Church of Dubai, mãe de quatro filhos,
autora de *Vislumbres da graça* e de *Sem tempo para Deus*

Não é fácil compreender como posso amar a Deus de todo o coração, mas também amar o mundo que ele criou. A Palavra de Deus nos estimula a amar a criação (Sl 19), mas também a não amar o mundo (1Jo 2.1-17). Rigney é realmente útil para os que lutam com esse tipo de questão e nos ajuda com um estilo dinâmico e envolvente. Este livro esclarece e amplia o conceito de hedonismo cristão de John Piper. Recomendo-o de coração.

— John M. Frame

Catedrático J. D. Trimble de Teologia Sistemática e Filosofia do Reformed
Theological Seminary

Um bom livro pode ser um deleite, uma das melhores dentre as coisas da terra. A sensação tátil do papel, do peso, da textura. O cheiro das páginas. O impacto visual da tinta, da arte, da formatação. E ainda tem, é claro, todo o conteúdo. Este livro é dos mais úteis e deleitosos que você encontrará. Ele versa sobre santificação. Sobre como aproveitar o mundo esplendoroso de forma que isto traga proveito para a alma. As coisas da terra foram criadas por Deus para que você o ame por meio do amor à sua obra. Joe Rigney vai ajudar você tremendamente a entender como isso funciona.

— Emilio Garofalo Neto

Pastor da Igreja Presbiteriana Semear (Brasília)



Copyright © 2015 de Joe Rigney
Publicado originalmente em inglês sob o título
The Things of Earth: Treasuring God by Enjoying His Gifts
pela Crossway Books – um ministério de publicações Good News Publishers,
Wheaton, Illinois, 60187, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO
Centro Empresarial Parque Brasília, Sala 23 SE
Brasília, DF, Brasil – CEP 70.610-410
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2017

Tradução: *William Campos da Cruz*
Revisão: *Cristina Portella e Felipe Sabino de Araújo Neto*
Capa e projeto gráfico: *Barbara Lima Vasconcelos*
e-book: *Felipe Marques*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rigney, Joe

As coisas da terra: estimar a Deus ao desfrutar de suas dádivas / Joe Rigney,
tradução William Campos da Cruz — Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: *The Things of Earth: Treasuring God by Enjoying His Gifts*

ISBN 978-85-69980-33-9

1. Hedonismo — aspectos religiosos — cristianismo. 2. Prazer — aspectos religiosos — cristianismo. 3. Felicidade — aspectos religiosos — cristianismo. 4. Gratidão — aspectos religiosos — cristianismo. 5. Deus (cristianismo) — adoração e amor. 6. Piper, John, 1946- I. Título

CDD: 233

AS
COISAS **DA**
TERRA



**EDITORA
MONERGISMO**

Sumário

Prefácio

Introdução. Que temos de fazer com as coisas da terra?

1. A glória do Deus trino
2. O autor e sua história
3. Criação como comunicação
4. Criado para ser criatura
5. A solução evangélica da idolatria
6. Os ritmos da piedade
7. Nomeando o mundo
8. Desejando o que não é Deus
9. Sacrifício, abnegação e generosidade
10. Quando o “tempo de guerra” dá errado
11. Sofrimento, morte e a perda das boas dádivas
12. Abrace sua condição de criatura

À minha esposa,

Jen: Você é um constante lembrete de que as coisas da terra tornam-se estranhamente brilhantes à luz da glória e graça de Deus.

Prefácio

Se há um cristão evangélico vivo hoje que tem pensado e escrito de maneira mais bíblica, mais profunda, mais criativa ou mais prática sobre a fruição adequada da criação e da cultura, não sei quem é. Quando digo “de maneira bíblica”, quero dizer que Joe pensa e escreve sob a autoridade da Palavra de Deus, e com vistas a responder a todas as sérias objeções que surgem da Bíblia. Também quero dizer que escreve como um hedonista cristão convicto — isto é, com a convicção entranhada de que Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele.

No entanto, como todo bom estudante, Joe não está apenas engolindo os ensinamentos do hedonismo cristão; ele os digere, de maneira que se tornam energia e *insights* que ultrapassam seu professor. O fato de ele ter-me pedido para escrever este prefácio, e de eu o ter aceitado, é um sinal de que esses *insights* não contradizem, mas complementam os esforços do professor.

Joe discerniu que um ponto forte do hedonismo cristão também pode tornar-se sua fraqueza. Este ponto forte é que o hedonismo cristão, da forma como tentei desenvolvê-lo, tem uma vigorosa tendência ascética (como a Bíblia!). Por exemplo, geralmente acrescento estas palavras: “Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele, *especialmente nos momentos em que abraçamos com alegria o sofrimento por causa dele*”. Alegria na aflição é um claro testemunho de que estimamos a Cristo mais que o conforto e a alegria em agradáveis dias de sol.

Também enfatizo que mais bem-aventurada coisa é dar que receber, e que dar, de modo geral, é algo doloroso. Tentei fazer que

a tônica de meu ministério fosse “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10). O próprio cerne do hedonismo cristão, textualmente, encontra-se em Filipenses 1.19-23, onde Cristo é mais engrandecido em nossa morte, porque estimamos a Cristo tão supremamente que chamamos a morte *lucro* — porque nela obtemos mais de Cristo. E estimamos a Cristo em nossa vida ao reputar tudo como perda por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, nosso Senhor (Fp 3.8). O sabor da vida cristã é provado com intensidade quando, em meio ao vilipêndio e à perseguição, regozijamo-nos e alegramo-nos porque é grande a nossa recompensa no céu (Mt 5.11-13).

O ponto fraco desta ênfase consiste no pouco espaço dedicado a engrandecer a Cristo pela alegria da criação e da cultura. Dá-se pouca ênfase às palavras de Paulo: “Deus criou [os alimentos] para serem recebidos, com ações de graça, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1Tm 4.3,4). Ou as palavras segundo as quais Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1Tm 6.17).

As árvores da sabedoria bíblica com respeito a experimentar a Deus ao experimentar a criação não estavam plenamente crescidas quando escrevi acerca do hedonismo cristão. Lancei algumas sementes, mas nunca voltei para cultivar os brotos, deixando-os crescer num livro. Foi isso que Joe Rigney fez. E fiquei tão feliz com o que ele escreveu que já não sinto mais necessidade de escrever aquele livro. Tinha de ser escrito, e Joe já o escreveu.

Somos todos moldados e motivados por nossas experiências. Vi um lado da verdade bíblica, e escrevi sobre ela da forma como escrevi, em grande medida, por causa de minha experiência de vida e do que vejo como as necessidades no meu entorno na igreja, nos

Estados Unidos e no mundo. Provavelmente mantereí meu foco e minha ênfase enquanto viver. É assim que vejo a Bíblia e o mundo neste momento.

Mas minha ênfase não é toda a verdade. Joe viveu uma vida diferente, enfrentou desafios diferentes e sentiu a força de necessidades diversas na vida das pessoas. Isso lhe deu sensibilidade a outras dimensões da verdade bíblica e capacitou-o a vê-las e a escrever sobre elas com profundidade, criatividade e aplicabilidade intensamente práticas.

Este livro foi muito útil para mim. Digo em nível pessoal. Acho que serei um pai melhor, um marido melhor, um amigo melhor e um líder melhor por causa dele. Uma das razões é que Joe não receia possíveis objeções bíblicas a sua ênfase. Essa ênfase adequa-se ao ensino bíblico da renúncia? Ajudará quando uma criança morre? Ajudar-nos-á a completar a Grande Comissão? Ajudar-nos-á a dizer: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73.25)? Há boas respostas a essas questões — respostas bíblicas. Joe é tão dedicado às Escrituras que não teme enfrentar o que quer que ela diga sem rejeitá-la em favor de seu sistema ou distorcê-la para fazê-la adequar-se. Este é o tipo de escritor que me é de grande valia.

Ambos estamos cientes de que o que escrevemos pode ser distorcido e mal-empregado. Isso, no entanto, nos coloca em boa companhia, uma vez que todas as seitas e heresias pseudocristãs distorcem e empregam de maneira imprópria a Bíblia. Deus, evidentemente, pensou que a dádiva da Bíblia valia as distorções que as pessoas fariam. Joe escreveu um livro que tinha de ser escrito. É uma dádiva para a igreja e para o mundo, não porque é a Bíblia, mas por estar permeado pela paixão de ser *fiel* à Bíblia. Vale

as distorções que as pessoas podem vir a fazer. Podem ser poucas. Ele não foi descuidado.

Minha oração por este livro é a mesma de Joe:

Que o Pai das Luzes, que sabe como dar boas dádivas a seus filhos, ensine a vocês o segredo de enfrentar plenitude e escassez, fartura e necessidade, ser humilhado e ser exaltado. Que ele lhes conceda a graça de fazer todas as coisas boas, de receber todas as coisas boas, de perder todas as coisas boas, e de suportar todas as coisas difíceis por meio de Cristo, que os fortalece. Amém.

— John Piper

Introdução

Que temos de fazer com as coisas da terra?

Deus é mais glorificado em vocês quando vocês mais se satisfazem nele.

— John Piper

Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra criatura, sem amá-la por tua causa.

— Agostinho

Katherine é uma estudante universitária que trabalha 25 horas por semana para pagar a condução para a faculdade. Embora tente dedicar tempo à oração e à leitura das Escrituras, teme não estar lendo a Bíblia o suficiente. Por mais longas que fossem suas práticas devocionais, o sentimento de culpa parece permanente. Afinal, a Bíblia não diz que devemos meditar nela dia e noite e orar sem cessar?

Bob está com seus sessenta anos e ama pescaria, *softball* e o Chicago Cubs. No ano passado, Deus usou um câncer de cólon para sacudir o desregramento de Bob e atraí-lo para si. Bob agora se pergunta se ainda pode gozar de seus *hobbies* como outrora. Afinal, ele não quer desperdiçar a vida.

Abby é uma jovem prometida em casamento. Duas semanas atrás, o pastor dela pregou um sermão sobre o perigo da idolatria. Daí em diante, ela se pergunta se não ama seu noivo, Dan, mais do que deve. Ela não sabe ao certo o que quer dizer “mais do que deve”, mas, sempre que está com ele, o coração dela acelera, e então se sente culpada.

Tim é um segundanista na faculdade e entregou-se por completo a Jesus. Está cansado de um cristianismo comodista e quer viver

um estilo de vida radicalmente teocêntrico. Acha que os assim chamados cristãos que leem ficção, assistem filmes ou praticam esportes desperdiçam seu tempo porque não encontram sua verdadeira satisfação em Deus. Indo mais longe, ele luta consigo mesmo e se pergunta se está tão plenamente satisfeito em Deus quanto deveria. Vive com um sentimento constante de culpa porque sabe que as coisas da terra o distraem demais.

Beth e Jake casaram-se recentemente. O dinheiro está curto, e eles brigam com frequência por causa disso. Ambos são cristãos sinceros, mas têm diferentes visões de como gastar seu orçamento limitado. Jake insiste em que devem viver um estilo de vida “de tempos de guerra”, ao passo que Beth concorda em princípio, mas não está segura quanto aos detalhes. Ela está meio receosa de chegar em casa um dia e ver que Jake vendeu a cama e substituiu-a por catres e sacos de dormir.

Sarah e a mãe são grandes amigas. Ou pelo menos eram até que a mãe morreu num acidente de carro dois anos atrás. Sarah sabe que a mãe está no céu com Jesus, e confia que Deus tinha bons propósitos para tomá-la de sua família, mas Sarah ainda chora quase toda noite. O que é pior, ela começa a sentir-se culpada por seu luto, pois questiona se Deus desaprova a profundidade de sua dor.

• • •

Se você se reconhece em algum desses cenários, este livro foi escrito para você. Foi escrito para pessoas que querem glorificar a Deus com sinceridade em tudo que fazem, mas encontram-se lutando com a forma como a vida teocêntrica se parece na prática. Foi escrito para pessoas que se questionam se amam demais as dádivas de Deus e se amam a Deus o suficiente. Foi escrito para

peessoas que se encontram frustradas porque o mundo parece projetado para distraí-las da busca obstinada só de Cristo. Foi escrito para os que abraçam a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, mas sentem a tensão entre a supremacia de Deus e “todas as coisas”.

Este livro foi escrito para responder a uma pergunta simples: que temos de fazer com as coisas da terra? Abraçá-las? Rejeitá-las? Usá-las? Esquecê-las? Lançar sobre elas nossa afeição? Olhar para elas com desconfiança? Desfrutar delas com uma ou duas pontadas de culpa?

Então, mais uma vez, talvez esta não seja uma pergunta simples. Afinal, a Bíblia mesma parece contraditória nessa questão. Por exemplo, na epístola aos Colossenses Paulo diz o seguinte:

Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória. (Cl 3.1-4)

Onde você deve colocar sua mente, seu coração, “sua afeição” (KJV)? Nas coisas de cima — coisas elevadas, coisas santas, coisas espirituais —, não nas coisas terrenas. Por quê? Porque você ressuscitou com Cristo, e ele está assentado nos céus, e seu valor excede a todas as coisas terrenas. De fato, comparado a ele, as coisas da terra são como lixo e refugo (Fp 3.8).

Parece suficientemente claro. Mas, depois, em 1 Timóteo, Paulo parece estampar uma nota diferente acerca das coisas da terra:

Pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.

(1Tm 4.4,5)

Então tudo que Deus fez é bom, incluindo as coisas da terra. Portanto, não devemos rejeitá-las, desprezá-las, ou mantê-las à distância. Devemos abraçá-las com ações de graça. E o que é isso? Devemos considerar tudo como perda ou receber tudo com santa gratidão?

Ou, mais uma vez, em sua carta aos Filipenses, Paulo adverte contra a ofensa de preocupar-se só com as coisas terrenas:

Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós. Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas. (Fp 3.17-19)

Seja como Paulo. Imita-o e àqueles semelhantes a ele. Não seja inimigo da cruz de Cristo — o que transforma seu apetite num deus e que lança suas afeições sobre as coisas da terra.

Compare esse sentimento com o desafio de Paulo ao homem rico no fim de sua carta a Timóteo. À primeira vista, soa conhecido, mas Paulo termina com uma reviravolta surpreendente:

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento. (1Tm 6.17)

Não deposite sua esperança na instabilidade da riqueza. Não ponha seu espírito nas coisas da terra. Mas não se esqueça de que Deus concede com fartura todas as coisas para delas gozarmos. Como fazemos isso? Como podemos desfrutar de tudo que Deus nos concede em profusão sem pôr nossas *afeições* nas coisas da terra?

A batalha dos hinos

Essas duas linhas bíblicas encontraram espaço em nossos hinos e canções. Por exemplo, a maioria dos evangélicos canta o hino de Hele Lemmel “Turn your eyes upon Jesus” [“Volta teus olhos para Jesus”]. O refrão representa uma das metades da tensão:

Volta teus olhos para Jesus
Contempla-lhe a face maravilhosa
E as coisas da terra o brilho perderão
À luz de sua graça gloriosa.

O que acontece às coisas da terra quando Jesus se manifesta? Perdem o brilho. Comparadas a ele, são como nada e menos que nada. Então, quando colocamos nossa mente nas coisas do alto, as coisas de baixo perdem seu poder e sua beleza.

Mas o hino de Hemmel não é a única canção que cantamos. Em “This is my Father’s world” [“Este é o mundo de meu pai”], Maltbie Babcock dá voz ao outro lado da tensão, celebrando a bondade da criação:

Este é o mundo de meu pai:
Ele resplandece em tudo quanto é bom;
Na grama que cresce, ouço-o passar;
Comigo ele fala em todo lugar.

Mais uma vez, que temos aqui? À luz de sua face, as coisas da terra perdem o *brilho*? Ou ele *brilha* em tudo que é bom? A grama que cresce desaparece quando Cristo chega? Ou o ouvimos falar por meio dela?

Como eu já disse, o que exatamente temos de fazer com as coisas da terra?

Resolvendo a tensão ao alimentar a cobiça ou a culpa

Uma forma de resolver a tensão é em essência escolher um lado e ficar ali. Os pregadores de saúde, riqueza e prosperidade ostensivamente celebram a bondade das coisas da terra, instando suas congregações a “nomeá-las e reivindicá-las”. As bênçãos da terra são o sinal necessário do favor de Deus para conosco, de maneira que as buscamos acima de tudo e o buscamos por causa delas. Esses falsos ensinamentos de fato incentivam as pessoas a colocar sua mente nas coisas de baixo e a voltar seus olhos para Jesus apenas quando querem dele algum bem terreno. Imaginam que a piedade é uma fonte de lucro, atiçando o desejo de ser rico, que arrasta as pessoas à ruína e à perdição (1Tm 6.5,9). Este é o fosso de cobiça e indulgência pecaminosa, e Deus o odeia.¹

De outro lado, podemos enfatizar tanto a necessidade de colocar nossa mente nas coisas do alto que, com efeito, negamos a bondade da criação de Deus, ao cair no outro fosso. Isaac Watts, o autor de “Joy to the World” [“A alegria do mundo”] e “When I Survey the Wondrous Cross” [“Quando olho a maravilhosa cruz”], certa vez escreveu um hino baseado em Colossenses 3.2 intitulado “How Vain Are All Things Here Below” [“Como são vãs as coisas aqui de baixo”]. A letra expressa de maneira poderosa o perigo de rejeitar a bondade das coisas da terra. Um breve passeio pelo hino dará destaque aos tipos de impulsos que estou tentando corrigir neste livro.

Como são vãs todas as coisas daqui de baixo;
Como são falsas, embora atraentes!
Cada prazer tem seu veneno,
E toda doçura um ardil.

Observe que *todas* as coisas daqui de baixo são vãs. As coisas da terra são ao mesmo tempo falsas e atraentes. Marido, mulher, filhos,

comida, *hobbies*, trabalho — tudo isso são prazeres que escondem veneno. A doçura das alegrias da terra são um ardil e uma armadilha, capturando-nos em seu abraço destrutivo.

As coisas mais brilhantes debaixo do céu
Não dão senão uma luz promissora;
Devemos suspeitar de algum “quase” perigoso,
Quando temos tal deleite.

Dada a falsidade dos prazeres terrenos, temos de desconfiar deles. Quando saboreamos um bife suculento ou gozamos da jovialidade de uma criança ou nos maravilhamos com uma tempestade com raios e trovões numa pradaria, luzes vermelhas devem começar a piscar em mente: “Perigo, perigo, perigo!”.

Nossas maiores alegrias, nossos amigos mais queridos,
Os parceiros de nosso sangue,
Como dividem nossa mente inconstante
E deixam apenas metade para Deus!

Watts deixa claro que até mesmo as boas dádivas (como amigos e família) são, na melhor das hipóteses, distrações da completa devoção a Deus. Deleitar-se no doador e deleitar-se em suas dádivas são vistos como um jogo de soma zero em que quanto mais amamos as coisas da terra menos amor temos para dar ao próprio Deus (e vice-versa). A implicação é clara: se temos de ser fiéis a Deus e amá-lo de *todo* o coração, alma, entendimento e forças, então temos de suprimir e resistir ao prazer em nossas maiores alegrias e amigos mais queridos.

O apego do amor da criatura,
Com que força impressiona o sentido!
Para lá os sentimentos exaltados se movem
Nem podemos chamá-los dali.

Nossos sentimentos de prazer nas criaturas são poderosos. Eles arrebatam nossa atenção e levam nossos sentimentos para longe, de maneira que não podemos chamá-los de volta. Watts supostamente deseja que estejamos em guarda contra o afeto crescente de nossa família e amigos, para que a força de nossa alegria nos atraia a Deus.

Querido Salvador, que tua beleza seja
O alimento eterno de minha alma;
E que a graça afaste meu coração
De todos os bens criados.

Observe mais uma vez a dicotomia entre a beleza de Cristo e a beleza que ele criou. A graça nos liberta das coisas criadas. Ela nos afasta com misericórdia dos prazeres terrenos. A graça de Cristo faz as coisas da terra perderem o brilho.

Para mim, a teologia deste hino é sincera, mas equivocada. Quando abraçada, produz uma culpa constante que mata a alegria, porque, por mais que tentemos, ainda vivemos no mundo e desfrutamos de prazeres terrenos. Se adotarmos a perspectiva de Watts, erigimos um padrão impossível e, então, constantemente estaremos aquém dele. Há outro caminho? Um caminho melhor? Creio que sim.

Por que Deus fez *este* mundo?

Para fazer esta (nem tão) simples pergunta de outra maneira: por que Deus criou este mundo? Por que fez um mundo para sua própria glória em Cristo e então o preencheu de prazeres até às bordas — prazeres físicos, sensíveis, emocionais e relacionais? Por que Deus fez um mundo cheio de bons amigos, bacon frito, riso de crianças, pores do sol no Texas, Dr. Pepper, futebol universitário, amor conjugal e o calor das meias de lã? Esta é a tensão que

experimentamos, e espero que este livro possa levar-nos no caminho de sua solução.

Meu objetivo é bem simples — quero trabalhar com você para sua alegria. Sua alegria em família. Sua alegria com os amigos. Sua alegria nas panquecas e ovos, no bife com batatas, nas batatas chips com salsa. Sua alegria nas viagens de *camping*, nos exercícios físicos e em sua *playlist* no iPod. Sua alegria na Bíblia, nos cultos de adoração e nos momentos tranquilos que antecedem o sono. Sua alegria no trabalho, nos *hobbies* e na rotina diária.

Quero trabalhar com você nestas coisas e por meio delas para sua alegria no Deus vivo e pessoal que lhe deu todas elas e livrou-o do pecado e da morte por intermédio da obra de seu Filho e do Espírito Santo em quem você pode desfrutar dele e delas, e dele nelas, para sempre. Mas, antes de explicar como fazer isso, permita-me contar-lhe um pouco sobre mim.

Curso básico de hedonismo cristão

Sou um hedonista cristão há mais de uma década. Hedonismo cristão é um termo cunhado por um pastor e teólogo de Minneapolis chamado John Piper. Em sua raiz, hedonismo cristão quer dizer abraçar a verdade bíblica de que Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele. Isso quer dizer procurar buscar a alegria mais elevada e mais profunda em Cristo e só em Cristo.²

No meu caso, eu era um hedonista cristão antes mesmo de ter ouvido John Piper. Claro, eu não teria usado esse termo, mas, ainda assim, era um. Você pode conferir meus diários do ensino médio. (Pensando bem, não pode; há muita coisa constrangedora ali, que jamais deve ver a luz do dia.)

Portanto, eu era um hedonista cristão sem rótulo. Acho que os salmos fizeram isso comigo. “Agrada-te do Senhor” (Sl 37.4). “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (Sl 42.1). “A minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja” (Sl 63.1). Foram essas as orações a que voltei repetidas vezes durante minha adolescência.

Em alguma medida, ao encontrar o hedonismo cristão quando calouro na universidade, ele encontrou abrigo em meu coração. Fui alimentado por ele. Ainda me lembro do primeiro sermão de John Piper que ouvi. Um amigo tinha-o sugerido a mim. O sermão chamava-se “Boasting Only in the Cross” [“Orgulhando-se apenas da cruz”], e deixou-me em parafuso.³ Metade do sermão estava em minha cabeça. Nunca tinha ouvido a palavra “exultação” antes (estava convencido de que Piper estava pronunciando errado “exaltação”). Mas havia algo no que ele dizia que ressoava em mim, penetrando até a divisão de juntas e medulas. Então o ouvi de novo. E de novo. E de novo.

E passei a ouvir outros sermões. E li alguns artigos. E descobri que era um hedonista cristão e não sabia. Piper lançou fundamentos bíblicos profundos sob minha experiência de vida cristã. Ainda mais importante, ele colocou Deus no centro de minha busca de prazer.

Vim a abraçar o hedonismo cristão tanto na experiência quanto nominalmente. Eu tinha novas categorias para o compromisso com Deus, um novo vocabulário em que palavras como *afeições*, *satisfação* e, sim, *exultação* ocupavam lugar de destaque. Aqui estão algumas das coisas que se aprofundaram naqueles dias:

1. Todos os homens procuram a felicidade. Sempre.
2. Deus não considera nossos desejos fortes demais, mas fracos demais.

3. Paixão pela glória de Deus e paixão por minha felicidade não são incompatíveis; na verdade, são a mesma paixão.
4. O louvor consoma nosso deleite de Deus.
5. Cabeça e coração são necessários para adorar a Deus corretamente.
6. Deus é soberano em suas próprias afeições.
7. E, claro, Deus é mais glorificado em mim quando estou mais satisfeito nele.

Então, subscrevi. Mergulhei de cabeça — centrado em Deus, enaltecendor de Cristo, saturado de Bíblia, mobilizador de missões, movido a oração e mais dezenas de outras expressões preposicionadas. Queria difundir uma paixão pela soberania de Deus sobre todas as coisas. A Bíblia se abriu de maneira sem precedentes em minha vida. Nunca antes lera as Escrituras com tanto cuidado ou com tanta alegria. Fazia conexões entre textos. A cadeia de pensamento nas passagens principais ocupava seu lugar. Lembro-me de passar horas na sala de estudos no final do corredor com minha Bíblia e meu diário (e talvez um ou dois artigos). Devorei as Escrituras e estava faminto por mais. Era como um crescimento espiritual elevado à máxima potência.

Um Deus soberano e um estudante insuportável

Não quero dizer que não houve lutas. Lembro-me claramente de sentir-me encurralado pela soberania de Deus na salvação. Quando vieram as discussões acerca da predestinação, eu sempre era algo entre hostil e indiferente. A palavra *predestinação* estava na Bíblia, então eu era espicaçado por ela, mas isso não queria dizer que eu estivesse feliz com ela ou que realmente compreendesse seu significado.

Mas, uma vez que aceitei a realidade de um Deus grande revelado na autoridade das Escrituras, era apenas uma questão de tempo até que eu realmente enfrentasse alguns dos textos difíceis. Quando vi que se aproximava o momento, preparei-me para uma verdadeira batalha em minha mente e em meu coração. Eu esperava uma luta. Mas, quando de fato me dirigi às Escrituras, já não sentia uma tensão tão intensa. Era como se eu acordasse um dia e dissesse: “‘T?’ Sim. ‘U?’ Sim. ‘L?’ Um pouco complicado, mas sim. ‘I?’ Sim. ‘P?’ Sim. Hmmm. Bem, aí está. Acho que sou calvinista”.

Não me entenda mal. Sei que há tensões. Sei que há passagens desafiadoras, mais do que percebia à época. Mas, naqueles dias, eu estava preparado e disposto a ir a qualquer lugar que as Escrituras me levassem. Não estava a fim de discutir com Deus acerca de seu poder, autoridade, graça e bondade. Quem era eu para retrucar?

Como a maioria dos jovens reformados de 18 anos de idade, nem sempre era fácil conviver comigo. De fato, na maior parte do tempo meu zelo sobrepujava substancialmente meu conhecimento e minha maturidade. As discussões vinham como maná no deserto (ou gafanhotos no Egito, dependendo do ponto de vista). A palavra *insuportável* me vem à mente (e não tenho certeza de que eu era assim tão popular, para começo de conversa).

Em minha defesa, posso dizer que era o entusiasmo pelas coisas de Deus que dirigia a maior parte delas. Sei que havia orgulho, imaturidade e pura e simples estupidez misturados em tudo isso. Mas eu estava genuína e sinceramente empolgado com o Deus revelado nas Escrituras. Queria que outros vissem o que eu via, e queria com tanta urgência que estava disposto a empurrá-los só um pouquinho mais.

Você deve ter pensado que aceitar nosso total desamparo no pecado e a absoluta bondade soberana de Deus em nossa salvação tornar-nos-ia humildes. Mas não; no meu caso, os dias de crista erguida inicialmente excederam os dias de humilhação e cara no pó.

Anos mais tarde, depois que a intolerância e o zelo frio foram em grande medida exorcizados pela graça de Deus na escola da vida, meus amigos e eu apelidamos a doença de “Síndrome do calvinista neófito” (SCN). Os sintomas incluem:

1. Um estranho fogo nos olhos acompanhado pela propensão a flutuar a um metro do chão;
2. Um senso das proporções distorcido (“Veja-me fazer tempestade num copo d’água”);
3. Um compromisso fanático em engolir qualquer *reductio*, desde que faça Deus grande e o homem pequeno;
4. Aprendizagem de um pouco de grego insuficiente para ter alguma pista do que se está falando.

O único tratamento conhecido da SCN é trancar o calvinista infectado num quarto sem nada senão a Bíblia e um retrato de John Wesley. Quando parar de jogar a Bíblia na cara de Wesley, ele estará livre para unir-se de novo à cristandade, mas só sob supervisão cerrada de presbíteros piedosos com paciência de Jó e senso de humor.

Em todo o caso, a graça de Deus sobejou em mim, e meu prazer nele e meu amor e cuidado pelos outros cresceu com o tempo e com a maturidade. Sofrimento, dúvidas e uma temporada de depressão temperaram meu zelo e tornaram-no algo próximo de “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10).

Teologia em ação

Depois da graduação, mudei-me para Minneapolis com minha esposa para participar do programa vocacional ao presbitério no The Bethlehem Institute (TBI), o braço de desenvolvimento de liderança da Bethlehem Baptist Church, onde John Piper era o pastor. Cheguei ao TBI para ver como era uma igreja hedonista cristã. Queria encontrar todas as expressões preposicionadas em ação. Eu tinha lido os livros; agora, queria ver a teologia em ação.

As aulas tinham forte ênfase no grego bíblico e na exegese das Escrituras. Fazíamos diagramas das frases e “arqueávamos” capítulos inteiros de Romanos.⁴ Amei as aulas, os professores e os colegas de classe. As discussões eram sempre vivas, e a amizade e camaradagem eram doces. Mas nem tudo eram flores.

Embora não quisesse admitir, minha vitalidade espiritual estava definhando. Nada dramático. Só um relativo esmorecimento. Academicamente, eu estava florescendo, mas o verdadeiro compromisso com Deus em oração e adoração tinha mirrado. Uma leve apatia espiritual é uma descrição mais ou menos precisa. E então Deus surpreendeu-me com um pastor e teólogo do século XVIII.

Quando descobri pela primeira vez que seríamos submetidos a dois cursos completos sobre a teologia de Jonathan Edwards, admito que fiquei desapontado. Estava ávido por mais estudos de teologia bíblica e de livros gregos. E mais, já sabia o que ele ia dizer. Tinha lido na faculdade a maior parte de *The End for which God Created the World* [O propósito para o qual Deus criou o mundo] e achava-o pouco útil. Parecia-me uma espécie de Piper do século XVIII, e dei por encerrada a questão. Deus é zeloso de sua glória. Deveríamos buscar nossa alegria nele. Curso básico de hedonismo cristão. Ler *End of Creation* [O propósito da criação] e

Religious Affections [Afeições religiosas] não correspondia exatamente à minha ideia de diversão.

No entanto, conforme meu professor começou a caminhar com vagar e cuidado pelos tratados de Edwards, percebi que tinha sido absolutamente ingênuo ao pensar que compreendia metade do que Edwards tinha a oferecer. Por meio dos escritos de Edwards, a realidade do Deus vivo impactou-me uma vez mais e com renovado vigor. A Trindade tornou-se central em tudo que eu pensava e sentia. Não me refiro à doutrina da Trindade. Refiro-me a *Deus como Trindade*, o verdadeiro “três em um”. Ele tornou-se linda e poderosamente real de maneiras que jamais pensara. Minha compreensão do que significa para Deus glorificar-se a si mesmo foi destruída e refeita. Cheguei a ver que há camadas e profundezas de realidade para além do que imaginava. As coisas estavam entrelaçadas de modos empolgantes e surpreendentes, e meu coração alcançava de novo novas alturas.

Providencialmente, depois de concluir a formação, ofereceram-me um trabalho de instrutor num novo programa experimental de graduação em Bethlehem. E mais, pediram-me que ajudasse a ministrar os cursos sobre Edwards no recém-expandido Bethlehem College and Seminary. Isso permitiu que eu examinasse a teologia de Edwards repetidas vezes, fortalecendo as raízes e descobrindo aplicações novas e originais de uma paixão pela supremacia de Deus.

Ao longo do caminho, dois outros autores começaram a exercer influência formativa em minha teologia e prática da vida cristã. C. S. Lewis, que aparece em quase metade de cada um dos capítulos deste livro, tornou-se um guia e amigo confiável, deixando clara a bondade do mundo material, da finitude e da vida comum. O pastor Douglas Wilson provocava-me com regularidade e desafiava-me ao

sublinhar a centralidade da gratidão na vida cristã. Mais do que isso, credito a Doug a centelha da ideia deste livro por meio de uma série de postagens num *blog* anos atrás.⁵ As reflexões de Doug incitaram-me a identificar e a lutar com as perguntas não declaradas que eu tinha em anos de cristianismo.

Questões como estas, dado o verdadeiro perigo da idolatria: como podemos desfrutar de verdade das dádivas de Deus de maneira que ele seja de fato honrado como doador? Ou, como podemos integrar atividades “espirituais” (como oração, leitura das Escrituras e adoração comunitária) a nossas atividades normais ou mundanas (como comer, trabalhar e brincar com a família)? Ou, como devemos pensar acerca do amor divino e nosso amor a tudo o mais, dadas as nossas limitações e nossa finitude?

Em resumo, as questões e problemas levantados têm que ver com o que significa viver a vida cristã (hedonista) fiel, e em minha experiência, temos trabalho a fazer.⁶ Isso, evidentemente, não é de surpreender. Como Wilson gosta de dizer: “Se você se inscreve numa aula de matemática, terá problemas matemáticos”. Se nos inscrevemos numa aula de hedonismo cristão, teremos problemas de hedonistas cristãos. O truque é seguir em frente e buscar a ajuda de Deus para solucioná-los. É isso o que este livro pretende fazer.

O leiaute

Os cinco primeiros capítulos são fundamentais. Neles, examinamos Deus, a relação de Deus com a criação, a própria criação, o que significa ser criatura e o que significa ser um pecador salvo pelo evangelho. O Capítulo 1 examina a doutrina da Trindade por meio de dois modelos teológicos, concentrando-se sobretudo no Evangelho de João e em Jonathan Edwards. Esforçamo-nos por compreender a glória de Deus em termos trinitários, como plenitude

trinitária de Deus. Por causa do amor de sua glória, o Deus trino cria o mundo a fim de comunicar e estender sua plenitude para além de si mesmo, ou, para usar outra imagem, a fim de convidar as criaturas para tomarem parte em sua vida triúna.

O Capítulo 2 é uma longa reflexão sobre uma analogia resumida nessas três sentenças: Deus é um autor. Esta é a história. Somos suas personagens. Essa analogia nos permite conceber a relação de Deus com o mundo de maneira que honre sua completa soberania bem como nossa responsabilidade por nossas ações. A realidade é permeada de intencionalidade divina e humana. Essa analogia oferece uma solução frutífera para o problema do mal e estabelece outra verdade cristã decisiva: para sermos cristãos fiéis, precisamos estar dispostos a ter a mente e o coração alargados por verdades bíblicas complementares.

Articulando os dois primeiros capítulos, o Capítulo 3 defende que a criação deve ser compreendida como a revelação divina constante e penetrante. Deus se comunica conosco por meio da criação. Esta é a glória da realidade criada: um veículo adequado para comunicar a vida divina. Como tal, podemos encontrar “imagens das coisas divinas” onde quer que olhemos. A revelação de Deus na criação destaca a importância da analogia e da metáfora pelas quais comparamos uma coisa a outra, de maneira que ambas se esclarecem. Por fim, C. S. Lewis nos ajuda a “olhar com” a criação, a experimentar pequenas teofanias mesmo nos menores prazeres.

O Capítulo 4 se desloca da criação como um todo para uma exploração do que significa ser criatura — corpórea, finita, temporal e, segundo o Gênesis, muito boa. As limitações da criatura não são defeitos superáveis. Na verdade, Deus em sua sabedoria escolheu satisfazer muitas de nossas necessidades e desejos por meio das coisas criadas. As dádivas divinas nos são dadas para nossa alegria

e de maneira que possamos cumprir a missão de Deus como seus sacerdotes, reis e profetas. Além disso, este capítulo enfrenta diversas questões de *valor*: as criaturas têm valor intrínseco? Devemos valorizar igualmente todas as criaturas? Devemos valorizar a Deus de modo infinito? Em resposta a essas perguntas, recomendo o testemunho bíblico de que nosso amor a Deus deve ser supremo, pleno e expansivo.

O Capítulo 5 trata de dois desafios fundamentais à visão do gozo das dádivas apresentada até aqui — passagens na Bíblia que ensinam o dever de desejar tão só a Deus; e a realidade profunda e permanente do pecado humano, rebelião e abuso das dádivas divinas. Em primeiro lugar, o capítulo explora duas maneiras complementares para abordarmos a relação dádiva-doador na Escritura. Em segundo lugar, o capítulo explora a natureza da idolatria e da ingratidão, a solução falsa e funesta do ascetismo (em todas as suas formas), e a solução alternativa à idolatria apresentada no evangelho.

O Capítulo 6 passa a uma visão mais prática do que significa viver uma vida teocêntrica ao enfatizar a necessidade de ritmos de piedade direta (como oração e adoração) e piedade indireta (todas as outras coisas que fazemos). Somos criaturas encarnadas e com uma história, projetadas por Deus para fazer uso de pontos de apoio em nossa busca de Deus. Piedade direta e indireta são mutuamente frutíferas e benéficas, à medida que nossa piedade direta orienta a vida cotidiana, e a vida cotidiana oferece categorias concretas com que nos comprometemos com Deus de forma direta.

O Capítulo 7 aborda o problema da produção e da apreciação cultural. Cultura é o produto da criação de Deus e da criatividade humana, e é o meio apontado por Deus para amadurecer e glorificar sua criação muito boa. A nomeação fidedigna proporciona um

ângulo frutífero na produção de cultura, e o convite de Deus a Adão para nomear os animais fundamenta nossa produção e nossa apreciação cultural. Como criação, a cultura tem a capacidade de alargar e expandir nosso coração e mente de maneira que podemos conhecer melhor a Deus. A presença do mal na cultura e na criação complica o quadro, e precisamos usar de sabedoria e discernimento no que produzimos e apreciamos como cultura bem como na forma como o fazemos.

O Capítulo 8 continua a aplicação prática da parte anterior do livro dando exemplos concretos, da minha vida, que ilustram várias dimensões de como podemos genuinamente desfrutar de tudo que Deus dá sem cometer idolatria. Decerto não tenho pretensão de ter inventado a roda, mas espero que minha experiência de alegrias sólidas em Deus e no que ele me deu possa estimular outras pessoas a amar a Deus e às boas obras.

O Capítulo 9 procura mostrar como uma ênfase robusta em receber todas as dádivas divinas não atrapalha o chamado para deixar os confortos terrenos por amor ao evangelho entre os povos não alcançados. Ao contrário, cria o tipo de missionários teocêntricos, que afirmam a criação, assumem riscos e que lançarão as bases para o cumprimento da ordem de Jesus de discipular as nações. Este capítulo também explora o chamado bíblico à renúncia em contraste com o pano de fundo da bondade das coisas que deixamos e perdemos por causa de Cristo. Isso leva a uma discussão a respeito da atitude correta perante a riqueza e, em particular, de como receber com gratidão a provisão de Deus deve tornar-nos generosos e liberais com ela.

O Capítulo 10 continua a focar na riqueza ao explorar a natureza e os desafios de viver um estilo de vida radical, de “tempos de guerra”. Em particular, tento destacar (a partir da minha experiência)

como esse pensamento de tempos de guerra em relação à riqueza pode dar muito errado, prejudicando relacionamentos, desperdiçando recursos e deixando de ser verdadeiramente estratégico em nosso uso do tempo e das riquezas. Recomendo uma visão ampla do tempo de guerra, em que o “*front*” na guerra é ampliado a tal ponto que começa em casa e então emana para a igreja, para a comunidade local (em especial os pobres) e para as nações do mundo.

O Capítulo 11 busca integrar no quadro o sofrimento, a dor e a perda das boas dádivas. O sofrimento é um teste necessário em nosso gozo das dádivas de Deus, e o tipo de alegria integrada indicada em todo o livro ainda é possível, mesmo na ausência das boas dádivas. Acima de tudo, procuro mostrar o quanto verdadeiro gozo teocêntrico e integrado das dádivas divinas encara as terríveis perdas das dádivas e a perda suprema das dádivas — a morte.

O livro termina no Capítulo 12 com uma exortação à celebração na existência da condição de criatura; receber tudo de Deus, bom ou mau, com gratidão; rejeitar padrões e expectativas falsos; e maravilhar-se com o fato de sermos convidados a participar na vida triúna ao receber a bondade de Deus na criação e para além dela.

Não vou mentir para você. Há um pouco de teologia densa neste livro. E posso ser um pouco prolixo às vezes (afinal, sou um professor universitário). Mas, se você me acompanhar, acho que Deus pode agradar-se de fazer algo maravilhoso em sua vida. As coisas da terra estão ao seu redor. O que você vai fazer com elas?

¹ Para uma refutação do evangelho da prosperidade num único volume, v. David Jones, Russell Woodbridge, *Health, Wealth, and Happiness: Has the Prosperity Gospel Overshadowed the Gospel of Christ?* (Grand Rapids: Kregel, 2010).

² John Piper escreve: “Hedonismo cristão é uma filosofia de vida edificada sobre as cinco seguintes convicções: 1) O anseio de ser feliz é uma experiência humana universal e é bom, não pecaminoso. 2) Jamais devemos tentar negar ou resistir ao nosso anseio de ser feliz, como se fosse um impulso mau. Ao contrário, devemos buscar intensificar este anseio e nutri-lo com o que proporcione a satisfação mais profunda e mais duradoura. 3) A felicidade mais profunda e mais duradoura é encontrada só em Deus. Não a partir de Deus, mas nele. 4) A felicidade que encontramos em Deus alcança sua consumação quando é compartilhada com outros nas diversas formas do amor. 5) Na medida em que tentamos abandonar a busca do prazer, deixamos de honrar a Deus e de amar as pessoas. Ou, dito de forma afirmativa: A busca do prazer é parte necessária de toda a adoração e virtude. Ou seja: *O fim último do homem é glorificar a Deus ao deleitar-se nele para sempre*”. *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters: Multnomah, 2011, ed. rev.), p. 28.

³ Disponível em: <http://www.desiringgod.org/conference-messages/boasting-only-in-the-cross>. Acesso em: 11 fev. 2014.

⁴ Arqueamento é um método de representação visual de relações lógicas e fluxo de pensamento de uma passagem bíblica. Para mais informações, visite <http://www.biblearc.com>.

⁵ Essas postagens incluem “Piperian Hedonism 3.0”. Disponível em: <http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/piperian-hedonism-30.html>; “A Full Tank of Gas and Lots of Wyoming Ahead”. Disponível em: <http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/a-full-tank-of-gas-and-lots-of-wyoming-ahead.html>; e “The Barkity Barkity Midnight Dog”. Disponível em: <http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/the-barkity-barkity-midnight-dog.html>. Acessos em: 22 jul. 2014.

⁶ Sem dúvida, John Piper tratou de diversas dessas questões em seus livros. Veja *Desiring God*, cap. 6; *The Pleasures of God: Meditations on God’s Delight in Being God* (Sisters: Multnomah, 2000), cap. 3; *When I Don’t Desire God: How to Fight for Joy* (Wheaton: Crossway, 2004), cap. 11.

A glória do Deus trino

Na confissão da Trindade, ouvimos o pulsar da religião cristã.

— Herman Bavinck

Considero que essas coisas podem inclinar-nos a supor que Deus não se esqueceu de si mesmo nos fins que propôs na criação do mundo.

— Jonathan Edwards

Antes de abordar os desafios práticos e pastorais, temos de pôr algumas coisas na mesa. Algumas delas serão alta teologia, o tipo que pode fazer a cabeça explodir e os olhos vidrar. Seja paciente comigo, e tentarei torná-la dinâmica. As Escrituras nos dão recursos tremendos para ajudar-nos a viver a vida cristã (tudo de que precisamos para a vida e a piedade, na verdade), mas extrair esses recursos dá trabalho. É trabalhoso, mas vale a pena.

Minha visão é que devemos começar com a Trindade. Sou tentado a dizer “*sempre* começar”, mas deixaremos essa questão de lado por enquanto. Geralmente digo a meus alunos que é crucial sermos cristãos trinitários em todo o tempo. A Trindade é o cerne da religião cristã, o grande mistério que torna todos os demais mistérios compreensíveis. Na verdade, muito do conteúdo deste livro pode ser visto como uma aplicação da Trindade a vários aspectos da teologia prática e da vida cristã.

Vamos começar com uma definição da Trindade. Wayne Grudem, em *Systematic Theology* [Teologia Sistemática], destila a Trindade nas três seguintes afirmações:

1. Deus é três pessoas.

2. Cada pessoa é plenamente Deus.

3. Há um só Deus.¹

Em síntese, no Deus único, há três pessoas distintas e coiguais.

Claro, a relativa simplicidade desta declaração é na verdade uma evidência do grande mistério da divindade. Em que sentido Deus é um e em que sentido Deus é três? Como a tríade e a pluralidade de Deus se relacionam com sua absoluta unicidade e unidade?

Uma palavra acerca dos modelos e analogias de Deus

Ao longo de toda a história da igreja, os teólogos fizeram uso de modelos e analogias para compreender melhor o significado de Deus ser três e um. Se a criação reflete a natureza divina, e a natureza divina é fundamentalmente trina, então temos de ser capazes de reconhecer aspectos da Trindade no que Deus fez. É claro, ao fazer uso de tais analogias, jamais devemos confundir nossos modelos com a realidade. C. S. Lewis gostava de dizer que nossos modelos são como mapas — podem ajudar-nos a entender o território, mas não devem substituir uma visita real ao interior.² Dito de outra forma, o uso de modelos e analogias nunca deve tornar-se uma forma de “analisar” a Deus, como se pudéssemos de fato desenhá-lo num quadro-negro.

Modelos de Trindade podem ser categorizados *grosso modo* em dois tipos: analogias da unicidade e analogias da tríade.³ Analogias da unicidade enfatizam a unidade da divindade, como se um Deus “se desdobrasse” em três pessoas. Por exemplo, sou um ser humano, mas, como ser humano, sou pai, marido e professor. Essa analogia é um tipo de “três em um”, mas é fundamentalmente enganosa porque o Joe pai não é uma pessoa distinta do Joe marido. Assim, a analogia tende ao modalismo, uma heresia antiga

em que as três pessoas da Trindade são tratadas como modos distintos de existência e não como três pessoas plenas e coiguais.

De outro lado, analogias da tríade enfatizam as distinções entre as pessoas, como se as três pessoas funcionassem como um Deus. Dessa forma, uma família formada por três pessoas — um pai, uma mãe e uma criança — pode dar uma analogia da Trindade, mas de novo é enganosa, porque a família não é pessoal, e cada membro da família é apenas uma parte do todo. Portanto, enquanto as analogias da unicidade tendem ao modalismo, as analogias da tríade tendem ao triteísmo, três deuses distintos.

Apesar dos perigos de cada tipo de analogia, juntas elas podem ajudar-nos a compreender como Deus pode ser um e três. Usar múltiplas analogias impede-nos de enfatizar a unicidade de Deus em detrimento da tríade e a tríade em detrimento da unicidade. Em toda a história da igreja, os teólogos reconheceram esses perigos e, portanto, empregaram analogias diversas para esclarecer a Trindade, embora reconhecessem que nenhuma analogia é suficiente para explicar a triunidade de Deus.⁴

O modelo psicológico

Tendo em mente as limitações das analogias trinitárias, podemos agora explorar uma ou duas delas como forma de compreender o Deus que é três em um. A primeira delas é o modelo psicológico. Remontando a Agostinho e encontrando espaço considerável na teologia de Jonathan Edwards, ele sustenta que na divindade há Deus em sua existência direta (Pai), Deus como autorreflexo ou contemplação de si mesmo (Filho), e o amor de Deus e o gozo de si mesmo (Espírito Santo). Ou, mais uma vez, há Deus, a ideia de Deus de Deus, e o amor de Deus pela ideia de si mesmo.

Ora, quando confrontadas com o modelo psicológico, muitas pessoas têm a mesma reação: onde está *isso* na Bíblia? E percebo que, à primeira vista, parece algo estranho. Decerto pensei assim na primeira vez em que o ouvi. (Por acaso, se quiser aprofundar neste assunto mais do que eu, procure o “Essay on Trinity” [“Ensaio sobre a Trindade”], de Edwards. Ou leia o primeiro capítulo do livro de Piper *The Pleasures of God* [Os prazeres de Deus].)⁵ Basta afirmar: considero que a Bíblia de fato oferece pistas e indícios de que nossa existência como criaturas com mente e coração, entendimento e vontade, conhecimento e amor, é um reflexo de quem Deus é em sua vida divina.

Primeiro, a Bíblia regularmente descreve o Filho de Deus como “imagem” ou “representação” de Deus (Cl 1.15; 2Co 4.4-6). O Filho é o esplendor da glória do Pai e a expressão exata de sua natureza (Hb 1.3). O Filho Eterno de Deus muitas vezes é relacionado à sabedoria de Deus (1Co 1.30; Pv 8.30) e a sua Palavra ou autoexpressão (Jo 1.1). Jesus diz que quem o vê, vê o Pai (Jo 14.7-11), como se ele fosse apenas uma imagem, uma réplica da natureza do Pai. Mais que isso, o Filho se manifesta e dá a conhecer o Pai (Jo 17.24-26).

Ao reunir essas passagens bíblicas, podemos dizer que desde toda a eternidade Deus têm consigo uma imagem, uma representação, um reflexo da própria perfeição e beleza infinitas e, por meio dessa imagem, tem conhecido, compreendido e expressado a si mesmo.

E quanto ao Espírito Santo? Em geral, a Bíblia relaciona o Espírito Santo ao amor e à alegria. É impactante que, enquanto o Pai e o Filho são repetidamente descritos como amando um ao outro (Jo 3.35; 5.20; 14.31) e aos seres humanos (Jo 14.23; 16.27), nunca se diz que o Espírito ama o Filho ou o Pai ou a nós! Jonathan

Edwards explica essa estranha omissão argumentando que o Espírito é o próprio amor de Deus, o amor que flui entre o Pai e o Filho e transborda para suas criaturas. Ele encontra apoio para essa noção no fato de o amor de Deus ser derramado em nosso coração *pelo Espírito* (Rm 5.5) e que a permanência de Deus, a permanência do amor, e a permanência do Espírito em nós parecem ser diferentes maneiras de descrever a mesma realidade (1Jo 3.24; 4.12,13). E mais, quando começam as epístolas, os escritores bíblicos com frequência registram algo como: “graça e paz da parte de Deus nosso Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo” (p. ex., 1Co 1.3; 2Co 1.2; Ef 1.2; Fp 1.2). A ausência do Espírito nas passagens se faz notar mais uma vez pelo fato de o Espírito Santo ser plenamente divino. Edwards argumenta que essa ausência é explicada pelo fato de o Espírito *consistir* na graça e na paz de Deus que flui até nós do Pai e do Filho. Por fim, Edwards nota que, no batismo de Jesus, o *Espírito* desceu sobre ele como pomba enquanto o Pai expressou prazer em seu Filho amado (Mt 3.16,17). O que à primeira vista parece mera especulação na verdade revela ter sólido fundamento bíblico.⁶

Assim, a trajetória dessas passagens é que desde a eternidade Deus tem contemplado seu Filho amado com perfeita clareza, e tem surgido entre o Pai e o Filho um amor tão puro e profundo, tão inigualável e ilimitado, tão vasto e infinito que o amor se mostra como a terceira pessoa completa na divindade, o Espírito Santo.⁷

À luz dessas duas correntes de pensamento bíblico, Edwards conclui que uma forma de compreendermos a Trindade é ver Deus existindo em forma direta como Pai, no conhecimento de si mesmo no Filho e no amor mútuo que flui entre o Pai e o Filho na pessoa do Espírito Santo.⁸

Para dizer de outro modo, o Pai conhece, ama e se compraz no Filho por meio do Espírito.

O modelo familiar

O modelo familiar da Trindade é, em muitos sentidos, mais direto. Nele, as três pessoas da Trindade são vistas como membros de uma família ou sociedade, unidas num vínculo de amor que transborda em alegria e prazer de um no outro. A Bíblia endossa explicitamente este modelo uma vez que as duas primeiras pessoas da divindade são referidas como Pai e Filho, ou seja, como membros de uma família. O modelo familiar nos ajuda a reconhecer a plena igualdade de cada pessoa da divindade, porque cada membro tem um papel importante e crucial a desempenhar na obra da redenção. O Pai *escolhe* um povo para si e *envia* o Filho. O Filho *obedece* ao Pai e *realiza* a obra que lhe foi dada, renunciando à própria vida a fim de comprar o povo de Deus. O Espírito *é enviado* pelo Pai e pelo Filho (Jo 14.16; 16.7), o *penhor* de nossa herança (Ef 1.14), e de fato consiste *na soma de todas as boas dádivas* que Deus comprou para nós (Mt 7.11; Lc 11.13).

Neste ponto, vale a pena parar para refletir sobre um aspecto central da Trindade ao qual voltarei com frequência. No Evangelho de João, quando Filipe pede para ver o Pai, Jesus responde:

Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras. (Jo 14.9-11)

O Pai está no Filho, e o Filho está no Pai. Por causa disso, quando vemos o Filho, também vemos o Pai. O Pai habita no Filho e faz

suas obras, obras que testificam para a realidade que o Pai e o Filho estão um no outro. O termo teológico para isso é *pericorese*. Refere-se à *habitação mútua* dos membros da divindade. Esta realidade é o que nos permite *distinguir* o Pai, o Filho e o Espírito Santo uns dos outros, sem *separá-los* uns dos outros. O Pai não é o Filho, mas está *no* Filho. O Filho não é o Espírito, mas está *no* Espírito. O Espírito não é o Pai, mas está *no* Pai. E essa habitação mútua é perfeita e completa. Tudo que o Pai é, o é no Filho e no Espírito. Tudo que o Filho é, o é no Pai e no Espírito. Tudo que o Espírito é, o é no Pai e no Filho. Não há restos, resíduos nem excesso de divindade.

Pericorese quer dizer que, na Trindade, as três pessoas existem como um só Deus sem desalojar as demais. Elas se sobrepõem e habitam umas nas outras plena e completamente sem comprometer de forma alguma as distinções pessoais entre elas. Voltaremos à *pericorese* mais tarde no livro.

Para sua glória

Insistir assim na Trindade terá implicações imensas na forma como pensamos acerca de outras verdades fundamentais da fé cristã, como o propósito de Deus em tudo que ele faz. Graças à recuperação, em anos recentes, de uma visão e de uma teologia teocêntricas, muitos cristãos felizmente afirmam que Deus faz tudo o que faz *para sua glória*. Abraçam a verdade bíblica de que Deus visa a glorificar a si mesmo na criação do mundo e na redenção de seu povo. Amam a verdade de que Deus está intensamente comprometido com sua glória, e de que Deus é supereminente nas afeições de Deus. Todavia, muitos dos que abraçam a verdade passariam por maus bocados para explicar com exatidão o que entendem por “a glória de Deus”. De fato, o termo corre o sério risco

de tornar-se apenas outra frase de efeito, um *slogan* usado para dizer algo sem nenhum sentido. Um dos objetivos centrais deste livro é completar e aprofundar nosso entendimento da glória de Deus ao insistir na Trindade, na Bíblia e na criação.

Para simplificar, porque Deus é sempre trino, sempre devemos conceber sua glória em termos trinitários. A glória de Deus está em sua plenitude trinitária, ou na profusão das perfeições, de conhecimento, amor, alegria e vida que ele tem na divindade. Ou, dito de outra forma, o Pai, o Filho e o Espírito Santo conhecem, amam e regozijam-se uns nos outros desde toda a eternidade — nisto *consiste* a glória de Deus. Por isso Jesus orou em João 17.5: “E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu *tive junto de ti* antes que houvesse mundo”. Esta é a glória que o Pai deu ao Filho porque o Pai o amava antes da fundação do mundo (Jo 17.24). Assim, quando ouvir “a glória de Deus”, pense na “plenitude trinitária”.

Se a glória de Deus está em sua plenitude trinitária, então o que quer dizer glorificar a Deus? Muitos definem a glorificação de si mesmo por Deus como a *exibição* ou *manifestação* de suas perfeições. Enquanto a exibição dos atributos e perfeições certamente inclui-se na glorificação, a visão trinitária obriga-nos a dizer mais. A glorificação inclui não só a exibição dos atributos de Deus, mas também o conhecimento desses atributos, o amor a eles e o deleite neles. Lembrem-se do modelo psicológico: o próprio Deus não existe apenas em suas perfeições como Pai, mas também conhece a si mesmo de forma plena na pessoa do Filho e ama e se compraz na pessoa do Espírito Santo. Portanto, a glorificação deve incluir mais que a mera exibição; deve incluir também o conhecimento, o amor e o regozijo resultantes dessa exibição. Em

síntese, o Deus trinitário requer a compreensão trinitária da glória e da glorificação.

Ao unir o entendimento da Trindade, a doutrina da pericorese e a compreensão da glória e da glorificação, estamos agora em posição de responder a uma das perguntas mais prementes da introdução: O que significa glorificar a Deus? Coloquemos de maneira que leve em conta a ação de Deus em busca de sua glória.

Deus glorifica a si mesmo ao convidar-nos a participar de sua plenitude trinitária. Em outras palavras, Deus glorifica a si mesmo ao estender sua glória a tal ponto que sua vida divina vem à existência em forma humana.

Essas duas declarações representam quadros diferentes do que acontece quando o Deus trino glorifica a si mesmo. Na última, a glória de Deus é representada como que fluindo de si mesmo, emanando e transbordando nas criaturas que existem só por sua vontade. O outro quadro vai na direção oposta. Em vez de a glória de Deus fluir até nós, nós somos atraídos a Deus. Somos arrastados de tal maneira que vimos a compartilhar do conhecimento, do amor e do gozo divinos, ou, como diz Pedro, tornamo-nos “coparticipantes da natureza divina” (2Pe 1.4). Assim, a linguagem da *exibição* é perfeitamente legítima, visto que a exibição é sempre compreendida como um convite para participar, para compartilhar, para unir-se. Como C. S. Lewis escreve em *O peso de glória*:

Pois, se levamos a sério as imagens das Escrituras, se acreditamos que Deus um dia nos *dará* a Estrela da Manhã e nos fará *vestir* com o esplendor do sol, então podemos supor que tanto os mitos da antiguidade quanto a poesia moderna, tão falsos como história, talvez estejam muito próximos da verdade como profecia. No presente, estamos do lado de fora do mundo, do lado errado da porta. Conseguimos discernir o frescor e a pureza da manhã, mas eles não nos renovam nem purificam. Não nos

podemos misturar com os esplendores que contemplamos. Todas as páginas do Novo Testamento, entretanto, sussurram que nem sempre será assim. Um dia, queira Deus, *adentraremos* por essa porta.⁹

O discurso no cenáculo no Evangelho de João (13-17) oferece o quadro mais completo do convite à habitação, a promessa de participação pericorética na Bíblia. Depois da saída de Judas, Jesus começa uma prolongada reflexão acerca de sua morte vindoura, a tribulação a ser enfrentada pelos discípulos, a vinda do Espírito Santo e a vida que seus seguidores haveriam de viver em meio a um mundo caído e corrompido. No processo, ele apresenta vislumbres da vida divina e dos propósitos de Deus para nós (e eu incentivo você a ter uma Bíblia aberta em Jo 13-17 enquanto prosseguimos).

Na leitura da passagem, podemos sentir-nos desorientados com facilidade, como se Jesus nos estivesse levando a algum lugar, mas não quisesse ser seguido. Jesus segue numa direção, apenas para voltar atrás e repetir-se a si mesmo, geralmente com uma ligeira alteração. A simplicidade das palavras individuais mascara a complexidade das digressões, paradoxos e desvios. No entanto, mesmo em meio a aparentes divagações e confusão, podemos sentir uma estrutura mais profunda em ação, uma ordem e propósito que mantêm unidos todos os mandamentos, promessas e declarações enigmáticas. Talvez seja algo semelhante a estar no meio de um tornado, um turbilhão de caos e confusão governados por leis físicas coerentes.

Fundamental para toda essa passagem é a realidade de que Jesus está prestes a deixar seus discípulos. Depois de sua morte, ressurreição e ascensão, ele já não estará fisicamente presente com eles. Diz ele: “Para onde eu vou, vós não podeis ir” (13.33). Ele vai deixá-los (14.18), indo para o Pai, que o enviou (14.25; 16.5,28).

No entanto, ao deixar o mundo, não os está abandonando (nem a nós) como órfãos (14.18). Porque vai para o Pai, ele enviará o Espírito Santo (16.7), outro Consolador que dará testemunho do Filho e nos dará a paz (15.26; 14.26,27). O Pai nos enviará o Espírito, em nome do Filho (14.26), para estar conosco e em nós para sempre (14.16,17). A presença do Espírito conosco significa que veremos o Filho (14.19).

Ademais, o Filho mesmo virá a nós (14.18); na verdade, o Pai e o Filho virão a nós e farão morada em nós (14.23). O Pai está no Filho, e o Filho está no Pai (14.9-11), e o Filho está em nós e nós estamos no Filho (14.20). Essa habitação mútua é também uma permanência mútua (15.4). O Filho nos amou da mesma maneira que o Pai ama o Filho, portanto devemos permanecer no amor do Filho. O Filho também promete que seu gozo estará em nós e nosso gozo será completo (15.11; 17.13).

Celebrações da glória trina estão esparsas por todo o discurso. O Filho do homem é glorificado, e o Pai é glorificado no Filho, e o Pai glorificará a si mesmo no Filho (13.31,32). O Filho responderá nossas orações de maneira que o Pai seja glorificado (14.13) e nossa alegria seja completa (16.24). O Espírito, quando vier, glorificará o Filho ao revelar tudo que o Pai deu ao Filho (16.14).

Essas várias linhas convergem na oração final de Jesus. Ele roga que o Pai o glorifique de maneira que ele possa, por sua vez, glorificar o Pai ao dar vida eterna, que é o conhecimento do Pai e do Filho, a todos que foram dados ao Filho pelo Pai (17.1-3). O Filho glorifica o Pai na terra e agora deseja ser glorificado com o Pai em sua glória original de antes da criação (17.4,5). Pertencemos ao Pai e ao Filho, e o Filho é glorificado em nós (17.10). A oração fundamental de Jesus por seus discípulos imediatos (14.9) e o resto

de nós que cremos por causa de sua palavra (14.20) é que seríamos um como o Pai e o Filho são um (17.13).

No entanto, essa unicidade transcende a mera unidade e concordância e é na realidade algo mais como uma união, uma vez que Jesus explica nossa unicidade com Deus tendo em vista a habitação mútua: "... como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós" (17.21). Essa unicidade é possível por causa da glória dada a nós pelo Filho, a mesma glória que foi dada ao Filho pelo Pai (17.22).

O fim de tudo isso é que sejamos perfeitamente um no Pai e no Filho e que o mundo conheça que o Pai enviou o Filho e que o Pai nos ama como ama o Filho (17.21,23). O grande desejo do Filho é que estejamos com ele, para ver a glória que ele tem da parte do Pai por causa do eterno amor do Pai pelo Filho (17.24). O Filho continuará a manifestar o nome do Pai a nós, de maneira que o amor do Pai ao Filho estará em nós, e o Filho estará em nós (17.26).¹⁰

Compartilhando a glória do Deus trino

Mais uma vez, essa passagem agita, aumenta e revolve como uma tempestade em alto mar, e isso é parte do argumento. A glória trina do Pai, do Filho e do Espírito está sendo estendida a nós de tal maneira que participamos de seu conhecimento, amor e alegria. Estamos sendo convidados a entrar na comunidade de Deus de maneira que temos a mesma união com Deus que o Pai e o Filho têm um com o outro. Claro, como criaturas finitas, jamais alcançamos e jamais poderemos alcançar exatamente a mesma relação que o Pai e o Filho. Jamais deixaremos de ser criaturas; jamais nos tornaremos Deus. Todavia, a grande promessa, se a oração de Jesus se cumprir, é que *chegaremos perto* de tal união de

conhecimento, amor e alegria por toda a eternidade, com velocidade crescente. Nós, seres finitos, estamos buscando o infinito, portanto, jamais o alcançaremos. Mas o crescimento de nosso conhecimento de Deus, e amor de Deus, e alegria em Deus, continuará, para todo o sempre, amém.

Esse tipo de explanação teológica pode dar uma sensação meio acadêmica ou abstrata. No entanto, o quadro que emerge é qualquer coisa, menos desinteressante. Na verdade, o retrato bíblico do Deus trino é poderoso e vibrante, se tão somente tivermos olhos para ver. Deste modo, permita-me percorrer o mesmo material mais uma vez, agora vestido de pelo de camelo e com cheiro de gafanhotos e mel em meu hálito.

O Deus trino das Escrituras vive! Não está estático. Não está inerte. Não está entediado. Não é enfadonho. É o Deus vivo!

É o Pai das luzes, fonte da divindade, origem das origens, criador não criado, plenitude da divindade, o poderoso criador dos céus e da terra.

É o Filho amado, Palavra do Pai, sermão e canção de Deus, sua imagem e sabedoria, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado antes da fundação do mundo.

É o Espírito Santo, sopro do Deus vivo, o rio de seu deleite, o óleo em sua barba, o vínculo alegre da união amorosa, que procede do Pai e do Filho.

Este é Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, conhecendo-se uns aos outros, amando-se uns aos outros, deleitando-se uns nos outros, desde toda a eternidade, sem necessidades, sem carências e sem ausências. Plena, completa e infinita felicidade. Este é quem Deus é.

Esta não é uma deidade abstrata, uma divindade impessoal. Deus é amor — dinâmico, vivo, profuso e transbordante. Relacionamento está no coração da realidade. A Palavra original deste Deus é Deus de novo. Seu amor por si mesmo é tão potente que é uma pessoa.

Um senhor de terras distante? Não creio. Um relojoeiro genérico? Sem chance. Ele é um marido ciumento, um fogo consumidor, uma nuvem de glória cujo resplendor excede ao do sol. É um tornado troante de conhecimento, e amor, e alegria, e vida.

E o Pai, o Filho e o Espírito Santo amam tanto a plenitude de sua vida compartilhada que consideram adequado e correto que esse conhecimento, esse amor e essa alegria gloriosos transbordem. Assim, criam o mundo para contê-la. Criam recipientes para receber a plenitude de sua alegria divina.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são como uma banda de *indie rock* que ama tanto seus músicos que decide sair em turnê com seu *show*. Só que esta banda cria uma audiência *do nada*.

O Deus trino é como um casal que se ama profundamente e que ama seu relacionamento e vida compartilhada a tal ponto que decidem incluir nele uma criança. Só que este casal trino cria a criança *do nada*.

Deus criou o mundo para conseguir uma noiva para seu Filho.

E isso quer dizer que quando pensamos a respeito da glória de Deus, não temos de pensar apenas na exibição dos atributos divinos, como se Deus fosse apenas um grande *show* de fogos de artifício, à distância. A glória e a plenitude de Deus incluem a exibição de toda a sua perfeição, mas também incluem nosso *conhecimento* das suas perfeições e nosso *amor* às suas perfeições, e todos os pensamentos e sentimentos e ações que

fluem deste conhecimento e deste amor. De fato, nosso conhecimento de Deus é apenas o conhecimento que Deus tem si de mesmo *em nós*. Nosso deleite em Deus é apenas o deleite de Deus *em nós*.¹¹ Numa palavra, quando Deus glorifica a si mesmo, ele nos convida a participar de sua vida trina. Como diz Lewis: “Toda a dança, ou drama, ou padrão de conduta nessa vida tripessoal deve realizar-se em cada um de nós. [...] Cada um de nós tem de entrar nesse padrão, tomar seu lugar nessa dança”.¹² Ele nos convida, o Filho nos recebe como sua esposa, o Pai nos abraça como sua nora, o Espírito como o vínculo que nos une em uma família grande, feliz e gloriosa.

Esta é a origem e o fim da linha, o princípio e o fim, o alfa e o ômega. Este é Deus, a suprema harmonia de tudo.

¹ Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 231. [Lançado em português com o título: *Teologia sistemática Grudem* (São Paulo, Vida Nova, 2011)] Kevin DeYoung apresenta uma exposição mais completa em sete afirmações: “1) Há um só Deus. 2) O Pai é Deus. 3) O Filho é Deus. 4) O Espírito Santo é Deus. 5) O Pai não é o Filho. 6) O Filho não é o Espírito Santo. 7) O Espírito Santo não é o Pai”. “The Doctrine of the Trinity: No Christianity Without It”, The Gospel Coalition Blog. Disponível em: <http://thegospelcoalition.org/blogs/kevindeyoung/2011/09/28/the-doctrine-of-the-trinity-no-christianity-without-it/>. Acesso em: 11 fev. 2014.

² *Mere Christianity* (New York: HarperCollins, 2009), p. 154. [Lançado em português com o título: *Mero cristianismo*. Trad. Henrique Elfes (São Paulo: Quadrante, 1997), p. 154]

³ Ralph Smith, *Paradox and Truth: Understanding Van Til on the Trinity* (Moscow: Canon, 1998), p. 109-10. Ao categorizar os modelos como analogias da unicidade ou da tríade, não estou tentando pesá-las em nenhuma discussão contemporânea da história e do desenvolvimento da teologia trinitária. É meramente uma categorização simples e intuitiva. Discussões acadêmicas acerca da Trindade são importantes e podem, a seu próprio modo, ser muito interessantes (esp. quando tomam a forma de brigas internas). De minha parte, tenho sido ajudado pela obra de Robert Letham, *The Holy Trinity: In Scripture, History, Theology, and Worship* (Phillipsburg: P&R, 2004); Stephen Holmes, *The Quest for the Trinity: The Doctrine of God in Scripture, History, and Modernity* (Downers Grove: InterVarsity, 2012); e de Stephen Holmes, *God of Grace and God of Glory: An Account of the Theology of Jonathan Edwards* (Grand Rapids: Eerdmans, 2001).

⁴ P. ex., Jonathan Edwards, depois de buscar lançar luzes sobre a Trindade por meio de modelos diversos, escreveu: “Não tenho a pretensão de explicar plenamente como são essas coisas e estou ciente de que centenas de outras objeções podem ser feitas e de que podem surgir dúvidas e perguntas intrincadas que não sou capaz de resolver. Estou longe de pretender explicar a Trindade a tal ponto que ela deixe de ser um mistério. Considero-a o mais elevado e o mais profundo de todos os mistérios divinos, apesar do que disse ou pensei sobre ela”. Mais tarde, escreveu: “Estou longe de oferecer [essa explanação] como alguma explicação deste mistério, que se desdobra e renova seu caráter misterioso e incompreensível, pois estou ciente de que apesar do que foi dito, algumas dificuldades são atenuadas, outras novas aparecem, e muitas dessas coisas que parecem misteriosas, maravilhosas e incompreensíveis são intensificadas. Ofereço-a como uma manifestação do que a verdade divina da palavra de Deus mostra à nossa visão no que diz respeito a este grande mistério”. “Discourse on the Trinity”. In: *Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, vol. 21. *The Works of Jonathan Edwards*. Sang Hyun Lee, org. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 134.

⁵ *Ibid.*, e John Piper, *The Pleasures of God: Meditations on God’s Delight in Being God* (Sisters: Multnomah, 2000), cap. 1. Para uma introdução fantástica e acessível à doutrina da Trindade, v. Michael Reeves, *Delighting in the Trinity: An Introduction to the Christian Faith* (Downers Grove: InterVarsity, 2012). [Lançado em português com o título: *Deleitando-se na Trindade*. Trad. Josafias Ribeiro Júnior (Brasília: Monergismo, 2013)]

⁶ C. S. Lewis comunga da compreensão de Edwards do Espírito Santo como o vínculo pessoal entre o Pai e o Filho: “A união entre o Pai e o Filho é qualquer coisa de tão vivo e tão concreto que essa mesma união é também uma Pessoa. [...] O que surge da vida conjunta do Pai e do Filho é uma autêntica Pessoa; na verdade, é a Terceira das três Pessoas que são Deus. [...] Deus é amor, e esse amor opera através dos homens,

especialmente através da comunidade cristã em seu conjunto. Mas, de qualquer forma, esse Espírito de amor é, desde toda a eternidade, um amor que flui entre o Pai e o Filho” (*Mero cristianismo*. Trad. Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1997, p. 173-4).

⁷ Há quem objete à analogia psicológica de Edwards com base no fato de ela parecer despersonalizar o Espírito. Ao descrevê-lo como o amor de Deus por Deus, não fazemos do Espírito uma força ou energia em lugar de uma pessoa com entendimento e vontade? Afinal, amar é uma ação, não uma pessoa. A resposta mais simples é observar que não parecemos ter o mesmo problema quando a Bíblia identifica o Filho como Palavra de Deus (Jo 1.1). Não pensamos normalmente nas palavras como distintas de pessoas que podem pensar e agir, no entanto a Bíblia não hesita em tratar da Palavra como uma pessoa (e, espero, nós também). Deste modo, sugiro que façamos os mesmos ajustes mentais com relação à pessoalidade do Espírito que fazemos com a eterna Palavra de Deus como pessoa divina distinta. Enfim, o mesmo autor bíblico que identifica a Palavra com Deus (“A Palavra era Deus”, Jo 1.1) também identifica o amor com Deus (“Deus é amor”, 1Jo 4.8). Para uma explicação mais detalhada, v. Edwards, “Discourse on the Trinity” e Piper, *The Pleasures of God*, p. 42-5. Para uma exposição acadêmica e uma avaliação do ponto de vista de Edwards sobre a Trindade, v. Kyle Strobel, *Jonathan Edwards’s Theology: A Reinterpretation* (New York: T&T Clark, 2013), p. 21-72.

⁸ A vincular o Filho à sabedoria e conhecimento de Deus e o Espírito ao amor e alegria divinas, não estou concluindo que o Filho não ama ou que o Espírito não tem conhecimento. Como veremos, a doutrina da pericorese, que se refere à habitação mútua das pessoas divinas, nos permite vincular o conhecimento e o amor de Deus ao Filho e ao Espírito, respectivamente, e ainda assim sustentar com as Escrituras que todos os membros da Divindade comungam de tudo que têm e são, incluindo seu conhecimento e amor. Para uma discussão da pericorese, v. Letham, *The Holy Trinity*, p. 178-80, 381-3; e Thomas Torrance, *The Christian Doctrine of God* (New York: T&T Clark, 2001), p. 168-202.

⁹ Trad. Lenita Ananias do Nascimento. São Paulo: Vida, 2008, p. 46.

¹⁰ Leitores cuidadosos perceberão a ausência surpreendente de qualquer referência explícita ao Espírito Santo na oração de Jesus em Jo 17. No entanto, o modelo psicológico da Trindade que exploramos antes no capítulo sugere que o Espírito não está totalmente ausente nessa passagem. Se estivermos certos em relacionar o Espírito Santo ao amor de Deus e à alegria em particular, então Jesus de fato faz menção do Espírito Santo em sua oração. Em 17.13, Jesus observa que o propósito do que ele disse aos discípulos é que “eles tenham meu gozo completo em si mesmos”. Não apenas gozo, mas o gozo do Filho de Deus mesmo (cf. Jo 15.11). Em 17.26, Jesus mais uma vez testifica seu propósito de revelar o nome do Pai: “a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja”. De novo, a revelação de Jesus não reconhece nenhum velho amor em nós, mas o próprio amor do Pai pelo Filho. E o que (ou quem) é o gozo do Filho, o amor do Pai? Não seria o Espírito Santo?

¹¹ Ao dizer que o conhecimento que temos de Deus é simplesmente o conhecimento de Deus em nós, não quero concluir que conhecemos da mesma maneira que Deus conhece. Deus é Deus, e nós somos criaturas, e há um fosso fundamental (o que os teólogos chamam de “distinção Criador-criatura”) que não pode ser transposto. Deste modo, quando Deus nos dá o conhecimento de si mesmo, é seu próprio conhecimento, mas adequado a nossa estrutura da condição de criatura.

¹² *Mero cristianismo*. Trad. Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1997, p. 174.

O autor e sua história

Uma história é uma maneira de dizer algo que não pode ser dito de nenhuma outra forma, e usa cada palavra da história para dizer o que pretende dizer.

— Flannery O'Connor

Meu ponto é que, se Deus de fato existe, ele se relaciona com o universo mais como um autor se relaciona com uma peça de teatro do que como um objeto no universo se relaciona com algum outro.

— C. S. Lewis

Nosso breve excuro pela doutrina da Trindade sublinha a verdade fundamental de que Deus é autossuficiente e feliz. Ele não tem necessidades ou desejos não satisfeitos. Não experimenta carência ou escassez. É total e plenamente independente e satisfeito em si mesmo. E ainda assim, de livre e espontânea vontade, criou o mundo. Este capítulo pretende explorar como ele se relaciona com o mundo que criou.

As Escrituras ensinam que Deus criou o mundo *ex nihilo*, do nada. Não usou matéria preexistente, independente ou eterna para construir o cosmo. Apenas falou e trouxe a criação à existência. Gênesis 1 repetidamente enfatiza que Deus disse “Haja...”, e houve. Ou, nas palavras de Salmos 33.9, “pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir”. Ele é o Deus que “chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4.17). João começa seu Evangelho com o relato trinitário da criação: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.1-3). A última

sentença intrincada contém um ponto decisivo: se há algo “feito” no universo, foi feito pela Palavra de Deus, que é o próprio Deus.

Deus não só criou o mundo do nada, no princípio, ele também o sustenta do nada a cada momento de sua existência. Todas as coisas foram criadas pelo Filho de Deus (Cl 1.16), e tudo subsiste nele (Cl 1.17). Isso também acontece no momento da enunciação. “[Ele sustenta] todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3). Se parasse de falar, o mundo deixaria de existir.

O fato de que Deus cria e sustenta tudo por sua palavra implica inevitavelmente sua onipresença no mundo que ele criou. Portanto, se perguntamos: “*Onde* está Deus em relação ao mundo?”, podemos responder, com as Escrituras, que está no céu (Sl 115.3), que está no alto e sublime lugar (Is 57.15) e que não está longe de nós (At 17.27). Mas devemos também insistir que Deus está presente em toda parte, e que parte alguma da criação está privada de sua presença. O salmo 139 celebra essa verdade gloriosa:

Para onde me ausentarei do teu Espírito?
Para onde fugirei da tua face?
Se subo aos céus, lá estás;
se faço a minha cama no mais profundo abismo,
lá estás também;
se tomo as asas da alvorada
e me detenho nos confins dos mares,
ainda lá me haverá de guiar a tua mão,
e a tua destra me susterá. (Sl 139.7-10)

Não importa quão alto você suba, não importa quão baixo você desça, não importa quão longe você vá, Deus está presente e ativo. Jonathan Edwards captura a extensão da presença e da ação de Deus no mundo em seu sermão “God Is Everywhere Present” [“Deus está presente em todo lugar”]:

Deus está presente em todo lugar, enquanto todos os outros seres só estão por sua influência e operação. Deus está no exercício contínuo de seu poder e sabedoria infinitos em toda a criação. Cada momento requer um ato contínuo de poder infinito para sustentar a existência das coisas. Quando consideramos algo que não podemos sustentar, vemos a presente operação de poder infinito; pois o mesmo poder que trouxe as coisas à existência da primeira vez é agora exercido para trazê-las neste momento e é continuamente exercido para fazê-las existir a cada momento.

A preservação divina do mundo não é senão um ato contínuo de criação. Lemos que Deus criou todas as coisas pela palavra de seu poder, e lemos que ele sustenta todas as coisas pela palavra de seu poder (Hb 1.3) [...] Uma vez que é a operação contínua de Deus que sustenta a existência das coisas, então é a operação divina que as mantém em ação. Sempre que um corpo se move ou um espírito pensa ou deseja, é o poder e a sabedoria infinitos que o assiste. Deus estabeleceu leis da natureza, e ele as mantém por sua constante influência [...] Com relação a nós mesmos, o nosso sangue corre, palpita o nosso pulso, trabalham nossos pulmões, digere-se nossa comida e nossos órgãos dos sentidos cumprem sua função porque Deus está em nós.

Então, quando olhamos para o sol, para a lua e para as estrelas, ou consideramos a terra, ou as coisas de baixo, se olharmos o bastante para as pedras ou abaixo delas, vemos o poder infinito em ação agora naquele lugar. Se consideramos nós mesmos e vemos nossas mãos ou nossos pés, esses membros têm uma existência agora porque Deus está lá e por um ato de infinito poder os sustenta. Assim, Deus não apenas está em todo lugar; ele está em todo lugar trabalhando.¹

A difusão da presença ativa de Deus no mundo ajuda a chamar a atenção para uma pergunta teológica perene: como reconciliamos o ensino bíblico da absoluta soberania de Deus sobre todas as coisas e a plena e completa responsabilidade do homem por suas ações?

Soberania divina e liberdade humana

Antes de tratar da pergunta *como*, vale a pena dedicar um momento para estabelecer os dois lados dessa tensão a partir da Bíblia.

Em primeiro lugar, a Bíblia ensina que Deus conhece e ordena tudo que acontece. Em outras palavras, as Escrituras ensinam que Deus é soberano sobre todas as coisas em sentido absoluto, universal e exaustivo. Não há um centímetro quadrado de realidade que não seja sustentado, regido, governado e ordenado por Deus.

- Nosso Deus está no céu e tudo faz como lhe agrada. (Sl 115.3)
- Faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade. (Ef 1.11)
- Nenhum dos seus planos pode ser frustrado. (Jó 42.2)
- Segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? (Dn 4.35)
- Ele é Deus, e não há outro. Ele é Deus, e não há outro semelhante a ele. Seu conselho permanecerá de pé, fará cumprir toda a sua vontade. (Is 46.9-10)

Sua soberania se estende a todas as coisas, grandes e pequenas:

- O clima. (Sl 135.7)
- O estabelecimento de governos. (Rm 13.1)
- O surgimento das estrelas. (Is 40.26)
- A queda dos pardais. (Mt 10.29)
- A vida e a morte de todos os homens. (Dt 32.39)
- A localização das civilizações. (At 17.26)
- As decisões dos governantes. (Pv 19.21)
- Até as decisões pecaminosas dos rebeldes. (Gn 20.6; At 4.27,28)

As Escrituras deixam claro de Gênesis a Apocalipse, de cima a baixo, de capa a capa, que Deus domina, reina, governa e ordena todas as coisas.²

Em segundo lugar, a Bíblia ensina que os seres humanos são real e verdadeiramente responsáveis por seus pensamentos, intenções e ações. Nossas escolhas e decisões são autênticas e significativas. Têm efeitos reais, verdadeiros, sobre os outros, sobre

o mundo e até mesmo sobre Deus. Aqui estão algumas das evidências:

- A Bíblia pressupõe que nossas escolhas são reais e significativas. “Escolhei, hoje, a quem sirvais”. (Js 24.15)
- A Bíblia ensina que Deus nos julgará por nossas ações. (2Co 5.10)
- A Bíblia ensina que Deus nos julgará por nossas palavras. (Mt 12.36,37)
- Nas Escrituras, Deus dá ordens, exortações e advertências e conclui que temos alguma capacidade de responder a elas, se assim o escolhermos. (Êx 20.3; Rm 8.13; Gl 6.10)
- A Bíblia ensina que nossas ações são instrumentais e necessárias para completar os propósitos de Deus. “E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10.14)
- A Bíblia ensina que a resposta da oração depende em alguma medida de pedirmos pelos motivos certos. (Tg 4.2)
- A Bíblia ensina que Deus responde a orações persistentes de seu povo. (Lc 18.1-8)

Em suma, as Escrituras são claras em afirmar que somos agentes morais, que tomamos decisões autênticas com efeitos reais sobre o mundo e que seremos responsabilizados por nossos pensamentos, palavras e ações.

Antes de voltar à questão de *como*, é importante sublinhar um ponto importante. A Bíblia faz pouco esforço para reconciliar a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Apenas ensina de forma clara e farta que ambas são verdadeiras. Os autores bíblicos parecem ter a mesma mentalidade de Charles Spurgeon, que, quando questionado como reconciliava soberania e liberdade, dizia: “Nunca tento reconciliar amigos”.

O autor e sua história

Tendo dito isso, a Bíblia parece apontar em certas direções, dando-nos pistas de como devemos pensar acerca da relação entre as

ações de Deus no mundo e nossa responsabilidade no mundo. Ao longo dos anos, voltei várias vezes ao que creio ser uma analogia poderosa do relacionamento de Deus com o mundo. De maneira simples, é o seguinte:

Deus é um escritor. O mundo é sua história. Somos suas personagens.

Uma das pistas bíblicas mais fortes nesta direção encontra-se no salmo 139: “no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda” (v. 16). Deus é um escritor, e nossos dias são sua história. Combinando esta passagem com as passagens anteriores sobre Deus criar e sustentar o mundo por sua palavra, talvez possamos dizer isto: Deus escreve o livro da história, e então o lê em voz alta trazendo-o à existência. Ele põe a caneta no papel e faz um plano para as eras, e em seguida executa uma representação dramática de seu poema épico que é tão poderosa que suas palavras de fato encarnam-se.³

A analogia de um escritor e sua história ajuda-nos a compreender como Deus pode ser completa, total e exaustivamente soberano, os seres humanos podem ser responsáveis, e suas escolhas e ações podem ser significativas e expressivas. Permite-nos ver camadas em nossa compreensão da causalidade.

Vamos forçar a analogia um pouquinho refletindo acerca do relacionamento entre C. S. Lewis e Nárnia em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

- Por que é sempre inverno e nunca é natal em Nárnia? *Porque a feiticeira branca escravizou a terra.*
- Por que é sempre inverno e nunca é natal em Nárnia? *Porque foi assim que Lewis escreveu a história.*
- Por que Aslam tinha de morrer? *Porque Edmundo foi um traidor.*

- Por que Aslam tinha de morrer? *Porque foi assim que Lewis escreveu a história.*
- Quem matou a feiticeira branca? *Aslam.*
- Quem matou a feiticeira branca? *C. S. Lewis.*

Cada aspecto da história — do enredo às personagens e detalhes de cenário — está sob o controle soberano do autor divino. E as ações das personagens são reais e necessárias para a resolução da trama.⁴

A causalidade em camadas de um autor e suas personagens

Neste ponto, alguém pode objetar que a analogia perde a validade porque somos mais reais que personagens de um conto de fadas. Somos mais que ficção e dotados de *mais* existência (por assim dizer) que Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia. Como essa analogia pode ser útil se perde a validade tão facilmente?

Ora, admito de pronto que somos mais reais que os Pevensies. Em relação a nós, personagens ficcionais têm menos existência, menos realidade. Mas também insistiria que o mesmo permanece verdadeiro para a relação de Deus conosco. Em relação a ele, somos menos reais. Aliás, sugeriria que a distância existencial entre nós e os Pevensies é bem menor que a distância entre C. S. Lewis e o Deus todo-poderoso, Criador dos céus e da terra. E a distância entre os autores humanos e o autor divino torna em grande medida impertinente a distância entre personagens ficcionais e pessoas reais.

Pois nisto residem a singularidade e a força do poder criativo de Deus: quando inventa um mundo além de si mesmo, torna-o real e efetivo. Nossas criações ficcionais são fantasmas, existindo apenas na mente (ou páginas, ou telas de cinema). Mas a criação de Deus

tem substância, verdadeiramente vivendo, movendo e tendo seu ser nele. Como escreveu N. D. Wilson:

Palavras. Palavras mágicas. Palavras proferidas no Infinito, palavras tão potentes, faladas por Alguém tão potente que elas têm peso, massa e sabor. Elas são reais. Encarnaram-se e habitaram entre nós. Elas são nós.⁵

A analogia autor-história retém sua potência por causa do infinito poder divino causador de realidade, apesar da grande distância entre as criações de Deus e as nossas. Mais importante, é o tipo de analogia que tem muito poder explicativo aplicado a narrativas complexas na Bíblia.

Por exemplo, vemos prova desse tipo de causalidade autoral, em camadas, na história de José no livro de Gênesis. Por ciúme, os irmãos de José venderam-no como escravo no Egito, claramente com a intenção de prejudicá-lo. Quando, enfim, José os confronta depois de ter-se tornado vice-regente do Egito, ele reconhece com clareza a responsabilidade deles por suas ações: “Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito” (Gn 45.4). Mas José não para aí; ele prossegue para dizer: “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (v. 5). Em seguida, diz: “Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus” (v. 8). Notem a justaposição: vocês me *venderam* para aqui, mas Deus me *enviou* para cá (v. tb. Sl 105.16,17).

Para que não pensemos que as boas intenções de Deus de algum modo invalidam ou minimizam o mal da inveja e do ciúme dos irmãos, José mais tarde fala diretamente sobre isso quando diz: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o

tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (Gn 50.20). Em outras palavras, há camadas de intenção envolvidas na venda de José como escravo. As intenções de seus irmãos eram más, e estes eram responsáveis por elas diante de Deus. Mas as intenções de Deus *exatamente no mesmo ato* eram boas, a fim de que o povo de Deus fosse preservado em meio a uma grande fome.⁶

Vemos em ação camadas de causalidade similares na história de Jó. Quando Satanás aparece diante de Deus e questiona a fé de Jó, Deus entrega nas mãos de Satanás tudo que Jó tem (Jó 1.12). Imediatamente, os bois de Jó são roubados pelos sabeus (v. 15), e o rebanho de ovelhas é destruído pelo fogo de Deus (v. 16), os servos são exterminados pelos caldeus (v. 17), e os filhos morrem num tornado (v. 19). O fluxo da narrativa indica com toda a clareza que devemos entender tais desastres como obra de Satanás. Além disso, depois que Deus entrega a saúde de Jó nas mãos de Satanás (2.6), este fere Jó com tumores. Assim, quando perguntamos quem é responsável pela miséria de Jó, a resposta é em camadas. Os sabeus e caldeus são responsáveis. Desastres naturais são responsáveis. Satanás é responsável. Mas Jó não atribui a responsabilidade última a nenhuma destas causas; ele atribui a responsabilidade última a Deus. “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (1.21). E, ao dizer isso, Jó não está condenando Deus ou acusando-o de cometer alguma falta (v. 22).

Como o autor de um romance, Deus pode ordenar que o mal exista sem que ele mesmo seja maculado pelo mal. Ninguém condena Tolkien por ter posto Sauron na Terra Média. A traição de Saruman não desonra Tolkien. Ele não compartilha da corrupção

dos Nazgûl. E ainda assim tudo isso está sob sua soberana concepção e direção.

No capítulo anterior, observei que retornaria à noção de *pericorese* (a mútua habitação) ao longo de todo o livro. Considero esta a primeira aplicação. As camadas de causalidade que tenho em mente devem ser compreendidas de maneira pericorética. As intenções do autor e as intenções das personagens residem uma na outra. O fato de o Pai habitar no filho e de o Filho habitar no Pai não anula as distinções pessoais entre eles. Por semelhante modo, o fato de as boas intenções de Deus existirem ao lado, acima e junto com as más intenções de suas personagens não anula a distinção fundamental entre eles. Deus continua Deus, e as criaturas continuam criaturas. O autor é autor, e as personagens são personagens. Ao mesmo tempo, as personagens e todos os seus pensamentos, intenções e ações são o conteúdo e o produto da vontade criativa do autor.

Crucificando o velho homem e amadurecendo o novo homem

Alguém pode não achar a analogia autor-história tão útil quanto eu. A tensão entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana ainda é sentida como pesada e substancial demais. Para os que se sentem assim, permitam-me fazer uma digressão acerca da feitura de uma teologia bíblica fiel. Ao longo dos anos, como estive lutando com diversos problemas e tensões bíblicos, teológicos e pastorais, notei que a fidelidade às Escrituras regularmente requer de mim que estique, expanda e reoriente meus arcabouços teológicos e emocionais. E quando digo esticar, quero dizer *esticar*. Quero dizer que uma verdade bíblica arrasta-me numa direção, e outra verdade bíblica arrasta-me na direção oposta, e cabe a mim viver com a dor e o desconforto do estiramento.

Eis exemplos de algumas verdades que tenho em mente:

- Deus é um. Deus é três.
- Deus é transcendente e pleno de majestade. Deus é imanente e próximo.
- Jesus Cristo é plenamente Deus. Jesus Cristo é homem pleno.
- Jesus é um leão. Jesus é um cordeiro.
- Somos pecadores. Somos santos.
- Devemos gozar de Deus nos banquetes. Devemos gozar de Deus nos jejuns.
- Devemos conhecer a Deus plena e perfeitamente com nossa mente. Devemos amar a Deus de forma profunda e intensa com nosso coração.
- Devemos chorar com os que choram. Devemos alegrar-nos com os que se alegram.
- Deus é soberano sobre nossas ações. Somos responsáveis por nossas ações.

Este é o caminho de Deus, o caminho da cruz. Deus pretende demolir nossas categoriazinhas lastimáveis insistindo nos termos mais fortes que nos arrastam em direções opostas. Não são contradições. Pode haver paradoxos, e há decerto um tremendo mistério, mas se vamos submeter nossos padrões e categorias de pensamento à Bíblia, então temos de permitir que sejamos esticados e puxados (e às vezes mortos também) a fim de permanecer fiéis ao que Deus disse. Pense nisso como a crucificação do velho homem (com suas paixões, desejos e rebeldia contra a verdade de Deus) e o amadurecimento e crescimento do novo homem, criado e governado por Cristo. Ou, como diz Agostinho, o propósito de Deus nestes mistérios teológicos é “despir-nos de Adão e deixar a gloriosa graça de Cristo brilhar”.⁷

Por meio deste processo doloroso, Deus nos faz crescer, amadurecer e leva-nos para mais perto de si ao expandir nossa mente para absorver toda a verdade bíblica e alargar nosso coração

para sentir tudo que havemos de sentir. Ele faz isso a fim de lembrar-nos de que é santo, único, e de que não há outro como ele. Sim, podemos especular e investigar e fazer uso de analogias e ilustrações para compreender como isso tudo funciona, mas nossas analogias sempre perderão a validade, e muitas vezes perderão a validade pela mesma razão: estamos lidando com o absolutamente santo, único, autossuficiente e trino Deus da Escritura.

Então, se você não parece reconciliar duas verdades ensinadas com clareza na Bíblia, resista ao impulso de abrir mão de uma ou de outra. Não permita que uma verdade silencie a outra. Trabalhe para preservá-las em tensão. Esteja disposto a ser esticado. Não defenda uma verdade bíblica a tal ponto que se recuse a deixar toda a Escritura falar. Não se desespere quando sua mente doer por causa desta tensão. Espere o paradoxo; espere o mistério; espere o desmantelamento de suas categorias, e sua mente se esticará, e seu coração se expandirá de tal maneira que poderá receber mais e mais de Deus.

Reunindo

Vamos juntar diversas das coisas que vimos.

Primeiro, podemos ver que Deus é metódico em sua atenção ao detalhe. Como Tolkien, cada Ent tem uma genealogia. De fato, cada formiga⁸ tem uma genealogia. Não há moléculas perigosas. Não há átomos aleatórios. Não há floco de neve desobediente. Tudo tem um plano. Tudo tem um propósito. Nem sempre podemos saber qual é exatamente, mas podemos descansar no conhecimento de que Deus está trabalhando em todas as coisas conforme o conselho de sua vontade, e de que seu propósito é sempre nosso bem.

Sente-se num cruzamento movimentado e veja os carros passar em todas as direções. Cada motorista tem uma história. Cada

passageiro tem um passado. Estão vindo de algum lugar. E todos têm um futuro. Observe-os conforme passam por você e somem da vista e da mente. O turbilhão de histórias num cruzamento numa tarde, numa cidade, num país, num planeta, num sistema solar de tamanho médio excede a pequena capacidade de sua mente. E ainda assim Deus os identifica a todos, e muitos mais. Ele conhece toda a história porque escreveu cada história. E não só as humanas. Há guerras de esquilos que fazem Hatfields e McCoys parecerem uma briga de travesseiros. E em algum momento cada história se cruza uma com a outra. Esta história é um emaranhado mais firme que um tapete persa. Não há enredos abandonados nem linhas sem propósito. Deus não é o produtor de uma série de televisão que começa promissora, se perde no caminho e é cancelada depois de onze episódios.

Deus está escrevendo uma verdadeira metanarrativa, uma história mestra, um grande drama que põe a edição do diretor de *O Senhor dos Anéis* no chinelo. E esta história A — a história da redenção — contém histórias B, sobre reinos e nações, babilônios e egípcios; histórias C, sobre tribos e vilas, clãs e famílias; histórias D, sobre jovens valentes e dragões terríveis, brigões subalternos e caluniadores covardes, sobre gigantes e princesas, estudantes honrados e zagueiros de futebol. Há histórias E, F e G sobre animais, vegetais e minerais; leões, tigres e ursos (eita!). Em algum lugar há histórias acerca de estrelas e de suas guerras, acerca de átomos e suas ligações, acerca de buracos negros e ovelhas negras e, se se deve acreditar em Tolkien, um *hobbit* ou dois.

Segundo, compreender o mundo como a história de Deus fornece categorias importantes para confrontar o problema do mal.⁹ Se o mundo é uma história, então a presença do mal é fundamentalmente um exemplo de tensão narrativa. Deste modo,

podemos ver com mais clareza o raciocínio de Deus em permitir e ordenar a existência do mal. Deus ordena o mal pela mesma razão que Lewis criou a Feiticeira Branca — para que Aslam tivesse algo que vencer. O mal existe para que o bem possa triunfar. A morte existe para que possa ser lançada no inferno (Ap 20.14). E isso de maneira alguma minimiza a perversidade ou o horror do mal. Deus é soberano, e o mal é real.

Essa forma de olhar para o mundo permite-nos ver cada parte da história por meio de duas lentes.¹⁰ A lente estreita impede-nos de minimizar a realidade do mal, como se a dor e a perversidade fossem meras ilusões. Jamais devemos ceder à lógica carnal que diz: “Porque Deus ordena todas as coisas, não há, de fato, algo como o mal”. A Bíblia não tem nada que ver com tal raciocínio. Cristãos não evitam chamar o mal de “mal” (Gn 50.20), ou a calamidade de “calamidade” (Is 45.7), ou desastre de “desastre” (Am 3.6). Ademais, somos chamados a chorar com os que choram, a combater a maldição que pesa sobre este mundo caído, e a insurgir-nos contra as trevas com o poder da luz.

Ao mesmo tempo, não devemos elevar o mal acima de sua posição. Nada acontece fora da sabedoria e dos bons decretos de Deus. Portanto, não devemos parar de ler nos capítulos iniciais. A história não para, então nossas lentes largas permitem que vejamos, ou ao menos confiemos, que a traição de Judas não ficará impune, as mentiras de Língua-de-Cobra não prevalecerão, e o sangue dos mártires de fato produzirão frutos. Este é um tipo de história com final feliz. Este é o tipo de história em que dragões são mortos e lágrimas caem e a morte fiel é sempre seguida de ressurreição. O pranto pode durar uma noite, mas a alegria vem de manhã (Sl 30.5).

Por fim, embora Deus seja verdadeiramente o autor desta história de glória, há uma peça a mais neste quebra-cabeça, o lugar onde Deus assume a analogia autor-história, despedaça-a, e coloca-a de novo de uma forma que torce nosso cérebro.

Deus é o autor, o protagonista e mais

Comece com a autorrevelação de Deus a Moisés em Êxodo 3. Deus se revela de duas maneiras: como “eu sou o que sou” (3.14) e como “Senhor” (Yahweh) (3.15), o nome pelo qual será lembrado por todas as gerações.

“EU SOU O QUE SOU” enfatiza que Deus é o independente, o autoexistente. Não é definido, em última análise, por algo fora de si mesmo. Como vimos no primeiro capítulo, é autossuficiente, absoluto, independente, autônomo. Não tem necessidades ou desejos insatisfeitos. Existia antes da criação e à parte dela. Com diz Paulo, Deus não é “servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse” (At 17.25). É perfeita, e infinita, e completamente satisfeito na comunidade da divindade.

Então, quando Deus diz “Eu Sou o que Sou”, está enfatizando sua divindade, sua existência independente e autossuficiente.

O nome Yahweh, por outro lado, destaca a relação de Deus com sua criação, a realidade de que ele é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3.15). O nome memorial de Deus vincula-o ao mundo que criou e particularmente com seu povo da aliança. Ele é Yahweh, um Deus compassivo, clemente, longânimo e grande em misericórdia e fidelidade (Êx 34.6). Além disso, alguns eruditos hebreus acreditam que o nome Yahweh na verdade baseia-se na forma causativa do verbo hebraico *hayah*, “ser”. Estes eruditos argumentam que devemos interpretar o nome Yahweh como “Aquele que faz todas as coisas serem o que são”, ou, para encurtar, “O causador de todas as

coisas”.¹¹ Assim, o nome Yahweh destaca a absoluta soberania de Deus sobre toda a criação.

Pense assim: C. S. Lewis tem existência independente de Nárnia. Mesmo que *As crônicas de Nárnia* jamais fossem escritas, C. S. Lewis ainda existiria. Assim, C. S. Lewis apenas é aquele que é, independentemente de Nárnia. No entanto, em relação a Nárnia, ele é também o causador de todas as coisas que existem. Nárnia não tem existência independente dele; portanto, se ele se revelasse em Nárnia, os narnianos poderiam chamá-lo o causador de todas as coisas. O mesmo se dá com Deus. Criação à parte, ele é Deus, Eu Sou, o autoexistente. Mas, em relação à criação, ele é Yahweh, o causador de todas as coisas. Deste modo, “Eu Sou” enfatiza Deus como Deus; Yahweh enfatiza Deus como autor.

Agora, eis uma coisa extraordinária: como sabemos que Deus é Deus? Como sabemos que Deus é o autor, o causador de todas as coisas? Sabemos porque Deus o revela a Moisés na sarça ardente, num momento particular, num lugar particular. Em outras palavras, vimos a saber que Deus é autoexistente e que ele é o autor porque Deus revela-se a si mesmo *como personagem* dentro da história. Deus não é apenas aquele em quem vivemos, nos movemos e existimos. É também o que fala a Abraão no monte Moriá, que conduz Israel pelo deserto como uma nuvem e coluna de fogo, e que faz sua presença habitar no templo em Jerusalém.

“Deus como autor” e “Deus como personagem” significam que podemos ver o relacionamento de Deus com o mundo de maneiras complementares. De um lado, ele é transcendente, alto e sublime, contemplando desde cima os filhos do homem. É o alfa e o ômega, relacionando-se atemporalmente com a criação, fora do tempo. Se a história é um grande rio, ele vê todo o seu curso — curvas e

redemoinhos — numa olhadela simples e abrangente desde o monte celestial.

De outro lado, desde o princípio, ele entra na história como personagem, andando com suas criaturas e envolvendo-se com elas como amigo, regozijando-se com seu sucesso e lamentando suas perdas. Deus não só examina o rio desde cima; ele também navega nas corredeiras conosco, acenando loucamente com as mãos para cima. Este é o Deus que chora, o Deus que se arrepende, o Deus que muda de ideia. Este é o Deus que, embora imutável, *se faz* carne e habita entre nós.¹²

A encarnação trata disso — o autor da história torna-se não só uma personagem, mas uma personagem *humana*. Nesta narrativa, Deus é o contador da história e o protagonista. Ele é o bardo e o herói. Ele escreve o conto de fadas e, em seguida, vem para matar o dragão e salvar a mocinha.

¹ In: *The Blessing of God: Previously Unpublished Sermons of Jonathan Edwards*. Michael D. McMullen, org. Nashville: Broadman, 2003, cap. 6.

² John Piper prestativamente resume: “Este ‘todas as coisas’ inclui a queda dos pardais (Mt 10.29), a sorte que se lança (Pv 16.33), o extermínio de seu povo (Sl 44.11), as decisões dos reis (Pv 21.1), a perda da visão (Êx 4.11), a doença dos filhos (2Sm 12.15), o empobrecimento e o enriquecimento (1Sm 2.7), o sofrimento dos santos (1Pe 4.19), o cumprimento dos planos de viagem (Tg 4.15), a perseguição aos cristãos (Hb 12.4-7), o arrependimento das almas (2Tm 2.25), o dom da fé (Fp 1.29), a busca da santidade (Fp 3.12,13), o crescimento dos crentes (Hb 6.3), o dar e o tirar a vida (1Sm 2.6), e a crucificação de seu Filho (At 4:27,28)” (“Why I Do Not Say, ‘God Did Not Cause the Calamity, but He Can Use It for Good’”). Sermão disponível em: <http://www.desiringgod.org/articles/why-i-do-not-say-god-did-not-cause-the-calamity-but-he-can-use-it-for-good>. Acesso em: 11 fev. 2014.

³ Embora ele não use as imagens como eu, Herman Bavinck destaca este mesmo processo em duas etapas na execução da criação: “O mundo primeiro foi concebido por Deus e depois veio à existência por sua fala onipotente; depois de receber a existência, ele não existe à parte dele ou em oposição a ele, mas continua a descansar em seu Espírito”. *Reformed Dogmatics: God and Creation*. John Bolt, org. Trad. John Vriend. Grand Rapids: Baker Academic, 2004, vol. 2, p. 262. [Lançado em português com o título: Herman Bavinck, *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, 4 vols.]

⁴ Fui apresentado pela primeira vez à analogia autor-história na aula de filosofia da religião com o Dr. Hugh McCann na Texas A&M University. McCann desenvolveu a analogia autor-história a partir da perspectiva da teologia filosófica em seus próprios escritos. Veja Hugh McCann, “Divine Providence”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter, 2012). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/providence-divine/>. Acesso em: 22 jul. 2014. C. S. Lewis usa essa analogia no ensaio “The Seeing Eye”. In: *Christian Reflections* (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), p. 167-76. Para mais explicações da analogia autor-história, v. Wayne Grudem, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 321-2 [Lançado em português com o título: *Teologia Sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2009)]; John Frame, *The Doctrine of God* (Phillipsburg: P&R, 2002), p. 156-9, 174-82 [Lançado em português com o título: *A doutrina de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014)]; e Tim Keller, *The Reason for God* (New York: Dutton, 2008), p. 122-3 [Lançado em português com o título: *Fé na era do ceticismo* (São Paulo: Vida Nova, 2015)] (Keller está fundamentado em Lewis). N. D. Wilson faz um uso extenso da analogia autor-história em *Notes from the Tilt-A-Whirl: Wide-Eyed Wonder in God’s Spoken World* (Nashville: Thomas Nelson, 2009). [Lançado em português com o título: *Notas da xícara maluca* (Brasília: Monergismo, 2017)].

⁵ *Notas da xícara maluca*. Brasília: Monergismo, 2017, p. 39.

⁶ Em Gn 50.20, o pronome “ele” é feminino em hebraico, o que quer dizer que deve ter um antecedente feminino (o hebraico, assim como o grego, o latim e o espanhol [e o português], têm flexão de gênero em substantivos e pronomes). A única palavra feminina que precede o pronome é a palavra hebraica *ra’ah*, que é traduzida como “mal”. Assim, se substituímos o substantivo pelo pronome e o explicitarmos, o verso diz: “Intentastes o mal contra mim; porém Deus tornou o mal em bem”. Ao explicitar a gramática, é importante observar que Deus não é mau quando torna “o mal em bem”. Como ele pode ordenar o mal e ainda assim continuar puro é um mistério para nós, embora eu considere que a analogia autor-história apresenta uma via frutífera para imaginar como isso é possível, mesmo

quando as perguntas permanecem.

⁷ *The Trinity*. Edmund Hill, org. New York: New City Press, 2012, p. 97. [Lançado em português com o título: *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995] A citação completa enfatiza o alargamento doloroso envolvido em pressionar Deus: “O povo que busca a Deus — e que alarga sua mente na medida das fraquezas humanas pode tender a um entendimento da Trindade — deve certamente experimentar a pressão de tentar fixar o olhar na *luz inacessível* (1Tm 6.16) e as dificuldades apresentadas pelas sagradas Escrituras em sua diversidade de forma multifacetada, que são designadas, parece-me, para despir o velho Adão e deixar a graça gloriosa de Cristo brilhar”.

⁸ Trocadilho intraduzível entre Ents, raça de personagens de Tolkien, e *ant*, formiga, em inglês. [N. do T.]

⁹ Para uma aplicação mais detalhada deste paradigma ao problema do mal, v. meu artigo “Confronting the Problem(s) of Evil: Biblical, Philosophical, and Emotional Reflections on a Perpetual Question”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/resource-library/articles/confronting-the-problem-s-of-evil>. Acesso em: 11 fev. 2014. Para um tratamento complementar do problema do mal, v. Martin Cothran, “How Literature Solves the Problem of Evil”, *Circe*. Disponível em: http://mag.circeinstitute.org/6_howlitsolvestheproblemofevil.html. Acesso em: 11 fev. 2014. Cothran proveitosamente formula o caminho segundo o qual a história e a narrativa vencem a absurdidade aparente do mal, o que dá ao problema sua força existencial: “Não é o mal em si mesmo o que mais nos perturba no mal. O que mais nos perturba é sua aparente absurdidade [...] Não tememos o mal *per se*, mas o caos metafísico. Não são as coisas más que nos assustam; o que nos assusta, para usar as palavras de William Butler Yeats, é que “as coisas se desintegram — o centro não se mantém”. Cothran defende ser este o motivo por que a história e a canção proporcionam a resposta mais adequada ao mal — proporcionam uma ordem narrativa e moral em que o mal faz sentido, e é portanto suportável: “Enquanto os consoladores trazem razões, Deus traz as notícias da ordem poética do mundo. As palavras de Deus significam mais para Jó do que as de seus consoladores, porque o mundo é mais semelhante a um poema que a um silogismo”.

¹⁰ As duas lentes correspondem ao que os teólogos historicamente chamam “vontade decretiva” de Deus e sua “vontade preceptiva”, ou “vontade soberana” e sua “vontade moral”. Para uma explicação mais completa dessa distinção, v. John Piper, “Are There Two Wills in God?”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/articles/are-there-two-wills-in-god>. Acesso em: 11 fev. 2014.

¹¹ Douglas K. Stuart, *Exodus*. Nashville: Broadman, 2006, p. 121.

¹² Em minha experiência, calvinistas tendem a enfatizar que Deus é o autor transcendente da história, ao passo que arminianos (e teístas abertos) enfatizam que Deus é uma personagem imanente dentro da história. Minha proposta é que não temos de escolher entre esses dois paradigmas (uma vez que a Bíblia dá testemunho de ambos), nem devemos de alguma forma privilegiar uma perspectiva em detrimento da outra. Assim como o Deus trino é igualmente três e um (de modo que nenhum tem primazia sobre o outro), assim também sua transcendência e imanência — seu caráter de autor e de personagem — são igualmente decisivas. Minha esperança é que os calvinistas não permitam que sua crença verdadeira na soberania gloriosa de Deus solape a realidade da interação relacional de Deus (seu lamento, seu arrependimento, sua mudança de ideia). Na mesma linha, espero que os arminianos não permitam que sua adesão correta à relacionalidade

autêntica de Deus dentro da criação os impeça de reconhecer e de deleitar-se na absoluta soberania de Deus sobre todas as coisas.

Criação como comunicação

O mundo, sem dúvida, foi criado para que servisse de palco à glória divina.

— João Calvino

E essa é nossa vida... Encontrar línguas nas árvores, livros nos regatos correntes, sermões nas pedras e o bem em tudo.

— William Shakespeare

O mundo está cheio do esplendor de Deus.

— Gerard Manley Hopkins

Qualquer raio de sol num bosque lhe mostrará algo sobre o sol que você jamais poderá encontrar na leitura de livros de astronomia. Esses prazeres puros e espontâneos são “raios da luz de Deus” nos bosques de nossa experiência.

— C. S. Lewis

Nos dois capítulos anteriores, concentramo-nos em Deus como ele é em si mesmo — infinitamente satisfeito na comunidade da Trindade — e em Deus como é em relação à criação — autor da história de sua glória. Atando essas duas linhas, podemos ver como Deus escolheu comunicar sua glória. A criação é a autoexpressão de Deus, o livre fluxo de sua personalidade e de sua vida trinitária. A própria criação é reveladora, e esta revelação não é esporádica, ocasional ou restrita a um canto da realidade. Antes, a autorrevelação de Deus na criação é difusa e constante. Como diz o velho hino: “Ele fala comigo em todo lugar”.¹ Ou, como disse C. S. Lewis: “Podemos ignorar, mas não podemos evadir-nos da presença

de Deus para lugar algum. O mundo está repleto dele. Deus caminha por toda parte *incógnito*".²

Vamos tratar dos limites e da finitude da criação no próximo capítulo. Por ora, basta notar que Deus criou o mundo como o transbordamento de seu amor e prazer na comunidade por ele desfrutada na divindade. Este fato não deve ser negligenciado, uma vez que é um dos argumentos fundamentais deste livro. O amor de Deus a Deus levou-o a criar o mundo do nada. Portanto, nosso amor a Deus, se há de ser um reflexo preciso do amor divino, deve levar-nos a um intenso, profundo e correspondente amor à criação. O amor de Deus a Deus leva-o à criação. E assim também deve ser conosco.

Criação como comunicação

Se Deus se revela na criação, então cada aspecto da criação é comunicativo, do mais ínfimo ao mais grandioso. Não há área da realidade que não revele o Deus trino. Os céus proclamam sua glória (Sl 19.1), e isso é só o começo. Seus atributos invisíveis, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem *por meio das coisas que foram criadas* (Rm 1.20). Observe: a criação torna realidades invisíveis visíveis. Vemos a natureza divina *nas* coisas que Deus criou, como vemos a destreza, a sabedoria e a criatividade do artista em sua pintura, ou do compositor em sua sinfonia.

A natureza comunicativa da criação levou Jonathan Edwards a considerar o mundo e tudo que nele há um tipo de linguagem. Escreve Jonathan Edwards:

Não tenho vergonha de admitir a crença que todo o universo, céus e terra, ar e oceanos, a formação divina e a história das sagradas Escrituras, estejam plenas de imagens de coisas divinas, tão plenas quanto a

linguagem das palavras; e que uma profusão dessas coisas que mencionei não são senão uma parte bem pequena do que realmente se pretende dizer e tipificar com essas coisas.³

A luz do sol não é só a luz do sol; é uma palavra. Tem um significado, uma intenção e um conteúdo comunicativo. Traz uma mensagem. Assim também as nuvens, o riso, o mel, as pérolas, as cadeiras e o refrigerante. Tudo é trazido à existência pela Palavra de Deus, criando, como diz um amigo meu: “as palavras da Palavra”. Ou, como disse certa vez Ken Myers, ao comentar o salmo 1: “Árvores são ferramentas audiovisuais para ajudar-nos a compreender a justiça”.⁴

Edwards menciona a “criação como comunicação” como “imagens das coisas divinas” ou “tipos”. A maioria de nós conhece as discussões sobre tipologia bíblica, como o reconhecimento de que o cordeiro pascal era um tipo, imagem, ou retrato do sacrifício de Cristo. O rei Salomão é um tipo de Cristo (Mt 12.42). A saída dos judeus do Egito é um tipo da nossa salvação do pecado e da morte (Rm 8.14). O sábado é um tipo de nosso descanso final com Cristo (Hb 4.9). As Escrituras estão cheias desse tipo de prefigurações intencionais e imagens de realidades espirituais.

Edwards reconhece tais imagens e tipos nas Escrituras, mas vai além na identificação dos tipos e imagens no mundo natural. Deus construiu um sistema de símbolos que comunica continuamente sua presença na natureza e na história. Ele escreve: “Tipos são uma espécie de linguagem, por assim dizer, em que Deus costuma falar conosco”.⁵

Aprendemos essa linguagem da mesma forma que aprendemos qualquer outra: ou pela imersão desde tenra idade ou pela educação. Edwards acredita que “Deus não explicou expressamente

todos os tipos nas Escrituras, mas explicou-os o suficiente para ensinar-nos essa linguagem”.⁶ Em outras palavras, a Escritura é a cartilha gramatical da linguagem divina, que nos instrui com clareza nos padrões de sentido e nas regras pelas quais somos capacitados a ler tudo o mais.

Na verdade, a Escritura nos manda ler o mundo dessa forma. “Olhai as aves do céu” (Mt 6.26). “Olhai os lírios do campo” (Mt 6.28). “Vai ter com a formiga” (Pv 6.6). Há lições divinas nos campos e sementes, na areia e na rocha, nos odres e nas figueiras. Assim, devemos, como disse Calvino, procurar ler a criação com os óculos da Escritura.⁷

Claro, por causa do pecado humano, nossa capacidade de interpretar a criação foi desfigurada e corrompida. Nossa visão é pobre, nossa mente é distorcida e nossos corações são depravados. Não podemos ver a luz do conhecimento da glória de Cristo no evangelho, quem dirá no mundo natural. Só pela restauração consumada no novo nascimento somos capazes de interpretar corretamente as Escrituras e assim interpretar o mundo com correção. A menos que nasçamos de novo, não podemos ver o reino — num grão de mostarda (Mt 13.31,32), ou no fermento (Mt 13.33), ou na pérola de grande valor (Mt 13.45). Mas, tendo nascido de novo, e tendo mergulhado na Escritura e assim aprendido os fundamentos da linguagem de Deus, então estamos livres para buscar fielmente discernir o sentido de Deus por toda parte.

Tipologia, analogia e metáfora

A tipologia funciona com base no princípio da comparação. De fato, o gênero de tipologia praticado por Edwards é *grosso modo* sinônimo de analogia. Ler a ordem criada envolve reconhecer

padrões no mundo de Deus, identificando semelhanças e diferenças relevantes entre a criação e Deus e entre as diferentes partes da criação. A tipologia, portanto, está estreitamente relacionada à metáfora e ao símile. Com efeito, podemos pensar nos tipos como metáforas com intenção divina.

Quando usamos metáforas, pomos uma coisa ao lado da outra a fim de compreender melhor a ambas. A metáfora convoca-nos para ver uma coisa como a outra, para ter duas realidades mutuamente iluminadas pela comparação. Quando dizemos “Meu amor é como um vermelho, uma rosa vermelha”, aprofundamos nossa compreensão tanto de nosso amado quanto das rosas.

Já mencionei o salmo 19 (“Os céus proclamam a glória de Deus”). À medida que desdobra o significado desta declaração, o salmista Davi emprega uma série de analogias vívidas para ajudar-nos a ver o que ele vê quando contempla os céus:

Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
Um dia discursa a outro dia,
e uma noite revela conhecimento a outra noite.
Não há linguagem, nem há palavras,
e deles não se ouve nenhum som;
no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz,
e as suas palavras, até aos confins do mundo.
Aí, pôs uma tenda para o sol,
o qual, como noivo que sai dos seus aposentos,
se regozija como herói, a percorrer o seu caminho.
Principia numa extremidade dos céus,
e até à outra vai o seu percurso;
e nada refoge ao seu calor. (v. 1-6)

Há muito que ver aqui, mas quero focar em como Davi desdobra sua visão do sol no versículo 5. O sol é como um noivo que sai dos

seus aposentos e como um herói que percorre seu caminho com alegria. Davi olha para o sol enquanto este cruza o céu e depois olha para um noivo no dia de seu casamento e vê uma conexão. Olha novamente para o sol e lembra-se de Josebe-Bassebete, um de seus valentes, correndo para a batalha brandindo a lança e com fogo nos olhos (2Sm 23.8). O sol é semelhante ao noivo, semelhante ao valente. E, se estivermos prestando atenção à Bíblia inteira, veremos neste turbilhão de imagens mais que só imagens. Veremos Yahweh, o grande noivo que se regozija com a noiva (Is 62.5). Veremos Jesus, cujo rosto “brilhava como o sol na sua força” (Ap 1.16). Ou o valente que amarra o diabo para tomar-lhe os bens (Mt 12.29); o autor e consumidor de nossa fé, que correu a carreira que lhe estava proposta (Hb 12.1,2); o verdadeiro guerreiro que mata o dragão para salvar a mocinha (Gn 3.15; Ap 21.2).⁸

Analogia e metáfora, quer na Escritura, quer no mundo natural, são as vias primárias que Deus escolheu para revelar-se a nós. A realidade criada nos faz ver as perfeições divinas de maneiras visíveis, concretas e particulares. Livra os atributos e características de Deus de ser meras abstrações, porque é impossível para nós amar uma lista de qualidades. Deus é uma pessoa, não uma lista alfanumérica de atributos, e, portanto, revela-se *a si mesmo* em suas *grandes obras* e por meio delas.⁹

As páginas da Escritura transbordam de analogias e metáforas criacionais para ajudar-nos a compreender o mistério glorioso e inefável do Deus trino. Deus é Pai, e assim ele nos dá pais terrenos para que saibamos como ele é. Deus é escudo e fortaleza. Ele é um leão rugidor que devora os inimigos. Ele esconde seu povo sob a sombra de suas asas. Para entender sua ira, temos de olhar para um fogo consumidor. Para captar sua constância, plantamos os pés numa rocha. Para compreender a segurança de sua proteção,

testemunhamos o pastor com suas ovelhas no vale de sombras. Tais descrições podem de fato ser simbólicas, mas são símbolos divinamente projetados, e sua grande variedade e diversidade ajudam-nos quando buscamos conhecer e compreender aquele que nos chamou à existência.¹⁰

Olhar para *versus* olhar com

Então, se a criação revela Deus, como podemos comprometer-nos com o mundo de modo que possamos vê-lo nele? Muitos cristãos têm sido ajudados nesta questão pela “Meditation in a Toolshed” [“Meditação num depósito de ferramentas”], de C. S. Lewis:

Eu estava hoje num depósito de ferramentas escuro. O sol brilhava lá fora e pela rachadura no alto da porta entrou um raio de sol. De onde eu estava, aquele fecho de luz, com os pontos de poeira pairando nele, era a coisa mais impressionante ali. Tudo o mais era quase preto como carvão. Eu estava vendo o raio, não vendo as coisas por meio dele. Então, me mexi de um jeito que o raio incidiu em meus olhos. Imediatamente, todo o quadro anterior desvaneceu-se. Não via mais o depósito, nem (acima de tudo) raio nenhum. Ao contrário, via, por meio de uma fenda no alto da porta, folhas verdes moverem-se nos galhos de uma árvore lá fora e, além disso, noventa e poucas milhas adiante, o sol. Olhar para o raio, e olhar com o raio são experiências muito distintas.¹¹

John Piper chama essa experiência de “a chave fundamental para destrancar o uso adequado do mundo físico sensível para propósitos espirituais”.¹² Em vez de apenas “olhar para” o raio da glória criada (como os céus), devemos “olhar com” os céus. Quando o fazemos, não apenas vemos a glória dos céus; vemos a glória de Deus. Escreve Piper:

Toda a criação de Deus se torna um fecho a ser “olhado com”, ou um som a ser “ouvido com”, ou uma fragrância a ser “cheirada com”, ou um sabor a ser “degustado com”, ou um toque a ser “sentido com”. Todos os nossos

sentidos tornam-se parceiros dos olhos do coração para perceber a glória de Deus por meio do mundo físico.¹³

Em si mesma, a distinção entre “olhar para” e “olhar com” pode ajudar-nos a ver a glória divina na glória criada e por meio dela. No entanto, a analogia de Lewis, quando aplicada a Deus e à criação, está sujeita a certas falhas.

Por exemplo, em sua meditação, Lewis não está primordialmente preocupado com olhar para a criação ou olhar com a criação *para Deus*. Antes, está falando de dois modos diferentes de ver nossa *experiência* deste mundo. Quando fala de “olhar para” o raio de luz, tem em mente a tentativa de afastar-se de uma experiência a fim de analisá-la objetivamente (em geral, com vistas a desmascará-la). Ele dá o exemplo de um cientista que tenta explicar o sentimento de amor de um jovem por uma moça sob a ótica das predisposições genéticas e das reações químicas. Assim, para Lewis, “olhar para” é uma tentativa de explicar e analisar uma experiência por fora, ao passo que “olhar com” é o esforço de conhecer a experiência por dentro.

Isso é ligeiramente diferente do tipo de aplicação que Piper faz da analogia quando fala de Deus e do mundo. Por exemplo, enquanto Lewis de fato parece considerar “olhar com” em certo sentido algo superior a “olhar para”, ele também diz que “deve-se olhar *com* e *para* tudo”. Em outras palavras, ambos os modos de ver têm valor. Contudo, no uso que Piper faz da analogia (em que olhamos com a criação para a glória de Deus), não fica claro que valor teria “olhar para” a criação. Se “olhar para” a criação quer dizer ver a criação *sem* ficar maravilhado com o Deus que se revela por meio dela, então este “olhar para” é pior do que sem valor; é idólatra e condenável. Em vez disso, todo o nosso olhar deveria ser um “olhar

com” a criação para Deus, de maneira que o vemos nela e por meio dela.

Ademais, se a criação é o raio, e por seu intermédio corremos os olhos até Deus, que é o sol, então somos confrontados pelo problema do desaparecimento do raio. Como diz Lewis, quando ele olha com o raio, “não vê mais o depósito, nem (acima de tudo) raio nenhum”. Mas quando “olhamos com” a criação para a glória divina, a criação permanece. Quando vemos a glória divina nos céus, continuamos a ver os céus. Ao reconhecemos a beleza do amor de Cristo à igreja no amor de um marido à esposa, o amor conjugal permanece (na verdade, se intensifica). Isso não é desprezar o valor de “olhar com” a criação para a fonte divina. Quer dizer apenas que temos mais trabalho a fazer do que quando vem a descrever (e mais importante, experimentar) a relação entre a criação e a glória de Deus.

Vasos de glória

“Meditation in a Toolshed” não é tudo que C. S. Lewis tem a dizer sobre o assunto. Em *Oração: Cartas a Malcolm*, ele escreve:

A criação parece ser um expediente infinito de delegação. Ele nada fará por si mesmo que possa ser feito por suas criaturas. Suponho que isso se deva ao fato de ser ele um doador. Ele nada tem a doar senão a si mesmo. Entregar-se a si mesmo é executar suas obras — em certo sentido e em vários níveis diferentes, é ser ele mesmo — por meio das coisas que criou.¹⁴

Na criação, Deus se dá a si mesmo. E dar-se a si mesmo quer dizer que realiza suas obras e, em certo sentido, é ele mesmo por meio das coisas que fez. Isso não é panteísmo, a ideia de que Deus é tudo e tudo é Deus. Mas é a noção de que Deus está *em* tudo, que a criação realmente é o suporte da vida e da glória divinas, de modo

que (para citar Lewis mais uma vez), quando olhamos para qualquer aspecto da criação, podemos dizer “Esta [criatura] também é tu: também esta não é tu”.¹⁵

Este é outro exemplo de ter nosso arcabouço teológico esticado ao ser puxado em direções opostas. De um lado, nunca transigimos da distinção Criador-criatura. Deus continua Deus — infinito, absoluto e autossuficiente —, e a criação continua criação — finita, derivada e dependente. Criador e criatura não se identificam um com o outro à maneira panteísta. De outro lado, a presença divina está verdadeiramente nas coisas criadas — na pizza, na esposa, na música, no pôr do sol. A criação é um veículo adequado, ou — para usar o termo bíblico — um vaso para a glória divina. Para expandir a analogia paulina, o tesouro reside em vasos de barro.¹⁶

A ideia da criação como vaso para a glória divina ajuda a evitar quaisquer tendências panteístas, quaisquer tentativas blasfemas de fundir a divisão Criador-criatura. Ao mesmo tempo, pode ser enganoso, como se a realidade criada fosse apenas a concha que contém a pérola divina ou a vagem que contém o grão divino. Conchas e vagens são feitas para ser descartadas quando se alcança seu conteúdo. Mas Deus não espera que joguemos a criação fora uma vez que o tenhamos alcançado. Tomando de empréstimo uma analogia de Doug Wilson, não usamos a escada da criação para subir a Deus e depois jogamos a escada fora. A criação conserva seu valor, mesmo quando nos aponta o Deus de valor infinito.

Dardos da glória

Felizmente, Lewis não esgota suas reflexões acerca da relação entre a criação e a glória divina. Perto do fim de *Oração: Cartas a Malcolm*, ele descreve as menores bênçãos terrenas (como o

frescor de um rio em dia de calor) como “uma exposição *da* própria glória”.¹⁷ Ou, de modo ainda mais provocador, “prazeres [terrenos] são dardos da glória quando nos atingem a sensibilidade”.¹⁸

Não se trata de uma pérola na concha. Os raios da glória criada participam da eterna glória divina e a comunicam. Vale a pena citar Lewis na íntegra:

Tenho tentado, desde aquele momento, transformar cada prazer em um canal de adoração. Não me refiro ao simples dar graças por algo. Claro que se devem dar graças, mas me refiro a coisa diferente. Como me explicar?

Não podemos — ou eu não posso — ouvir o canto do pássaro como um simples som. Seu significado ou mensagem (“Isso é um pássaro”) o acompanha invariavelmente — como não se pode encarar uma palavra conhecida impressa como um simples padrão visual. A leitura é tão involuntária quanto a visão. Quando o vento ruge, não ouço apenas o seu bramido; “ouço o vento”. Do mesmo modo, é possível “ler” bem como “ter” um prazer. Ou talvez nem encaixasse esse “bem como”. A distinção deve se tornar, e às vezes é, impossível; acolhê-lo e reconhecer-lhe a fonte divina são uma experiência única. Esse fruto celestial exala no mesmo instante o perfume do pomar onde brotou. Esse ar doce sussurra do campo de onde ele sopra. É uma mensagem. Sabemos que estamos sendo tocados por um dedo daquela mão direita em que há prazeres eternos. Não há necessidade de questionamento algum relacionado a agradecimentos ou louvores como um acontecimento separado, algo feito depois. Experimentar a pequenina teofania é por si só adorar.

A gratidão exclama, com muita propriedade: “Quanta bondade da parte de Deus dar-me isto”. A adoração diz: “Qual será a qualidade do Ser cujas cintilações repentinas distantes e momentâneas são desse jeito!”. A mente da gente retorna ao sol pelo raio que ele projeta.¹⁹

Essa passagem está repleta de implicações sobre como nos relacionamos com as coisas da terra. Primeiro, observe que Lewis fala a respeito de *cada* prazer. Ele não reserva esta experiência para ocasiões especiais ou atividades espirituais. Cada alegria tem

a capacidade de ser uma “pequenina teofania”, um toque do dedo de Deus.

Segundo, observe como a distinção entre a experiência do prazer e a interpretação ou leitura do prazer quase desmorona. A glória divina está tão entrelaçada na alegria criada que separá-las significa violentar a ambas. De fato, adiante sugirirei que um dos principais males do pecado é a tentativa de criar falsos dualismos, de separar o que Deus uniu, a saber, a presença divina no mundo criado.

Terceiro, as analogias usadas por Lewis sublinham o que vimos em Edwards acerca da criação como comunicação. Realidades criadas são as marcas negras na página; uma vez que tenhamos aprendido a ler, elas jamais podem ser algo senão palavras divinas. A criação não só contém uma mensagem; ela é a mensagem. Som e sentido não podem ser separados. Estão indelevelmente mesclados. As vibrações do ar que conduzem o som a nossos ouvidos são mais que vibrações; são a voz daquele que fez o céu e a terra, aquele que sustenta a nossa vida no ser. A grande variedade e diversidade da realidade criada dá testemunho de suas perfeições multiformes.

Por fim, para voltar ao texto “Meditation in a Toolshed”, os prazeres terrenos são raios de sol que podemos rastrear até ao sol. Mas o raio não se perde ao olhar com o sol. De fato, torna-se mais a si mesmo, mais potente, mais o objeto de nossa atenção. De alguma forma misteriosa, olhamos com eles ao olharmos para eles. No entanto, a figura da mente correndo de volta ao sol pode ser profundamente enganosa. Pois não estamos com pressa. De fato, apressar-se é perder o ponto essencial. Se a glória divina está na criação, então não devemos deter-nos nela? Em vez de bater em cada prazer terreno a 150 km/h, não devemos desacelerar para passear e desfrutar da criação tanto quanto possível? Apressar-nos

em nosso caminho de louvor a Deus não equivale a aplaudir uma sinfonia depois das três primeiras notas? Não seria melhor ouvir atentamente toda a peça e então deixar o aplauso eclodir (ou talvez ser abafado pelo silêncio de maravilhamento de tudo)? Não devíamos deter-nos na criação (fazer hora mesmo), não como forma de evitar a Deus, mas como uma forma de conhecê-lo e desfrutar dele de maneira mais plena?

A criação é uma mensagem, um convite a adentrar na vida divina, a vitalidade extática do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Como diz Lewis: “Somos convidados a passar pela natureza, para além dela, para entrar no esplendor que ela reflete ainda de forma hesitante”.²⁰ Até que ponto, então, estamos ouvindo?

À lei e ao testemunho

Neste momento, as perguntas óbvias e naturais são as seguintes: tudo muito bom, tudo muito bem em citar C. S. Lewis e Edwards, mas algo disso está na Bíblia? Você pode mostrar-me passagens e versículos que nos levem a esta conclusão? Ou trata-se apenas de pensamentos de homens falíveis, interessantes e sugestivos, mas menos seguros do que uma palavra de Deus?

São perguntas absolutamente pertinentes. Toda a segunda metade do livro será dedicada à aplicação desses *insights* a nossa vida com base nas Escrituras. Por ora, examinarei apenas três passagens que, creio, sustentam o que vimos acerca da criação em Edwards e Lewis. Primeiro, um simples exame de uma realidade criada usada como analogia a fim de ajudar-nos a conhecer a Deus de modo mais pleno:

Filho meu, saboreia o mel, porque é saudável,
e o favo, porque é doce ao teu paladar.
Então, sabe que assim é a sabedoria para a tua alma;

se a achares, haverá bom futuro,
e não será frustrada a tua esperança. (Pv 24.13,14)

Por que Deus fez o mel tão saboroso e doce? Para que tivéssemos alguma ideia de como a sabedoria é (pelo menos, esta é uma das razões). A doçura do mel aponta, além de si mesma, para a sabedoria de Deus. O mel é “bom”, e somos exortados no salmo 34 a “provar e ver que o Senhor é bom”! Nossa alma tem papilas gustativas, como nossa língua, e podemos treinar as papilas da alma exercitando as papilas da língua. Saboreamos a doçura do mel, ou um chá doce, ou um bolo de abóbora crocante e na hora dedicamos um pouquinho da imaginação da “leitura”, transpondo o gozo físico do sabor para a alma e dando graças a Deus, não apenas pelos simples prazeres da comida, mas pelos prazeres espirituais de que a comida não é senão um eco.

Mas isso quer dizer que não podemos curto-circuitar o gozo do mel. Para obter o pleno benefício *espiritual* do mel, devemos *realmente* desfrutar de sua doçura. É necessário saborear o mel *como mel* antes que se possa saborear o mel como indicador da sabedoria divina. Em suma, se temos de obedecer à exortação bíblica de “*saber* que a sabedoria é *assim* para sua alma”, temos, primeiro, de “saber [...] assim”, ou seja, devemos primeiro comer o mel. Devemos chegar a ter conhecimento real e profundo da doçura do mel, o tipo de conhecimento empírico que só se pode obter quando nos demoramos no sabor agradável com nossa língua.

Segundo, e quanto à criação como dardos da glória, o entrelaçamento das maravilhas criadas com a presença divina a tal ponto que essa distinção quase desaparece? O salmo 104 é um hino ao Deus da criação, uma meditação sobre a obra de Deus em Gênesis 1.

Começa com uma invocação: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor!”; e uma exclamação: “Senhor, Deus meu, como tu és magnificante!”. As palavras de abertura sugerem que será um salmo acerca de Deus. O salmo prossegue exaltando as atividades de Deus: voar nas asas do vento, fazer de seus ministros labaredas de fogo, lançar os fundamentos da terra e repreender as águas de modo que as montanhas pudessem emergir das profundezas. Aqui vemos uma transição sutil à medida que o salmista dirige sua atenção para as obras de Deus na criação. O salmista admira a dádiva de Deus: a água aos jumentos selvagens, o canto das aves do céu nas ramagens, o crescimento da relva como alimento para os animais, e “o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças” (v. 15).

O salmista contempla a morada das cegonhas, das cabras montesinas e os arganazes das rochas. Enaltece o sol e a lua por marcarem o tempo e louva a Deus por dar ao homem o dom da vocação. Medita acerca do mar e dos seres sem conta que ali se movem, os navios que por ele transitam e Leviatã, o monstro marinho, que nele folga. Ele se maravilha com a dependência que todas as coisas vivas têm de Deus para viver, respirar e para todas as demais coisas, e com o poder e a sabedoria de Deus em fazer que todas essas criaturas voltem ao pó.

Em suma, para escrever este hino de louvor *a Deus*, o salmista teve de pensar um bocado acerca da criação. Contemplou-a, estudou-a, admirou-a. Pensou e compôs; refletiu e escreveu. As obras de Deus na criação eram os objetos primários de sua meditação. De muitas formas, a criação domina este salmo. E, então, quando ele se aproxima da conclusão, diz:

Seja-lhe agradável a minha meditação;
eu me alegrarei no Senhor. (v. 34)

Este encômio da maravilha da criação foi, do início ao fim, um gozo no Senhor, não apenas um gozo na criação. A celebração das aves e do mar, do sol e das árvores, dos navios e dos animais — tudo foi um gozo (pericorético, talvez?) em Yahweh, o Criador que criou todas essas obras multifacetadas em sabedoria infinita e cuja glória excede tudo que ele fez.

Por fim, a visão divina que Isaías teve no templo dá um complemento impactante para nossa compreensão da relação de Deus com a criação. Estamos familiarizados com as palavras dos serafins enquanto cantavam diante do trono de Deus:

Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos;
toda a terra está cheia da sua glória. (Is 6.3)

A última frase pode sugerir um tipo de separação entre a glória de Deus e a terra. A terra está cheia da glória de Deus como um copo está cheio de água ou uma vagem está cheia de grãos. Mas o texto hebraico da passagem aponta para além de tal entendimento. De fato, uma interpretação mais literal da sentença seria: “A plenitude de toda a terra está em sua glória”.

Uma interpretação mais provocadora, sem dúvida. Mas o que pode querer dizer? Duas possibilidades parecem prováveis. Primeira, esta passagem pode retratar a criação como as vestes de Deus, o manto de glória. Nas Escrituras, as vestimentas com frequência são expressão de glória, como no caso dos paramentos sacerdotais e dos mantos reais da monarquia. Jesus nota que nem mesmo “Salomão em *toda a sua glória*” estava adornado ou vestido como os lírios do campo (Mt 6.29). Paulo descreve nossa glorificação na ressurreição final como ser revestido (1Co 15;

2Co 5). Assim, Deus cria o mundo *ex nihilo* a fim de vesti-lo como um lindo paramento, um manto de glória adequado ao Rei dos reis.

A segunda possibilidade é que a passagem indique que a criação é a noiva. Paulo, ao falar do relacionamento entre maridos e mulheres, diz: “a mulher é a glória do homem” (1Co 11.7). E lemos no Antigo Testamento: “A mulher virtuosa é a coroa do seu marido” (Pv 12.4). Numa passagem extraordinária, Paulo descreve a igreja, que é a noiva de Cristo, como “a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.23). Portanto, como observamos anteriormente, Deus criou o mundo para conquistar uma noiva para seu filho.²¹

Conclusão

O que, então, podemos dizer acerca da criação? A criação é a comunicação do Deus trino. Deus amou tanto a plenitude trinitária que criou um mundo para comunicar essa plenitude *ad extra*, para além de si. E não um mundo qualquer — um mundo cheio de tacos de peixe, guerrinhas de cócegas, sestas à tarde, frutos do mar cajuns, massagens nas costas, pantufas de lã e *softball* da igreja.

O Deus infinito e eterno criou algo que não é Deus, mas, ainda assim, real e verdadeiramente reflete e revela Deus. Para colocar nas categorias mencionadas, a relação de Deus com a criação é pericorética: a criação existe em Deus, e Deus existe em algum sentido nela, mas jamais se ab-roga ou se abre mão da divisão Criador-criatura.

Como resultado, a criação é gloriosa, raios *criados* da glória *divina*. Como a luz do sol é refratada pelas gotas de água e formam um arco-íris, assim também a criação refrata a glória de Deus, permitindo que todo o espectro de sua beleza se mostre para conhecimento e deleite de seu povo. A glória criada intermedeia a

glória divina, de maneira que, quando rastreamos os prazeres por meio de seus raios até a fonte, chegamos à alegria das alegrias, ao rio dos deleites, à pessoa das pessoas, o Deus vivo e Pai de Jesus Cristo.

Como diz Douglas Wilson, a criação é densa, e sua densidade não nos impede de ver Deus claramente.²² De fato, quanto mais densa é a criação, com mais nitidez vemos a Deus, mais plenamente o conhecemos, e desfrutamos dele de modo mais firme (mais sobre o assunto no Capítulo 5).

Enfim, a última afirmação da capacidade das coisas da terra de revelar a glória de Deus é a encarnação de Jesus Cristo. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). A criação foi muito glorificada, unida ao ser divino de forma decisiva e sem precedentes. E como Lewis tanto gosta de lembrar-nos, os milagres de Deus, incluindo o milagre da encarnação, são apenas “um recontar em letras miúdas da mesma história que está escrita no mundo todo em letras garrafais para que alguns de nós as vejam”.²³ A encarnação — a plenitude da divindade habitando corporalmente na pessoa de Jesus de Nazaré — desperta-nos para a realidade da “desencarnação”, a presença viva e ativa do Deus trino, mudo mas soando em cada esquina do cosmo.²⁴

¹ Maltbie D. Babcock, “This Is My Father’s World”, 1901.

² *2 Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*. New York: Harcourt, Brace, & World, 1964, p. 75. [Lançado em português com o título: *Oração: Cartas a Malcolm*. São Paulo: Vida, 2009]

³ *Typological Writings, The Works of Jonathan Edwards*. Wallace E. Anderson, Mason I. Lowance, David H. Watters, orgs. New Haven: Yale University Press, 1993, vol. 11, p. 152.

⁴ “Epiphany Lecture 1: Introduction”. Disponível em: <http://www.canonwired.com/epiphany-lectures/>. Acesso em: 11 fev. 2014. Em outro lugar, Myers observa que o cristianismo e o secularismo modernos partilham de um pressuposto comum acerca da relação de Deus com a criação: “Os cristãos atuais com frequência supõem poder relacionar-se com Deus à parte de qualquer tipo de relação deliberada com a criação. E os secularistas de hoje supõem poder relacionar-se com a natureza sem reconhecer ou honrar o Criador. Para ambos os lados, a criação tende a ser matéria bruta, coisas sem sentido a esperar pela criatividade humana para conquistar seu significado... Onde as Escrituras apresentam a criação como epifania, a cultura moderna vê a criação como uma pilha de materiais brutos, recursos naturais e coisas inertes sem sentido. O mundo é comumente considerado como matéria para que façamos algo, não uma fonte da qual recebemos algo”. Ken Myers, “Creation and the Ordered Imagination”, Chapel Lecture, Dallas Theological Seminary. Disponível em: <http://www.dts.edu/media/play/creation-and-the-ordered-imagination-myers-ken/>. Acesso em: 11 fev. 2014.

⁵ *Works*, vol. 11, p. 150.

⁶ *Ibid.*, p. 151.

⁷ Em seu estilo inimitável, Doug Wilson expressa exatamente o quanto essas lições divinas são amplas: “Creio que o reino de Deus é como um rio sem fim, como uma cordilheira, como o leite integral, como uma campina cultivada, como uma cidade de mármore com jardins, como um bife gorduroso na grelha, como queijo maturado, como *smartphones*, como um prado na montanha, como o riso da família à mesa, como o caminho de um homem com uma donzela, como um oceano iluminado pela lua, como um guerreiro clamando um grande desafio. O reino de Deus é como tudo” (<http://dougwils.com/s16-theology/an-odd-credo.html>). No mesmo espírito, permitam-me acrescentar algo: Creio que o reino de Deus é como uma noite sem luar com um céu estrelado no meio do nada, como uma conversa animada, como lutas de espada no quintal dos fundos, como um cochilo domingo à tarde, como lágrimas compartilhadas que trazem alívio, como jalapeños fatiados, como vinho envelhecido, como um caso de risadinhas, como neve derretendo em março, como o concerto em ré menor nº 20 de Mozart, como abraço de mãe, como um sorriso de aprovação de um pai, como um sorrisinho complacente de um irmão mais velho com uma piscadela. O reino de Deus é justiça, paz, liberdade e alegria no Espírito Santo.

⁸ Peter Leithart ecoa essa visão da criação num artigo no site da Trinity House: “Todas as coisas criadas foram feitas por Deus, planejadas segundo sua Sabedoria e *Logos*. Como tal, é uma comunicação divina acerca de Deus (Sl 19). Deus fez as rochas e, ao fazê-las (podemos supor), pretendia que fossem úteis para revelar algo de sua glória. Deus criou os seres humanos à sua imagem e, ao fazê-lo, planejou-os para serem ícones adequados de seu caráter. Deus supervisionou a formação das famílias humanas e sociedades e, ao agir assim, dirigia-as de modo que um ‘pai’ e um ‘rei’ retratassem de várias formas como Yahweh se relaciona com a criação, com os seres humanos e com seu povo em particular. Deus criou tudo para comunicar-se a si mesmo. É esta a natureza e o propósito de tudo

que foi criado. Se é isso que as coisas criadas são, e se Deus é o Criador que conhece e governa o universo, então as coisas criadas são planejadas para falar dele” (“Relations, Uncreated and Created”). Disponível em: <http://trinityhouseinstitute.com/relations-uncreated-and-created/>. Acesso em: 11 fev. 2014. Disso, Leithart extrai diretamente uma implicação acerca do uso da linguagem humana (incluindo a Bíblia) para falar sobre Deus: “A Escritura também pressupõe que Deus fala ‘humanês’. Porque Deus planejou a criação e a humanidade para comunicar algo de si mesmo, ele pode falar na linguagem humana comum acerca de si mesmo. Deus revelou-se na linguagem humana, essa linguagem humana tem sido preservada na Bíblia, e é a linguagem humana comum. Portanto, a linguagem humana comum é adequada para comunicar a realidade de Deus para nós. Claro, há mistério em cada ponto, mas porque deveríamos esperar algo diferente? Queremos falar acerca do Deus infinito e incompreensível e das criaturas feitas à sua imagem”.

⁹ Ao enfatizar que a criação revela Deus, é importante sublinhar que ela faz isso também ao revelar mais acerca da criação. Em outras palavras, não devemos isolar cada aspecto da criação para ver como cada parte revela Deus. Ao contrário, temos de ver a criação como uma teia de fios interconectados. Cada fio ajuda-nos a compreender os demais, e então a própria teia, com todos os seus entrelaçamentos, revela Deus mais plenamente a nós. Para usar o salmo 19 mais uma vez: “Os céus proclamam a glória de Deus” — é verdade. Mas eles fazem isso porque o sol é como um noivo e este, por sua vez, é como um guerreiro. Em outras palavras, ele não só revela *Deus* a nós por meio dos céus; também revela algo acerca do casamento, da guerra e do sol (e assim por diante), e é este turbilhão de imagens que nos permite ver a glória de Deus com mais clareza.

¹⁰ Numa discussão sobre a grande esperança prometida ao fiel em Cristo, C. S. Lewis observa como essa diversidade de imagens nos preserva do erro: “A variedade das promessas não quer dizer que qualquer outra coisa que não seja Deus será nosso êxtase supremo, mas, pelo fato de Deus ser mais que simplesmente uma pessoa e para que não imaginemos a alegria de sua presença tão exclusivamente nas condições de nossa parca experiência presente de amor pessoal, com toda a sua estreiteza, tendência e monotonia, é-nos fornecida uma dezena de imagens instáveis, imagens que se corrigem e substituem umas às outras” (*O peso de glória*. São Paulo: Vida, 2008, p. 39). Em *The Problem of Pain*, Lewis escreve a respeito do pedido a um Deus amoroso, usando uma imagem vívida e concreta: “O grande ser que você invocou com alegria, o ‘senhor de temível aspecto’, está presente: não uma benevolência senil que preguiçosamente deseja que você seja feliz à sua maneira; não a fria filantropia de um juiz escrupuloso; tampouco os cuidados de um anfitrião que se sente responsável pela comodidade de seus convidados, mas ele próprio o fogo a consumir-se, o Amor que criou os mundos; pertinaz como o amor do artista por sua obra e despótico como o amor de um homem por seu cão; providente e venerável como o amor de um pai por seu filho; ciumento, inexorável e exigente como o amor entre os amantes” (*O problema do sofrimento*. São Paulo: Vida, 2006, p. 56). Ao dizer isso, Lewis apenas vive de acordo com seu próprio conselho e busca resgatar do “abismo da abstração” nossos pensamentos acerca de Deus. *Miracles* (New York: HarperCollins, 1947), p. 144. [Lançado em português com o título: *Milagres* (São Paulo: Vida, 2006)]

¹¹ *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 212-5.

¹² *When I Don't Desire God: How to Fight for Joy*. Wheaton: Crossway, 2004, p. 185.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ P. 91.

¹⁵ *Ibid.*, p. 95. Lewis prossegue: “As pessoas estão sempre lutando em pelo menos uma de duas frentes. Quando se está entre panteístas, deve-se enfatizar a especificidade, a relativa independência das criaturas. Entre deístas [...] deve-se enfatizar a presença divina em meu próximo, em meu cachorro e em um pé de repolho”.

¹⁶ Alguns leitores podem se perguntar se estou defendendo algum tipo de panenteísmo, a crença em que o mundo existe em Deus. Embora queira guardar-me cuidadosamente contra os erros, creio que algum tipo de panenteísmo é exegeticamente exigido por passagens como At 17.26 (“*Nele* vivemos, nos movemos e existimos”) e Cl 1.16 (“pois, nele, foram criadas todas as coisas”). Para voltar à analogia do Capítulo 2, a criação existe em Deus da mesma forma que a história do autor existe em sua mente. A história não deve identificar-se com o autor, mas a história está, em algum sentido real, *no* autor.

¹⁷ P. 113, ênfase acrescentada.

¹⁸ *Ibid.*, ênfase acrescentada.

¹⁹ *Ibid.*, p. 114-5.

²⁰ *Weight of Glory*, p. 44. [Lançado em português com o título: *O Peso de Glória*. São Paulo: Editora Vida, 2008]

²¹ Sou grato a Toby Sumpter e Peter Leithart por proporem essas interpretações. E mais, não acho que sejam mutuamente excludentes. Veja “Un-naked God”. Disponível em: <http://www.leithart.com/2010/12/16/un-naked-god/>; e “Bridal Glory”. Disponível em: <http://www.leithart.com/2010/12/17/bridal-glory/>. Ambos acessados em 11 fev. 2014.

²² “Creation Is Thick, I Tell You”. Disponível em: <http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/creation-is-thick-i-tell-you.html>. Acesso em: 11 fev. 2014.

²³ *God in the Dock*, p. 29. Ele expressa o mesmo sentimento quando escreve: “Compreendo ser a doutrina algo assim: há uma atividade de Deus exibida pela criação, uma atividade substancial permite-nos dizer que os homens se recusam a reconhecer. Os milagres feitos pelo Deus encarnado, vivo como homem na Palestina, representam as mesmas coisas que a atividade substancial, mas numa velocidade diferente e em menor escala. Um de seus propósitos principais é que os homens, tendo visto uma coisa feita por um poder pessoal em pequena escala, podem reconhecer quando veem a mesma coisa feita em larga escala, que o poder subjacente é também pessoal”.

²⁴ Minha breve discussão da encarnação e desencarnação deve muito à obra de Michael Ward, sobretudo a *Planet Narnia: The Seven Heavens in the Imagination of C. S. Lewis* (New York: Oxford University Press, 2008). Ward mostra como Lewis construiu imaginativamente cada uma das crônicas de Nárnia para comunicar certos símbolos espirituais (representados pelos sete planetas medievais). As qualidades associadas a cada planeta concentram-se no caráter de Aslam no respectivo livro. Entretanto, essas mesmas qualidades também estão dispersas em todo o livro, formando o ambiente, a atmosfera e o ar que respiramos em cada história. Ward destaca como Lewis estava imitando a visão da revelação de Deus e a encarnação que ele apresenta em *Miracles* [Milagres].

Criado para ser criatura

Não há bem algum em tentar ser mais espiritual que Deus.

— C. S. Lewis

Nós — ou pelo menos eu — não seremos capazes de adorar a Deus nas ocasiões mais sublimes se não tivermos adquirido o hábito de adorá-lo nas mais simples. Na melhor das hipóteses, nossa fé e razão nos dirão que ele é adorável, mas não o teremos achado assim, não teremos “provado e visto”.

— C. S. Lewis

Até aqui, consideramos o glorioso Deus trino como ele é em si mesmo; portanto, Deus como autor em relação com a história da criação; depois, no último capítulo, a criação como comunicação da glória de Deus. Reunindo essas duas linhas de pensamento, podemos fazer a seguinte afirmação:

O Deus trino — Pai, Filho e Espírito Santo — por amor de sua própria plenitude e deleitando-se nela, escolheu livremente criar o mundo como comunicação narrativa adequada de sua glória. É adequada porque foi concebida e dirigida pela sabedoria infinita. É narrativa, porque a forma do mundo é uma história, uma sequência de eventos com início, meio e fim. É comunicação, porque Deus traz as coisas à existência com sua voz e fala de si mesmo em cada detalhe. E tudo isso é glória, porque o Criador e autor é o Senhor da glória.

Este capítulo discorre sobre nosso papel neste grande drama. O que significa ser criatura, uma personagem no teatro de Deus, chamado à existência do nada e de algum modo capaz de relacionar-se com o autor de maneira real, pessoal e profunda? Dito de outro modo, o que quer dizer ser criado à imagem de Deus?

No princípio

Começamos esta discussão (muito propriamente) pelo princípio. À medida que Deus fala, divide, reúne e junta os diversos traços do mundo criado, repetidamente avalia o que fez. Estima o valor de sua obra. Vê a luz (Gn 1.4), a terra e os mares (v. 10), a vegetação (v. 12), os luminares celestes (v. 18), os cardumes de peixes e bandos de aves (v. 21), os animais selvagens e domésticos (v. 25). E a cada vez reconhece a mesma coisa: era bom. Deus aprova sua obra. Reconhece sua sabedoria, poder, criatividade, destreza artística, bondade e gentileza no que fez. E quando termina o trabalho, depois de concluir toda a atividade criativa, avalia tudo que fez, e começa a usar superlativos. “E viu que era *muito* bom” (v. 31).

Deus inspeciona o mundo de matéria e tempo, de árvores e galhos, de oceanos e ondas, de sinais e estações, de dias e anos, e tem uma única reação: extraordinariamente bom. Bom demais. “Bom com ponto de exclamação.” “Bom como gritar gol e fazer dancinha.” É finito. É temporal. É limitado. E é muito, muito bom.

Deus é o verdadeiro materialista. Como diz C. S. Lewis: “Ele gosta da matéria: foi ele quem a criou”.¹ Claro, isso não quer dizer que o mundo material é tudo que há. Quer dizer apenas que o físico, em algum sentido, é “espiritual”. Como não seria, dado que tudo que é físico é trazido à existência por um Espírito eterno e infinito que fala em três dimensões? Ou, como escreveu N. D. Wilson:

Árvore, Deus diz, e há uma. Mas, ele não diz a palavra árvore; diz a própria árvore. Ele não precisa de atalhos. Não está apenas chamando uma à existência, embora sua voz crie. Sua voz é a existência dela. Aquela coisa em seu quintal, aquela macieira esquelética ou o abeto imponente, aquela coisa não é o referente da palavra dele. Ela é a palavra dele e seu referente. Se ele parasse de falar, ela não existiria.²

Temporal, corpóreo, finito e bom

Portanto, a criação é boa porque Deus a criou e assim a considera. Mas podemos dizer mais, porque a Bíblia diz mais. Quando chega a criação do homem, temos lugares nas primeiras filas e um nível de detalhe que deve ser instrutivo para nós. A história da origem humana em Gênesis 2 é digna de consideração e atenção cuidadosas:

Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

“*Quando* não havia.” “*Formou* ao homem do pó da terra.” “*Nele* [no jardim] pôs o homem.” Os seres humanos são criaturas temporais, corpóreas e finitas. Existimos no tempo. Existimos em corpos. Existimos no espaço. Somos seres encarnados e com uma história. E observe que o corpo físico vem primeiro. Deus formou o homem do pó da terra (como alguém faz isso?) e, *em seguida*, soprou o fôlego de vida, de modo que ele tornou-se criatura vivente. Contrariando algumas escolas de pensamento, o homem não é um espírito aprisionado num corpo. A separação entre corpo e alma que experimentamos na morte é estranha ao nosso projeto original. Ser um humano verdadeiro e completo é ser uma alma encarnada e um corpo animado.

Dessas observações, podemos concluir que temporalidade, limitação e finitude não são defeitos por superar. Nossa existência no tempo, no espaço e no corpo não é uma falha, é uma

característica, projetada pela sabedoria infinita para comunicar as riquezas insondáveis de sua glória. Deus não se frustra com a nossa finitude. Ele não é tolhido por nosso corpo. Nossas limitações não representam barreiras para ele. “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (Sl 103.14). *Ele nos fez assim*, e acha que foi uma grande ideia.³

A provisão de Deus e nosso trabalho

Continuando a história:

Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (Gn 2.15-17)

Contemple a prodigalidade de Deus em suprir nossas necessidades físicas. Já fomos informados de que Deus fez brotar toda árvore agradável à vista e boa para alimento (v. 9). Agora, ficamos sabendo que (quase) todas elas foram feitas para nós, com aprovação divina. “Olhe para todas as plantas que a semente produz. Contemple cada árvore que dá fruto. Lindas, não são? É por isso que lhe dei olhos: para ver essa beleza. Espere até prová-las. Haverá uma festa em sua boca. Pode comer de cada uma delas. Todas lhe servem de alimento. Menos uma. Há um único não em todo este mundo cheio de sins (e mesmo este é temporário)! Coma, beba e seja feliz”.⁴

Se estendermos essa aprovação divina da visão e do paladar, então vemos aqui que Deus endossa com entusiasmo nossa alegria e nosso deleite em todos os prazeres sensíveis (ou seja, prazeres que recebemos por meio dos sentidos corporais, prazeres que vemos, cheiramos, saboreamos, tocamos e ouvimos), uma vez fruídos nos limites estabelecidos pelo doador de toda boa dádiva.

Talvez Deus pudesse ter feito tudo de um jeito diferente. Podia ter feito um mundo imaterial povoado por seres puramente espirituais. A sabedoria infinita preferiu estômagos. E línguas. E cada combinação de azedo, doce, amargo, salgado e saboroso que os chefes da Food Network podem descobrir. Porque é isso que eles estão fazendo: descobrindo todas as formas que Deus escolheu para comunicar sua bondade, doçura, até mesmo seu amargor, a paladares humanos. Meu palpite é que vai demorar um pouco.

A criação da comida, da língua e do sistema digestivo humano é produto da sabedoria infinita que tece o mundo num todo harmonioso. A sinfonia da glória que soa do ser trino contém notas de molho de milho e de balas azedinhas, de chá doce e pão de centeio (do tipo que enche a barriga). A variedade de sabores cria categorias e dá-nos imagens comestíveis das coisas divinas. “Provai e vede que o Senhor é bom”! (Sl 34.8). Nosso senso de fome e sede é projetado divinamente para realçar a fome da alma por alimento espiritual: “o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35). E não há atalhos. Fora dessa experiência de estômago vazio e gargantas sedentas, de barriga cheia e sede saciada, e a incrível variedade de sabores, nossa vida espiritual se empobreceria, e não teríamos um vocabulário real para o desejo espiritual, nem estrutura mental e emocional para envolver-nos com Deus.

Então, a provisão e o suprimento de comida e bebida, junto com os sentidos correspondentes e sistemas que os recebem corporalmente, são dádivas de Deus, um testemunho de sua aprovação de nossa finitude e corporeidade. Mas a aprovação de Deus de nossas limitações em Gênesis 2 ainda não chegou a seu ápice.

Primeiras palavras

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. (Gn 2.18-20)

Cinco dias e meio de “e Deus viu que era bom”, e agora “não é bom”. Deus sente falta de algo, uma lacuna em sua criação que deve ser preenchida. Mas vamos começar pelo óbvio: quando Deus diz: “não é bom que o homem esteja só”, teria sido inteiramente inadequado Adão dizer: “Que queres dizer com ‘só’? Tenho a ti, Deus”. Isso é absolutamente verdadeiro — e de todo inadequado.

A solidão de Adão (mesmo tendo Deus como companhia) é um defeito, e Deus em sua bondade age para remediar essa falta. Observe o seguinte: *Deus* age. *Ele* satisfaz a necessidade. *Deus* dá vida, ar e todas as demais coisas (incluindo a companhia). Mas ele projetou-nos de tal modo que satisfaria algumas de nossas necessidades *por meio de outras pessoas*. Não devemos discutir com Deus acerca desta questão. Não há virtude alguma em ser mais espiritual que ele aqui. A sabedoria infinita dirigiu-o a mediar sua presença plenamente satisfatória para nós por meio de companhias *criadas* adequadas.⁵

E atente para a palavra *adequada*. Deus não se contenta com qualquer companhia velha. Ele dá uma ajudadora “idônea” para o homem. Elefantes são impressionantes, mas não são adequados. Coelhoinhos são fofinhos, mas não como companhia. Um cachorro pode ser o melhor amigo do homem, mas Deus não descansará até

que tenha ido além da lealdade e da baba. E se não se pode encontrar uma ajudadora idônea entre as criaturas vivas, então Deus cria uma nova:

Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. (Gn 2.21,22)

Deus fez cair um sono pesado sobre Adão. E, enquanto dormia, Adão perdeu algo, uma costela. Mas acordou para a realidade formidável de que não tinha perdido nada. Era melhor assim. Era adequado. Isso superava todas as expectativas. Ao acordar, passara de um nível de glória para outro.

E a glória da criação de Eva não se perdeu em Adão. Gênesis 2.23 contém as primeiras palavras *humanas* registradas nas Escrituras. Adão tinha falado antes (nomeando os animais e, presume-se, conversando com Deus). Mas não ouvimos sua voz até agora.

Então ele disse:
Esta, afinal, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne;
chamar-se-á varoa,
porquanto do varão foi tomada. (v. 23)

Adão é um poeta, e suas primeiras palavras registradas são um poema, um encômio, um hino de louvor — *cujo objeto é outra criatura*. Não me compreenda mal. Não estou sugerindo que Adão esteja cometendo idolatria. (Jamais!) Mas acho que devemos deixar a relevância deste evento pousar em nós. Adão contempla sua ajudadora, esta outra, este ser que é semelhante a ele, mas não ele, e, do transbordar de seu coração, sua boca fala. Ele fita sua noiva

em toda a sua glória e sem sinal de idolatria compõe uma ode *para ela*:

Você veio de mim, mas não é eu. Seus ossos foram feitos dos meus ossos. Sua carne foi cortada da minha carne. Somos semelhantes, mas diferentes. Somos o mesmo, mas separados. Deus me partiu em dois só para me unir de novo. Retirou de mim uma costela para que pudesse devolvê-la com juro. Dividiu-me a mim mesmo, de modo que a unidade solitária pudesse dar lugar à união complementar. Que nome pode expressar isso? Eu sou *Adão*, formado por Yahweh do barro da terra [heb. *adamah*]. Você será mulher [heb. *ishshah*] porque foi tirada do homem [heb. *ish*].

Adão não está rejeitando seu amor a Deus; o amor a Deus se parece assim quando encontra uma de suas dádivas. Adão encontrou uma esposa. Encontrou algo bom. Este é um favor do Senhor, que deve ser expresso. O raio da glória de Deus acerta a sensibilidade dele, e ele (de forma lenta e proposital) rastreia o raio até sua fonte, provando a dádiva por causa do doador.

Nossa vocação e missão

Até aqui, vimos que o Deus criador nos dá generosamente dádivas para nosso gozo e prazer. Visão, audição, paladar, tato e olfato — todos eles nos foram dados para nossa alegria. Amigos e família, cônjuge e vizinhos — dados a nós para que não estivéssemos mais sozinhos, para que pudéssemos encontrar realização divina nas companhias criadas. Mas se isso fosse tudo que tivéssemos visto, estaríamos esquecendo o quadro total da graça e da sabedoria de Deus. Nesses primeiros capítulos de Gênesis, as dádivas não são apenas para nosso contentamento; as dádivas são provisão para a missão.

Antes de ver a provisão, temos de compreender a missão. E podemos entender a missão se chegarmos ao entendimento do que significa ser feito à imagem de Deus. Alguns teólogos defendem que

temos de entender a identidade do homem como portador da imagem divina ao levar em conta nossas capacidades e habilidades. Assim, ser feito à imagem de Deus quer dizer que temos a capacidade de raciocinar, falar ou relacionar-nos com Deus e com os outros. Embora essas capacidades sejam, sem dúvida, importantes, concordo com os estudiosos que veem o portar da imagem divina fundamentalmente sob a ótica da função do homem e de seu chamado.⁶ Ser feito à imagem de Deus é uma vocação, algo que somos chamados por Deus para fazer e para ser. Nos capítulos de abertura de Gênesis (e alinhado com o restante das Escrituras), a vocação do homem consiste em três papéis primordiais: sacerdote, rei e profeta.

Em Gênesis 2.15, o Senhor Deus coloca o homem no jardim “para o cultivar e o guardar”. Essas duas palavras aparecem juntas mais uma vez em Números 3.5-10, onde descrevem as tarefas dos levitas em relação ao tabernáculo. No contexto, cultivar e guardar incluía a responsabilidade de ministrar e guardar o santuário. Deste modo, temos de ver o chamado para cultivar, cuidar e guardar o jardim como evidência da vocação sacerdotal do homem. O homem é *homo adorans*, o homem que adora, chamado a ouvir e obedecer a Palavra de Deus e então adorar a Deus corretamente enquanto guarda e protege o espaço sagrado de invasões impuras (por exemplo, um dragão que tenta solapar a Palavra de Deus).⁷

Além do chamado sacerdotal, o homem também é chamado para ser rei. O comissionamento de Deus em Gênesis 1.28 destaca a vocação real de Adão e Eva:

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e *sujeitai-a; dominai* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

O chamado para ter domínio é um chamado a exercer o governo sobre o mundo de Deus como seu vice-regente. O homem é um sub-rei, um administrador da criação divina, encarregado de estabelecer o governo e o reinado de Deus sobre a terra indômita. Assim, o homem não é chamado apenas a proteger o espaço sagrado, mas é chamado a estender o espaço sagrado, de modo que a terra se encha da glória divina por meio de uma sociedade gloriosa dos portadores de sua imagem. Para realizar essa tarefa, o homem precisará da sabedoria de Deus, e assim o homem é *homo sapiens*, o homem que sabe. Adão é um sacerdote real, um rei sacerdotal, e deve representar e refletir o caráter divino e governar o resto da criação.

A vocação final do homem é profeta, como indica seu chamado a nomear os animais e sua esposa (Gn 2.19,20). O homem é *homo loquens*, o homem que fala, e Deus dotou-o com autoridade para usar a criatividade e a imaginação para moldar o mundo de acordo com a palavra e o caráter de Deus. Portanto, como profeta, o homem é chamado a nomear o mundo de Deus primeiro obedecendo e conhecendo a Deus e, então, unindo-se a Deus na construção em andamento da gloriosa cidade-templo de Deus.

Resumindo, nos primeiros capítulos de Gênesis, ser feito à imagem de Deus significa cumprir nossa vocação como sacerdotes obedientes, reis sábios e profetas fiéis. Esta é a missão, dada a nós por nosso Criador santo e bom — ser fecundo, multiplicar e encher o mundo, para dominar a terra e exercer domínio sobre as criaturas, cultivar a terra, trabalhar o solo, cuidar e proteger o jardim do mal e da impureza, e refletir a Deus ao ecoar em obediência suas palavras e ao nomear o mundo com fidelidade.

As dádivas como provisão para a missão

Compreender o chamado original do homem capacita-nos a ver com mais profundidade os propósitos de Deus em dotar-nos generosamente com suas dádivas. Sim, a comida nos é dada para nosso desfrute, a fim de ampliar nossas categorias para conhecer a Deus. Mas a comida é também uma maneira de Deus prover-nos de energia e força para o trabalho. Quando comemos, o corpo transforma o que consumimos a fim de termos força para cumprir nosso chamado. Como diz o salmista, Deus dá “o alimento, que lhe sustém as forças” (Sl 104.15). Assim, quando Deus concede a Adão a permissão para comer de todas as árvores (Gn 1.29; 2.16), devemos também ouvi-lo dizer: “Você foi chamado para dominar a terra; foi comissionado para assumir o domínio. Trabalhe este solo e proteja este jardim. Para fazê-lo, precisará de força. Precisarás de poder e estratégia para sustentar seus trabalhos. Numa palavra, precisará de comida. Portanto, coma de todas as árvores”.

O mesmo vale quando Deus provê uma esposa a Adão. Sim, a dádiva divina de Eva supre a necessidade de companhia de Adão. Mas a mulher também é necessária para concluir a missão divina. Adão não pode ser fecundo, multiplicar-se e encher a terra sozinho. Precisarás de ajuda (Gn 2.18). Como todos sabem aos 18 anos: “Primeiro vem o amor, depois o casamento, em seguida o bebê no carrinho”. Deus deu-nos a missão de encher a terra com adoradores, para que seu louvor ressoe em cada esquina do globo. Portanto, ele dá a Adão uma esposa para que juntos produzam frutos divinos e, ampliando um pouco o sentido, ele nos dá amigos, família e vizinhos para que possamos ajudar-nos uns aos outros a encher a terra com sua glória como o mar cobre a terra.

Com efeito, o mesmo ocorre com todas as dádivas de Deus. Todas nos foram dadas não apenas para que pudéssemos desfrutar delas, mas também para que elas se mostrassem frutíferas em

nossa vida. Isso inclui as habilidades e capacidades mencionadas antes. Recebemos olhos para ver Deus exibindo sua beleza no mundo, ouvidos para ouvir Deus cantar sua graça no mundo, um nariz para cheirar o doce aroma da vida de Deus no mundo, uma língua para saborear o esplendor divino no mundo, lábios para contar os triunfos de Deus no mundo, mãos para serem erguidas em adoração a Deus e para servir aos outros, pés para aventurar-nos no mundo de Deus e estender seu domínio até aos confins da terra. Recebemos a mente que pensa, raciocina e o coração que sente para desfrutarmos deles e os empregarmos na maior das causas.

Temos valor intrínseco?

Reconhecer o valor bíblico da criação para nosso contentamento e para o cumprimento da missão divina é algo glorioso. Mas é precisamente o valor e a riqueza evidentes da criação que criam algumas das tensões sentidas quando chega o momento de valorar a Deus. Pois se a criação é valiosa, então ela tem o potencial de tornar-se um substituto de Deus — em termos bíblicos, um ídolo. Portanto, temos de dedicar algum tempo para refletir sobre a questão do valor e da dignidade da criação, em especial em relação ao valor e à dignidade do Deus trino. Começaremos pelos seres humanos. As pessoas com frequência alegam que os seres humanos têm valor intrínseco. Esta é uma maneira bíblica de pensar? Os seres humanos têm valor intrínseco e inerente?

A resposta depende do que queremos dizer com *inerente* e *intrínseco*. Se queremos dizer valor autônomo, o valor existente sem depender de Deus, então a resposta sem dúvida deve ser não. Nada temos sem considerar Deus. Somos criados *ex nihilo*, do nada. Ele dá todas as coisas, a vida, o ar e tudo o mais (At 17.25), incluindo o valor. “E que tens tu que não tenhas recebido?”,

pergunta Paulo (1Co 4.7). Portanto, temos de rejeitar qualquer noção de valor humano autônomo, valor que não tenha relação com Deus e ignore o fato de que somos criados do nada.

Se o valor intrínseco quer dizer ter valor como característica essencial e permanente, então parece que temos de dizer: “Sim, os seres humanos de fato têm valor intrínseco e inerente”. Somos valiosos *porque* Deus nos valoriza. Nosso valor é inteiramente derivado da criação divina (“Façamos...”) e de sua aprovação a nós (“E viu Deus que era muito bom”). Vem de fora de nós, mas de fato vem a nós. Nosso valor realmente está ali porque Deus o pôs ali (e continua a pô-lo, enquanto nos dá a existência por sua voz). Então talvez possamos dizer que os seres humanos (e cada uma das partes da criação) têm valor inerente derivado. Derivado por ser uma dádiva divina. Inerente porque, quando Deus concede algo, ele realmente o faz.⁸

Valorar as coisas conforme seu valor

A discussão do valor intrínseco converte-se gradualmente na questão de quanto devemos valorar a criação em relação a Deus. Valoramos todas as coisas — seja nossa esposa, seja a comida, seja Deus — da mesma forma? A maioria dos cristãos diria: “Não, não devemos valorar todas as coisas da mesma forma. Devemos valorar as coisas de acordo com seu valor”. Teólogos e filósofos chamam isso de princípio de proporcionalidade. Para simplificar, quer dizer que devemos estimar, valorizar e considerar as coisas conforme seu valor, natureza e mérito. Nosso senso *subjetivo* do valor de algo deve estar de acordo com o mérito *objetivo* deste algo.

Reconhecemos que alguma coisa está errada se um homem negligencia a esposa para jogar golfe o tempo todo. Ou se uma mãe considera a limpeza da cozinha mais importante que a saúde ou a

felicidade dos filhos. Corrigimos as crianças que estimam os brinquedos mais que os irmãos. O próprio Jesus endossa este princípio quando pergunta: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais” (Mt 10.29-31).⁹ Todos nós operamos numa escala de valores, por mais vaga e imprecisa que seja. As pessoas são mais importantes que propriedades. A família é mais importante que passatempos. E, se buscamos ser fiéis à Escritura, Deus é mais importante que tudo o mais.¹⁰

Jonathan Edwards articula este princípio com clareza inédita: “A retidão moral do coração consiste em dar o respeito ou a consideração devida, ou que a conveniência e adequação exigem”.¹¹ Um coração justo, um coração santo, consiste em valorizar e estimar as coisas adequadamente. A principal preocupação de Edwards é avaliar quanto devemos valorizar a criação em relação a Deus.

Determinar, então, que medida de consideração deve ser atribuída ao Criador e a todas as criaturas tomadas em conjunto; ambos devem como que ser postos numa balança; o Ser Supremo, que traz consigo tudo que é grande, considerável e excelente, deve ser estimado e comparado com tudo que se deve encontrar no todo da criação: e, à medida que se verifica que o primeiro excede em valor, nessa mesma medida ele tem uma maior porção de consideração.¹²

Coloque toda a criação num dos pratos da balança e Deus no outro. O que é mais pesado? Quanto?

Edwards defende que a santidade (de Deus e das criaturas) consiste em estimar a Deus sumamente sobre todas as demais coisas, e que Deus opera conforme este princípio.

E, portanto, se Deus estima, valoriza e respeita as coisas de acordo com a natureza e as proporções delas, ele deve necessariamente ter o maior respeito por si mesmo. Seria contra a perfeição de sua natureza, sabedoria, santidade e retidão perfeitas, com a qual se dispôs a fazer tudo que há de ser feito, esperar algo diferente [...] Donde se seguirá que a retidão moral e a adequação da disposição, inclinação ou afeição do coração de Deus de fato consistem sobretudo em respeitar ou considerar-se a si mesmo infinitamente acima de seu respeito para com todas as demais coisas: ou, em outras palavras, sua santidade consiste nisso.¹³

Ou, para simplificar: “Ele estima e ama as coisas conforme sejam dignas de estima e de amor”.¹⁴

Edwards expressa este princípio mais uma vez sob a perspectiva de seu objetivo na pregação:

Quanto à minha tarefa, considero que tenho de elevar as afeições dos meus ouvintes o mais alto que puder, uma vez que não são tocados por nada senão pela verdade, e com afeições que não estão em desacordo com a natureza daquilo por que são tocados.¹⁵

John Piper concorda com Edwards sobre este ponto e reafirma-o da seguinte maneira:

Algumas verdades são dignas de um pouco de emoção, como: “Teremos um jantar incrível num minuto!”. Merece um pouco de emoção. “Deus rege sua vida e o ama, e deu seu Filho para morrer por você e o acolherá na comunidade eterna para todo o sempre” é dez vezes mais digna de emoção do que o que essa refeição produzirá para nós.¹⁶

O desafio do princípio de proporcionalidade

Afirmo de todo o coração o princípio de proporcionalidade. Creio que Deus *de fato* age de acordo com ele, e que nós também *devemos* agir de acordo com ele.¹⁷ Ensino-o há anos em minhas aulas e busco aplicá-lo a minha própria vida em relação a Deus, a minha família, a meu trabalho e a meus *hobbies*. Mas não devemos

estar inconscientes dos problemas práticos que o princípio de proporcionalidade pode causar para nós como criaturas.

Eis o desafio fundamental: se cremos ter de valorar as coisas de acordo com seu valor, e se sabemos que Deus tem valor infinito e tudo o mais tem valor finito, então começamos a sentir que, se temos de ser cristãos fiéis, deve haver uma lacuna infinita entre nosso amor a Deus e nosso amor a tudo mais. Nossa satisfação em Deus deve superar infinitamente nossa alegria em suas dádivas (em nossa família, por exemplo).

Mas observe o resultado prático desse raciocínio. Quando experimentamos alegria profunda numa noite fora com nossa esposa ou num dia divertido no parque com as crianças, e comparamos com a alegria que temos na comunhão direta com Deus, então surge um sutil sentimento de culpa, porque sabemos que nossa alegria em Cristo (por maior que seja) não é *infinitamente* maior que nossa alegria em família. Não temos certeza nem mesmo de como é sentir uma alegria infinita, mas sabemos que ficamos aquém. O resultado é que podemos buscar distanciar-nos de nossa família e minimizar nosso gozo da criação, *tudo em nome da santidade*.

Pode ser que jamais articulemos o problema nesses termos. Mas abraçar o princípio da proporcionalidade pode levar-nos a agir primeiramente sob a ótica da comparação de nosso deleite em Deus e nosso deleite nas demais coisas. E, dada a nossa experiência, sempre decepçionamos.

Ora, há uma série de noções falsas e não bíblicas nesta aplicação do princípio de proporcionalidade. A primeira é ver o amor a Deus e o amor à criação exclusivamente em termos comparativos. Pode haver outro modo de relacionar-se com Deus e com a criação? Voltarei a este ponto no próximo capítulo. Por ora, quero

tratar de uma questão mais fundamental: devemos procurar amar a Deus infinitamente?

Devemos procurar amar a Deus infinitamente?

Para alguns, a lógica da resposta afirmativa é óbvia. Deus tem valor infinito. Devemos valorar as coisas de acordo com seu valor. Logo, devemos valorar a Deus de modo infinito. Mas a simplicidade da lógica mascara um mal-entendido fundamental do que significa ser criatura.

Como criaturas, nunca fazemos *nada* de forma infinita. Ser criatura significa ser finito e limitado. Não temos capacidade infinita para nada. Buscar amar a Deus infinitamente é colocar sobre nós mesmos uma carga impossível de carregar. E a impossibilidade não se deve à nossa pecaminosidade, mas à nossa condição de criatura. Se falhar em amar a Deus de modo infinito é um pecado, então estamos condenados, não como pecadores, mas como criaturas. E um dos objetivos primários deste livro é eliminar toda culpa falsa que flui de nossa existência como criaturas.¹⁸

O ônus deste capítulo é imprimir em nossa mente a realidade de que finitude e limitações não são defeitos; são intencionais. Satisfazer necessidades e dar alegria *por meio da criação* foi uma ideia de Deus e, a despeito das diferentes maneiras do uso e abuso de suas dádivas, ele não anulou a oferta nem as dádivas.

Repisar este ponto não é algo irrelevante. A culpa falsa mata a verdadeira alegria e arruína-nos para o ministério frutífero. Obrigações impossíveis levam ao fracasso constante e à culpa incurável, que só serve para produzir um pecado maior. Leia isso de novo. Obrigação impossível. Fracasso constante. Culpa incurável. Pecado maior.

De fato, sentir culpa por algo que Deus não considera pecado é, isto sim, pecado. Devemos arrepender-nos de nossa rebelião contra nossas limitações de criatura. Erigir um padrão falso de santidade é legalismo, e o fato de que somos fariseus fracassados não mitiga o pecado.

Qual é a alternativa?

Qual é, então, a alternativa a amar a Deus infinitamente? Alguns textos fundamentais das Escrituras podem mostrar-nos o caminho. Em primeiro lugar, o primeiro dos Dez Mandamentos.

Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. (Êx 20.2,3)

Em seguida, o grande mandamento:

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. (Mc 12.30)

A primeira passagem ensina-nos que devemos amar a Deus *supremamente*;¹⁹ a segunda, que devemos amar a Deus de modo *pleno*. Amar a Deus de maneira suprema significa amá-lo acima de tudo o mais, colocá-lo no pináculo de nossas afeições. “Tu, e tu somente [és] o *primeiro* em meu coração.”²⁰ Deus não tolerará nenhum rival em nossas afeições. Ele há de ser supremo. Amar a Deus de forma plena significa chegar ao limite de nossa capacidade de amá-lo. Qualquer que seja nossa capacidade de amá-lo, de coração, alma, entendimento ou força, devemos dedicar a Deus o nosso tudo.²¹

Essa não é uma distinção desprezível. Criaturas finitas são por natureza incapazes de amar a Deus infinitamente. Mas temos a capacidade natural de amá-lo de maneira suprema e plena.

Podemos colocá-lo no centro de nossas afeições, e valorá-lo com tudo que temos. Nosso pecado e depravação podem impedir-nos de amar a Deus dessa forma, mas nossa existência como criaturas, não.

Ademais, um amor pleno e supremo não nega nosso amor a outras pessoas. O Grande Mandamento (amar a Deus plenamente) leva-nos direto ao segundo maior: amar o próximo como a nós mesmos. Muito mais poderia ser dito, mas por ora basta observar que, de acordo com Jesus, o amor ao próximo não discorda do amor a Deus. Com efeito, o amor ao próximo é a manifestação do amor a Deus quando encontra o próximo.

Creio que este princípio pode estender-se para além do próximo e alcançar todas as outras coisas boas que Deus oferece. Como se parece o amor pleno e supremo a Deus quando encontra uma de suas dádivas? Recepção alegre e desfrute de suas dádivas. O deleite em Eva é como se mostra o amor pleno e supremo quando encontra Eva. Desfrute agradecido dos tacos de peixe é como se mostra o amor supremo a Deus quando come tacos de peixe. Prazer intenso no *softball* da igreja é como se mostra o amor supremo a Deus quando joga *softball*. Deleite nas pessoas e amor às pessoas é como se mostra o amor pleno e supremo a Deus quando encontra pessoas.

Mas podemos dizer mais acerca do chamado bíblico para amar a Deus. Nosso amor a Deus deve ser supremo, pleno e *expansivo*. Paulo ora para que o amor dos filipenses “aumente mais e mais” (Fp 1.9). Paulo ora e ordena que o amor dos tessalonicenses aumente uns para com os outros. “O Senhor vos faça crescer e *aumentar no amor* uns para com os outros e para com todos” (1Ts 3.12). “Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce

sobremaneira, e o vosso *mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando*” (2Ts 1.3). Quanto mais nosso amor por Deus deve aumentar e expandir-se.

Jonathan Edwards expressa sua crença em nossa capacidade crescente de conhecer, amar e gozar a Deus.

Há muitas razões para pensar que o que Deus tem em vista, numa comunicação crescente de si mesmo por toda a eternidade, é um crescente conhecimento de Deus, amor por ele e alegria nele.²²

Conhecimento, amor e alegria sempre crescentes resolvem o problema posto por nossa necessidade de amar a Deus infinitamente devido sua dignidade infinita. A única maneira de uma criatura finita cumprir algum tipo de obrigação infinita é cumpri-la de modo pleno *para sempre*. Em outras palavras, a eternidade pode resolver o problema do amor infinito. Edwards leva-nos nessa direção. Tomando sua dica na oração de Jesus em João 17.21-23, ele defende que nossa união com Deus aumentará e crescerá mais e mais por toda a eternidade. Jesus ora:

Não rogo só por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (Jo 17.20-23)

Aqui está o comentário de Edwards sobre esta passagem notável (vale o esforço de lê-la, então dedique seu tempo):

Deve-se considerar que quanto mais *aumentam* as comunicações divinas na criatura, mais esta se torna una com Deus; pois quanto mais se une a

Deus em amor, mais o coração é atraído para mais e mais perto de Deus, e a união com ele torna-se mais firme e estreita e, ao mesmo tempo, a criatura se torna mais e mais *conformada* a Deus. A imagem é cada vez mais perfeita, e assim o bem que está na criatura sempre chega mais e mais perto de uma identidade com aquela que está em Deus. Portanto, na visão de Deus, que sempre tem uma perspectiva abrangente da união e conformidade crescentes por toda a eternidade, deve ser uma proximidade, conformidade e unidade infinitamente estrita e perfeita. Pois, para todo o sempre, chegará cada vez mais perto dessa exatidão e perfeição de união que há entre o Pai e o Filho. Assim, aos olhos de Deus, que vê perfeitamente o todo, em seu progresso e aumento infinitos, deve chegar a uma realização eminente da exigência de Cristo em João 17.21, 23. *A fim de que todos sejam um*; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade.²³

A citação final de João 17 reforça o que vimos no Capítulo 1 acerca do objetivo de Deus na criação. Deus pretende estender sua habitação pericorética em nós. Estamos sendo introduzidos numa união com Deus que chegará cada vez mais perto da união perfeita do Pai e do Filho. O padrão de nossa união com Deus é a união pericorética do Pai com o Filho (o Pai está no Filho, e o Filho está no Pai). De fato, o objetivo é que estejamos *neles* da mesma forma — o Filho em nós e o Pai no Filho — e que esta união aumente até estar perfeita.

É isso que quer dizer ser criatura: finita, temporal, limitada, mas muito boa, com necessidades atendidas de maneira direta por Deus e pelas dádivas variadas que ele nos dá. Somos sacerdotes, reis e profetas de Deus, e ele dotou-nos generosamente com dádivas além de nossa imaginação, tanto para nosso contentamento sincero quanto para o cumprimento de sua grande e gloriosa missão. Somos valiosos porque Deus nos valoriza, e devemos valorizá-lo conforme seu valor. No entanto, eliminamos toda forma de falsa

culpa que nos condena por ser criaturas e por não conseguir amar a Deus de modo infinito. Ao contrário, nosso amor por Deus deve ser supremo, pleno e expansivo — para sempre.

¹ *Mere Christianity*. New York: HarperCollins, 2009, p. 64.

² *Notas da xícara maluca*. Brasília: Monergismo, 2017, p. 67.

³ Por meio dos escritos de Peter Leithart dei-me conta pela primeira vez da importância teológica profunda de abraçar a finitude. Em seu livro *Deep Comedy* (Moscow: Canon Press, 2006), Leithart dedica atenção à exposição e demolição do que ele chama de “metafísica trágica”. Escreve ele: “Na categoria do ‘trágico metafísico’, [...] também incluo filosofias que tratam a finitude, a temporalidade, a corporeidade e a limitação como *problemas* filosóficos e práticos que devem ser ou transcendidos ou aceitos de má vontade. Qualquer metafísica que trate o “vir a ser” como problema (ou seja, a maioria dos sistemas metafísicos da história) é básica e inerentemente trágico. Tais filosofias são trágicas porque avaliam o mundo como se fosse planejado para frustrar a vida humana e para deter o florescimento humano. São trágicos porque acreditam que o mundo foi planejado para impedir que o homem se realize. A metafísica trágica resulta numa ética trágica que rema contra a maré da condição de criaturalidade, ou com ressentimento, ou com alegria, ou com resignação. O gnosticismo é uma das principais ilustrações da metafísica trágica, pois vê a criação como uma tragédia, se não como uma caricatura. Em última instância, estes sistemas são trágicos porque se recusam a reconhecer o mundo como uma dádiva e a dar graças. São trágicos porque sistematizam o desejo satânico de ser como Deus” (p. 38). O presente livro pode ser visto como uma tentativa de erguer defesas bíblicas e teológicas consideráveis contra qualquer sinal de metafísica trágica e a ética trágica que se lhe segue.

⁴ Ao dizer que a proibição no jardim era temporária, estou sugerindo que Deus sempre tencionou que Adão e Eva comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A proibição foi a parte central da provação de Adão e Eva, o período de teste em que Deus proibiu-os de comer algo deletável e bom para ver se confiavam e obedeciam a Deus sobre todas as coisas. Na Escritura, “o conhecimento do bem e do mal” é uma forma de descrever a sabedoria madura e real. Como escreve William Wilder: “A árvore é uma árvore de *sabedoria*, porque na Bíblia ‘conhecer o bem e o mal’ (ou algo parecido) refere-se ao tipo de discernimento e diferenciação sábios exercidos por adultos maduros e capazes”. “Illumination and Investiture”. *Westminster Theological Journal*, n. 68, 2006, p. 51. Alguns exemplos confirmarão o ponto em questão. Em Gn 3.6, a mulher reconhece que a árvore é “desejável para tornar alguém sábio”. Portanto, no contexto imediato, o autor bíblico vincula o conhecimento do bem e do mal com a sabedoria. Além disso, Dt 1.39 indica que conhecer o bem e o mal é a marca da vida adulta e da maturidade, porque diz especificamente que as criancinhas carecem dela. Em Is 7.16 há uma estrutura similar (“antes que este menino saiba desprezar o mal e escolher o bem”) com a nuance extra de que o conhecimento do bem e do mal envolve diferenciação e discernimento entre os dois. Os textos de 2Sm 14.17 e 14.20 traçam a conexão entre o discernimento do bem e do mal e a sabedoria, uma vez que a mulher tecoíta lisonjeia Davi como alguém semelhante a um anjo de Deus que discerne o bem do mal (14.17) e tem sabedoria (14.20). Ademais, “sua descrição de Davi como ‘semelhante a um anjo de Deus’ lembramos das palavras de Deus a suas hostes angélicas no final de Gn 3: ‘Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal’” (p. 55). Em 1Rs 3.9 Salomão ora: “Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois quem poderia julgar a este grande povo?”. Antes de seu pedido, Salomão descreve-se como uma criança (v. 7), prova de que

o conhecimento do bem e do mal marca adultos maduros. Aliás, Deus responde à oração dando-lhe “um coração sábio e inteligente” (v. 12). Deste modo, vemos a relação entre o conhecimento do bem e do mal e a sabedoria real. Por fim, o autor de Hebreus repreende seus leitores por permanecerem como crianças, meninos na fé, em vez de prosseguirem rumo à maturidade e a tornarem-se mestres “que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não só o bem, mas também o mal” (Hb 5.14). Com base nesses textos, podemos concluir que o conhecimento do bem e do mal é uma metonímia da sabedoria que caracteriza adultos maduros e particularmente os reis. Tal conhecimento não é intrinsecamente pecaminoso, uma vez que tanto Deus como os anjos (Gn 3.22; 2Sm 14.17-20) o possuem. A bondade do conhecimento do bem e do mal sugere que Deus pretendia que Adão e Eva comessem enfim da árvore. John Walton defende que a proibição era uma questão de tempo: “a proibição divina da árvore tinha de levar-nos a concluir que havia algo errado com o que a árvore dava (lembrem-se, tudo que Deus criou era ‘bom’). Em vez de Deus colocar a árvore ali apenas para testar Adão e Eva, é mais coerente com seu caráter compreender que a árvore teria uso no futuro. No devido tempo, o primeiro casal poderia comer dela. Pode-se comparar isso à tentação de Cristo, quando Satanás ofereceu-lhe todos os reinos do mundo se Jesus se prostrasse perante ele (Lc 4.5-7). Não havia nada de errado com o senhorio de Cristo sobre todos os reinos do mundo — era seu destino. A tentação envolvia saltar o processo e o tempo adequados, colhendo-os com meios escusos” (*Genesis*, NIV Application Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 2001, p. 205-6). C. S. Lewis retratou a proibição dessa forma no romance *Perelandra* (New York: Scribner, 2003). [Lançado em português com o título: *Perelandra*. Trad. Waldéa Barcellos (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011)]

⁵ Ressalto o companheirismo humano em geral e não o casamento em particular por crer que esta passagem se refere a mais que à relação entre marido e mulher. O autor bíblico está fundamentalmente falando à centralidade e glória do casamento. Contudo, o casamento não é o único meio de tratar a solidão do homem. Os solteiros não estão sozinhos da forma que esta passagem fala de solidão. Todos nós estabelecemos relacionamentos neste mundo. Nascemos numa família. Mais importante, nascemos *de novo* numa família, a igreja. Deus atende nossa necessidade de companhia humana não só com uma esposa; ele também a supre com amigos, vizinhos, família e seu povo.

⁶ Veja Gregory K. Beale, *We Become What We Worship: A Biblical Theology of Idolatry* (Downers Grove: IVP Academic, 2008), p. 128; Gregory K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2004), p. 66-121. [Lançado em português com o título: Gregory K. Beale, *Você se torna aquilo que adora* (São Paulo: Vida Nova, 2014)]

⁷ Mais provas de que Adão tinha de guardar o jardim se encontram em Gn 3.23, onde o querubim com a espada flamejante substitui Adão como guardião ou protetor (mesma palavra, conforme Gn 2.15) do caminho até a árvore da vida.

⁸ Uma analogia imperfeita desse tipo de valor derivado, mas inerente, pode ser encontrada nas palavras de Jesus a respeito de sua relação com o Pai em Jo 5: “Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo” (v. 26). O Pai tem “vida em si mesmo”, e assim também o Filho. Mas a “vida em si mesmo” do Filho é um dom do Pai. É, em certo sentido, derivado. Ele realmente o tem, mas o tem como dom eterno.

⁹ Mais evidências bíblicas do princípio do cuidado proporcional podem ser encontradas nos

lugares em que Deus nos diz que temos de desejar sua Palavra mais que o ouro refinado (Sl 19.10; cf. Sl 119.72,127; Pv 8.10).

¹⁰ Christopher Wright discute essa escala de valores no código legal de Israel em *Old Testament Ethics for the People of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2004), p. 305-14.

¹¹ “The End for which God Created the World”. In: John Piper, *God’s Passion for His Glory*. Wheaton: Crossway, 1998, p. 141.

¹² *Ibid.*, p. 143.

¹³ *Ibid.*, 141, ênfase do original.

¹⁴ *The End for which God Created the World*. Boston: S. Kneeland, 1765, p. 17-8.

¹⁵ “The End for which God Created the World”. In: Piper, *God’s Passion*, p. 93.

¹⁶ “Let Your Passion Be Single”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/conference-messages/let-your-passion-be-single?lang=en>. Acesso em: 30 de novembro de 2013.

¹⁷ Escolhi minhas palavras com cuidado. Seguindo Edwards, quero afirmar que Deus de fato estima as coisas conforme seu valor, mas não porque está de acordo com algum padrão externo. O princípio da proporcionalidade é *descritivo* com respeito a Deus, não *prescritivo*. Para saber mais sobre esta distinção, v. Walter Schultz, “Jonathan Edwards’s *End of Creation: An Exposition and Defense*”. *Journal of the Evangelical Theological Society* 49/2, 2006, p. 247-71.

¹⁸ Este parágrafo pressupõe uma distinção entre incapacidade natural e incapacidade moral. Incapacidade natural quer dizer a existência de alguma restrição física ou da condição de criatura em mim que me impede de obedecer *mesmo que eu queira*. Incapacidade moral significa a incapacidade de obedecer *precisamente porque* não quero. Quando a Bíblia diz que a mente carnal *não pode* submeter-se à lei de Deus (Rm 8.7), ela refere-se à incapacidade moral. O fato de que somos tão maus que não podemos responder a Deus por nosso próprio esforço não nos absolve da culpa; aumenta-a. Para saber mais sobre esta distinção, v. John Piper, “A Response to J. I. Packer on the So-Called Antinomy Between the Sovereignty of God and Human Responsibility”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/articles/a-response-to-ji-packer-on-the-so-called-antinomy-between-the-sovereignty-of-god-and-human-responsibility>. Acesso em: 18 fev. 2014.

¹⁹ Em sentido técnico, o primeiro dos Dez Mandamentos ordena que adoremos a Deus *exclusivamente*. “Não terás outros deuses diante de mim” quer dizer “nenhum outro deus na minha presença”. Mas, dado que adoramos o que mais amamos, “não terás outros deuses diante de mim” é o mesmo que dizer “nenhum amor acima de mim”. Adorar a Deus com exclusividade significa amar a Deus acima de tudo.

²⁰ Mary E. Byrne, “Be Thou My Vision”, 1905, ênfase acrescentada.

²¹ Para uma abordagem útil do que significa dar a Deus o nosso tudo, v. Jason DeRouchie, “Love God with Your Everything”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/blog/posts/love-god-with-your-everything>. Acesso em: 22 jul. 2014.

²² “The End for Which God Created the World”. In: Piper, *God’s Passion*, p. 159, ênfase acrescentada. Leitores atentos identificarão uma profunda conexão entre esta passagem e a discussão da Trindade no Capítulo 1. O conhecimento crescente de Deus, o amor a Deus e a alegria em Deus nas criaturas é apenas outra forma de descrever como Deus comunica

sua plenitude trinitária.

²³ *Ibid.*, p. 159-61, ênfase do original. Leitores que conhecem o conceito matemático de assíntota captarão com mais facilidade o argumento de Edwards. Uma assíntota descreve a relação entre uma curva e uma linha em que a distância entre a curva e a linha se aproxima de zero uma vez que tende ao infinito. A curva se aproxima mais e mais da linha sem nunca tocá-la. Para Edwards, o céu é isto — a união sempre crescente com o Deus infinito.

A solução evangélica da idolatria

Cada vez que respiramos, cada vez que nosso coração bate, cada dia que o sol nasce, cada momento em que vemos com os olhos, ouvimos com os ouvidos, falamos com a boca ou caminhamos com as pernas é, por ora, uma dádiva gratuita e imerecida dada a pecadores que merecem só o julgamento.

— John Piper

Até este ponto, ignorei em grande medida duas grandes objeções à visão de vida cristã que recomendo neste livro. Sem dúvida, os leitores atentos e cuidadosos têm perguntas prementes desde o Capítulo 1, o tipo de pergunta que traz versículos bíblicos anexados. É hora de enfrentar algumas delas.

A primeira objeção a esta visão do Deus trino, do mundo e dos seres humanos é a realidade gritante do pecado, da rebelião e da idolatria. É bom e desejável celebrar o propósito original de Deus para o ser humano e suas boas dádivas, mas vivemos a leste do Éden, do lado oposto da queda, o lado em que o abuso das boas dádivas de Deus é generalizado e desenfreado. É verdade que o nosso coração é uma fábrica de desejos projetada por Deus, mas o tornamos uma fábrica de ídolos, produzindo com rapidez a falsa adoração como se fosse o nosso trabalho. Somos rebeldes até os dentes, e não recebemos uma única boa dádiva divina sem que a erijamos como um monumento de falsa adoração.

Por causa de nossa pecaminosidade generalizada, a Bíblia contém numerosas advertências e exortações acerca do perigo da criação, do mundo e das dádivas de Deus. Por exemplo:

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente. (1Jo 2.15-17)

Porque Demas, *tendo amado o presente século [mundo]*, me abandonou e se foi para Tessalônica. (2Tm 4.10)

Infiéis, *não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?* Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. (Tg 4.4)

Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. *Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra*; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. (Cl 3.1-3)

A segunda objeção provém de certas passagens absolutistas na Bíblia, passagens que indicam que devemos desejar só a Deus.

*Uma coisa peço ao Senhor,
e a buscarei:
que eu possa morar na Casa do Senhor
todos os dias da minha vida,
para contemplar a beleza do Senhor
e meditar no seu templo. (Sl 27.4)
Quem mais tenho eu no céu?
Não há outro em quem eu me compraza na terra.
Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam,
Deus é a fortaleza do meu coração
e a minha herança para sempre. (Sl 73.25,26)*

A *única* coisa que pedimos é contemplar a beleza de Deus. A *única* coisa que desejamos, assim na terra como no céu, é Deus — a

nossa porção para sempre. Claro, essas passagens exclusivamente teocêntricas são complicadas por outras seções da Escritura:

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, *que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento*. (1Tm 6.17)

Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus. (1Co 3.21-23)

Como, então, devemos relacionar-nos com as dádivas de Deus? Devemos desfrutar de tudo que Deus provê com fartura? Ou devemos desejar só a Deus? A luta com essas perguntas está no cerne da vida cristã fiel.

Dois modos de ver o relacionamento de Deus com suas dádivas

Minha sugestão é que a Bíblia nos fornece dois modos complementares de ver a relação de Deus com suas dádivas. A primeira é uma abordagem comparativa, em que Deus e suas dádivas são separados e colocados próximos um dos outros para determinar o que é mais valioso. Na visão comparativa, colocamos Deus num dos pratos da balança, e as dádivas dele no outro, para ver qual é mais pesado, valioso e glorioso. Quando o fazemos, dizemos com Isaías:

Eis que as nações são consideradas por ele como um pingô que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta. Nem todo o Líbano basta para queimar, nem os seus animais, para um holocausto. Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo. (Is 40.15-17)

Comparada a Deus, toda a criação não é senão pó. Chamada à existência a partir do nada, seu valor, como vimos no último capítulo, não é nada se apartado da valoração dada por Deus. Em seu tratado sobre o propósito último de Deus na criação, Jonathan Edwards pergunta o que um juiz infinitamente sábio determinaria se o criador fosse posto num dos pratos da balança e o resto da criação fosse posto no outro:

Para determinar, então, que medida de consideração deve ser designada ao criador e a todas as suas criaturas tomadas em conjunto, ambos como que devem ser postos na balança; o Ser Supremo, com tudo em si, que é grande, considerável e excelente, há de ser estimado e comparado com tudo que se encontra em toda a criação. E, conforme se verifica que o primeiro prevalece, em tal medida tem de ser considerado. Neste caso, como todo o sistema de seres criados, em comparação com o criador, encontrar-se-ia como o leve pó da balança (que se deve levar em conta, porque pesa), como nada e inexpressivo; então, o árbitro deve determinar conforme o grau em que Deus deve ser considerado por toda existência inteligente, e o grau em que será considerado em tudo que é feito por meio do sistema universal inteiro.¹

Uma vez que todo o sistema da criação é como nada e inexpressivo em comparação com o criador infinitamente glorioso, se estamos pensando de forma comparativa, então devemos *desejar só a Deus* e não suas dádivas. Ele é digno de toda a consideração, todo o valor, amor, deleite e toda a afeição.

Paulo expressa com clareza a abordagem comparativa em Filipenses 3:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o

conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos. (Fp 3.7-11)

Em comparação com o valor do conhecimento de Cristo, todas as vantagens de Paulo — sua origem étnica, educação, seu esforço moral e todas as outras coisas boas — eram reputadas perda e refugo. Em outro lugar, Paulo destaca as vantagens dos judeus (Rm 3.1), faz uso de sua cidadania romana (At 22.25) e, como vimos, louva o gozo das dádivas divinas (1Tm 6.17). Mas, separadas do Deus trino e consideradas isoladamente, são, com efeito, sem valor.

A segunda abordagem é a integrada. Exploramos aspectos dela nos capítulos anteriores, de modo que só os resumirei aqui. Quando amamos a Deus suprema e plenamente, somos capazes de integrar nossa alegria em Deus e em suas dádivas, recebendo as dádivas como raios de sua glória. O amor supremo a Deus orienta nossas afeições, ordena nossos desejos e integra nosso amor. Quando amamos a Deus de maneira suprema, somos livres para amar a criação como criação (e não como Deus). Porque a excelência divina está de fato presente nas dádivas, somos livres para desfrutar delas por causa dele. As dádivas divinas tornam-se vias para desfrutarmos dele, raios da glória que rastreamos até a fonte. Não pomos Deus e suas dádivas em oposição, como se fossem rivais. Ao contrário, nas palavras de Charles Simeon: “Gozamos de Deus em tudo e tudo gozamos em Deus”.² Ou, como orava Agostinho: “Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra criatura, sem amá-la por tua causa”.³

Vidas integradas, testes comparativos

Não basta distinguir esses dois modos de relacionar-nos com Deus e com suas dádivas; também temos de saber relacionar uma abordagem com a outra. Meu argumento, com base na evidência bíblica claríssima da bondade da criação e de sua capacidade de levar-nos mais fundo no conhecimento de Deus, é que a abordagem integrada assemelha-se a como devemos viver a maior parte de nossa vida, e a abordagem comparativa consiste no teste para garantir que conservamos amor pleno e supremo a Deus.

O teste comparativo muitas vezes assume a forma de renúncia e sofrimento. A perda das boas dádivas, se renunciadas de boa vontade por causa do amor ou perdidas com dor nalguma tragédia, é uma prova de onde verdadeiramente está nosso tesouro (mais sobre o assunto nos Capítulos 8-10). O problema aparece quando nos tornamos “testadores” permanentes, recusando-nos a receber tudo que Deus com fartura nos proporciona por medo de cometer idolatria.

Talvez uma ilustração ajude a esclarecer a distinção. Minha sobremesa favorita é bolo crocante de abóbora, um prazer de outono que minha esposa faz. É o tipo de sobremesa que pode substituir uma refeição — café da manhã, almoço ou jantar. Normalmente, sou uma pessoa generosa quando se trata de compartilhar o que é meu, mas o bolo crocante de abóbora é uma exceção. As palavras “arrume um para você” vêm-me à mente.

Ora, ao elogiar a doçura do recheio de abóbora, a textura da cobertura ou a crocância das nozes misturando-se, é possível que eu viesse a amar a sobremesa mais do que minha esposa. Minha esposa e o bolo podiam ser rivais, competindo por minha afeição. Entretanto, doce *versus* esposa não é a única opção. Se meu prazer no bolo é real, profundo e satisfatório, e se me leva ao louvor de minha esposa, ao apreço por seu esforço e a atos de amor (como

lavar a louça), então meu amor ao bolo não é uma ameaça ao meu amor por ela. Ela quer que eu desfrute da delícia da abóbora; por isso ela o fez! De fato, meu prazer na sobremesa serve e aumenta meu amor a ela. Desfrutar de um não elimina o outro; ao contrário, sobrepõem-se e habitam-se mutuamente um no outro (olha aí a pericorese de novo), e minha esposa é honrada como fantástica cozinheira e esposa maravilhosa enquanto gozo de sua criação culinária.

Assim, quando confrontados com dádivas extraordinárias, é adequado periodicamente comparar o amor às dádivas com o amor ao doador. É bom lembrar que o doador — Deus — é supremo. Mas, uma vez estabelecida a supremacia do doador, a resposta correta e adequada é mergulhar de novo no bolo de abóbora crocante e desfrutar dele até a última mordida.

Onde temos de pôr nossa mente?

Este movimento — do teste comparativo à vida integrada — é precisamente como resolveremos a tensão criada pelas passagens bíblicas que nos ordenam não colocar a mente nas coisas da terra. Na introdução, destaquei Colossenses 3.1-4 e Filipenses 3.19 como duas dessas passagens. Agora temos condições de analisá-las de modo mais completo.

Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória. (Cl 3.1-4)

Dada a realidade objetiva de que Deus nos uniu ao Cristo ressurreto, como devemos viver? O que devemos buscar? Onde

devemos colocar nossa mente? “Nas coisas lá do alto, *não* nas que são aqui da terra.” Coisas celestiais. Coisas do alto. Coisas santas. Não coisas terrenas. Mas há uma pergunta fundamental: nesta passagem, o que são coisas terrenas? O versículo seguinte nos diz:

Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus [sobre os filhos da desobediência]. (Cl 3.5,6)

Terreno, aqui, quer dizer algo como “pecaminoso” ou “carnal”. Refere-se à idolatria e a todos os atos de rebelião dela provenientes. A chave para compreender o que Paulo quer dizer talvez resida na palavra traduzida como “pensai”, “pôr a sua mente”. É a palavra grega *phroneo*, que quer dizer dirigir a máxima atenção e afeição a algo. Quando põe a sua mente em algo, você orienta sua vida por isso. Sua atitude mental guia e governa tudo que você faz em pensamentos, palavras e obras.

Portanto, pôr a mente nas coisas de baixo representa elevar as dádivas acima do doador.⁴ É ter a vida orientada por algo que não o Deus trino. Em essência, isso significa ser reprovado no teste comparativo. Todavia, uma vez eliminadas essas coisas pecaminosas, uma vez posta a mente em Cristo, que está nos céus, o que devemos fazer? Em outras palavras, em que consiste uma atitude mental celestial?

As exortações de Paulo no restante da epístola aos Colossenses oferecem um lindo retrato: Revestir-se de humildade e mansidão como de um manto (3.12); ser paciente e perdoar mutuamente (v. 13); mostrar amor e vê-lo como uma sinfonia (v. 14); entronizar a paz no coração; ser grato (v. 15). Deixar as Escrituras fazerem morada em sua alma. Ensiná-las e cantá-las uns aos outros com

gratidão no coração (v. 16); fazer tudo em nome de Jesus. E eu já disse dar graças a Deus (v. 17)?

Esposas, sejam submissas ao próprio marido (v. 18); maridos, amem sua esposa (v. 19). Filhos, obedeçam a seus pais; isso agrada a Deus (v. 20). Pais, não provoquem seus filhos; isso não agrada a Deus (v. 21).

Você está sob autoridade? Então obedeça a seus superiores com singeleza de coração porque teme ao Senhor (v. 22). Faça o seu trabalho com entusiasmo, porque Deus o recompensará (v. 23,24). Está em posição de autoridade? Então trate seus subordinados com justiça e equidade, porque você tem um chefe no céu (4.1). Ore sem cessar. E, sério, eu já mencionei ser grato (v. 2)? Ore para que os missionários sejam frutíferos e ousados (v. 3,4). Mostre ao mundo como anda o sábio ao tomar o tempo do diabo (v. 5). Use uma linguagem temperada com sal, do tipo agradável (v. 6).

A mente que se volta para as coisas do alto gasta uma porção impressionante de tempo pensando nas coisas da terra. Família, vizinhos, igreja, trabalho, responsabilidades terrenas — a pessoa governada pelas coisas celestiais pensa nelas de forma deliberada e intencional e se envolve com elas. A atitude mental celestial é profundamente terrena, mas fundamentalmente orientada pela glória de Cristo.

Assim, em Colossenses 3 e 4, Paulo nos ensina que não devemos orientar nossa vida pelas coisas da terra. Isso é idolatria e dá origem a todo tipo de pecado. Ao contrário, devemos orientar nossa vida pelas coisas do alto, por Cristo, pela esperança da glória. Mas, uma vez que orientamos nossa vida por Cristo, então dedicamos tempo e atenção consideráveis à vida no mundo e ao envolvimento com as coisas da terra. Colocamos nossa mente nas coisas do alto e então vivemos vidas terrenas integradas.

Objetivamos amar a Deus suprema e plenamente, e então amamos nosso próximo como a nós mesmos, como expressão de nosso amor mais elevado. Como resultado, nossa vida é permeada por gratidão, música, verdade e por todas as bênçãos governadas pelas afeições postas em Cristo, que está no céu assentado à destra do pai.

Considerando as coisas da terra a partir de uma atitude mental celestial

Vemos este mesmo padrão na carta de Paulo aos filipenses. No final de Filipenses 3, Paulo nos encoraja a seguir seu exemplo e o exemplo daqueles semelhantes a ele. Explica isso ao contrastar sua própria vida com a dos que “caminham como inimigos da cruz de Cristo” (v. 18). Descreve-os como os governados pelos próprios apetites (“o deus deles é o ventre”) e cuja mente é posta nas coisas terrenas (v. 19). Paulo mais uma vez usa a palavra *phroneo* para descrever essa orientação fundamental da vida.

Já vimos que Paulo passa no teste comparativo em Filipenses 3. Sua vida é orientada e governada pela sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus. Sua mente está posta em Cristo e, portanto, tudo o mais é lixo, para falar em termos comparativos. Este é o exemplo que ele nos manda seguir.

Surpreendentemente, no entanto, até mesmo aqui em Filipenses, ele não nos deixa apenas com a abordagem comparativa. Em Filipenses 4, exorta-nos a alegrar-nos no Senhor (v. 4) e a orar com ações de graças (v. 6). Mas esta exortação final expressa de maneira maravilhosa a vida integrada que flui do coração e da mente que está posta em Cristo:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa

fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento [“nisso pensai”, em outra tradução]. (v. 8)

Paulo ordena que pensemos no bem, na verdade e na beleza onde quer que a encontremos. A palavra traduzida por “pensar” é *logizomai* e geralmente quer dizer “considerar” ou “observar”. Montando o quadro completo, devemos pôr nossa mente (*phroneo*) e orientar nossas afeições pelas coisas do alto, por Cristo, e não pelas coisas da terra. Mas, com a supremacia de Deus estabelecida com firmeza em nosso coração, passamos então a considerar (*logizomai*), pensar e envolver-nos em tudo que é verdadeiro, honrado e puro que Deus criou. *Pomos nossa mente* nas coisas do alto e então *consideramos* o que é bom e amável nas coisas de baixo.⁵ O mundo está repleto de coisas excelentes e dignas de louvor, e Paulo nos faz prestar atenção a elas, uma vez que tenhamos o coração e a mente que recebem sua orientação fundamental a partir de Cristo nas alturas.

De volta à idolatria

Agora estamos em condições de enfrentar o problema do pecado humano e da idolatria. A idolatria começa pela falsa separação entre dádiva e doador. Em vez de uma comparação momentânea para testar nossas afeições, a idolatria consiste na separação permanente por causa da falsa adoração. Deus divide as coisas a fim de reuni-las com glória. Céu e terra, homem e mulher, a glória trinitária e seus raios criados — todas essas coisas estão separadas a fim de promover uma união mais perfeita e gloriosa.

No entanto, o pecado apenas separa. Divide para destruir. Rasga em pedaços e deixa os retalhos espalhados pelo chão. A separação entre dádiva e doador arruína nosso gozo de ambos. Lewis gostava de observar que, se pusermos as primeiras coisas em primeiro

lugar, teremos as segundas a seguir. Se pusermos as segundas em primeiro lugar, perdemos ambas. A idolatria é loucura justamente porque arruína o gozo da dádiva que transformamos num deus.

Romanos 1 é a passagem paradigmática nas Escrituras acerca da idolatria. É uma das razões fundamentais por que sou cristão, uma vez que descreve e dissecou meu próprio coração e o mundo ao meu redor com uma clareza pungente. É uma daquelas passagens que só proclama a verdade:

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! (v. 18-25)

A ira de Deus cai sobre os iníquos porque suprimem o óbvio. O mundo ressoa a excelência de Deus, testemunhando sua realidade gloriosa. O mundo criado torna visíveis os atributos do Deus invisível. Não são apenas irresistivelmente exibidos no que Deus criou, são *percebidos* com clareza pelos seres humanos. Deus nos os mostrou; portanto, estão evidentes para nós, de modo que não temos desculpa para nossa rebelião.

Há dois grandes pecados em ação no mundo e nos corações humanos: a idolatria e a ingratidão. Recusamo-nos a honrar a Deus como Deus, e recusamo-nos a dizer “obrigado” pela fartura de bondade e benevolência que ele derrama sobre nós. Em vez de agradecer, transformamos as dádivas divinas num deus, tomando uma coisa boa como uma coisa suprema.⁶ Envolvemo-nos numa série de negócios, trocando a glória de Deus por imagens e a verdade de Deus por uma mentira.

A resposta de Deus é dar-nos exatamente o que queremos, entregando-nos à nossa mente fútil e ao nosso coração lascivo. Ele permite que façamos essa troca tenebrosa, de modo que agora trocamos as relações naturais pelas antinaturais, uma vez que estamos cheios de todo tipo de maldade, insensatez e pecado. Tendo sido oferecida a glória divina nas dádivas divinas e por meio dessas mesmas dádivas, adoramos e servimos à criação e caímos na devassidão, na desobediência e na destruição.

Jonathan Edwards viu os efeitos destrutivos desta troca idólatra com mais clareza que ninguém. Poucas passagens moldaram minha visão do pecado mais do que a seguinte, tomada do sermão “The Spirit of Charity: the Opposite of a Selfish Spirit” [“O Espírito da caridade: o contrário de um espírito egoísta”]. Eu o desmembrei para uma compreensão mais clara.

A ruína que a queda trouxe sobre a alma do homem consiste em grande medida na perda dos princípios mais nobres e benevolentes de sua natureza e na queda completa sob o poder e domínio do amor-próprio. Antes, e conforme a criação de Deus, ele era sublime, nobre e generoso; agora é degradado, ignóbil e egoísta. Logo após a queda, a mente do homem decaiu de sua grandeza e expansividade primitivas na excessiva pequenez e restrição; também em outros aspectos, mas em especial neste. Antes, sua alma estava sob o governo do princípio nobre do amor divino, de onde se expandia para a compreensão de todas as criaturas e seu bem-

estar. E não só isso, mas estava confinada em limites tão estreitos como as fronteiras da criação, e circulava por um oceano infinito de bondade, e era, por assim dizer, tragado por ele e tornava-se um com ele.⁷

Antes da queda, o homem era sublime, nobre e generoso. Governado pelo amor supremo a Deus, seu coração era grande, largo e expansivo, de modo que podia aceitar tudo de Deus e tudo das demais criaturas e seu bem-estar. Era capaz de receber e desfrutar de tudo que Deus lhe provia.

Mas tão logo transgrediu contra Deus, esses princípios nobres perderam-se de imediato, e toda essa grandeza da alma do homem esvaiu-se; a partir de então, ele mesmo afundou, por assim dizer, num espaço pequeno, circunscrito e estreitamente cerrado dentro de si mesmo para excluir todas as demais coisas. O pecado, como um poderoso adstringente, contraiu sua alma às dimensões pequeníssimas do egoísmo; Deus foi abandonado, as criaturas foram esquecidas, o homem recolheu-se a si mesmo e tornou-se governado de modo total por princípios e sentimentos estreitos e egoístas. O amor próprio tornou-se senhor absoluto de sua alma, e os princípios mais nobres e espirituais de seu ser criaram asas e saíram voando.⁸

O pecado do homem encolheu sua alma. Seu coração murchou-se e contraiu-se sob a influência daquele poder adstringente. Sua capacidade de conhecer, amar e gozar a Deus e sua capacidade de conhecer, amar e gozar toda a criação por causa de Deus perderam-se irremediavelmente. Alcançou o fruto proibido, mas perdeu a alma, e com ela a capacidade de desfrutar de maneira plena e honesta das coisas.

Lidando com a idolatria

Deste modo, o cerne da idolatria é que recebemos a criação não como dádiva, mas como um deus. Colocamos o criador e sua criação na escala de valores e adoramos as dádivas e não o doador. A criação, em vez de ser um meio de gozar do criador, torna-se seu

rival. Tornamo-nos obcecados e extasiados pelas boas dádivas de Deus, buscando nelas algo que jamais seremos capazes de encontrar. Sexo, comida, reconhecimento, riqueza, família, amigos, trabalho, natureza, governo — todas essas coisas tornam-se rivais de Deus. A potência e o prazer presentes no mundo, apartados de sua vibrante conexão com a origem trina, tornam-se inimigos de Deus e nossa morte. Seu poder e capacidade de deleitar-nos permanecem, mas agora nos levam ladeira abaixo rumo à perdição.

O potencial idólatra das boas dádivas divinas permanece mesmo depois que nascemos de novo. As advertências contra a falsa adoração e contra o mundanismo no Novo Testamento dão ampla evidência do perigo permanente da idolatria para os cristãos. E quanto mais maravilhosa a dádiva, maior o perigo.

Dada a persistência desta ameaça à verdadeira adoração, uma forma de tratar da idolatria é buscar podar a criação, segurá-la de maneira hesitante como uma batata quente e desconfiar de suas delícias e prazeres. Reconhecemos a potência das dádivas de Deus, então pisamos levemente, tocando a superfície e recusando-nos a mergulhar no oceano dos prazeres terrenos.

Essa desconfiança da criação pode crescer e tornar-se uma rejeição completa da criação, um chamado à abstinência total das dádivas divinas (ou pelo menos de certas dádivas, em geral as centradas nos prazeres corporais). Paulo descreve sem rodeios esse tipo de ascetismo em Colossenses 2:

Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e

de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade. (v. 20-23)

Buscar a santidade rejeitando os prazeres criados parece sábio. A religião ascética e a severidade para com o corpo podem impressionar muita gente. Mas seu valor em promover a piedade é nulo. A razão deve ser óbvia: o pecado não está nas coisas. O pecado reside no coração humano, e podar a criação só faz de nós idólatras podados. Substituímos os pecados da indulgência pelos pecados do ascetismo, mas reorganizar as cadeiras no convés do Titanic não altera o rumo do navio. A carne ainda dirige o barco, e a verdadeira correção de rota requererá algo mais fundamental que a rejeição das dádivas divinas.

A acusação de Paulo desta abordagem da santidade é ainda mais forte em 1 Timóteo 4:

Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência. (v. 1,2)

Obedientes a espíritos enganadores. Adeptos de ensinos demoníacos. Crentes em mentiras de seres cuja consciência está cauterizada. Parece terrível, certo? Poderia haver sacrifícios de sangue de bodes e galinhas envolvidos? Talvez prostitutas rituais e tomar veneno? O que exatamente diziam essas doutrinas falsas e demoníacas?

... que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado. (v. 3-5)

Proibição de casamentos (presumivelmente por causa da intimidade física envolvida). Rejeição de alimentos. Isso, diz Paulo, é demoníaco. Por quê? Porque, como escreveu João Calvino, “ao menosprezar as dádivas, insultamos o Doador”.⁹ Deus fez o *steak* de frango frito, salada caesar, purê de batata, lagosta fervida, pãozinhos, morangos orgânicos, Big Macs, manjerição fresco e bolinhos Ana Maria para serem recebidos com gratidão por quem abraça a verdade.¹⁰ Cada mordida é boa, e nada deve ser rejeitado, uma vez que a ação de graças, as Escrituras e a oração estão de alguma forma envolvidas na santificação delas (mais sobre isso no próximo capítulo).¹¹

O esquema demoníaco descrito por Paulo nesta passagem existe desde que o mundo é mundo. Os demônios adoram retratar a Deus como um avaro. No último capítulo, vimos que Deus aprovava que Adão e Eva desfrutassem de todas as árvores do jardim, com exceção de uma. Um *não* num mundo cheio de *sins*. Mas quando abordou Eva, Satanás virou essa realidade de cabeça para baixo. “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3.1). Um não se torna uma restrição universal. Na boca da serpente, Deus não é um pai, mas um proibidor, um estraga-prazeres cósmico que cria prazeres e então lhes nega a satisfação.¹² A marca da teologia mentirosa da serpente é a rejeição e o ascetismo, e Paulo ensina que não vimos o fim de tais doutrinas enganosas. É esse o motivo por que ele encoraja Timóteo a colocar tais advertências e aprovações diante do povo. Os cristãos precisam ser lembrados da bondade da criação e de que Deus aprova nossa alegria. Caso contrário, cremos nas mentiras do diabo e sucumbimos à culpa a cada vez que deparamos com as coisas da terra.

Examinando em nós mesmos as sementes de falsa culpa

Não podemos resolver o problema do pecado e da idolatria rejeitando por completo as dádivas. Se assim o fizermos, apenas deixaremos de ser idólatras sensuais para tornar-nos lacaios insensatos do diabo. Mas a maioria de nós não está em vias de tornar-se eremita no deserto, longe de todas as tentações possíveis para satisfazer nossos apetites. Não temos interesse em tornar-nos monges e, portanto, as advertências nessas duas passagens não atingem o alvo.

Entretanto, enquanto podemos não fazer os votos de celibato ou renunciar a todo o alimento exceto o pão mofado, pergunto-me se não adotamos uma forma mais sutil e insidiosa da mesma mentalidade. Ainda desfrutamos de nosso hambúrguer com batatas fritas, mas o fazemos com relutância e talvez com uma pitada de culpa (sobretudo se realmente estiver gostoso). Podemos não ser monges de verdade, mas adotamos algum tipo de padrão monástico, e então, porque fracassamos em cumpri-los, sofremos daquela culpa que nos empesteia como... a peste?

Se uma rejeição da bondade divina na criação é demoníaca, então não pode haver formas mais sutis desta tentação, esquemas do diabo que não devemos ignorar? Faça a si mesmo as seguintes perguntas e investigue as razões de suas respostas:

1. Tenho um sentimento de culpa porque desfrutei de prazeres terrenos legítimos?
2. Essa culpa está relacionada a uma atitude ou ação pecaminosa particular, concreta? Ou está arraigada num vago senso de que não estou gozando de Deus “o bastante” (o que quer que isso queira dizer) ou de que estou gozando “demais” de suas dádivas?
3. Tento remover da criação as dádivas divinas por temer a idolatria, com receio de que meu amor a elas exceda minha afeição a ele?

4. Desconfio em excesso das coisas criadas, olhando para meu deleite no sorvete ou nos dias ensolarados de primavera e abraços de minha esposa com um olhar desconfiado e cético, perpetuamente incerto se são preciosos demais para mim?
5. Tenho a sensação de que, conforme progido em santidade, meu prazer nas framboesas frescas, em fazer trilha nas montanhas e numa tarde de jogos e risadas com velhos amigos devem diminuir porque me torno cada vez mais satisfeito só com Deus?
6. Considero certas atividades, como oração, adoração e leitura bíblica inerentemente mais santas e virtuosas que outras atividades como fazer meu trabalho, ouvir música ou tirar uma soneca?

Meu ponto *não* é que você não deve preocupar-se com o perigo da idolatria. Longe disso. As boas dádivas realmente podem tornar-se distrações que nos afastam da comunhão com Deus. A idolatria não é um jogo; é uma realidade suicida que destrói a alma e desperta a ira do Deus zeloso. Minha preocupação é que, em geral, podar as dádivas, rejeitar as coisas e reprimir nosso deleite nas coisas criadas, na verdade impede nosso crescimento em graça e nossa capacidade de resistir aos atrativos das mentiras do diabo. Há um lugar crucial para a renúncia e a negação de si na vida cristã, mas antes de chegarmos a ele (no Capítulo 9), temos de reconhecer que nosso problema do pecado é muito mais profundo do que a glória das dádivas de Deus.

Felizmente, o evangelho nos mostra um caminho melhor.

A hora certa de rejeitar a plenitude do Senhor

Antes de olharmos para a resposta evangélica à idolatria, é importante notar um tipo de situação em que abster-se de uma das dádivas divinas é absolutamente necessário. Em 1 Coríntios 8-10, Paulo trata da questão da possibilidade de os cristãos comerem

carne sacrificada a um ídolo pagão. O ritual pagão contamina a comida, tornando-a impura e inadequada para que os santos a comam?

A resposta de Paulo é um enfático não! Diz ele:

Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência; porque do Senhor é a terra e a sua plenitude. Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir, comei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência. (1Co 10.25-27)

Coma tudo que lhe é oferecido porque tudo pertence a Deus. Como observou Paulo antes em sua carta, os ídolos não são nada (8.4) e, portanto, não têm verdadeira capacidade de reivindicar o que foi criado por Deus Pai e pelo Senhor Jesus Cristo (v. 5). Assim, “não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos” (v. 8).

Contudo, apesar da carta branca para comer o que quer que seja servido, Paulo vê duas circunstâncias em que a abstenção não só é incentivada, mas requerida. Primeiro, se, como resultado de uma associação prévia com um estilo de vida idólatra, você não consegue desconectar a boa dádiva da prática do mal, então deve abster-se por causa de sua consciência (v. 7). Manter as dádivas à distância é adequado quando um cristão tem uma fraqueza particular, uma área particular de imaturidade teológica ou moral. Tais fronteiras artificiais são sabedoria para os fracos.

Obviamente, o propósito de Deus é que os fracos fortaleçam-se em graça e em maturidade, internalizando seus padrões, comendo e digerindo-os de modo que sejam escritos com profundidade em seu coração e assim liberte-nos para celebrar o Senhor e toda a sua plenitude. Entretanto, nesse ínterim (e este pode ser uma vida

inteira), pode haver circunstâncias em que um irmão mais fraco não deve comer certos alimentos, beber certas bebidas, ouvir certos tipos de música, ou gozar de algum outro prazer legítimo porque em seu coração o bem criado está ligado demais a algo mau e idólatra.

A segunda circunstância decorre da primeira. Um irmão mais forte, plenamente convencido da legitimidade de gozar de toda a criação com gratidão a Deus deve, de boa vontade, abrir mão do direito de participar de algo bom se sabe que esta participação contribuirá para corromper um irmão de consciência mais fraca (8.10-13; 10.28-30). Portanto, as duas coisas que podem, em circunstâncias específicas, falar mais alto que o gozo de prazeres legítimos, dados por Deus, são a preocupação com a integridade da própria consciência e o amor sincero e sacrificial ao irmão mais fraco.

O evangelho, a criação e a idolatria

Deixando de lado essas circunstâncias particulares, voltamos agora a ver como o evangelho trata do desafio da criação, uma vez que somos criaturas finitas num mundo repleto de dádivas e pecadores rebeldes num mundo repleto de potenciais ídolos.

Em primeiro lugar, a encarnação de Jesus Cristo é o maior endosso da bondade permanente da criação e de sua capacidade de amplificação, transformação e glorificação. “Nele habita *corporalmente* a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Jesus não veio libertar-nos de nossa existência terrena. Não nasceu para livrar-nos das realidades físicas e sensíveis. Ele veio para destruir as obras do diabo, uma das quais (como diz Paulo) é a insinuação de que a boa criação divina está irremediável e irredimivelmente corrompida.

Em segundo lugar, Jesus triunfa onde Adão fracassa. Ele é o homem verdadeiro e, de modo diferente do primeiro homem,

levanta-se contra as mentiras do dragão. Resiste aos encantos da serpente e sai da tentação no deserto cheio do Espírito e pronto para iniciar a invasão de Canaã. Adão era o cabeça da raça humana, e sua falta afetou todos os seus descendentes, lançando-os na culpa legal, na corrupção do pecado e na impiedade. Jesus, como o cabeça da nova humanidade, passa no teste e demonstra o significado de ser plenamente humano. Sua vida de fidelidade e de amor pleno, supremo e expansivo a Deus é essencial para a salvação dos pecadores.

Em terceiro lugar, na cruz, Cristo atraiu para si toda a nossa idolatria e ingratidão, toda a nossa troca de glória e pecado, todo a nossa culpa e rebeldia, e tragou-os integralmente. Tragou-os ao permitir que a morte o tragasse. Cristo é crucificado a fim de que sejamos crucificados com ele (Gl 2.20), para que o mundo esteja crucificado para nós (Gl 6.14). Quando Jesus morreu na cruz, todos os que estavam unidos a ele pela fé morreram para o velho modo de ser humano, separando as dádivas do doador e adorando e servindo às criaturas em lugar do criador.

Morremos para o mundo pela cruz de Cristo a fim de que pudéssemos viver de novo pela fé no Filho de Deus, que nos amou e se deu por nós. Ele morreu para que pudéssemos viver e para que nosso gozo em Deus e em suas dádivas fosse uma glória, uma exultação e um orgulho na cruz (Gl 6.14).¹³

Em quarto lugar, a ressurreição de Jesus dentre os mortos é a transformação de sua humanidade, a transição em sua experiência de viver como ser humano “segundo a carne” (Rm 1.4) para tornar-se um ser humano glorificado segundo o Espírito. O corpo natural, humano, mortal de Jesus foi semeado em desonra, em fraqueza. E brotou imortal, em glória, em poder, como corpo espiritual, ou seja,

como um corpo físico transformado e animado pelo Espírito de Deus (1Co 15.42-44).¹⁴

Imagine a cena no túmulo de Jesus naquela manhã gloriosa. Como seu corpo dilacerado jazia ali, preenchendo a pequena cova com o fedor da morte; num momento, num piscar de olhos, o Espírito do Deus vivo irrompeu naquele espaço de corrupção e aconteceu algo nunca antes visto na história da humanidade. Um novo tipo de vida deu vigor e transformou o corpo carnal de Jesus de Nazaré. Era mais que a criação a partir do nada; era a criação a partir da morte. Naquele momento, Deus inaugurou sua nova criação. Naquele momento, a vida, o poder e a glória da era por vir invadiram a presente era de pecado, de carne e de morte. Naquele momento, a humanidade foi transformada para sempre. Havia agora uma nova forma de ser homem.

Em quinto lugar, depois da ressurreição, ele caminhou com os discípulos. Mostrou-lhes as feridas. Partiu o pão e comeu peixe com eles. E então ascendeu aos céus no corpo glorificado e ressurreto para habitar para sempre com Deus. Há um homem no trono do universo. O mediador entre Deus e o homem é “Jesus Cristo, *homem*” (1Tm 2.5). Plenamente homem, plenamente Deus, plenamente glorificado. A ressurreição e a ascensão de Jesus num corpo humano, físico, real, não proclama apenas que a criação é boa, mas também que é passível de ser glorificada. O físico é agora de forma profunda e irrevogável espiritual.

Em sexto lugar, pela pregação do evangelho, pecadores cegos em sentido espiritual são despertados para a glória de Cristo no evangelho e para a glória de Cristo em tudo o mais. Considerando que em nosso estado caído suprimimos propositalmente a verdade e, portanto, estamos limitados para ver apenas a realidade criada, quando nascemos de novo, nossos olhos se abrem para que

vejamos agora, além das coisas criadas, a glória divina que vem delas e por meio delas. Somos libertos de nossa escravidão idólatra às coisas criadas para que possamos agora gozar das coisas criadas com liberdade e alegria como imagens, ecos e fachos sensíveis da glória divina que elas são de fato.

Em sétimo lugar, como Jesus, nossa última esperança não é a existência desencarnada e imaterial num reino invisível. Procuramos, esperamos e anelamos pela ressurreição dos mortos e libertação da criação das amarras da queda. A própria criação geme enquanto anseia obter a liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8.19-21). Nosso destino final é a ressurreição do corpo físico, mas transformado, num novo céu e numa nova terra. O céu é terreno, e embora não possamos compreender plenamente o que Deus preparou para nós, podemos, pelo Espírito de Deus, por meio das Escrituras e das dádivas de Deus, ter um vislumbre da bondade e do poder da era por vir.

Mais uma vez, C. S. Lewis compreende com toda a precisão:

Retroceder de tudo que pode ser chamado Natureza em direção a uma espiritualidade negativa é como fugir dos cavalos, em vez de aprender a montar. Em nossa atual condição de peregrinos, existe espaço suficiente (mais do que a maioria de nós aprecia) para a abstinência e para a renúncia, como para a mortificação dos desejos naturais. Por trás de todo esse ascetismo, porém, a ideia deve ser: “se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas? Quem me confiará um corpo espiritual, se não posso controlar sequer um corpo terreno? Esse corpo terreno e perecível que temos agora foi-nos dado como os pôneis são dados aos meninos. Devemos aprender a manejá-los, não porque algum dia iremos nos livrar completamente dos cavalos, mas para que possamos um dia montar sem sela, confiantes e alegres, aquelas montarias maiores, aqueles animais alados e brilhantes que fazem tremer o mundo. É provável que estes agora mesmo estejam nos esperando com impaciência, escavando o chão e resfolegando nos estábulos do Rei. Não que o galope valesse alguma

coisa, a não ser na companhia dele. De que outro modo, entretanto, já que ele manteve preso seu próprio cavalo de guerra, poderíamos acompanhá-lo?¹⁵

Então esta é a maneira evangélica de lidar com a idolatria. Sim, há renúncia, mas o ápice e o objetivo do evangelho consistem na restauração da totalidade do ser humano, incluindo nosso compromisso com Deus e suas dádivas magnificentes. E essa restauração das alegrias criadas no céu reverbera em nosso deleite agora. Em todo o nosso deleite das dádivas gloriosas de Deus, nosso coração ecoa com o conhecimento de que o melhor está por vir.

Deus nos chama a amá-lo suma, plena e expansivamente. Ele almeja alimentar nossa alma para podermos receber mais de sua glória e plenitude. E uma das principais maneiras com que ele faz isso é por meio da graça divina e da glória mediada a nós por suas dádivas. Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do Pai das Luzes (Tg 1.17). Deus sabe como dar boas dádivas a seus filhos (Mt 7.11).

Mas essas dádivas são perigosas, e a ameaça da idolatria é real, de modo que dizemos com Agostinho:

Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra criatura, sem amá-la por tua causa.

Porque essas dádivas são real e verdadeiramente facho criados da glória divina, projetados por Deus e restaurados em Cristo como os meios necessários para crescermos em amor e deleite em Deus, acrescentamos um adendo, uma continuação da profunda confissão de Agostinho:

Pouco te ama aquele que não goza de tuas dádivas, dádivas que nos deste para expandir nossa mente, alargar nosso coração, enriquecer nossa alma

e aumentar nossa força, a fim de que possamos amar-te plena e supremamente e cada vez mais para todo o sempre.

¹ “The End for which God Created the World”. In: John Piper, *God’s Passion for His Glory*. Wheaton: Crossway, 1998, p. 143.

² Hugh Evan Hopkins, *Charles Simeon of Cambridge*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 203.

³ *The Confessions of St. Augustine*. In: *Documents of the Christian Church*. Henry Bettenson, org. London: Oxford University Press, 1967, p. 54. [Lançado em português com o título: *Documentos da Igreja Cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon (São Paulo: ASTE, 1998)]

⁴ Dante Alighieri retrata precisamente este tipo de idolatria e mentalidade na descrição do sofrimento purificador dos gananciosos e avaros no *Purgatório* 19.118-23: “Pois quando a vista nossa não se terça / Ao alto, e às cousas terrenais se atém, / Assim justiça a abaixa em terra imersa. / Pois gastou avareza em qualquer bem / O nosso amor, que obrar assim despreza, / Assim justiça aqui estreitas o tem” (*A divina comédia*. Trad. Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2011, p. 469). O avaro fixou os olhos nas coisas da terra e nunca buscou as coisas do alto. Como resultado, avareza e cobiça destruíram o amor de todas as coisas. Como gosta de lembrar-nos C. S. Lewis: “Se você puser as primeiras coisas em primeiro lugar, as coisas secundárias lhe serão acrescentadas. Se puser as coisas secundárias em primeiro lugar, você perderá as primeiras coisas e as segundas” (“Letter to Dom Bede Griffiths”. In: *Collected Letters of C. S. Lewis*. Walter Hooper, org. New York: HarperCollins, 2009, vol. 3, p. 228). Volte a mente para o alto e receberá também as coisas boas de baixo. Volte a mente para baixo, e todas as coisas boas se tornarão giz na sua boca.

⁵ Sou grato a meu amigo David Mathis por chamar minha atenção a essas passagens, especialmente para as diferenças entre *phroneo* e *logizomai*.

⁶ Esta é a definição de idolatria dada por Timothy Keller no livro *Counterfeit Gods: The Empty Promises of Money, Sex, and Power, and the Only Hope That Matters* (New York: Dutton, 2009). [Lançado em português com o título: *Deuses Falsos*. 2. ed. (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2016)]

⁷ *Charity and Its Fruits*. Carlisle, PA: Banner of Truth, 2005, p. 157-8. [Lançado em português com o título: *A caridade e seus frutos*. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2015]

⁸ *Ibid.*

⁹ *Institutes of the Christian Religion*. Trad. Henry Beveridge, org. Peabody, MA: Hendrickson, 2008, 2.2.15. Nesta passagem, Calvino está especialmente elogiando o estudo das artes liberais, incluindo os escritos pagãos. Ecoando Fp 4.8, ele diz: “declaramos que seja louvável ou notável algo que não reconheçamos proveniente de Deus?” (*Ibid.*) (*A instituição da religião cristã*. Trad. Carlos Eduardo Oliveira et al. São Paulo: Unesp, 2008, p. 256). Em outro lugar, ele exorta-nos a debruçar-nos nas obras de Deus de modo que vejamos seus atributos refletidos nelas como espelho: “Decerto, se quiséssemos, por dignidade, explicar o quanto reluzem na composição do mundo a inestimável sabedoria, potência, justiça e bondade de Deus, não haveria nenhuma eloquência que se equiparasse à magnitude de tamanha matéria. Mas não há dúvida de que o Senhor deseja que nos ocupemos continuamente com essa santa meditação, para que, enquanto contemplamos em suas criaturas, como que num espelho, aquelas imensas riquezas de sua sabedoria, justiça, bondade e potência, não passemos com um olhar

fúgido e uma visão (por assim dizer) evanescente, mas nos detenhamos com cuidado nesta cogitação: revolvamo-la na alma séria e fielmente, e a repitamos com frequência na memória”. *Ibid.*, 1.14.21 (na edição brasileira, p. 168-9).

¹⁰ Incluí intencionalmente Big Macs e bolinhos Ana Maria na lista. Um dos pecados mais constantes de nossos dias é a preocupação excessiva com a alimentação, a tentativa de ressuscitar algum tipo de leis da alimentação, sejam elas totalmente naturais, orgânicas, paleo, sem glúten ou que tais. Embora não haja problema em ter preferências alimentares (eu mesmo não sou fã de cebola crua, chicletes ou café), há um problema sério em atribuir valor moral a suas preferências alimentares. Fazer boas escolhas com base em alergias alimentares ou outras reações à comida é perfeitamente legítimo, mas impor essas escolhas aos outros (ou julgar os outros por fazerem escolhas diferentes) não o é. Conquanto um tratamento completo das preocupações alimentares esteja além do escopo deste livro, todos os cristãos deveriam memorizar, digerir e encarnar Mc 7.19; 1Co 8.8 e 1Co 10.31-33. No primeiro texto, Jesus declara que todos os alimentos são puros. Todos. *Todos eles*, o que quer dizer que a tentativa de tratar alguns alimentos como funcionalmente impuros é contrário a Cristo, por mais repugnantes ou desagradáveis que lhe sejam. O segundo texto diz: “Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos”. Sua salada de couve e rúcula não o recomendará a Deus. E o hambúrguer gorduroso com coca *diet* grande do seu vizinho não o condenarão. Deus não se importa com o que você come, desde que o faça com gratidão no coração (v. 1Tm 4.4,5). Por fim, todos sabemos que 1Co 10.31 manda-nos comer e beber para a glória de Deus. O que com frequência não reconhecemos é que Paulo tem em mente, em primeiro lugar, nossa atitude perante os outros, não nossa atitude perante a comida em si mesma. O versículo seguinte diz: “Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos” (v. 32,33). Glorificamos a Deus ao comer quando recusamos fazer das escolhas dietéticas uma barreira à comunhão. Então, dê graças pelo alimento, ame seu próximo ao comer e deixe de se preocupar.

¹¹ Um dos únicos versículos na Bíblia que chapadões memorizam é 1Tm 4.4,5 (o outro é Gn 1.29,30). Eles fazem a pergunta perfeitamente razoável, a saber, por que o uso da maconha é proibido se tudo que Deus criou é bom? A resposta mais simples é observar que a bondade da criação não a preserva de ser abusada. Deus deu vinho para alegrar o coração do homem (Sl 104.15) e ainda assim proíbe a bebedice (Ef 5.18). O pecado do uso recreativo da maconha não se deve ao mal da planta *Cannabis*, mas à inevitável intoxicação resultante da ingestão da droga. O texto de Ef 5.18 proíbe-nos de embebedar-nos com vinho, e é uma aplicação legítima do texto à intoxicação com cerveja, uísque e álcool em geral. A diferença entre a maioria das formas de álcool e maconha consiste no fato de que fumar maconha é inerentemente intoxicante e prejudicial. Entretanto, pode haver um uso medicinal legítimo da maconha no alívio da dor, e podemos preservar assim seu benefício designado por Deus, se consumida por razões médicas e com supervisão adequada (tal como fazemos com narcóticos). Para mais informações sobre a questão do uso de maconha, v. Apêndice em Douglas Wilson, *Future Men*. Moscow (Canon Press, 2012), p. 173-83. [Lançado em português com o título: *Futuros homens* (Recife: Clire, 2013)]

¹² Sou grato a meu amigo Jason Meyer, que chamou minha atenção para este contraste

demoníaco num sermão sobre esta passagem.

¹³ O sermão de John Piper “Boasting Only in the Cross” é digno de ser ouvido. Foi o primeiro sermão que ouvi de Piper, e foi absolutamente transformador para mim na universidade. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/conference-messages/boasting-only-in-the-cross>. Acesso em: 22 jul. 2014.

¹⁴ Veja Richard Gaffin, *Resurrection and Redemption* (Phillipsburg: P&R, 1987).

¹⁵ *Miracles*. New York: HarperCollins, 2001, p. 266.

Os ritmos da piedade

Vocês dão graças pelas refeições.Tudo bem. Mas eu dou graças pelo teatro e pela ópera,Graças pelo concerto e pela pantomima,Graças por abrir um livro,Graças por desenhar, pugilar, caminhar, brincar, dançar; E graças por mergulhar a pena na tinta.

— G. K. Chesterton

No fundo, ele é um hedonista. Todos aqueles jejuns, vigílias, martírios e cruzes são só fachada. Ou são como a espuma do mar. Lá no mar, no mar dele, existe prazer e mais prazer. E ele não guarda nenhum segredo a respeito; à sua mão direita há “delícias eternas”. Que nojo! Não acho que ele tenha a menor noção do mistério elevado e austero que alcançamos na nossa Visão Angustífica. Ele é vulgar, Vermebile. Tem uma mente burguesa. Ele encheu seu mundo de prazeres. Existem coisas para os humanos fazerem o dia todo sem que ele se importe nem um pouco — dormir, lavar roupa, comer, beber, fazer amor, jogar, rezar, trabalhar. Tudo isso tem de ser pervertido para que passe a ter algum valor para nós. Nós entramos nessa batalha em cruel desvantagem. Nada está naturalmente a nosso favor.

— Fitafuso

O hedonismo cristão está em guerra contra todas as formas de estoicismo. Deus não é honrado por uma abordagem da vida cristã centrada no dever, a menos que incluamos o dever de deleitar-nos em Deus. Um dos principais ônus deste livro é estender a guerra contra o estoicismo centrado no dever até a arena das dádivas divinas. Devemos ser hedonistas cristãos até as últimas consequências, deleitando-nos no próprio Deus trino e recebendo com alegria tudo que ele com fartura nos dá para nosso desfrute.

Até aqui, este livro procurou lançar alguns fundamentos teológicos para honrar o doador ao desfrutar de suas dádivas. Deus

é glorioso em sua triunidade autoexistente e convida-nos a participar de sua plenitude trinitária. É o Criador deste mundo, autor da história de sua glória e, portanto, comunica e revela-se a si mesmo em toda parte. A criação é um veículo adequado para a exibição divina de seu valor trino e somos vasos adequados para receber sua plenitude: finitos, limitados, corpóreos e perfeitamente adequados para receber sua bondade na criação muito boa e por meio dela. Pecado e idolatria destruíram este livre fluxo da vida divina vibrante e infinita ao separar o doador de suas dádivas e abalar a união entre o sol e seus raios. Mas, em Cristo, Deus está restaurando o que se perdeu e reintegrando nosso amor a ele e nosso gozo de suas dádivas a fim de que não compitam entre si em vez de servirem-se mutuamente e enriquecerem-se mutuamente para sua glória e para nossa alegria.

Mas agora fomos deixados com a pergunta fundamental acerca de como de fato devemos viver em função dessas verdades bíblicas gloriosas. Como é na prática essa vida integrada, teocêntrica, que exalta a Cristo, é dirigida pelo evangelho, afirma a criação e recebe as dádivas? Os capítulos restantes explorarão um pouco da dinâmica desse tipo de vida, a começar com o que quer dizer viver uma vida piedosa.

O que é piedade?

Piedade é a tentativa de viver com fidelidade a partir da famosa exortação bíblica em 1 Coríntios 10.31: “quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”. Seguir adiante é mover-se intencionalmente na direção à nossa frente. Voltar atrás é mover-se na direção às nossas costas. Assim, a piedade é o movimento da alma em direção a Deus de tal maneira

que nossos pensamentos, afeições e ações terminem, em última instância, nele.

Isso levanta questões acerca de como devemos envolver-nos com todas as coisas que não são Deus. Como podemos manter um foco piedoso quando nossa atenção está ocupada com outras coisas? Perdemos a piedade se voltamos nosso foco para a comida e a bebida diante de nós e não ao Deus que no-los deu? O que Agostinho quer dizer quando diz que devemos amar a tudo “por causa dele”? O que exatamente quer dizer “fazer tudo para a glória de Deus”?

Para responder, temos de lembrar-nos de algumas dimensões fundamentais de nossa existência. A ordem de fazer tudo para a glória de Deus, de sempre dirigir nossa alma piedosamente, é dada a seres humanos, a criaturas. E, como vimos no Capítulo 4, finitude, limitação e temporalidade são fundamentais para a existência da condição de criatura. Não provamos a realidade toda de uma vez, mas numa sucessão de momentos. Somos de forma indelével e permanente criaturas históricas, vivendo toda a nossa existência no tempo, quer nessa era quer na vindoura.

Jamais transcendemos nossa existência no tempo. Jamais viveremos de modo atemporal, vendo toda a realidade desde algum tipo de perspectiva do olho de Deus. Seremos eterna e incessantemente criaturas, e essa existência da condição de criatura, temporal e finita será cada vez mais gloriosa. Até mesmo Deus, que está acima e fora de nossa realidade temporal e finita, envolve-se conosco no tempo, no espaço e na história.

Por exemplo, Deus cria o mundo em seis dias seguidos, realizando sua atividade de criar e moldar como a faria um artista humano e um artesão. Ele separa e reorganiza, divide e reúne, fala e canta, afirma e avalia, suja as mãos e expira, e o faz realizando

uma obra após a outra. No sétimo dia, descansa de seu trabalho criativo, sentando-se entronizado sobre seu reino-templo muito bom, delegando o trabalho restante de multiplicação, expansão e domínio aos portadores de sua imagem.

O ritmo de trabalho e descanso de Deus estabelece o padrão 6 + 1 para a prosperidade humana:

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou. (Êx 20.8-11)

Em outras palavras, Deus endossa e aprova nossa existência temporal ao mostrar o ritmo devido de trabalho e descanso. Ele desenvolve tais ritmos numa fábrica de criação, delegando a regulação do tempo e das estações aos luminares celestes. O ritmo de verão, outono, inverno e primavera é original para a criação e com ele a expectativa de diferentes estações da atividade e da vida humanas: semeadura e ceifa, plantio e colheita, lavra e safra. Como seriam essas estações se Adão e Eva não tivessem caído permanece um mistério para nós, mas o testemunho bíblico é claro: períodos e estações são projetados divinamente e considerados muito bons.

Depois do êxodo do Egito, Deus estabelece o calendário de Israel com base nas estações do ano e em seus grandes atos na história. As festas de Israel estabeleciam o ritmo de vida do povo. O sábado, a páscoa, as primícias, o pentecoste, a festa das trombetas, o dia da expiação e a festa dos tabernáculos, todos serviam para ordenar e estruturar o ritmo da vida de Israel. Algumas festas eram

celebrativas e alegres; outras eram tristes e solenes. A variedade de festas possibilitava a experiência e a expressão de uma gama maior de emoções e adoração.

E, claro, como nos lembra Byrds: “Para tudo (volta, volta, volta) / Há uma estação (volta, volta, volta)”.¹ A origem dessa canção e a notável passagem sobre o tempo e o ritmo encontra-se em Eclesiastes 3:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu:

há tempo de nascer e tempo de morrer;
tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;
tempo de matar e tempo de curar;
tempo de derribar e tempo de edificar;
tempo de chorar e tempo de rir;
tempo de prantear e tempo de saltar de alegria;
tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras;
tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar;
tempo de buscar e tempo de perder;
tempo de guardar e tempo de deitar fora;
tempo de rasgar e tempo de coser;
tempo de estar calado e tempo de falar;
tempo de amar e tempo de aborrecer;
tempo de guerra e tempo de paz. (v. 1-8)

Tipos de piedade

O que essas reflexões sobre a temporalidade têm que ver com a questão da piedade? Gostaria de sugerir a distinção entre dois tipos diferentes de piedade, o que chamarei de piedade direta e piedade indireta. Ambas são verdadeiramente piedade, significando que o objeto e o fim da alma é, em última instância, o próprio Deus, mas a maneira como a alma se dirige a Deus é diferente em cada uma delas.

A piedade direta envolve nosso foco consciente e intencional no próprio Deus. Nela estão incluídas atividades como a leitura devocional das Escrituras, a oração particular, a adoração corporativa, ações de graça, dar graças antes das refeições, confissão de pecados e assim por diante. A marca da piedade direta é que nossos pensamentos e intenções estão concentrados *particular* e *diretamente* no próprio Deus, uma vez que a ele nos dirigimos e com ele comungamos.

A piedade indireta envolve um foco subconsciente no próprio Deus enquanto nos dedicamos de forma ativa ao mundo que Deus criou, o mundo que o celebra por toda parte. Estão incluídas na piedade indireta comer as refeições, cortar a grama, jogar futebol, lavar a louça, memorizar o vocabulário grego, fazer amor, programar computadores, voar de avião, ler um romance e assim por diante. A marca da piedade indireta é que nossos pensamentos e intenções estão concentrados *primária* e *fundamentalmente* no mundo de Deus e em tudo que nele há.²

Há quem pense que a diferença entre elas é que a piedade indireta é uma piedade mediada, ao passo que a direta é imediata. Em outras palavras, a piedade indireta move-se por meio de alguma realidade criada como um meio de chegar a Deus, enquanto a piedade direta dispensa esses meios a fim de chegar diretamente a Deus. No entanto, conceber a diferença dessa forma é um equívoco.

Em certo sentido, todo o nosso acesso a Deus é mediado de uma forma ou de outra. Essa mediação é evidente na piedade indireta, uma vez que nos concentramos ou nos céus, ou em nossos filhos, ou no salmão defumado, ou em nosso computador, ou na tarefa diante de nós. Mas a mediação não é menos real na piedade direta. Ainda nos valem de alguma realidade mediadora para levar-nos a

Deus, sejam as Escrituras, seja um hino de adoração ou a linguagem humana numa oração de petição ou ação de graças. O salmo 43 reconhece o papel da mediação na Escritura e na adoração:

Envia a tua luz e a tua verdade,
para que me guiem
e me levem ao teu santo monte
e aos teus tabernáculos.
Então, irei ao altar de Deus,
de Deus, que é a minha grande alegria;
ao som da harpa eu te louvarei,
ó Deus, Deus meu. (v. 3,4)

Deus envia sua luz e verdade, quer nas Escrituras, quer nos céus. Esses preciosos instrumentos conduzem-nos e guiam-nos aos seus tabernáculos, onde encontramos Deus, que é nossa grande alegria. A Escritura não é um fim em si mesma. A Bíblia leva-nos a Deus e, quando chegamos, nós o louvamos, usando instrumentos e palavras humanas como meios para expressar nosso coração.

Em síntese, a mediação é inescapável e, portanto, não devemos tentar evitá-la ou transcendê-la. Deus sabia o que estava fazendo quando projetou o mundo, a Bíblia e os seres humanos para funcionar assim. As Escrituras e a linguagem humana podem falar mais direta e especificamente da realidade de Deus que os céus, ou o riso de uma criança, ou um relâmpago, ou um copo de água gelada num dia quente, mas todos eles comunicam algo da parte de Deus acerca de Deus e, portanto, todos proporcionam vias para levar-nos a Deus, nossa alegria grandiosa.

Encontrando um ritmo

Desse modo, podemos distinguir os atos da alma que mobilizam diretamente a piedade e os que seguem um caminho mais tortuoso

pelo mundo em que vivemos. Como esses dois tipos de piedade devem relacionar-se? De acordo com o que dissemos antes sobre o endosso de Deus à nossa temporalidade e nosso ritmo, minha sugestão é que estructuremos nossa vida em torno de ritmos regulares de piedade direta e indireta, envolvendo-nos de maneira plena com o mundo de Deus e em seguida focando com frequência — e de forma direta e proposital — nossos pensamentos, intenções e afeições no Deus trino.

Um exemplo simples pode ilustrar esse tipo de ritmo. Quando nos sentamos para uma refeição, seja um banquete, seja *fast-food*, envolvemo-nos diretamente com Deus, agradecendo-lhe o pão de cada dia e a comunhão à mesa, louvando-o pelo alimento e a bebida e conversando com ele em nome de seu Filho. Então, voltamos nossa atenção para a comida, para os amigos e a família, para a conversa, desfrutando dos sabores e aromas e dirigindo nosso pensamento e atenção àqueles à nossa volta. Em outras palavras, oramos antes da refeição, em seguida de fato desfrutamos dela e, depois, talvez ao final agradeçamos mais uma vez por este momento prazeroso.

Contraste essa imagem com a tentativa de praticar a piedade direta a cada momento da refeição. Imagine alguém interrompendo a conversa para curvar a cabeça e fazer uma pequena oração a cada mordida: “Um minuto, Jim. Louvemos ao Senhor pela pimenta neste molho. Agora, o que você estava falando mesmo sobre a cirurgia da sua mãe?”. Isso pode ter aparência de piedade, mas na verdade seria rude com os outros à mesa. Podemos realmente dizer que é isso que quer dizer considerar os outros mais importantes do que nós mesmos?

Agora, é claro que este exemplo é exagerado e caricato. Ninguém tenta praticar a piedade direta a cada mordida como forma

de obedecer a 1 Coríntios 10.31. Mas enquanto não podemos praticar para valer esses maus hábitos à mesa, muitos de nós têm uma sensação de culpa sutil porque não fazemos algo assim enquanto comemos. Não temos certeza de como deve ser uma refeição teocêntrica, que é o que cria a condenação média em nossa alma quando apenas damos graças a Deus pelo alimento e então desfrutamos dele e da comunhão.

Em vez de rebelar-nos contra nossa temporalidade, temos de agradecer a Deus por sua provisão e depois recebê-la e desfrutar dela com alegria enquanto buscamos amar nosso próximo. Temos de estar plenamente comprometidos com os outros, fazendo-lhes perguntas, encorajando, emprestando um ombro amigo. O amor ao jantar e a companhia à mesa é como se mostra o supremo amor a Deus quando se janta e se reúne com companheiros. Em certo sentido, estar voltado de verdade para Deus significa voltar-se para o homem no momento.³ Claro, é inteiramente adequado oferecer a Deus orações breves, espontâneas e silenciosas durante a refeição (talvez, “Obrigado por esse momento maravilhoso” ou “Ajude minhas palavras a darem graças”), mas o grosso de nossa atenção há de estar nas pessoas diante de nós e no alimento que Deus nos deu.

É isso que Paulo quer dizer em 1 Timóteo quando contrasta o prazer cristão no alimento e na comunhão com o ascetismo demoníaco:

... que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado. (4.3-5)

O alimento é bom. A esposa é boa. Os amigos são bons. A terra é do Senhor e toda a sua plenitude. Não devemos rejeitá-los. Temos de recebê-los com alegria, dando graças a Deus por elas e consagrando-os com orações bíblicas. Pessoas que orientam sua vida pela piedade direta em torno das Escrituras e em oração estão livres para receber com gratidão a bondade de Deus no que ele criou e nos deu.

O grande pregador puritano Richard Baxter expressa a necessidade de tais ritmos de piedade direta e indireta:

A intenção da glória de Deus ou nosso bem espiritual não pode ser distinta e sensivelmente reencenada em cada prazer particular de que gozamos, ou em cada porção que comemos, ou em cada coisa que usamos: mas uma intenção sincera habitual bem disposta em primeiro lugar no coração servirá para o uso justo de muitos recursos particulares.⁴

A intenção da glória divina *não pode ser* distinta e sensivelmente reencenada em cada prazer (presumivelmente por causa de nossa finitude e limitação). Isso nos distrairia de receber *com prazer* tudo que Deus tem para nós. Ao contrário, dispomos nossa intenção habitual no fundo do coração (por meio de nossa piedade direta), e então a intenção habitual ordena nossas afeições e desejos a fim de que usemos com justiça e alegria o que quer que Deus nos conceda.

Ritmos de jejum e banquete

O ensino bíblico acerca do jejum e do banquete ilustra muito bem como os ritmos da piedade devem funcionar. A Bíblia pressupõe o jejum *regular* (Mt 6.16-18), mas não nos manda jejuar *perpetuamente*. Ou seja, a Bíblia supõe que quebraremos o jejum, que nossa abstinência de comida é apenas temporária. Deve haver períodos em que renunciamos ao alimento a fim de devotar-nos a

buscar a Deus em oração e adoração (em 1Co 7, Paulo sugere que um jejum similar pode ocorrer com o sexo no casamento). Em outras palavras, abrimos mão temporariamente dos meios da piedade indireta (comida) para que possamos aproveitar de um tempo prolongado de piedade direta.

Claro, como vimos antes, até mesmo nosso banquete deve estar apoiado pela oração, pela ação de graças e pelas Escrituras. No entanto, o jejum proporciona uma maneira particularmente poderosa de concentrar toda a nossa atenção no Deus trino, cujo amor é melhor que a comida.⁵ Reconhecer os ritmos de jejum e banquete nos previne de priorizar um em detrimento do outro, como se um deles fosse intrinsecamente mais santo. Tomando como exemplo Eclesiastes 3, há tempo de comer e tempo de jejuar. É exatamente no ritmo da piedade dos dois que vivenciamos e expressamos a plenitude da graça de Deus em nossa vida.

Conhecer o mundo a fim de conhecer melhor a Deus

No Capítulo 5, discutimos a abordagem integrada no relacionamento com Deus e com suas dádivas. Acrescentar a noção de ritmos da piedade direta e indireta ajuda a entender como o gozo das dádivas de Deus e um amor supremo por Deus podem ser mutuamente benéficos e frutíferos. Se integramos de forma adequada (e pericorética) nossa alegria em Deus e nosso deleite em suas dádivas, então nosso gozo das dádivas deve enriquecer e aumentar nosso amor ao próprio Deus, e nosso amor ao próprio Deus deve enriquecer e aumentar nosso gozo de suas dádivas. Ou, em termos rítmicos, temporais, a piedade direta acentua nossa piedade indireta, e a piedade indireta acentua nossa piedade direta. Uma serve à outra dando algo e protegendo de algo.

A piedade indireta e o gozo intenso das dádivas divinas servem e aumentam a piedade direta ao criar categorias mentais, emocionais e espirituais para nosso gozo de Deus. Impedem que Deus se torne vago e indistinto em nossa mente. Como vimos antes em Provérbios 24.13,14, nosso prazer com o mel (porque é bom) gera novas formas de experimentar a Deus e a sua sabedoria na alma. Estar atento à doçura e potência do mel *como mel* remete-nos de volta a Deus com compreensão e apreciação renovadas e com conhecimento empírico de como Deus é. Como diz C. S. Lewis: “Quase cada dia nos supre de, por assim dizer, ‘bases’ quanto ao Borrão Luminoso”.⁶

O mesmo se pode dizer acerca de minha experiência como marido. A verdade bíblica gloriosa chegou viva até mim no dia do meu casamento enquanto esperava minha esposa caminhar pelo corredor. “Como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus” (Is 62.5). A piedade indireta guarda-nos de uma piedade direta empobrecida e mutilada. As analogias criadas permitem que minha mente limitada e finita compreenda mais da plenitude inefável e incompreensível de Deus. O resultado é que buscamos amar a Deus com todo o nosso entendimento *expandido*, com todo o nosso coração *alargado*, com toda a nossa alma *fornida* e com nossa força *aumentada*.

Neste sentido, levamos nossa piedade indireta até nosso compromisso direto com Deus. O deleite da paternidade, a solidez das rochas, a segurança da fortaleza, a majestade das trovoadas, o conforto de um bom amigo, a intensidade do prazer sexual, a variedade de cores das folhas do outono — tudo isso infunde, molda e dá forma à nossa dedicação direta a Deus. O que quer dizer que não precisamos, necessariamente, temer a intensidade de nossa alegria nas coisas criadas. Uma vez que estejamos ancorados no

amor supremo a Deus, quando nosso amor por uma das dádivas dispara e atravessa o teto como um rojão, leva nosso amor a Deus junto, elevando-o a patamares novos e imprevistos. Neste caso, roubamos a nós mesmos de uma adoração poderosa se nos afastamos das dádivas ou se passamos apressadamente por nosso gozo da criação.

O efeito de sua face nas coisas da terra

Do mesmo modo, a piedade direta serve e aumenta nosso gozo dos períodos de piedade indireta. Adoração, oração, leitura devocional — tudo isso ancora nossa alma e molda a forma como nos envolvemos com o mundo de Deus e com as pessoas que nele habitam. Tais pontos de apoio são absolutamente necessários para que tendências pecaminosas não levem nosso coração a desgarrar-se do amor supremo a Deus. A piedade direta, portanto, serve, protege e guarda nosso gozo das dádivas de Deus ao orientar nossas afeições.

Ademais, a comunhão direta com Deus aumenta nosso gozo das dádivas divinas e do mundo de Deus, que é o motivo por que sempre fico perplexo com os versos do hino de Helen Lemmel:

Volta teus olhos para Jesus
Contempla-lhe a face maravilhosa
E as coisas da terra o brilho perderão
À luz de sua graça gloriosa.⁷

Ora, tenho certeza de que a Sra. Lemmel quer dizer que “as coisas do mundo” ou “as coisas pecaminosas” perderão o brilho à luz da face de Jesus. Mas não é isso que ela diz. Ela diz: “coisas da terra”, o que pode soar como, à luz de sua face, minha esposa, meus filhos e meu burrito *chipotle* perderão brilho e o encanto. E esta não é minha experiência *de maneira alguma*. À luz de sua face,

tornam-se mais brilhantes, melhores e mais potentes. Olhar para Jesus *dá vida* a suas dádivas. Minha esposa fica ainda mais linda, meus filhos ficam mais encantadores, o burrito, mais gostoso. Agora sei *para que* servem essas dádivas.

Dessa forma, a piedade direta impregna e colore todas as minhas demais atividades, desde o saborear da minha comida até a conclusão de minhas tarefas, o encontro com minha esposa e o tirar uma soneca. Se estou de fato ancorado nas Escrituras, em oração e em comunhão com o Deus trino, então os períodos de piedade indireta são visitados pelo Espírito Santo. Jonathan Edwards descreve o tipo de visitação em sua *Personal Narrative* [Narrativa pessoal]. Depois de Deus ter-lhe dado o novo nascimento, escreveu ele:

Tudo parece mudado; parecia haver como que um olhar doce, ou a aparência da glória divina, em quase tudo. A excelência de Deus, sua sabedoria, sua pureza e amor, pareciam aparecer em tudo; no sol, na lua, nas estrelas; nas nuvens e no céu azul; na grama, nas flores, nas árvores; na água e em toda a natureza; o que serviu em grande medida para corrigir minha mente. Amiúde sentava-me para ver a lua por um longo período; um dia, passei mais tempo vendo as nuvens e o céu, para contemplar a doce glória de Deus nessas coisas; enquanto isso, cantava, com voz baixa, minhas contemplações do Criador e Redentor.⁸

Elixires e pontos de ancoragem

Enquanto Edwards enfatiza as dimensões privada e contemplativa da piedade e seus efeitos, o poeta George Herbert celebra a dimensão ativa e vocacional dos ritmos da piedade:

Ensina-me, ó Deus meu e Rei,
A em todas as coisas ver-te a ti
E em tudo quanto de fazer hei
A fazê-lo como fosse para ti.

Não rudemente, como as feras,
Seguir o curso de ação;
Mas sereno fazer dedicado a ti
E levar a obra à perfeição.

Um homem olha a janela,
O olho pode ali descansar.
Ou, se quiser além dela,
Pode o céu espreitar.

Todos podem tomar parte em ti.
Nada pode ser tão disforme
Que a tintura — “por amor a ti” —
Em puro fulgor não transforme.

Um servo com essa postura
Torna sua labuta divina.
Quem varre a sala por tua lei
Faz disso uma coisa fina.

É essa a pedra famosa
Que tudo transforma em ouro,
Pois aquilo que Deus vê e toca
Não pode ser julgado com desdouro.⁹

Não é difícil detectar 1 Coríntios 10.31 no pano de fundo do poema, ao lado de Colossenses 3.17 e 3.23 (“e tudo quanto fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus” e “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens”). Herbert primeiro pede a Deus que o ensine a vê-lo em tudo e, ecoando Colossenses 3.23, a fazer tudo “como fosse para ti”. Então, o que quer dizer fazer algo “como para o Senhor”? Para começar, quer dizer não fazer algo “rudemente, como as feras”. Feras entram em ação sem pensar, sem deliberação ou intenção. Ao contrário, o trabalho fiel deve incluir dedicação ao Senhor, uma determinação a levar Deus ao trabalho e

assim “levar a obra à perfeição” (isso se alinha muito bem com a “intenção habitual” de Baxter arraigada no coração).

Herbert, antecipando a “Meditação num depósito de ferramentas” de Lewis, que vimos no Capítulo 3, explora o que significa ver a Deus em todas as coisas. O mundo é uma janela pela qual podemos espreitar o céu. Olhar o mundo e ver apenas o mundo é como olhar a janela em vez de olhar pela janela para o que está além dela. Janelas foram feitas para ser transparentes, para abrir nossos olhos para ver algo que não a própria janela. Assim também o mundo, que existe para revelar Deus a nós. Desse modo, devemos trabalhar para ver além de nossa família, comida, natureza, trabalho e, em vez disso, reconhecer a revelação de Deus neles.

Herbert sublinha a natureza universal da presença de Deus. Nenhuma atividade pode ser tão mesquinha, “disforme”, que acrescentar-lhe “por amor a ti” não possa torná-la “puro fulgor”. Há um tipo de piedade (encapsulado nessa pequena frase) que age como uma tintura, um corante que dá cor (ou, neste caso, brilho) à atividade com santidade.

“Essa postura” (“por amor a ti”) na boca de um servo “torna sua labuta divina”. Transforma trabalhos servis (varrer quartos, trocar fraldas, trabalhar no caixa do supermercado) em vocações nobres.¹⁰ Essa é a famosa “pedra filosofal”, a substância lendária que pode transformar metais inferiores em ouro e, em alguns relatos, ser um elixir de vida (donde o título do poema). “Essa” na estrofe final parece referir-se à frase “por amor a ti” da quarta estrofe, bem como à disposição do coração que está por trás dela. Mas as duas linhas finais do poema indicam que esta frase é mais que uma palavra mágica. É uma invocação que chama Deus à ação. É *ele mesmo* quem toca tudo que vemos e fazemos, nossa visão e nosso

trabalho, nosso olhar e nossa labuta, e ao fazê-lo faz que essas coisas se transformem nele mesmo e eleva-as muito além do que podíamos pedir ou pensar.

O poema de Herbert moldou a abordagem de Benjamin B. Warfield de seu próprio chamado como teólogo e professor. “A religião”, escreveu ele, “não tira o homem de seu trabalho; envia-o ao trabalho com uma qualidade de devoção acrescentada”. Depois de refletir sobre o poema de Herbert, ele escreveu acerca da integração da piedade direta (oração) com todas as outras atividades (p. ex., os estudos):

Às vezes ouvimos que dez minutos de joelhos darão um conhecimento mais verdadeiro, mais profundo, mais operoso de Deus que dez horas debruçado sobre os livros. “Quê!” é a resposta adequada, “do que dez horas debruçado sobre os livros, de joelhos?” Por que você haveria de afastar-se de Deus quando se volta para os livros, ou sentir que deve afastar-se dos livros para voltar-se para Deus?¹¹

Como são, na prática, “dez horas debruçado sobre os livros [ou sob o capô de um carro, ou num computador, ou na cozinha, ou numa sala de aula] de joelhos”? Está claro a partir do resto do discurso de Warfield que isso não quer dizer uma piedade direta solitária que elimina o esforço concentrado e coordenado num tema de estudo ou vocação. Tampouco é um perpétuo jogo de pingue-pongue em que lemos uma palavra, dirigimo-nos aos céus, lemos outra palavra, dirigimo-nos aos céus de novo, e então voltamos à terra.

Minha sugestão é pensar nos termos do que Doug Wilson chama “pontos de ancoragem”. Você ora antes de estudar (ou cozinhar, ou limpar, ou ajudar o cliente, ou escrever o e-mail), pede a ajuda de Deus, consagrando-se e voltando-se para Deus, seu reino e seus propósitos. Então você se lança na tarefa à sua frente, trabalhando de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens

(CI 3.23). Se depara com uma sentença densa em seus estudos ou com uma situação pastoral difícil, ou com um cliente encenqueiro, ou com um problema complicado no computador, você para um instante e oferece uma breve oração pedindo ajuda, e então volta ao trabalho, confiante de que nosso Deus ouve a oração. Ou entremeia seus esforços com breves orações de ação de graça e adoração, conforme o Espírito conduzir sua alma. Quando tudo estiver feito, seja a tarefa específica, seja o trabalho do dia, agradeça a Deus por sua graça e entregue-se aos cuidados dele enquanto dorme.¹²

Observar todo o horizonte

Talvez uma analogia possa esclarecer os ritmos da comunhão com Deus e da piedade indireta. Quando se trata de ver com meus olhos físicos, percebo que posso verdadeira e intensamente concentrar-me numa única coisa de cada vez. Embora haja muitas coisas em meu campo de visão, meus olhos de fato só se concentram numa única coisa. Meus olhos movem-se de forma rápida e com frequência — do computador à minha frente para o livro na mesa, depois para o retrato de meu pai na estante e para a lâmpada à porta —, mas sempre estou olhando em essência para uma coisa de cada vez. Essa é uma característica fundamental da visão das criaturas: se olho para a esquerda, não posso ao mesmo tempo olhar para a direita e vice-versa.

Ademais, enquanto posso ver muito do que está à minha frente por causa da velocidade dos meus olhos e da realidade da visão periférica, a única coisa que não posso ver é o que está atrás de mim. Como criatura, jamais verei todo o horizonte num relance; posso apenas postar-me numa pradaria e rodar em círculos para absorvê-lo por inteiro (você devia experimentar isso um dia). E, de novo, isso não é um defeito. *Deus nos fez assim e assim o aprova.*

Ao aplicar esses princípios da visão física à visão mental e espiritual, diríamos que conseguimos concentrar-nos mental e intencionalmente numa única coisa de cada vez, mesmo quando dirigimos o olho da mente ao nosso céu mental. Meus olhos espirituais podem focar com especificidade no Deus trino (piedade direta) e podem contemplar tudo o mais à minha frente (piedade indireta). O objetivo, no entanto, é que Deus sempre permaneça à minha frente. Mesmo quando não é o objeto direto de minha atenção, ele sempre está em meu campo de visão. Jamais viro as costas para ele.

Então, posso estar ocupado com diligência numa tarefa — digo, montando um quebra-cabeça com as crianças —, e assim estou plenamente envolvido com elas, mas também sou capaz de “dar uma olhadinha” rápida em Deus a fim de conectar-me e comungar com ele e agradecer-lhe por momentos maravilhosos como este. Olhares espirituais frequentes ancoram-me e ajudam-me a receber meus filhos como dádivas, não como bens.

Claro, a analogia é imperfeita, pois parece compartimentalizar a Deus de forma artificial e tudo o mais. Desse modo, talvez possamos modificar uma citação de C. S. Lewis: “Acredito em Deus como acredito que o Sol nasceu, não apenas porque eu o vejo, mas porque por meio dele eu vejo todo o resto”.¹³ Os raios do sol incidem sobre o mundo e o iluminam. “Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz” (Ef 5.13).¹⁴

Claro, mesmo essa modificação deixa a desejar, pois mostra como a piedade direta ilumina e enriquece a piedade indireta, mas não vice-versa. Talvez devêssemos mudar a analogia da luz e da visão para pessoas e presença. Posso sentar na sala de estar e conversar com minha esposa. Ou podemos sentar-nos na mesma

sala e cada um ler um livro. No último caso, estou ciente e feliz com a presença dela (ela está no meu campo de visão), ainda que não seja o objeto direto de minha atenção. Eric Liddell estava ciente do prazer divino enquanto ele corria, mesmo que seus pensamentos estivessem ocupados com a respiração, a postura e a linha de chegada.

Apesar da imperfeição das analogias, a ideia continua a mesma. Concentramos nossa atenção primária numa coisa de cada vez, seja o próprio Deus, seja a incrível diversidade do mundo. Contudo, jamais perdemos de vista o outro, de modo que nossa comunhão com Deus ilumina nossa visão e envolvimento com o mundo, e nosso envolvimento com o mundo nos impede de deixar que Deus se torne um borrão vago e indistinto. Piedade direta e piedade indireta visitam-se com reciprocidade a fim de que a experiência de uma ilumine a da outra.

Orar sem cessar

Esses tipos de ritmo de piedade ajudam-nos a imitar exemplos bíblicos como o do homem bem-aventurado do salmo 1, que medita na lei do Senhor de dia e de noite, bem como a compreender e a obedecer exortações bíblicas como a de “orar sem cessar” (1Ts 5.17). Não se trata de um mandamento para não fazer nada senão orar (se assim fosse, Paulo, Davi e Jesus teriam fracassado). Antes, esses exemplos e exortações encorajam-nos a orar e a meditar nas Escrituras com regularidade, frequência, atenção e perseverança. Devemos dedicar tempo e esforços à comunhão direta com Deus, na mesma medida que Jesus ia a lugares solitários para orar (Mc 1.35).

Então, entramos em nossos dias ancorados no evangelho e enraizados no amor divino e com o coração e a mente em sintonia

com sua presença e realidade no que ele criou. Em outras palavras, buscamos começar nossas tarefas diárias *atentos* a Deus e às maravilhas de seu mundo (e às necessidades dos outros). Trazemos conosco os efeitos de nossa comunhão com Deus, como no dia em que Jesus desceu do monte da transfiguração e expulsou um espírito imundo resistente aos esforços dos discípulos (Mc 9.2-29). Jesus observou que a tentativa deles fracassou porque “essa casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]”. Entretanto, o texto não registra nenhuma oração de Jesus durante o exorcismo. O ponto parece ser que os efeitos de sua comunhão com Deus repleta de oração deram a Jesus o poder e a fertilidade em seu ministério. A piedade direta estava com ele, mesmo quando sua atenção estava voltada para as necessidades daqueles à sua frente.

Ao longo de todo o nosso dia, onde quer que estejamos, buscamos estar ali, inteiramente presentes para as pessoas à nossa volta e para as tarefas à mão. Permeamos nosso dia com momentos de piedade direta — antes das refeições, durante os deslocamentos solitários, nos intervalos da nossa atividade, antes e depois de tarefas difíceis, e mil outras possibilidades.

Além disso, orientamos nossa semana com base no ajuntamento com o povo de Deus em adoração, cantando cânticos congregacionais, confessando pecados, ouvindo a Palavra pregada e em comunhão fraterna à mesa do Senhor. Nossa adoração no dia do Senhor leva-nos a um encontro com a graça divina em Cristo, enraizando-nos e fundamentando-nos no amor de Deus e na cruz de Cristo e então enviando-nos ao mundo como sal e luz, prontos para proclamar e retratar o evangelho em nossas palavras e obras.

Testando nosso ritmo

O grande perigo de distinguir a piedade direta e indireta dessa forma é que elas podem tornar-se compartimentalizadas. Em vez de se ancorarem em nossa comunhão com Deus, apenas ticamos nossa lista de devoções e então nos desgarramos com liberdade dia afora aonde quer que nosso coração pecaminoso nos leve. Em vez disso, queremos que nosso ritmo de fato nos sirva como arreios, que realmente nos arraigue para que não nos afastemos de Deus quando nos voltamos para os negócios do dia a dia. Mas como nos certificamos de que nos estamos ancorando e não apenas dando um aceno para Deus enquanto seguimos a caminho da idolatria? Eis aqui alguns testes para avaliar se a comunhão com Deus está tendo os efeitos esperados.

Com que frequência a piedade direta (ainda que breve) brota de modo espontâneo? No correr do dia, você se vê dirigindo-se a Deus com orações e súplicas, pedidos, ações de graça e adoração com regularidade? Deus está sempre em seu campo de visão, de modo que não importa o quanto você esteja concentrado na tarefa, a comunhão direta com Deus nunca se perde? Ele está sempre presente, mesmo quando não nos dirigimos a ele?

Há a consciência crescente da presença de Deus em tudo que você faz? Em outras palavras, há um senso crescente de que você nunca está longe de Deus, de que ele está sempre à volta, sempre está atento a você e falando com você em milhares de dardos de glória que o bombardeiam?

Você se encontra desejoso de demorar-se em oração, ou em louvor, ou na leitura das Escrituras? Quando a vida o empurra mais uma vez, e você tem de deixar a Bíblia de lado para fazer o café da manhã de seus filhos ou sair para o trabalho, você se encontra desejando ter mais alguns minutos? Mais importante, você anseia o próximo momento em que estará a sós com Deus com avidez?

Você acha que seu momento de devoção e meditação se enriquece com sua vida cotidiana? Além das cargas, angústias e preocupações que leva a Deus, você também apresenta a ele o fruto do seu envolvimento ativo com o mundo que ele criou? Os atributos e características de Deus são mais concretos e produtivos em seu coração, e menos abstratos e impessoais?

A Palavra de Deus traz refrigério à sua alma? Ou é letra morta, um sinal de que você tem apenas ticado o item “devocional” em sua lista de afazeres?

Por fim, e o mais importante: há fruto em sua vida? Você está progredindo em santidade? Você consegue perceber a evidência de crescimento em devoção nos últimos seis meses, doze meses, dois anos? Não que ainda não haja lutas e reveses. Mas você está se tornando de maneira lenta e gradual uma pessoa mais amorosa, alegre, cuidadosa, paciente e humilde? Você está menos irado, orgulhoso, prepotente e ansioso?

A Bíblia não determina com que frequência e por quanto tempo nossos momentos de comunhão direta com Deus devem acontecer. A Bíblia dá-nos diversos exemplos precisos — exemplos que devemos levar a sério e procurar imitar conforme nossa capacidade, chamado, responsabilidade e posição na vida.¹⁵ Entretanto, a relutância da Bíblia em determinar períodos específicos é intencional. Não queremos mensurar o valor ou a fertilidade de nossa piedade direta apenas com base no número de páginas que lemos ou na duração de nossas orações. Ao contrário, a evidência primária é qualitativa — a vida transformada, bons frutos, palavras graciosas, obras de amor. Não se trata de dizer que disciplina e quantidade são irrelevantes. Períodos regulares de oração prolongada e leitura das Escrituras são essenciais. Mas o teste da

leitura e da oração suficientes consiste na qualidade de nossa vida.
Como dizem, é a prática que prova a teoria.

¹ Pete Seeger, *Turn! Turn! Turn! (to Everything There Is a Season)*. Columbia Records, 1965.

² Assim, a diferença primordial entre eles está em nossas intenções, no que nossa mente atenta num dado momento. Kevin Vanhoozer proveitosamente identifica intenção como a “direção da mente de alguém, a lâmpada que foca para onde olhamos”, em *Is There a Meaning in This Text?: The Bible, the Reader, and the Morality of Literary Knowledge*. Anniversary edition. Grand Rapids: Zondervan, 2009, p. 246, 252 [Lançado em português com o título: *Há um significado neste texto?* São Paulo: Editora Vida, 2010]. Toda a discussão de Vanhoozer acerca da discussão da intenção é válida e se adequa à minha própria perspectiva aqui.

³ Pode-se ilustrar que essa é a maneira bíblica de pensar pelo fato de amar a Deus com o nosso entendimento (Mt 22.37-40) não se opor a amar o próximo como a nós mesmos. E mais, em Fp 2, Paulo celebra o amor e santidade de Timóteo ao descrevê-lo como o único que está “genuinamente preocupado com vosso bem estar” (lit., “vossos interesses”). No versículo seguinte, ele diz que outros buscam os interesses deles (lit., “o que é seu próprio”), mas Timóteo busca os de Jesus Cristo (lit., “o que é de Jesus Cristo”); ou seja, Timóteo busca as coisas de Cristo ao preocupar-se com as coisas dos filipenses. Ou, para ser mais preciso: as coisas de Cristo simplesmente são os filipenses e suas necessidades e bem-estar. Portanto, se temos de mostrar piedade verdadeira, com frequência encontraremos-nos voltados para o homem no momento.

⁴ *The Practical Works of Richard Baxter, vol. 1: A Christian Directory*. Morgan: Soli Deo Gloria, 2000, p. 266.

⁵ A melhor abordagem acerca do jejum que conheço é John Piper, *A Hunger for God: Desiring God through Fasting and Prayer* (Wheaton: Crossway, 2013). [Lançado em português com o título: *Fome por Deus: buscando Deus por meio do jejum e da oração* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013)]

⁶ *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*. New York: Harcourt, Brace, & World, 1964, p. 90-1.

⁷ “Turn Your Eyes upon Jesus”, 1922.

⁸ *Letters and Personal Writings*, Wallace E. Anderson, Mason I. Lowance e David H. Watters, orgs. *The Works of Jonathan Edwards*. New Haven: Yale University Press, 1993, vol. 16, p. 793-4.

⁹ “The Elixir”. Disponível em: <http://www.poetryfoundation.org/poem/173627>. Acesso em: 22 jul. 2014.

¹⁰ Martinho Lutero expressou certa vez um sentimento similar acerca dos deveres diários: “Observa o seguinte: quando a sábia meretriz, a razão natural (à qual seguiram os gentios, querendo ser os mais sábios), olha para a vida matrimonial, ela torce o nariz dizendo: ‘Acaso deveria eu embalar o bebê, lavar as fraldas, arrumar camas, cheirar o fedor, vigiar à noite, atendê-lo quando chora, curar suas assaduras e pústulas? Depois atender a mulher, alimentá-la, trabalhar pelo sustento, preocupação aqui e ali, dar uma mão aqui e outra ali, sofrer isso e aquilo, e todos os demais desgostos e incômodos inerentes ao estado matrimonial? Deveria eu prender-me desse modo? Miserável e pobre homem! Arrumaste uma mulher em casamento? Coitado de ti! É só miséria e desgosto. Melhor é permanecer livre e viver uma vida sem preocupação. Eu me tornarei padre ou freira e o mesmo aconselharei a meus filhos’. No entanto, que diz a fé cristã a esse respeito? Ela abre seus

olhos e encara todas essas coisas insignificantes, incômodas e desprezíveis espiritualmente e percebe que, com a benevolência divina, todas elas são ornadas com o mais precioso ouro e pedras preciosas, e diz: 'Ó Deus, porque sei que tu me criaste como homem e geraste essa criança de meu corpo, também sei com certeza que isso te agrada da melhor maneira; confesso que não sou digno de embalar o bebê, nem de lavar suas fraldas, nem de tomar conta dele e de sua mãe. Como foi que me tornei digno, sem qualquer mérito, de ter reconhecido que estou servindo a tua criatura e a tua boa vontade? Com que alegria irei abraçar a tarefa, mesmo que fosse a mais humilde e desprezível. De agora em diante, nem frio nem calor, nem incômodo nem trabalho me há de desgostar, porque estou certo de que isso te agrada'. Da mesma forma também a mulher deve pensar a respeito de seu serviço, quando amamenta ou embala a criança, dá banho e realiza outras tarefas nela; igualmente quando realiza outros serviços, ajudando o marido e sendo-lhe obediente. Tudo isso são obras de puro ouro, obras nobres. [...] Dize-me: Se um homem fosse lavar as fraldas ou realizasse qualquer outro serviço desprezível na criança, e todos zombassem dele, dizendo que é um babaca e afeminado; no entanto, se ele o fizesse no espírito acima descrito e na fé cristã — dize-me agora, quem zomba mais do outro? Deus se alegra com todos os anjos e criaturas, não porque o pai lava as fraldas, mas por fazê-lo na fé. Aqueles zombadores, porém, que enxergam apenas a obra, mas não a fé, zombam de Deus e de toda a criatura como os maiores tolos na terra; sim, zombam apenas de si mesmos e com sua sabedoria não passam de babacas do diabo" ("Da vida matrimonial". In: Obras Seleccionadas, *Ética: Fundamentos, Oração, Sexualidade, Educação, Economia*. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal e Editora Concórdia, 2011, vol. 5).

¹¹ *The Religious Life of Theological Students*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1911, p. 182.

¹² O autoexame e o autoesquecimento oferecem outro exemplo de uso de pontos de ancoragem. O autoexame tem um papel crucial na vida cristã (2Co 13.5). Temos de pedir a Deus com regularidade para sondar-nos e conhecer-nos, provar-nos e conhecer nossos pensamentos, e ver se há em nós algum caminho mau (Sl 139.23,24). No entanto, uma vez que nos abrimos com honestidade ao esquadrinhamento divino e fazemos nossa própria sondagem humilde, temos de deixar o autoexame e buscar viver a vida de autoesquecimento. Jonathan Edwards expressa isso bem em relação à certeza da salvação quando escreve: "Não é o desígnio de Deus que os homens obtenham certeza de nenhuma outra forma senão mortificando a corrupção, crescendo em graça e obtendo experiências vívidas dela. E embora o autoexame seja um dever de grande utilidade e importância, e de modo algum deva ser negligenciado; ainda assim não é o meio *principal* pelo qual os santos conseguem satisfação de sua boa posição. Não se deve obter tanta certeza pelo autoexame, mas pelo modo de *agir*" (*Religious Affections*. Carlisle, PA: Banner of Truth, 2001, p. 123). O autoexame é como a abordagem comparativa de Deus e suas dádivas (v. Cap. 5) e como nossos momentos de piedade direta. Desempenha um papel vital em enraizar-nos e ancorar-nos em Deus e seu evangelho, mas é projetado para lançar-nos no mundo que Deus criou, onde integramos nossa alegria em Deus e suas dádivas e indiretamente e com autoesquecimento buscamos a Deus de todas as formas que ele se dá a nós em sua criação.

¹³ A citação direta é: "Acredito no cristianismo como acredito que o Sol nasceu, não apenas porque eu o vejo, mas porque por meio dele eu vejo todo o resto". Veja C. S. Lewis, "Is Theology Poetry?" ["Teologia é poesia?"]. In: *The Weight of Glory: and Other Addresses*

(New York: Macmillan, 1949), p. 140.

¹⁴ É útil o comentário de Peter Leithart sobre essa passagem: “tudo sobre o que a luz brilha torna-se um refletor de luz, sendo esta a única forma de tornar-se visível. Tudo que recebe luz torna-se uma lâmpada e, inversamente, se algo não recebe luz, não é uma luz. Disponível em: <http://www.firstthings.com/blogs/leithart/2014/02/ontology-of-light>.

¹⁵ P. ex., a Bíblia fala com frequência do imenso benefício de momentos de oração regulares, programados (Is 62.6,7; 1Cr 16.37-42; em geral, “dia e noite” ou “manhã e tarde” como em Sl 88.1,2,9,13; Ne 1.6; Lc 18.7; Cl 1.9; ou “à tarde, pela manhã e ao meio-dia”, como em Sl 55.17; Dn 6.10); bem como o cultivo da prática de voltar-se para Deus em oração espontânea e contínua sempre que surgir uma oportunidade (2Cr 20.1-30; Ef 6.18-20; Cl 4.12,13; 1Ts 5.17). Sou grato ao meu colega Justin Woyak por chamar minha atenção para este assunto na Escritura e, sobretudo, por praticá-lo e incentivar outros a fazerem o mesmo.

Nomeando o mundo

*E se vires a Física dilecta, Vais dentro em poucas folhas encontrar-te
Onde se diz que vossa arte projecta
Essa seguir, como ao mestre o discente;
Assim, de Deus, vossa arte é quase neta.*

— Dante Alighieri¹

O homem é um animal poético e não toca em nada que não tenha adorno.

— C. S. Lewis

Leitores atentos podem ter ficado com a pulga atrás da orelha enquanto digeriam os capítulos anteriores. Até agora, a maioria dos meus exemplos do gozo adequado das dádivas foram extraídos da natureza — testificando que os céus proclamam a glória divina, saboreando o bolo crocante de abóbora, comendo mel porque é bom, encantando-nos com as crianças porque elas são, bem, encantadoras. Esses exemplos podem ter dado a impressão de que as principais dádivas divinas (se não as únicas) de que devemos desfrutar são as outorgadas diretamente por Deus.

E quanto à cultura? Uma coisa é falar sobre desfrutar do que Deus fez. Mas e quanto a desfrutar das coisas que nós fizemos? Podemos aplicar esse paradigma à forma como desfrutamos da literatura, arte, música, televisão, dos filmes (bem como dos móveis, das roupas e da arquitetura)? E quanto às outras formas de atividade humana? Receber o alimento como dádiva é diferente de jogar beisebol (ou assistir a um jogo de beisebol)? É disso que este capítulo pretende tratar.

A primeira coisa a observar é que a diferença entre criação e cultura não é tão nítida e clara como gostaríamos. Por exemplo,

podemos pensar em gozar da criação como “deleitar-se nas coisas que Deus faz” e gozar da cultura como “deleitar-se nas coisas que as pessoas fazem”. No entanto, quando começamos a pensar acerca de como desfrutar da comida, por exemplo, temos de reconhecer que a maior parte da comida que saboreamos (se não toda) é uma mistura de trabalho humano e divino. Deus pode ter feito o açúcar doce, nozes-pecã crocantes e abóboras cremosas, mas é minha esposa quem os combina num bolo crocante de abóbora.² As artes da culinária são verdadeiras *artes*; requerem habilidades técnicas, paladar sensível e imaginação criativa. Alguém que tenha tomado um copo de suco de laranja depois de escovar os dentes sabe que não se deve apenas misturar sabores aleatoriamente. Algumas misturas não combinam — simples assim.

A mesma qualidade mista aplica-se às outras dádivas. Deus deu-me esposa e filhos, amigos e vizinhos. Ele os fez e abençoou-me com eles. Ao mesmo tempo, meus motivos para gostar deles com certeza também envolvem as coisas que eles fazem — pensamentos, sentimentos e ações. Assim, desde o princípio devemos estar cientes de que a distinção entre criação e cultura nem sempre é tão clara quanto gostaríamos de pensar.

Definindo *cultura*

Num capítulo anterior, notamos que Deus criou seres humanos à sua imagem, conforme a sua semelhança (Gn 1.26). Defendi que devemos compreender a imagem que portamos levando em conta a tripla vocação do homem: sacerdote, rei e profeta. Uma parte fundamental da vocação do homem encontra-se em Gênesis 1.28, passagem geralmente chamada “o mandato cultural”.³

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus

e sobre todo animal que rasteja pela terra.

O chamado a sujeitar a terra quer dizer que a terra, originalmente dada ao homem, estava indômita, não domesticada. Isso implica que a criação tem um potencial despercebido, dimensões latentes que jazem sob a superfície. Nas palavras de um escritor, Deus embutiu na criação um “rico conjunto de potencialidades”, qualidades e características que ele pretende que o homem descubra e ative.⁴ Salomão refere-se a este processo de descoberta quando diz: “A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las” (Pv 25.2).

Portanto, com o mandato cultural, Deus dá o endosso ao desenvolvimento dos recursos naturais da terra pela ciência e tecnologia (“Vamos descobrir todas as coisas legais que o hidrogênio pode fazer”) bem como à identificação de relações metafóricas e analógicas que o homem pode elaborar por meio das artes (“Há dias em que escrever é como tentar arrebanhar um saco de gatos molhados”). A cultura, portanto, abrange mais que apenas “as artes” — pintura, escultura, literatura e música. Na verdade, incorpora todas as facetas da atividade humana — do trivial ao erudito, do mais baixo ao mais elevado. Tanto o chapeiro do McDonald’s quanto o maestro da Orquestra Sinfônica de Boston estão envolvidos na cultura, cada um à sua maneira. Em ambos os casos, desenvolvem e transformam o mundo tal como o encontraram.

A cultura, então, é um tipo de cultivo, uma extração do que Deus pôs nele. Ou, para mudar as metáforas, a cultura é um adorno da criação, o embelezamento adicional do mundo já belo. Refere-se ao desenvolvimento da atividade humana — a produção cultural — e aos produtos culturais daí resultantes. Nas palavras de Henry Van

Til, a cultura é “o ambiente secundário que se sobrepõe à natureza pelo esforço criativo do homem”.⁵ Numa palavra, criação + esforço criativo do homem = cultura.

Essa definição de cultura tem dois componentes fundamentais. Primeiro, toda a nossa produção cultural é levada a cabo num mundo cujas fronteiras são absolutamente definidas por Deus. Há uma realidade objetiva — uma doação — que apresenta o mundo criado por Deus como inevitável e inescapável. Chamaremos a isso de “princípio de realidade”. Mas, como nos lembra Chesterton, a razão por que a ordem e a estrutura existem é que todas as coisas boas podem perder-se. O princípio de realidade sozinho resultaria em estagnação e, por isso, acrescentamos a ele o “princípio de criatividade”, a contribuição que, como portadores da imagem divina, damos à transformação deste mundo. Se o princípio de realidade estabelece assim um ponto de partida como direção, o princípio de criatividade leva-nos além do que está imediatamente ali em direção ao destino último estabelecido por Deus. Essa noção de amálgama do princípio de realidade com princípio de criatividade, da transformação do mundo de Deus por meio da produção cultural, é habilmente expressa por Robert Farrar Capon:

Por que nos casamos, fazemos amigos, dedicamo-nos à música, à pintura, à química ou à culinária? Por simples prazer na bondade que reside na criação, é claro; mas também por mais que isso. Metade do esplendor da terra encontra-se oculto no vislumbre da cidade que anelamos que venha a ser. Por causa de toda a amabilidade enraizada, o mundo não tem uma cidade permanente aqui; é um lugar estranho, uma casa de peregrinação, uma sessão a caminho de uma melhor versão de si mesma — e é nossa glória vê-la assim e ansiar até que Jerusalém, enfim, chegue à casa. Temos apetites, não para consumir o mundo e esquecê-lo, mas para saborear sua bondade e desejar torná-lo extraordinário.⁶

Isso é o que a cultura faz — pega essa amabilidade enraizada do mundo e torna-a ainda mais amável, prova a bondade da doação da terra e torna-a ainda mais extraordinária.

Completando a criação

A discussão anterior da cultura representa um quebra-cabeça para nós. Lembre-se de que durante os seis dias da criação, Deus anuncia com regularidade a aprovação do trabalho em andamento. De novo e de novo, dizem-nos: “E Deus viu que era bom”. E, evidentemente, depois que Deus concluiu sua obra da criação, “Viu Deus *tudo* quanto fizera, e eis que era *muito* bom” (Gn 1.31). Portanto, o movimento na semana da criação é do bom ao muito bom.

Mas agora, dado o mandato cultural, estamos num mundo “muito bom” e ainda assim requer sujeição. A obra de Deus está concluída, mas o trabalho do homem apenas começou. Como, então, devemos pensar em *melhorar* o mundo muito bom criado por Deus? Talvez possamos ter outra lição com Paulo em 1 Timóteo 4.1-5.⁷ Já vimos como essa passagem definitivamente destrói as falsas formas de ascetismo, que negam a bondade das dádivas de Deus. Mas também pode ter uma chave importante que nos ajuda a pensar acerca da cultura. Os dois versículos finais merecem ser citados de novo:

pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.

Na primeira parte do versículo, Paulo celebra a verdade vista em Gênesis 1 — a criação é boa. Mas a criação boa não é suficiente. Necessitamos da criação “tornada santa”, a criação *santificada*, a criação *glorificada*. O propósito divino é que sua criação muito boa

seja santificada e que essa santificação aconteça *por meio da atividade de seres humanos*. Para que a criação seja o que Deus projetou, ela deve ser recebida com ações de graça (“pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade”, 1Tm 4.3) e santificada pela Palavra de Deus e pela oração. Desse modo, a mistura de criatividade humana com o bom mundo de Deus deve ser uma mistura santificada. Deve ser uma mistura conduzida, governada e ordenada pela Palavra de Deus. Deve ser uma mistura dependente de modo intencional de Deus em oração. Dever ser uma criatividade fundamentalmente receptiva e grata ao Deus que criou o mundo bom e que dá boas dádivas. Gratidão e oração *a ele* e a Palavra *dele* devem orientar e permear todo o nosso gozo da criação e da produção da cultura.

Em *Reflections on the Psalms* [Reflexões sobre Salmos], C. S. Lewis disse, numa passagem muito conhecida: “Acho que nos deleitamos em louvar o que apreciamos porque o louvor não só expressa, mas completa o gozo”.⁸ O louvor é consumação do gozo. De modo semelhante, talvez possamos dizer que uma cultura projetada por Deus, guiada pelas Escrituras, regada a oração e que exalte a Deus é a consumação da criação muito boa de Deus. Recebemos com alegria o que Deus dá e devolvemos a ele com gratidão, santificada por sua Palavra e pela oração. Como “o gozo está incompleto até que seja expresso”, assim também a criação está incompleta até que seja sujeitada com fidelidade, cultivada e santificada por pessoas agradecidas. Ou, mais uma vez, uma dádiva está incompleta até que seja recebida com ações de graça e glorificada no gozo e pelo gozo do povo de Deus.

Amadurecendo o mundo, amadurecendo as pessoas

Até aqui, vimos que o gozo fiel da criação e a produção de cultura envolvem a doação da criação e o trabalho do homem. Nossa criatividade deve ser guiada pela Escritura, permeada de gratidão, dependente de oração, recebendo e santificando o bom mundo de Deus. Dessa forma, realizamos nosso chamado como portadores da imagem divina — como sacerdotes, reis e profetas. Mais que isso, reconhecer a cultura como a transformação e maturação do mundo permite-nos observar algo mais acerca da compreensão bíblica da tripla vocação do homem, apresentada no Capítulo 4. Em suma, sustento que devemos perceber a progressão nesses três chamados, um processo de maturação que começa no sacerdote, passa pelo rei e chega ao profeta. Essa progressão fica evidente quando refletimos sobre as responsabilidades de cada um destes papéis na Bíblia.

Sacerdotes são servos do palácio que realizam tarefas relativamente simples no templo de Deus. Eles inspecionam os sacrifícios, ajudam o adorador a oferecê-los, conferem se não há lepra nem outras impurezas, limpam o templo e seus utensílios e realizam rituais básicos. As tarefas do sacerdote requerem simples obediência, respondendo em fé e aplicando as palavras de Deus a situações objetivas. Como afirma Steve Jeffery: “Treinar para ser sacerdote era uma questão de aprender longas listas de regras detalhadas [...] Nenhum detalhe da decoração do tabernáculo ou das vestes sacerdotais era deixado ao acaso; cada detalhe tinha especificações [...] Um sacerdote não tinha que empregar muito pensamento criativo”.⁹ Enquanto o sacerdote cumpre um papel educativo oficial, é primordialmente a transmissão e a exposição básica da lei de Deus ao povo.

A monarquia requer um nível adicional de maturidade. Enquanto os sacerdotes são servos na casa de Deus, um rei é um filho de

Deus, governando a casa de Deus como seu representante (2Sm 7.14; Hb 3.5,6). Embora se exija que o rei de Israel conheça a lei divina (Dt 17.18-20), também se espera que ele governe com sabedoria, aplicando a Palavra de Deus a circunstâncias novas e imprevistas.¹⁰ Salomão é o modelo de virtude real, exercendo sua sabedoria em decisões surpreendentemente complicadas (não havia um versículo em Levítico para guiá-lo quando duas meretrizes aproximaram-se dele com um bebê morto). Enquanto o sacerdote apenas tem de decidir entre o bem e o mal, maculado e imaculado, o rei há de discernir entre bom, muito bom e o melhor, ou entre o pior de dois males. A capacidade de tomar decisões sábias está enraizada na internalização da lei de Deus. Assim, a sabedoria está fundamentada na lei, ou, para usar o provérbio bíblico: “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Sl 111.10; Pv 9.10).

Profetas ultrapassam reis e sacerdotes pelo fato de não apenas receberem ou aplicarem a lei divina, mas também se encontram de fato no concílio de Deus como seu conselheiro. Se sacerdotes são servos de Deus e os reis são filhos de Deus, os profetas são amigos de Deus, e ele os consulta antes de agir (“Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”, Am 3.7).¹¹ Ademais, enquanto o rei é encarregado de governar sobre o reino de Deus, o profeta é encarregado de edificar e derribar reinos por suas palavras visionárias (Jr 1.9,10). É um criador do mundo (e um finalizador do mundo), criando novos contextos e situações em que a lei pode ser aplicada. Se a virtude fundamental do sacerdote é o culto obediente, e a virtude fundamental do rei é o governo sábio, então, a virtude profética fundamental é a imaginação transformadora.¹²

Nomeação fiel

Assim, Deus planejou que o mundo amadurecesse de um grau de glória a outro, do bom ao muito bom e ao santificado. Por semelhante modo, ele planejou que os portadores de sua imagem crescessem em maturidade, de sacerdotes obedientes a reis sábios e, então, a profetas fiéis. Com essas duas progressões à mesa, estamos agora em posição de examinar a cultura de outro ângulo bíblico — a nomeação.

Anteriormente, no livro, relacionei a nomeação à vocação profética. Como profeta, o homem é chamado a nomear com fidelidade o mundo que Deus criou. No entanto, nomear é também uma expressão de outras duas vocações. Nomear, como veremos, é um tipo de cultivo, chamar à tona o que jaz oculto sob a superfície do mundo, mais ou menos como um agricultor cultiva o solo para produzir a safra. Da mesma forma, nomear é uma forma de exercer domínio real, de sujeitar a terra indômita à lei divina e humana. Contudo, nomear transcende a transmissão sacerdotal da palavra de Deus e a aplicação real da palavra de Deus a novas situações. Nomear exige criatividade e imaginação, a capacidade de ver o ainda não visto e moldá-lo conforme a palavra e o caráter de Deus.

Nesse cenário, voltamos a examinar a passagem bíblica fundamental sobre a nomeação:

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.

Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.

E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem:

Esta, afinal, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne;
chamar-se-á varoa,
porquanto do varão foi tomada.

Nessa passagem, Deus dá a Adão o privilégio de nomear os animais e a mulher. Nomear parece envolver o princípio de realidade e o princípio de criatividade. Em outras palavras, nomear envolve, de um lado, o plano de Deus, o propósito e a intenção da criação; de outro, o reconhecimento do plano de Deus pelo homem e o avanço do reino de Deus por este ato de nomear.

Em Gênesis 1, o primeiro casal humano recebe uma bênção quártupla e um mandamento: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (v. 28). A repetição dos animais e aves em Gênesis 2.19 implica que uma das formas de o homem exercer domínio sobre a criação é nomeá-los. Além disso, o fato de os animais e as aves serem distintos (“todos os animais [...] todas as aves”) implica o reconhecimento de Adão dos tipos distintos determinados por Deus em seu decreto criativo (v. 21,24,25) e de classificar e nomeá-los de acordo. Ao nomear, Adão vê o que está ali, mas vê mais do que (atualmente) está ali. Nomear é uma forma de avançar, de progredir. Inclui o reconhecimento dos atos de Deus e o desenvolvimento para além do que Deus fez. Inclui a descoberta e a invenção.¹³ Portanto, nomear envolve a aceitação dos atos divinos (i.e., a contemplação e a consideração do que Deus fez), bem como o desenvolvimento deles (i.e., a criatividade e a imaginação para edificar sobre o que Deus fez). Ou melhor, a nomeação humana é realmente uma

maneira de *Deus* desenvolver (sujeitar) a criação, contando com o *homem* como colaborador na obra de levar o mundo de um grau de glória a outro.¹⁴

Embora não nos contem com exatidão como Adão escolheu os nomes para cada tipo de animal e ave, parece justificado inferir que a narrativa poética de como nomeou a mulher dá um modelo de toda a sua atividade nomeadora. Quando Adão nomeou a mulher, vemos a interação do plano divino e da criatividade humana. Adão apresenta *razões* para justificar a escolha do nome, o que implica a necessidade de haver uma propriedade, uma adequação, entre o mundo como Deus o criou e o mundo como o homem o nomeou. Portanto, mulher (*ishshah*) é um nome adequado para o sexo feminino porque (“porquanto”) foi tomada do homem (*ish*). *Ishshah* foi tomada de *ish*. Este princípio se prolonga depois da queda, uma vez que Adão dá à mulher um nome pessoal (Eva) “por ser a mãe de todos os seres humanos” (3.20).¹⁵ Em suma, Adão nomeia a mulher (e, presumivelmente, os animais) com base nas características e relacionamentos observados.¹⁶

Além disso, com base no fluxo do texto bíblico, quando Adão nomeia os animais e a mulher, ele parece estar imitando a Deus. Em Gênesis 1, assistimos como Deus separa (por exemplo, as águas e a terra seca), nomeia (p. ex., os mares e a terra), avalia (“e viu Deus...”) e aprova (“... que era bom”). Do mesmo modo, o homem separa (criaturas baixas e de rabo peludo, ali; criaturas altas e de pescoço comprido, acolá), nomeia (“esquilo” e “girafa”), avalia (“ela foi tomada do homem”) e aprova (“afinal...”). Além disso, Adão nomeia a mulher na mesma base que ele mesmo recebeu seu nome de Deus, a saber, a origem. O homem veio da terra (heb. *adamah*) e, portanto, foi chamado *Adam*. A mulher veio do homem (*ish*) e, portanto, foi chamada *ishshah*. Adão, o filho de Deus, só faz o que

vê o pai fazer.¹⁷ Dito de outro modo, Adão *observa* e *compreende* o que a mulher é (“osso dos meus ossos e carne da minha carne; [...] [ela] do varão foi tomada”), *avalia* corretamente e *sente* intensamente a dádiva que Deus lhe deu (“Esta, *afinal...*”), e então *aplica* sabiamente e *expressa* com clareza o que observou, compreendeu, avaliou e sentiu ao dar à mulher um nome adequado (“chamar-se-á mulher, porque...”).¹⁸

Vivemos na linguagem

Nomear é, portanto, uma forma de aceitar a realidade de que, como seres humanos, vivemos na linguagem. Como vimos no Capítulo 3, Deus chama o mundo à existência a partir do nada e sustenta-o por sua palavra a cada passo do caminho.¹⁹ Como diz um teólogo: “A realidade é um texto a ser interpretado, mediado pela linguagem, história, cultura e tradição”.²⁰ Como parte dessa realidade falada, seres humanos são falados também. Também somos palavras — palavras do Deus que habita outras palavras.

Se o mundo é um discurso de Deus, trazido à existência e sustentado por sua palavra, então podemos ver como o progresso em aprender a falar a linguagem da criação (e, portanto, a produzir cultura) corresponde aos três estágios do chamado vocacional do homem como portador da imagem divina. Cada dimensão da imagem de Deus portada está particularmente associada com um órgão dos sentidos específico.²¹ Sacerdotes estão associados ao ouvido, pois foram encarregados de *ouvir* o discurso direto de Deus e obedecer. Reis estão associados aos olhos, pois foram chamados a edificar sobre o que ouviram e *ver* o intento divino em novas situações e circunstâncias.²² Profetas estão associados à boca, pois foram chamados a reunir-se com Deus em seu concílio e então *falar* sua palavra ao povo.²³

Essa progressão — do olho ao ouvido e então à boca, e de ouvir a ver e, depois, falar — esclarece o modo como os seres humanos chegaram a nomear o mundo. Primeiro, ouviram o que Deus tinha dito verbalmente, incluindo seus mandamentos e sua descrição do que fizera.²⁴ Depois, viram o que Deus está dizendo (de modo não verbal) em outro lugar em sua criação, lendo seu propósito nas coisas com base no que compreenderam de seu caráter por meio do discurso direto.²⁵ Tal leitura não verbal leva ao reconhecimento do propósito divino na criação. Com base na audição do discurso direto de Deus e no reconhecimento do significado não verbal de seu discurso, o homem então deve ele mesmo falar, acrescentando sua voz à de Deus e cultivando, sujeitando e nomeando o mundo. Este último passo é um tipo de revelação — *Deus* revelando (mais de) si mesmo *por meio da* imaginação e da invenção de suas criaturas obedientes, sábias e criativas.²⁶

Desfrutando do dom da criatividade e da cultura

Se a produção cultural descreve nossa contribuição para o crescimento e transformação da criação no cumprimento da missão divina, então podemos ver agora por que a produção e a apreciação cultural são boas dádivas de Deus que devemos receber com alegria e devolver a ele em louvor e adoração. Para voltar ao ponto onde este livro começou, produzir cultura é uma das principais formas com que Deus nos convida a participar da plenitude trinitária. Ao cultivar a criação, sujeitar a terra e fielmente nomear o mundo de Deus (em todas as suas formas variadas), estamos cumprindo o mandato cultural e participando da missão divina de encher o mundo com sua glória.

Quando escrevemos, encenamos ou ouvimos boa música, estamos sendo convidados a participar da vida do Deus trino — a

suprema harmonia de tudo. Quando escrevemos poesia, mergulhamos num romance ou assistimos a um bom filme, nosso coração e nossa mente podem alargar-se de modo que temos maior capacidade de adorar a Deus e de amar os outros. Quando cuidamos do nosso jardim, trocamos o óleo, estudamos para a prova de matemática, descobrimos as características dos elétrons, servimos nossos clientes, ou construímos uma casa nova, estamos ajudando a enriquecer o mundo de Deus e devemos alegrar-nos nessas atividades e em seus resultados com brilho nos olhos e de todo o coração.

A ceia do Senhor é uma lembrança regular de que a cultura humana pode ser um meio da graça e um convite divino. Afinal, participamos do pão e do vinho, não de trigo e uvas. Em outras palavras, Deus medeia a graça até nós por meio das coisas criadas, cultivadas e transformadas pelo esforço humano. Pão é trigo, mas transfigurado. Vinho é uva, mas glorificada. A criatividade humana e o trabalho mesclam-se com a matéria-prima da criação divina, e então Deus estabelece o resultado como a refeição sacramental da igreja. E este sacramento especial testifica o potencial de toda a atividade humana de comunicar a graça divina. Nossos esforços culturais são plenamente capazes de alargar nosso coração e nossa mente para conhecermos a Deus de modo mais completo.

Mas esse processo de expansão do coração pela cultura humana não é automático. Como vimos, é necessário receber a cultura (ou produzi-la) com o coração cheio de gratidão, governado pelas Escrituras e dependente de Deus em oração. Requer que se creia e se conheça a verdade, de modo que nossos esforços estejam alinhados com os propósitos divinos, a fim de que nossa criatividade corra nos trilhos bíblicos, para que colhamos o trigo no mundo de Deus, e não contra ele.

A cultura, como a criação, tem a capacidade de tirar-nos de nós mesmos para levar-nos à bênção do autoesquecimento, o primeiro passo em direção a um verdadeiro gozo em Deus. Como disse C. S. Lewis certa vez: “Amar e admirar alguma coisa exterior a nós significa sempre que nos afastamos pelo menos um passo do abismo espiritual definitivo”.²⁷ *Perder-se num bom livro, numa doce canção ou dedicar-se a um hobby é uma forma maravilhosa de encontrar-se.*

E o mal?

Isso levanta mais uma vez a questão do mal e do pecado na cultura. Tudo que Deus criou é bom, mas agora está maculado pelo pecado e pela rebelião. Dada a presença difundida do mal e do pecado na cultura e na produção cultural, como podemos apreciá-la e não ser contaminados? O mundanismo e a maldade da cultura rebelde não são transmitidos a nós?

Limitações de espaço impedem o tratamento completo dessa questão. Mas algumas observações apontarão ao menos um caminho a seguir. Primeiro, a presença do mal na cultura não nos impede necessariamente de desfrutar da cultura mais do que a presença do mal na criação nos impede de desfrutar da criação.²⁸ A criação é boa e amaldiçoada (Gn 3.17-19), e geme sujeita à vaidade (Rm 8.19-22). Todavia, a maldição que caiu sobre a criação não destrói por completo a bondade divina nela.

Segundo, mal, dor e sofrimento amiúde instruem-nos por contraste. A sujeição vã da criação não é um fim em si mesmo. Seu propósito é apontar-nos para um mundo restaurado. Os gemidos da criação antecipam a libertação por vir. As dores de parto conduzem nosso olhar para a alegria de segurar um recém-nascido. Então, a

presença do mal na cultura humana pode despertar-nos o desejo de um mundo renovado e transformado.

Terceiro, Deus é capaz de comunicar a verdade acerca de si mesmo pelas coisas más no mundo. O diabo é um ladrão que vem para matar, roubar e destruir (Jo 10.10). Ao mesmo tempo, Cristo promete voltar como um ladrão de noite (Mt 24.43). O diabo anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar (1P de 5.8). Ao mesmo tempo, Cristo é o Leão de Judá (Ap 5.5), que vence todos os inimigos. Assim, vemos que o mal moral (o roubo) e o mal natural (predação) podem levar-nos a Deus.²⁹

Quarto, podemos ter reações emocionais complexas à criação e cultura. É possível maravilhar-nos com a habilidade de uma alcateia para a caça enquanto, ao mesmo tempo, lamentamos a realidade da violência no mundo bom que Deus criou e anelamos o dia em que os lobos habitarão com os cordeiros. Igualmente, podemos admirar e ser inspirados pela coragem e disciplina dos soldados (seja na realidade, seja numa história), e ainda assim lamentar o fato de vivermos num mundo onde é necessário que homens rudes estejam preparados para praticar violência contra aqueles que nos causariam danos.

Quinto, há uma diferença crucial entre reconhecer o mal e deleitar-se nele. Uma coisa é gostar de uma história em que o mal tem lugar ao sol antes de ser vencido. Outra coisa é gostar especificamente do momento em que o mal triunfa. O primeiro é nobre e digno, o último é desprezível e mau. A diferença crucial reside no enquadramento do mal, em ver a afronta e a absurdidade do mal numa narrativa maior que o põe em seu lugar. Em outras palavras, devemos deleitar-nos em histórias que refletem com fidelidade o tratamento dado por Deus ao mal na grande história que ele conta.

Sexto, a presença do pecado e da maldade em histórias, filmes, televisão e música cria a oportunidade de crescermos em obediência bíblica ao detestar o mal e apegar-nos ao bem (Rm 12.9).³⁰ Precisamos de tanta prática e ajuda para aprender a odiar o que Deus odeia quanto para aprender a amar o que Deus ama. A cultura e as artes podem ajudar-nos ao desvelar a verdadeira face do mal e assim despertar as reações santas e justas em nosso coração. O senso de indignação diante do mal num livro ou numa tela pode ajudar-nos a formar e moldar-nos no tipo de pessoa que Deus quer que sejamos.³¹

Sétimo, o mal em nossa carne faz com que o mal do mundo possa encontrar lugar em nosso coração, em especial quando atizado pelo mal do diabo. Os três [a carne, o mundo e o diabo] conspiram contra Deus e contra nossa alegria, e, portanto, devemos reconhecer os perigos de imergir-nos na cultura rebelde.³² Envolvimento cultural (e gozo) pode facilmente tornar-se uma capa para ceder a desejos pecaminosos, uma desculpa para assistir a filmes desprezíveis. Jamais devemos esquecer que o mundanismo é fácil, que despojar os egípcios é difícil e que muitos israelitas convenceram a si mesmos de que estão apenas fugindo com a riqueza do mundo quando na verdade estão prestes a se naturalizar. Como disse um pastor, o que muitos chamam de “despojar os egípcios” representa apenas revirar lixo no Egito.³³

Avaliando nossa produção e apreciação cultural

Como podemos fazer a diferença? Eis uma lista breve (e não exaustiva) de perguntas que nos podem ajudar.

Nossa apreciação cultural leva-nos a adorar a Deus? Depois de ler o que lemos ou de assistir ao que assistimos, nosso primeiro impulso é querer agradecer a Deus por isso?³⁴ Ou nos encontramos

tímida e medrosamente escondidos atrás de uma árvore, esperando que a nuvem de glória não passe por ali em seu passeio noturno?

Para onde nosso gosto cultural nos empurra? Quando terminamos, nosso coração está alargado e expandido de modo que estamos ávidos a voltar ao mundo por causa do amor? Ou nosso coração está seco como ameixas deixadas no sol do Arizona?

Nossa apreciação cultural nos endurece como pedras? Se alguém nos ferisse, sangraríamos? Ou nossa apreciação cultural da criação fez de nós mais ternos de coração?

Se você tivesse de conformar suas ações e atitudes às de suas personagens favoritas, sua vida seria melhor ou pior que agora? Já encontrei muitos estudantes universitários que parecem pensar que o mundo é um seriado cômico estrelado por eles, e que é de fato possível ser sarcástico, rude e inconveniente com todos à volta e ainda assim ter amigos por oito temporadas. Se você está numa conversa particular e se pega dizendo coisas a fim de fazer os outros observadores rirem em casa (ou em sua própria cabeça), então pode ser a hora de dar uma pausa em alguns de seus programas favoritos.

As histórias que você gosta de escrever/ler/assistir/contar refletem as histórias que Deus gosta de contar? Isso não exclui as que contenham um grande mal; afinal, a história de Deus é conhecida por ter um vilão ou dois (ou sete bilhões). A presença do mal não é o problema, mas sim a representação do mal. As coisas que Deus odeia são retratadas como boas e preciosas? O mal é minimizado ou justificado? Os homens maus são vencidos ou promovidos? Os dragões são mortos ou saem triunfantes? Isso não quer dizer que você deve evitar todas as histórias provenientes de mentes rebeladas; isso significa que reconhece e resiste ao que essas histórias estão tentando lhe fazer. Também quer dizer que

você deve conhecer as próprias fraquezas e lançar fora o que o leva a pecar.

Em suma, a cultura, quer a produção, quer a apreciação dela, é uma dádiva divina tremenda, que devemos receber com sabedoria e alegria. Como todas as dádivas de Deus, ela tem a capacidade de alargar e expandir nossa alma para que o possamos conhecer melhor, amá-lo com mais intensidade e tornar-nos mais plenamente conformes à imagem de seu Filho. Deste modo, devemos ser vigilantes pela verdade, pelo bom e pelo belo onde quer que os encontremos. Como diz Paulo: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (Fp 4.8). Para fazer isso com correção, devemos orar, como Paulo, para que nosso amor aumente mais e mais em conhecimento e em toda a percepção, a fim de que reconheçamos e aproveemos o que é bom, o que é muito bom e o que é excelente e, ao agir assim, sejamos sinceros e inculpáveis até que Cristo volte, cheios do fruto da justiça proveniente dele, tudo para a glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11).

Da minha parte, tenho visto a glória da virilidade no rei Luna da Arquelândia e no Jimmy Braddock de *A luta pela esperança*.³⁵ Tenho visto a simples face do mal no Não Homem de *Perelandra*, e a tortura da hipocrisia e do pecado oculto em *A letra escarlata*. Já me identifiquei com a incompreensibilidade de Hamlet, maravilhei-me com o mal em *Hotel Ruanda*, e ri de (e com) Buddy, o elfo [do filme *Elf: Um duende em Nova York*]. Já fui redespertado para o mundo por meio de concertos de Mozart, da sublimidade de Josh Garrel e das canções narrativas de Andrew Peterson. Dancei com minha esposa Garth Brooks, Gavin DeGraw e Ella Fitzgerald, e com

meus filhos hip-hop, *country bluegrass* e músicas das bandas marciais universitárias. Compus poemas de amor, inventei canções bobinhas, cuidei de um jardim, construí uma lareira e escrevi um livro. Em tudo isso — tanto em minha produção cultural quanto em minha apreciação cultural — vi a sabedoria na declaração maravilhosa de J. R. R. Tolkien acerca da maravilha da subcriação:

O cristão ainda precisa trabalhar, com a mente e com o corpo, sofrer, ter esperança e morrer; mas agora pode perceber que todas as suas inclinações e faculdades têm um propósito, que pode ser redimido. É tão grande a generosidade com que foi tratado que talvez agora possa, razoavelmente, ousar imaginar que na Fantasia [e toda a nossa criação cultural e nomeação fiel] ele poderá de fato ajudar o desabrochamento e o múltiplo enriquecimento da criação.³⁶

¹ *A Divina Comédia*. Trad. Vasco Graça Moura. São Paulo, LandyMark, 2005, p. 115.

² Você pode estender este ponto até uma maçã arrancada da árvore. Embora Deus certamente criou suas capacidades, a maior parte de nossos alimentos foi cultivada e modificada por fazendeiros perspicazes (ou homens inteligentes com jalecos de laboratório). Com a possível exceção dos céus, seria difícil encontrar algum reino de natureza pura, alguma parte da criação intocada pela atividade humana.

³ Para um tratamento mais completo da cultura e da produção cultural, v. David Bruce Hegeman, *Plowing in Hope: Toward a Biblical Theology of Culture* (Moscow: Canon Press, 1999); Andy Crouch, *Culture-Making: Recovering Our Creative Calling* (Downers Grove: InterVarsity, 2008); e Henry Van Til, *The Calvinist Conception of Culture* (Grand Rapids: Baker, 1959). Para uma resposta maravilhosa à questão da busca de atividades culturais mesmo quando as pessoas estão a caminho do inferno, v. o ensaio de C. S. Lewis's, "Learning in Wartime" ["A busca do saber em tempo de guerra"]. In: *The Weight of Glory: And Other Addresses* (New York: HarperCollins, 2001).

⁴ Hegeman, *Plowing in Hope*, p. 34.

⁵ *Calvinist Conception of Culture*, p. xvii.

⁶ *The Supper of the Lamb: A Culinary Reflection*. Garden City, NY: Doubleday, 1969, p. 189.

⁷ Sou grato a John Piper por inspirar a direção geral desses pensamentos em sua mensagem "What God Made Is Good — And Must Be Sanctified: C. S. Lewis and St. Paul on the Use of Creation". Disponível em: <http://www.desiringgod.org/conference-messages/what-god-made-is-good-and-must-be-sanctified-c-s-lewis-and-st-paul-on-the-use-of-creation>. Acesso em: 23 jul. 2014.

⁸ New York: Harcourt, Brace, 1958, p. 95. [Lançado em português com o título: *Lendo os Salmos*. Trad. Jorge Camargo. Viçosa: Ultimato, 2015]

⁹ "A Biblical Case for Classical Education", manuscrito inédito.

¹⁰ A conexão entre sabedoria e monarquia é claramente estabelecida em Pv 8.15,16, quando a sabedoria exclama: "Por meu intermédio, reinam os reis, e os príncipes decretam justiça. Por meu intermédio, governam os príncipes, os nobres e todos os juizes da terra".

¹¹ 11 Abraão e Moisés são mencionados como amigos de Deus (Êx 33.11; 2Cr 20.7; Is 41.8; Tg 2.23), o que também pode explicar as palavras de Jesus a seus discípulos em João 15.15: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer". Semelhantemente, Deus dá a conhecer a Abraão os seus planos de destruir Sodoma e Gomorra (Gn 18.17-19). Deus também se reuniu com Moisés, "face a face, como qualquer fala a seu amigo" (Êx 33.11). Nos dois últimos casos, a consulta envolve uma ida e vinda, uma espécie de negociação entre Deus e seu representante humano (cf. Êx 32.7-14; 33.12-23).

¹² A história de Israel manifesta essa progressão pela instituição dominante em qualquer momento dado. De Moisés a Samuel, o sacerdócio é a instituição dominante. De Saul até o exílio, a monarquia ganha proeminência. Do exílio até o tempo de Cristo, os profetas são dominantes (com João Batista sendo o último profeta antes do Cristo). Essa divisão tripartite aproxima a divisão de Mateus à história de Israel na genealogia de Jesus: Abraão até Davi, Davi até o exílio, o exílio até Cristo. No entanto, ao descrever uma instituição

como dominante, não sugiro a ausência das outras. Moisés foi um profeta (Dt 18) que viveu na era em que o sacerdócio era a instituição principal. Samuel era um sacerdote que desempenhou um papel real como juiz bem como falou a palavra de Deus ao rei. Elias e Eliseu foram profetas surgidos no tempo da monarquia (embora tenham aparecido no final do Reino do Norte). E, claro, houve sacerdotes nas eras monárquica e profética. No entanto, ainda parece haver uma progressão do ponto de vista da proeminência.

¹³ “A linguagem é uma capacidade concedida por Deus que possibilita aos seres humanos se relacionarem com Deus, com o mundo e uns com os outros. De maneira específica, a linguagem envolve um tipo de relacionamento com Deus, com o mundo e com os outros que produz o conhecimento pessoal. Isto é, a linguagem deveria ser vista como o meio mais importante de comunicação e de comunhão. Em Gn 2, por exemplo, Deus e Adão se relacionam por meio da linguagem. Adão também se relaciona com seu mundo usando a linguagem para nomear os animais (Gn 2.19,20), uma cena extraordinária que mostra como os humanos fazem distinções e conexões que igualmente inventam e descobrem o mundo” (Kevin J. Vanhoozer, *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 239). Peter Leithart sublinha o modo como a arte é um tipo de “descoberta pela transfiguração”: “O artista sempre está transfigurando, mas esta transfiguração é uma tentativa de obter em dimensões o que realmente está lá, não um abandono do que realmente está lá, mesmo quando o artista tem em mente uma fantasia. A arte tenta destacar padrões, correspondências, dimensões da realidade que normalmente são esquecidas em nossa experiência cotidiana, e força-nos a olhar de novo para o girassol ou o cachimbo ou a cadeira. Como dizem os formalistas russos, um dos propósitos da arte é desfamiliarizar o familiar”. “Art”. Disponível em: <http://www.firstthings.com/blogs/leithart/2005/09/art/>. Acesso em: 25 fev. 2014.

¹⁴ J. R. R. Tolkien capta lindamente o progresso e a conclusão da criação pela nomeação em seu poema *Mythopoeia*: “Mas ‘árvores’ só o são se nomeadas — / e só o foram quando captadas / por quem abriu o hálito da fala, / eco do mundo numa escura sala, / mas nem registro nem fotografia, / sendo risada, juízo e profecia, / resposta dos que então sentiram dentro / profundo movimento cujo centro / é o existir de planta, fera, estrela” (Trad. de Fábio Bettega. Disponível em: <https://www.valinor.com.br/6266>. Acesso em: 17 de abril de 2017). O carvalho não se torna o que tem de ser até que o homem o nomeie e o veja à luz de seu nome. A nomeação complexa do homem é um eco e um retrato obscuro do mundo, mas que não é mero registro ou fotografia. Nomear é em parte conjurar, em parte um veredito, em parte condescender — uma resposta humana à realidade incitada pelos movimentos vigorosos do mesmo espírito que soprou vida na criação.

¹⁵ Observe que o nome do sexo feminino (*ishshah*) tem raiz no passado, na origem da mulher, ao passo que o nome pessoal da mulher (Eva) está voltado para o futuro dela como mãe de toda a humanidade.

¹⁶ O fato de que Adão nomeia a mulher com base nas características e nas relações observadas deixa aberta a possibilidade (eu diria probabilidade) de que os nomes das coisas podem ter melhorado conforme Adão e Eva cresceram em conhecimento e maturidade acerca do mundo e de seu lugar nele; isto é, conforme o tempo passava e seu relacionamento se aprofundava, é bem possível que Adão tenha dado um novo nome a sua esposa a fim de refletir novos atributos ou experiências significativas. Vemos esse tipo de progressão em outros lugares das Escrituras, quando Deus muda o nome de Abrão

para Abraão (“pai exaltado” para “pai de muitos”) e o nome de Jacó para Israel (“aquele que agarra o calcanhar” para “aquele que luta com Deus”) com base nas novas promessas divinas ou acontecimentos significativos na vida dos patriarcas. Em ambos os casos, o nome é mudado para refletir características e relacionamentos observáveis.

¹⁷ “Segue-se que em Gênesis 2 Adão estava imitando a Deus no processo de dar nomes”. Vern Poythress, *In the Beginning Was the Word: Language — A God-Centered Approach*. Wheaton: Crossway, 2009, p. 30.

¹⁸ Estes seis verbos em itálico correspondem aos seis hábitos do coração e da mente que John Piper recomenda como essenciais em toda educação: “Almejamos capacitar e motivar o estudante a *observar* seu objeto por inteiro e com precisão, para *compreender* claramente o que observou, *avaliar* com justiça o que compreendeu ao decidir o que é verdadeiro e valioso, *sentir* intensamente conforme o valor do que avaliou, *aplicar* com sabedoria e de modo útil à vida o que compreende e sente, e *expressar* no discurso oral, na escrita e nas obras o que viu, compreendeu, sentiu e aplicou, de tal maneira que sua precisão, clareza, verdade, valor e utilidade possam ser conhecidas e apreciadas pelos outros” (John Piper, “The Earth Is the Lord’s: The Supremacy of Christ in Christian Learning”). Disponível em: <http://www.desiringgod.org/resource-library/conference-messages/the-earth-is-the-lords-the-supremacy-of-christ-in-christian-learning>. Acesso em: 20 ago. 2013. Destaques do original.

¹⁹ “Se, de fato, Deus falou para criar o mundo, então o mundo desde o princípio e até às raízes, está estruturado pela linguagem divina. Ela não é uma estranha imposição ao mundo, mas a própria chave de seu ser e significado. E se Deus governa o mundo ainda hoje por meio de sua palavra, então a linguagem, a linguagem divina, é também a chave mais profunda da história e do desenvolvimento dos acontecimentos.” Poythress, *In the Beginning Was the Word*, p. 24.

²⁰ Vanhoozer, *Is There a Meaning in This Text?*, p. 20. Mais tarde, escreve ele: “[A hermenêutica] é relevante não só para a interpretação da Bíblia, mas para tudo o que há na vida, na medida em que tudo, de uma sinfonia de Brahms até o choro de um bebê, é um ‘texto’, ou seja, uma expressão da vida humana que pede interpretação” (p. 23).

²¹ Sou grato a Alastair Roberts e a James Jordan, a quem devo muitas das conexões desta seção. Veja Alastair Roberts, “The Authority of Scripture: From Priests to Prophets”. Disponível em: <http://alastair.adversaria.co.uk/?p=198=1>. Acesso em: 25 fev. 2014.

²² Os provérbios de Salomão são tentativas de generalizar padrões observados no mundo, exemplos de raciocínio indutivo na busca da sabedoria. Salomão reconhece que Deus sempre e em toda parte está comunicando, e então diz: “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, / considera os seus caminhos e sê sábio. / Não tendo ela chefe, / nem oficial, nem comandante, / no estio, prepara o seu pão, / na sega, junta o seu mantimento” (Pv 6.6-8). Jesus recomenda um tipo semelhante de leitura sábia da natureza quando nos ensina a lutar contra a ansiedade olhando as aves do céu e os lírios do campo (Mt 6.25-33).

²³ “Em relação a Deus, o profeta era um confidente, alguém com quem o Senhor se reunia e discutia seus planos. Mas em relação ao mundo, o profeta era eminentemente um orador. Sua tarefa era persuadir, usar as palavras de modo poderoso e convincente para mudar a mente do povo e assim mudar o mundo” (Jeffery, “A Biblical Case for Classical Education”). De modo semelhante, Poythress sublinha a relação entre a comunhão com Deus e a

criatividade discursiva: “A chave da criatividade está na comunhão com Deus, que é o único criador [...] Por meio de Jesus, temos nossa comunhão com Deus restaurada (2Co 5.18). Então, podemos ser criativos, imitando a criatividade divina. Somos estimulados porque começamos a compreender a Deus, e a vastidão da mente dele abre-nos novas direções e novos pensamentos. Florescemos como povo, não mais escravo do pecado (Rm 6.20,21). E se florescemos como povo, florescemos como oradores também. Aprendemos a ser criativos no que dizemos, porque pelo renovo no Espírito Santo tornamo-nos criativos no que pensamos” (*In the Beginning Was the Word*, p. 47).

²⁴ Em Gn 2, isso inclui a proibição da árvore mas também, presumivelmente, a descrição de Deus da origem de Adão, de modo que Adão reconhece que ele (*adam*) foi tirado do pó da terra (*adamah*), e então imita a Deus. Os teólogos referem-se a isso como “revelação especial”.

²⁵ Assim Adão deve considerar os animais, examinando e refletindo sobre como estes refletem a sabedoria, a graça e o caráter de Deus. Como diz Poythress: “Deus nos dá regras morais para viver, resumidas nos Dez Mandamentos. Mas seus mandamentos exigem aplicação a nossas situações específicas, e na aplicação precisamos da sabedoria divina para sermos criteriosos acerca das circunstâncias, e para sermos criativos no exercício do amor. A criatividade humana, entendida com correção, não produz tensão com as leis divinas, mas funciona em harmonia com as regras no contato com novas situações e necessidades” (*In the Beginning Was the Word*, p. 43). Os teólogos referem-se a isso como “revelação geral”.

²⁶ Ao chamar a atividade humana e a produção cultural um tipo de revelação, não pretendo colocá-la no mesmo nível da Escritura. Só a Escritura é livre de erro e, portanto, funciona como o padrão pelo qual avaliamos a verdade em cada uma das áreas da realidade. Antes, quero dizer que a produção cultural pode incluir-se nas categorias da revelação geral, uma vez que os seres humanos e seus atos são parte da criação reveladora de Deus, como os céus o são. Minha ideia é que Deus *quer dizer* algo por meio da atividade humana. Às vezes, o que Deus quer dizer e o que nós queremos se misturam, como na situação em que um pregador proclama a Palavra de Deus com fidelidade ou um pai se deleita com seus filhos. Outras vezes, Deus quer dizer algo diferente do que os agentes humanos querem, como quando Deus intenta a escravidão de José como um bem, enquanto os irmãos dele a intentam como um mal (Gn 50.20).

²⁷ *Mere Christianity*. New York: HarperCollins, 2009, p. 127.

²⁸ Ao falar da “presença do mal na cultura”, o termo “cultura” refere-se à atividade humana da produção cultural bem como aos produtos culturais (textos, artefatos, roupas, edifícios etc.). E mais, falando estritamente, o mal não reside nos artefatos; ou seja, o pecado não está nas “coisas”. O pecado sempre diz respeito às pessoas e seus pensamentos, disposições, intenções e ações. Em outras palavras, falar da presença do mal e do pecado na cultura significa falar das intenções dos agentes humanos (e demoníacos) que se comunicam pela cultura. Dito de outra forma, à medida que os produtos da cultura são considerados simples artefatos — algo material — não há mal neles. Mas à medida que os produtos comunicam as intenções dos portadores da imagem divina, eles podem ser moralmente avaliados.

²⁹ Assim podemos reconhecer a complexidade do deleite na criação caída. Pensar no uso de leões nas Escrituras permite-nos detalhar o quadro ainda mais, vendo as camadas em ação no mundo de Deus. Um leão caçando e matando uma gazela é com clareza um

exemplo de mal natural, predação e violência. No entanto, Judá é comparado a um leão, cujas mãos estão na cerviz de seus inimigos (Gn 49.8,9). Jacó compara o rei dos animais à tribo real, que regerá os povos (Gn 49.10,11). Deste modo, ver um leão matar uma gazela pode lembrar-nos da grandeza de Jesus, o leão de Judá que vence os inimigos, e pode levar-nos a adorá-lo. Além disso, Pv 28.1 encoraja-nos a tornar-nos como leões em sua intrepidez. Ao mesmo tempo, o diabo “anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8), e os inimigos de Davi são leõezinhos, “ávidos por sua presa” e que “espreita de emboscada” (Sl 17.12). Portanto, Cristo é um leão que produz leões corajosos e justos, e o diabo é um leão que produz leões violentos e maus. Assim, vemos os modos surpreendentes e profundos com que o mal natural pode instruir-nos nos caminhos de Deus.

³⁰ A necessidade de retratar o mal em livros, filmes e música cria desafios particulares para produtores culturais cristãos. O problema é complexo, mas para identificar uma dimensão do problema, há uma diferença entre ler acerca do fato do adultério (como na história de Davi e Bate-Seba) e representar a cena num filme. Ademais, algumas ações más podem ser imitadas sem pecado (quando um homem dispara uma arma carrega com festim num filme), enquanto outras não podem (não se pode propriamente fingir fazer sexo sob a mira de uma câmera sem envolver-se de alguma forma na ação que outras pessoas não deveriam ver). Para uma análise atenta do problema, v. Douglas Wilson, “On Not Being Scabrous”. Disponível em: <http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/on-not-being-scabrous.html>. Acesso em: 25 fev. 2014.

³¹ A parábola de Natã em 2Sm 12 dá um exemplo claro de como como a ficção pode despertar afeições santas e (neste caso) arrependimento de um pecado real. As parábolas de Jesus parecem planejadas para desempenhar um papel similar.

³² Quando falamos em termos de uma cultura rebelde, é importante observar que o pecado e o mal permanecem, mesmo quando tratamos de uma produção cultural cristã. Entre a queda e a última trombeta, não há cultura sem pecado e não há produção cultural perfeita. No entanto, embora o pecado permeie toda a cultura humana, não o faz de modo tão idêntico. Nossas atividades culturais podem ser mais ou menos obedientes a Deus, quer no nível individual, quer no nível coletivo.

³³ N. D. Wilson and Douglas Wilson, *The Rhetoric Companion* (Moscow: Canon Press, 2011), p. 8.

³⁴ Ao elogiar a ação de graças, não quero dar a impressão de que toda a nossa apreciação cultural deve incluir um alto nível de análise de temas teológicos no livro ou no filme. Às vezes, precisamos apenas dar graças por desfrutar de um breve descanso, um pouco de recreação, um gostinho do sábado.

³⁵ Filme dirigido por Ron Howard e lançado em 2005. [N. do T.]

³⁶ *Sobre histórias de fadas*. Trad. Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad, 2010, p. 81.

Desejando o que não é Deus

Porque Cristo atua em dez mil lugares, faz-se. Formoso em membros, e olhos de outros, onde é visto. Até ao Pai pelas feições de humanas faces.

— Gerard Manley Hopkins¹

Ao fixar nossa atenção quase furiosamente nos fatos diante de nós, podemos forçá-los a transformarem-se em aventuras; forçá-los a desistir de seu sentido e a cumprir seu propósito misterioso. [...] O mundo nunca morrerá de fome por falta de maravilhas, mas apenas por falta de se maravilhar.

— G. K. Chesterton

A verdadeira labuta é lembrar, prestar atenção. Na verdade, despertar. Mais ainda: permanecer desperto.

— C. S. Lewis

Os seres humanos são criaturas miméticas. Não podemos impedir que sejam assim. Antes de tornar-nos conscientes de nós, somos conscientes dos outros. As crianças imitam os pais e os irmãos. Jovens atletas imitam as estrelas dos esportes. Jovens músicos imitam as estrelas do rock. Leitores imitam suas personagens favoritas. Pregadores imitam seus heróis da eloquência. A imitação faz parte da fábrica da existência humana, e não devemos resistir a ela. “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1). “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (Fp 4.9).

Talvez por isso a maneira mais concreta de pôr em prática o que tenho dito seja apenas descrever alguns momentos de minha

própria vida, tentativas de ritmos integrados de piedade e acolhida das dádivas divinas por amor a ele. Essas ilustrações são apenas isso — ilustrações. Limitam-se à minha experiência, contexto, relacionamento, pecaminosidade permanente, maturidade e assim por diante. Na maioria desses registros instantâneos, não dou muitas explicações quanto a seu sentido. Minha esperança é que você seja capaz de ler nas entrelinhas e ver como os cenários iluminam a vida cristã. No mínimo, espero que possam colocar um pouco de carne nos ossos de tudo que tratamos até aqui.

• • •

Sete e meia da manhã. Em casa. Um momento no quarto dos meninos (o período após o café da manhã quando brincam no quarto enquanto o papai organiza a agenda do dia).

Do quarto: “Papai. Papai. Papai. Pai. Pai”.

Pausa.

“Papai. Papai. Pai. Papá. Papai. Papai. Pai. Papai. Paaaaaaaai. Papai. Pai”.

Pausa.

“Papai. Pai. Papai, vem aqui. Pai, vem cá. Papai. Pai. Papai. Pai”.

Cedo e sigo para o quarto. Se Jesus tivesse visitado minha casa, esta seria chamada “A parábola do menino persistente” (Lc 18.1-8).

• • •

Meu filho de um ano vem até mim com os braços estendidos. Posso ver em seus olhos. Ele está procurando alguma coisa: aprovação, afirmação, aceitação. O tipo de coisa que só um pai pode dar. Está com fome do amor do pai, do amor do Pai.

O brilho em meus olhos, o sorriso no rosto, a força e a ternura de meus braços dirão a verdade acerca de Deus, ou sua ausência

blasfemar contra o Pai das luzes.

Meu filho está procurando por mim e buscando a Deus.

Meu filho, o teólogo.

• • •

Somos, todos nós, inclinados ao devaneio. No meu caso, tendo a devanear em ansiedade, dúvida e depressão. Já tive minhas experiências de noite escura da alma — algumas longas, outras breves. Ainda tremo ao lembrar alguns ataques de pânico, a desorientação fluindo de uma dúvida incessante que se negava a dar-me um momento de descanso. Lembro-me do sentimento surreal de vivenciar o que um pastor chamou de “um tipo de autoextinção”, com a mente girando enlouquecida enquanto eu não sabia mais quem era. Lembro-me da solidão e do medo, das noites perdidas olhando para o teto, de pensamentos frenéticos procurando uma saída, e a terrível sensação de desespero que me cobria nos momentos de desespero e fatalismo quanto ao futuro.

Mas tenho outras memórias daqueles tempos. Amigos fiéis e minha família ouviam minhas perguntas, alguns trabalhando (e até mesmo pesquisando e escrevendo) a fim de tentar respostas específicas, outros orando, encorajando-me e (em alguns casos) repreendendo pecados que mostravam sua cara feia. Homens sábios, mais velhos, pais na fé, que ouviam e aconselhavam a partir da experiência madura sobre como manter a fé quando os fundamentos estão abalados.

E, nas últimas temporadas de dúvida, a esperança inabalável e a sensibilidade estável de minha esposa incrível. Suas palavras, sua esperança e seu toque me serviram de apoio de uma forma que ultrapassa minha capacidade de explicar. Senti o consolo de Deus

na presença fiel da minha esposa. Sua fé recolheu os cacos frágeis em que me encontrava e sustentou-os quando tudo que eu podia fazer era chorar.

Não me questiono o que Deus me teria dito ou o que ele teria feito por mim se estivesse fisicamente presente naqueles momentos sombrios. Eu sei, porque ele estava presente na presença dela.

• • •

Alegria é música. Começa simples e ganha complexidade. Meu filho sabe a melodia da alegria e do prazer. Ele a chama “legal”. Aprendeu-a no *playground*, no zoológico, nas guerrinhas de cócegas, no esconde-esconde. E dá testemunho dessa melodia sempre que diz “De novo!”, rindo até doer a barriga.

Como pai, uma das minhas principais metas e responsabilidades é tocar aquela linha melódica de novo, de novo e de novo. Quero que o coração dele esteja afinado com a doçura do prazer e da alegria paterna, tenha a pureza e o espanto da alegria simples e profunda ecoando em sua alma e chamando-o para fora de si mesmo.

Há outras alegrias, prazeres complexos que resistem a explicações simples. Há a alegria lenta e delicada da intimidade conjugal. Há o deleite estonteante de um lindo pôr do sol sobre o oceano tranquilo. Há a satisfação emocionante da descoberta intelectual e do crescimento em sabedoria. E então há a estranha alegria da ausência, do pesar, da saudade. Como diz Lewis: “As melhores posses são os desejos”.

Sim, há camadas de alegria, profundezas que meu filho apenas não pode compreender ainda. Então meu trabalho é prepará-lo para as alegrias maduras, aprontá-lo para ouvir e tocar harmonias. Seu

conhecimento de Deus e sua experiência da alegria em Deus crescerão por acréscimo. A melodia sempre estará lá (o riso simples nunca deixa de maravilhar), mas estará em camadas, ampliada e enriquecida por seu crescimento em maturidade cristã.

E todos somos como meu filho, crianças quanto às alegrias sólidas e os prazeres duradouros. Não podemos imaginar o que Deus tem reservado para nós. Nossa mente ainda não é grande o suficiente. Nosso coração ainda não é largo o bastante. Nem olhos viram nem ouvidos ouviram. E a única maneira de preparar-nos para as glórias vindouras é espremer o que Deus nos tem dado agora. Se ao final receberemos o riso do céu, devemos fielmente apreciar a música de Deus que podemos ouvir agora.

• • •

Gosto de ver felizes a quem amo. Gosto ainda mais se posso contribuir com sua felicidade. Quando meu filho fica boquiaberto com o oceano ou fica rindo de uma cena engraçada num desenho animado, a alegria inunda meu coração. Minha alma folga com a alegria dele. Quando surpreendo minha esposa com a casa limpa ou com um presente “só porque te amo”, vejo a felicidade inesperada nos olhos dela, e quero parar o tempo e saborear o momento, porque naquela hora tenho acesso ao sentido interno das coisas. Não estou tentando ser esotérico ou esquisito. O sentido interno das coisas realmente se encontra na superfície. O pecado quebrou-o, cobriu-o e distorceu-o a ponto de já não o podermos reconhecer. Mas ainda está lá, esperando ser encontrado pelo coração regenerado.

Quando você o encontra, reconhece-o como a coisa mais linda e natural do mundo. A realidade tine. Algo toca sua alma e tudo cai no lugar. O sentido interno das coisas é o senso de coerência e

unidade, o brilho da harmonia que Deus infundiu na criação. Os antigos chamavam a isso de “a música das esferas”. Tolkien dramatizou isso como a música dos Ainur, os poderosos temas sinfônicos que levaram a cabo a criação e a ordem do cosmo. Em termos cristãos, é a instauração criacional da plenitude trinitária. É a glória do Deus vivo *ad extra*, fora de si mesmo. “A plenitude da terra é a sua glória.”

• • •

Tenho uma memória. Numa manhã de 1993. Um eu de 11 anos de idade rola na cama conforme o sol atravessa as persianas. Dia de aula.

Sinto uma mão em meu ombro. Ela me coça por um instante e em seguida me arranha gentilmente. Ergo os ombros, pressionando os dedos um pouco mais. É uma rotina familiar, e os dedos não falham.

A coceirinha nas costas vira um tapinha. “Hora de acordar, querido.”

Levanto-me. Meu pai senta-se à beira de minha cama, vestindo uma camisa com colarinho americano e calças escuras. Acordou há algum tempo. Tomou banho, fez a barba e está pronto para trabalhar. Posso sentir o cheiro de sua loção pós-barba.

Vou cambaleando, ainda com cara de sono, até a cozinha. O cereal, o leite e a tigela estão no balcão. Meu lanche está embrulhado. Peito de peru e mostarda no pão. Uvas e Doritos Ranch. Meu pai sabe do que eu gosto.

Ele pega sua maleta, me dá um beijo na testa, e sai.

Uma aula de escatologia. Há algo valioso em sair da cama. Há esperança no futuro.

• • •

Avançamos 15 anos. Casa arrumada para o Natal. Sempre amei feriados.

Meu pai sai devagarzinho de seu quarto, arrastando os pés. O cabelo está desgrenhado e a barba por fazer. Está usando uma camiseta e as calças do pijama.

São 13h30.

Ele para e olha ao redor apreensivo e com um toque de pânico nos olhos. A aparência de seu rosto me enerva por um instante.

Odeio a demência.

“Aqui, papai. Sente-se no sofá. Vou buscar alguma coisa para o senhor beber.”

“Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei” (Is 46.4).

Ah, Senhor, por favor, assim seja.

• • •

Mais um salto. Dessa vez dois anos adiante. Período natalino de novo.

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

Ele se assenta (se é que se pode falar assim) numa cadeira especial. Passaram-se meses desde que ele andou. Pesa em torno de quarenta quilos. Pele e ossos, mas sua pele ainda tem boa aparência.

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

Minha mãe senta-se ao lado dele, segurando-lhe as mãos trêmulas. Maldito Parkinson. Ele respira com um pouco de dificuldade. Parece terrível, mas as enfermeiras dizem que é normal.

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

Aquelas mãos seguraram-me quando eu era jovem. Acariciaram minhas costas durante os cultos na igreja. Ensinarão-me como arremessar e rebater. “Fique com os olhos fixos na bola”, ele dizia. “Avance em direção ao arremessador e mantenha a cabeça baixa.”

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

Vejo minha mãe olhando o rosto dele, buscando algum reconhecimento, algo além daquele olhar vago. Ela caminha com ele cada etapa da morte lenta — os exames e os tratamentos experimentais, o otimismo cauteloso e a perda devastadora numa virada repentina rumo ao pior. Não foi assim que ela imaginou seus anos dourados.

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

“Billy. Billy. Ei, querido.”

Ela consegue um olhar. Um *flash* de algo, e um sorriso se esboça nos lábios dele.

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

“Oi”, ele diz, e um riso lhe sobe da garganta. Todos sorrimos e rimos com ele, enquanto seu olhar passa de um por um.

Ela se inclina para dar-lhe um beijo; ele se encolhe. Nem tudo na mente velha está perdido. Ela se inclina de novo; ele continua encolhido. Rimos quando ela o beija de novo, ainda lhe segurando as mãos trêmulas.

A aliança continua firme. Até que a morte nos separe. “Grande é este mistério”, disse o apóstolo (Ef 5.32).

A misericórdia do Senhor dura para sempre.

• • •

Antes de nosso filho mais velho nascer, minha esposa e eu lutamos por alguns anos contra a infertilidade. Os médicos não tinham certeza de que poderíamos ter filhos. Isso era particularmente difícil para minha esposa, e houve muitas lágrimas derramadas e muitas orações. Quando o Senhor respondeu nossa oração por um filho, tomamos a sério a responsabilidade de nomeá-lo. Enquanto procurávamos e debatíamos vários nomes, entrei por fim em meu escritório, sentei-me e escrevi um poema a fim de escolher um nome. Fiz a mesma coisa com nosso segundo filho.

O nome de nosso mais velho é Samuel Jonathan. Samuel quer dizer “Deus ouviu”, e Jonathan quer dizer “O Senhor deu”. Nosso segundo filho chama-se Peter William, em homenagem a nossos pais, que tiveram sérios problemas de saúde durante a gestação. Incluo os poemas que escrevi porque oferecerem uma janela em minha frágil tentativa de ler minha Bíblia, o mundo e minha própria história, e captar tudo isso num instantâneo poético.

• • •

Samuel Jonathan

Por três anos longos e doloridos esperamos
Na escuridão seca e árida que
Como Ana, nos afligia a alma
Com circunstâncias fora de controle
Nosso ou de qualquer homem mortal.
Choramos: “Um filho é melhor do que
Todas as outras dádivas terrenas que Deus
Jamais poderia dar. Esse castigo doloroso
Da esterilidade nos adoecia o coração

Com o pesar que com suas idas e vindas
levou-nos a dobrar os joelhos em oração.
Oh, Senhor, que fizeste a terra e o céu,
Por que fechaste o ventre desta mãe?
Pois em nosso coração e em nossa casa há lugar
Para dez filhos. E ainda agora
Pedimos só um e dobramos
O joelho em humilde esperança e confiança
De que jamais nos esquecerás.
E temendo que nosso desejo se torne forte demais
E em pranto acusemos erroneamente
O Deus que nos sustenta dia a dia
Nos braços eternos, dizemos:
A maior dádiva que poderias dar-nos
É nada comparada ao Cristo que vive
Para interceder por pobres pecadores
E necessitados. Nele encontramos alegria
Certa, algo de que qualquer criança
Não é senão um eco". Encantados
E cansados por esta carga, nós
Soltamos nosso clamor forte e silencioso
E que, como incenso suave, suba
Ao pai das luzes que sabe
Exatamente de que seus filhos precisam.
E de seu trono a toda velocidade
Sai uma palavra certa e soberana,
"Sem dúvida, teu Deus ouviu.
E assim, regozija-te, ó estéril,
Pois dar-te-ei um filho.
De sua vida não terás posse,
Mas caberá a ti nomear
Este garotinho, então escolhe bem,
Um nome que abale as portas do inferno,
Um nome que relembre o Único
Que ouviu seu clamor e deu Seu Filho
Para morrer no madeiro
Para dar-te vida e libertar,
Não só da esterilidade,
Mas do pecado, para que bendigas

Seu nome em todos os teus dias,
E renda-lhe graças e louvor
Por dar-te toda boa dádiva
Que te alegra e te faz cantar
E mesmo aqueles que te fazem chorar
E suplicar a Deus, que ele manteria
E sustentaria na noite mais escura,
Sim, até mesmo elas nele são luz”.
Há um nome que diz tudo isso,
Um nome que traz à memória a bênção
E alegria que preenche nosso coração nesses dias
Sem esquecer todas as formas
Que lamentamos por três longos anos,
Que nos lembrarão das lágrimas
E orações que oferecemos ao Senhor?
Há um nome que toque este acorde?
Então, meu filho, foi assim que pensamos
No nome que é seu destino.
Escolhemos para lembrar
do lamento e do juramento selado com sangue
do Deus que nunca abandona os que são seus
em provações doídas e sofrimentos desconhecidos.
Seu nome mostra a fidelidade de Deus,
Pois pedimos por ti e ele disse “sim”.
Seu nome é Samuel Jonathan,
Porque Deus ouviu e Deus deu.

Peter William

Diz o ditado: “Nossa, as coisas mudam!”.
Então, em nosso caso, não é estranho
Que dois anos tenham trazido mudanças.
O tempo corre como um corcel veloz
E transforma as lágrimas estéreis da mulher
Que corriam nos anos de infertilidade
De pranto em alegria maternal:
Um menininho risonho
o bebê se tornou. E mais,
Do fundamento a uma casa adorada

Pelo tamanho, forma e raios de sol
Que correm pelas janelas com tanta diversão
quanto Samuel pode ter com a mamãe e o papai.
E em corações tão preenchidos e alegres
Vem uma questão, sem traço de lamúria:
“Pode ser ainda melhor?”.
Mas nem toda mudança é boa, vimos,
Um câncer nos pegou por trás
Uma pedra de tropeço assustadora
Que abateu a rocha da família
Aquele que sempre esteve ali
Para guardar e proteger com seu cuidado,
Aquele que sempre tinha um plano,
Um homem forte, sadio e piedoso.
Mas com humor e graça,
Papai nos mostrou como enfrentar
O mundo partido em que vivemos
E receber o que Deus pode dar
Com alegria paciente e gratidão:
Nosso Pai é sábio e bom.
Mais tristeza, e agora mais profunda,
enquanto uma doença cruel persegue papai Bill,
Atacando-lhe a mente com a morte mais lenta
enquanto filhos e esposa com ar lacrimoso
Têm orado milhares de orações sinceras.
Um sorriso cansado é tudo que ele veste
Conforme palavras confusas fluem de seus lábios
Em vez dos gracejos sagazes e argutos
Que costumavam agraciar sua língua esperta
Quando mente e coração ainda eram jovens,
Quando ele educava sua prole
E com amor prepara-lhe a comida,
E os acordava com uma coceirinha,
“Hora de acordar. Já é dia”.
E sem palavras, ele parecia dizer,
“A vida vale a pena. Enfrentemos o dia”.
E as mãos que seguravam a luva de *baseball*
E ensinaram como lançar e rebater
Agora trêmulas tremem frágeis

Mas seguras por braços que não falham,
Braços que do pó formaram o homem
E nos guiaram por um plano perfeito,
Até voltar ao pó, nós
Aguardamos a Esperança que não vemos
A Esperança ferida e ensanguentada,
A Esperança que Deus levantou dos mortos.
Em meio a toda essa mudança chega
Uma criança, com corpo e membros perfeitos,
E pés e bochechas e ouvidos e dedos,
Com pele rosada e narizinho arrebitado.
Na tristeza e na alegria
Damos as boas vindas ao novo menininho.
E, mais uma vez, cabe a nós
Nomeá-la com um nome que lembre
O Deus que tudo suporta
Que enviou seu Filho para beber o cálice
De vinho espumante em nosso lugar,
E nos consola com sua vara e cajado
Sempre que passamos pelo vale
Da sombra da morte. Confiamos nele
Quando a terra não resiste, e a água espuma,
Quando a sombra cai na família e lar,
Quando nações se rebelam e reinos escarnecem,
colocamo-nos diante de Deus, a rocha.
Na vontade de nosso Pai descansamos
E de sua mão recebemos o melhor.
Para captar isso, que nome escolher?
Da mudança, e a vida que havemos de perder
Se quisermos ganhar uma melhor
Sempre que a Terra Além do Sol
Desce à terra com um grito festivo
E a morte é finalmente expulsa?
E, claro, nossos pais também,
Que nos deram esperança verdadeira,
Uma esperança que ri no porvir,
Que sabe de onde vem a alegria e o prazer,
Esperança que opera num ventre mudo,
A esperança que vive além do túmulo.

Então, nesta rocha, colocamos teu nome,
Renunciando a toda pretensão terrena,
E a esta Vontade, entregamos teus cuidados,
Nosso Deus guardará, não importa onde.
Seu nome é Peter, e William também.
Pois Deus é sua rocha, e sempre te guardará.

• • •

Amo ensinar. Odeio atividades administrativas. E hoje é um dia administrativo. A lista de afazeres está repleta de *e-mails* que precisam ser escritos, propostas que precisam ser editadas, telefonemas que precisam ser feitos. Talvez eu possa visitar os enfermos.

A roupa está suja. De novo. Não tenho camisas, e minhas únicas meias limpas estão furadas. A pilha de roupa suja perto do *closet* zomba de mim.

São seis da manhã. Acordo com meus filhos, que estou convencido de serem em parte galos. Empurro a porta da cozinha e vejo a pia ainda cheia de louça. Sabia que me arrependeria de deixá-la acumular. Agora tenho de esfregar. Queijo derretido e seco é um problema.

Voltamos de nossas férias de verão. Depois de esvaziar a caixa térmica, levo-a para a garagem para guardá-la. Paro um pouco diante da flora no meu quintal. Parece uma selva em Sumatra. A trepadeira da Virgínia tomou duas cadeiras do pátio. Os dentes-de-leão anexaram parte da grama verde. Ervas daninhas crescidas, cujo nome nunca me incomodei em aprender, roçam minha cintura enquanto passo. Não consigo nem ver os canteiros rochosos que sei que estão debaixo delas. Meu sábado está arruinado.

Chega o outono. As três grandes árvores que cercam nossa casa no verão e ajudam a abaixar nossa conta de refrigeração depositam

sua nuance colorida em meu gramado. A previsão do tempo promete chuva para essa noite. Espero que ela esteja errada. Odeio cavoucar folhas molhadas na calha da chuva.

Minnesota em fevereiro. O tipo de terra que só a Feiticeira Branca poderia amar. Sempre inverno, nunca Natal. E agora estou pagando por estar longe de casa para passar os feriados. A nevasca de ano novo congelou na borda do meu telhado, e o gelo acumulado tem 15 centímetros de espessura. Se não resolver isso agora, vai ter água escorrendo pelas paredes na primavera. Pego a escada e a meia-calça cheia de sal grosso.

Sério? Você encheu a fralda de novo? Acabei de trocá-la dez minutos atrás. O que você comeu hoje?

Vaidade de vaidades, diz o Pregador;
tudo é vaidade...
Todas as coisas são canseiras tais,
que ninguém as pode exprimir;
os olhos não se fartam de ver,
nem se enchem os ouvidos de ouvir.
O que foi é o que há de ser;
e o que se fez, isso se tornará a fazer;
nada há, pois, novo debaixo do sol. (Ec 1.2,8,9)

• • •

Maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. (Gn 3.17)

• • •

O menininho pula para lá e para cá com seu uniforme preto e vermelho.

“Sou o homem-aranha”, diz ele. Ele nunca nem tinha visto o homem-aranha. Só gosta dos trajes da avó.

“E o que o homem-aranha faz?”

“Ele voa por aí. E mata dragões.”

Sim, sim, ele faz isso. Não é todo dia que se pode ver o futuro militante da igreja.

• • •

Tenho uma visão. Dois homenzinhos com orelhas pontudas e pés peludos dançam numa mesa com grandes canecas de cerveja nas mãos. Estão cantando uma canção sobre um dragão verde, e todos estão rindo deles. Ou rindo com eles. Nessa situação, não sei ao certo se há alguma diferença.

Outra visão. Um casamento saído de um livro velho, escrito para mulheres, que virou um filme que me obrigaram a ver. Quer dizer, que eu tive o privilégio de ver um dia com minha esposa.

Seja como for, o casamento. O lugar é radiante, mesmo à noite. E as pessoas dançam juntas. Fica um pouco tumultuado, e todos mostram uma notável falta de autoconsciência. E há a risada estranha de novo. Até mesmo rir *de* é, na verdade, um rir *com*.

É um tipo de festa a que você gostaria de ter sido convidado. Você poderia fazer papel de ridículo e ninguém se importaria. É o tipo de lugar onde você estaria livre de obrigações devastadoras que coloca sobre si por causa dos outros. As obrigações que o paralisam com medo de que alguém esteja vendo e esperando que você tropece, escorregue ou diga algo estranho.

O fim da história é um banquete de casamento. O céu será esse tipo de festa. Espero que convidem *hobbits*.

• • •

Texas Hill Country em julho. Jogo de *frisbee*.

É uma tarde especial. Depois de caçar o disco por algumas horas, corro até a árvore onde deixamos a caixa térmica. A garganta está seca, e na boca há aquele pigarro. Coloco meu copo debaixo da torneira e aperto o botão.

Noto o chão sem grama debaixo de um carvalho bem grande. Passa pela minha cabeça: “cavoucar aquele muco em minha boca com um caco de barro agora seria loucura”.

E, segundo Jeremias 2.12, uma parábola estarrecedora.

• • •

Admito. Tenho necessidades. Sou quase feito de necessidades. Se necessidade fosse dinheiro, eu seria o Bill Gates da necessidade. Especialmente nesta semana.

Você sabe que acontece. Diz sim para coisas demais a uma pessoa (ou para cinco). Lecionei seis vezes nesta semana: a teologia dos três primeiros capítulos de Gênesis. Retórica. Papas e reis da Alta Idade Média. O que significa ser criatura? Características da liderança espiritual. O argumento ontológico de Anselmo sobre a existência de Deus.

Depois, prego quatro vezes no final de semana. O Bethlehem College está nas preliminares. E o “Desiring God” terá sua conferência nacional (e hospedarei um dos preletores).

Ah, mencionei que meu pneu está furado? Parece que há um prego nele. E que tenho dois filhos com menos de quatro anos? E acho que estou perdendo a voz (todas aquelas aulas, sabe?).

Sim, tenho muitas necessidades, e nesta semana sinto-as intensamente.

“E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19).

Como ele fará isso?

Ei, pode orar por mim nesta semana? Vai ser uma loucura.

Um aluno da faculdade me ajudará a trocar o pneu (com isso, quero dizer que ele trocará o pneu enquanto eu só observo). Outro me dará pastilhas para garganta — Hall's extra forte. Vou chupá-las como se fossem balinhas. Minha esposa vai se transformar na supermãe e manterá a casa enquanto me mantém alimentado. Um colega cobrirá minhas responsabilidades na conferência, então posso orar e preparar o sermão. Muitas pessoas vão orar.

E irei de aula em aula, de tarefa em tarefa, pedindo a ajuda de Deus e confiando em suas promessas enquanto trabalho com toda a minha capacidade.

É domingo à noite. Aulas: dadas. Preliminares: feitas. Sermão: pregado. Filhos: vivos. Esposa: sã (um pouco). Minha alma: cheia.

Necessidades supridas segundo a sua riqueza em glória em Cristo Jesus: Minha família. Sua igreja. E pastilhas para a garganta.

• • •

West Texas. O lugar onde Deus não tem mais ideias.

Pelo menos é o que dizem. (Na verdade, é o que digo como piada sempre que me apresento a novas pessoas.)

Mas Deus teve uma grande ideia quando fez West Texas. Céu. Muito céu. Um céu imenso. Um céu azul. Um céu laranja e vermelho (com um pouco de roxo acrescentado em boa medida). E todos

sabemos que o céu é um pregador, um profeta da glória de Deus e da obra de suas mãos.

Lembro-me das tempestades em West Texas sustentando minha fé gasta durante uma noite escura da alma. Em meio a minhas dúvidas e lutas, não podia negar a beleza que via quando as nuvens escuras pairavam no horizonte, inundando a terra sedenta. Às vezes podia ver o pôr do sol, resplandecendo por entre nuvens carregadas como se estivesse prestes a lançá-las ao fogo.

O vento sempre sopra em West Texas, mas sopra de um jeito diferente quando a tempestade se aproxima. Há algo no ar, talvez um cheiro, talvez a pressão atmosférica (qualquer que seja), talvez uma promessa ou profecia. Talvez um pouco de cada uma dessas coisas.

Você pode vasculhar o horizonte e ver a tempestade tonar-se mais escura nos lugares em que a chuva é mais pesada. Pode ver os relâmpagos a partir das ondas escuras, uma língua de fogo que procede da ponta dos dedos de Deus.

Ele as cavalga, você sabe. As nuvens, quero dizer. Se você pudesse aproximar-se o suficiente de uma delas, subir nelas, veria as rodas de sua carruagem? Como Ezequiel, veria o querubim, os guardas do palácio da nuvem de glória de Yahweh, brilhando como brasas e correndo para lá e para cá como um raio? Ouviria no tatar de suas asas o rugido do oceano na tempestade, o tumulto de um batalhão em marcha?

Se pudesse ver acima das nuvens o trono do eterno, alto e sublime, veria o serafim brilhante, aquelas antigas serpentes flamejantes com seis asas? Você as ouviria entoar o “santo, santo, santo”, enquanto o manto de sua glória enche o templo e cobre o mundo?

Com os olhos treinados, você pode ver muito numa tempestade em West Texas.

• • •

Romanos 1, sobre o outro lado do novo nascimento:

Porque o gozo de Deus é revelado dos céus sobre toda a bondade e justiça dos homens, que por sua justiça celebram a verdade. Pois o que de Deus se pode conhecer está claro para eles, porque Deus lhes revelou. Pois atributos invisíveis de Deus, a saber, seu eterno poder e natureza divina, foram claramente percebidos, desde a criação do mundo, nas coisas que foram criadas. Porque conhecem a Deus, honram-no como Deus e dão graças a ele, e tornam-se férteis no pensamento e seu coração humilde é iluminado. Tendo-se feito loucos por Cristo, se fizeram sábios, e receberam a glória do Deus imortal e viram a glória dele no homem mortal, nas aves do céu, nos animais e nos seres que rastejam. Portanto, Deus restaurou-lhes o desejo em seu coração de ser puros, para honrar seus corpos entre si, porque receberam alegremente a verdade acerca de Deus em vez da mentira e adoraram e serviram ao Criador, que é bendito para sempre, em lugar da criatura. Amém. Por essa razão, Deus renova-lhes o desejo, o prazer e as paixões. Pois as mulheres se gloriam na masculinidade de seus maridos, e os homens, semelhantemente, deleitam-se na feminilidade de suas esposas, e são consumidos de paixão por elas, homens que honram o leito matrimonial e recebem em si mesmos a devida recompensa pela obediência. E uma vez que julgaram adequado reconhecer a Deus, Deus reorientou suas mentes renovadas para fazer o que deve ser feito. Foram preenchidos com o hábito da justiça, da bondade, do contentamento, da benevolência. Estão cheios de gratidão pelas dádivas dos outros, amor fraternal, paz, verdade, magnanimidade. São edificadores, encorajadores, amantes de Deus, corteses, mansos, humildes, inventores do bem, obedientes aos pais, sábios, fiéis, compassivos e misericordiosos. Porque conhecem o decreto de Deus segundo o qual aqueles que praticam tais coisas receberão a vida eterna, não só as praticam, mas aprovam aqueles que as praticam também.

• • •

É um contorcionista, é mesmo. Se eu não ficasse atento, ele fugiria da cama. Mas ele não quer. Está gostando muito da guerrinha de cócegas. Não o culpo. Essas risadinhas fazem o coração deste pai querer saltar do peito. Fico pensando quanto tempo esse riso vai durar.

Pense comigo na guerrinha de cócegas. Veja as camadas de realidade em ação.

Na superfície: um homem adulto e um espécime de um ano de idade, sorrisos, risadas, dedos pontudos, pernas que chutam, gritos, suspiros, beijinhos rápidos no pescoço, muxoxos, e eu já falei risadas?

Sob a superfície: vínculos emocionais, afeição paterna, o doce prazer infantil. Uma contribuição para a sensação de proteção e segurança da criança no mundo. Talvez ele seja bem ajustado (ou, ao menos, mais bem ajustado). Isso sem dúvida o ajudará em seus SATs.²

Abaixo de tudo isso, em tudo isso e por meio de tudo isso, a plenitude trinitária está sendo estendida. A alegria que fez as montanhas está concentrada em minha cama. O deleite paternal é o coração da realidade. “Este é meu Filho amado em quem me comprazo.” Toca uma fita pericorética em minha cabeça. Assim diz o Senhor a seu Filho. Assim diz o Senhor a todos os seus filhos que estão no Filho.

Este é o ápice da paternidade. Esta é a melodia da maternidade. Esta deve ser a tônica na sinfonia familiar. Deleite, prazer, alegria. Essa guerrinha de cócegas é alta teologia. Esta cena é uma pintura, uma parábola da glória que existia antes da fundação do mundo. É uma amostra e um convite. Pai e filho estão sendo chamados à vida e alegria divinas.

Só eu lembrarei nitidamente disso. A cena passará pela cabeça de meu filho e deixará sua memória. E, ainda assim, em certo sentido, é a coisa mais espiritual que posso fazer por ele. Meu prazer e minha alegria podem deixar uma marca nele que durará mais que o sol.

“Pai”, oro, enquanto tomo fôlego na guerra de risadas para chegar diretamente a Deus, “que assim seja”.

A lição para pais (e mães): seja o sorriso de Deus para seus filhos.

• • •

O objetivo dessas divagações é ilustrativo, não exaustivo. Estes são exemplos para inspirar, não para copiar servilmente. Faça os seus próprios. Considere-se livre e desimpedido em suas aplicações. Esse tipo de vida embebida de Deus, que exalta a Cristo e está saturada das Escrituras é tão grande quanto o mundo. A terra realmente é do Senhor, incluindo toda a sua plenitude.

Quero terminar este capítulo com algumas reflexões sobre a vida com base nesse tipo de paradigma.

Primeiro, não sinta que precisa acrescentar um versículo bíblico a cada um de seus prazeres. Você não precisa sentir-se culpado se não conseguir identificar de pronto o atributo específico de Deus comunicado em seu gozo de algo. Às vezes um prazer é só um prazer. Ponto final. Deus é honrado em seu gozo de algo, em sua gratidão, e na fertilidade de sua vida por causa do reino. Então apenas receba as dádivas como um dos muitos prazeres de sua destra.

Segundo, reconheça as camadas de realidade. Deus é Pai e Deus é Rocha, o que quer dizer que de alguma forma os pais são

como rochas (e pastores, e fortalezas, e reis). Mergulhe nas metáforas. Pense nas semelhanças e diferenças relevantes nas analogias e comparações na Bíblia e então sintá-se à vontade para fazer aplicações. Por exemplo, o relacionamento entre Pai e Filho na divindade é retratado nos pais e filhos humanos. Mas é também retratado nos pais e filhas, e mães e filhos, e mães e filhas, tudo que possibilita a glória distintiva nesses relacionamentos.

Ou, mais uma vez, pense em como Paulo raciocina em Efésios 5.25 e 1 Coríntios 11.13:

Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela. (Ef 5.25) Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. (1Co 11.3)

Marido e mulher retratam Cristo e a igreja, que segue o fluxo de Deus Pai e Cristo. Levando um pouco mais longe, acho que podemos ver algo profundo acerca da vida trinitária em cada relacionamento que envolve liderança e autoridade. Isso inclui avós e netos, empregadores e empregados, um rei e seus súditos, um técnico e sua equipe, e assim por diante. A mesma dinâmica de cabeça e corpo, iniciativa e resposta, o que C. S. Lewis chama “A dança”, é representada por dezenas de relacionamentos singulares.

Terceiro, a melhor salvaguarda desse tipo de raciocínio e sentimento analógico e metafórico é o conhecimento abrangente das Escrituras. Leia sua Bíblia. Treine sua mente para trilhar rotas bíblicas. Aprenda os padrões e os ritmos das Escrituras. Caos e ordem. Exílio e retorno. Morte e ressurreição. Deixe sua imaginação ser formada, moldada, cativada e dominada pela Palavra viva do Deus vivo.

Memorize passagens inteiras (cantar ajuda). Familiarize-se com todo o conselho de Deus. Conheça o contexto dos vários livros, de maneira que mesmo que não consiga recitar uma passagem em particular com perfeição, você sabe ao menos onde ela se encontra em geral e pode encontrá-la com relativa velocidade. Meditação regular nas Escrituras, em espírito de oração, impede nosso pensamento analógico de descarrilar.

Quarto, enquanto você pensa em expandir sua alma pelo envolvimento intenso com as dádivas divinas e com a acolhida agradecida, certifique-se de ter uma visão ampla. Ao enfatizar que devemos mergulhar na criação e então ir em direção a Deus em adoração a fim de que nossa alma se amplie cada vez mais, não quero sugerir que este processo é uma linha reta, progressiva e ascendente. A santificação gradual é um processo que dura a vida toda, o que inclui altos e baixos. Há momentos em que nossa alegria em Deus e em suas dádivas decolam como um rojão; noutras vezes, provamos a adversidade dos anos de escassez.

Os jovens se cansam e se fatigam,
e os moços de exaustos caem,
mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças,
sobem com asas como águias,
correm e não se cansam,
caminham e não se fatigam. (Is 40.30,31)

Às vezes subimos, voando pelos santos céus com a graça sob nossas asas. Às vezes corremos, com os braços em movimento enquanto temos um bom tempo na estrada do Espírito. Às vezes caminhamos, trilhando com fidelidade nossa jornada rumo a uma terra distante. E às vezes apenas olhamos na direção correta, sentados no caminho, oprimidos por cargas e preocupações, talvez desenvolvendo força suficiente para avançar por mais um minuto ou

dois antes de desmaiar. O fundamental é estar sempre em frente, rumo à cidade celestial, qualquer que seja a velocidade. Como alguém disse certa vez, Deus está depois de uma longa obediência, e nossa direção é mais importante que nosso ritmo.

Por fim, mantenha o evangelho no centro. Quando buscar ser o tipo de personagem que Deus quer que você seja na história dele, lembre-se de que seu principal objetivo é espelhar Deus em Cristo àqueles a sua volta. Seu objetivo é ser uma proclamação ambulante do evangelho. Você quer proclamar a Cristo crucificado com suas palavras e em suas palavras. Você quer retratá-lo em suas ações, atitudes e conduta, mostrando a reação emocional e espiritual adequada em dada situação.

Pessoalmente verifiquei que ver toda a realidade como comunicação de Deus tem um efeito tremendo na busca da santidade. Porque se tudo fala de Deus, então *eu* falo de Deus em tudo que digo e faço. A questão será dizer a verdade sobre Deus ou mentir a respeito dele. Ser uma extensão do amor de Deus às pessoas ou uma barreira à experiência desse amor.³ O que me força a perguntar: O que Deus diria se entrasse no seu quarto exatamente agora? O que ele quer dizer, e como posso dizê-lo com minhas palavras, com minha conduta, com meus atos? Não posso dizer-lhe quantas vezes esse tipo de pergunta me impediu de dizer ou fazer algo pecaminoso ou tolo ou me encorajou a entrar no quarto com a intenção deliberada e capacitada pelo Espírito de comunicar o amor de Deus, sua fidelidade, alegria, seu desgosto ou bom humor.

Em toda a sua vida, você quer mostrar o mérito e o valor de Jesus e a vitalidade da vida divina. Então faça a si mesmo as seguintes perguntas:

- Sou um modelo digno de imitação? Meus padrões de pensamento e sentimento são dignos de transmissão? O que eu digo merece ser repetido? Minhas reações emocionais são corretas e adequadas?
- Choro quando é tempo de chorar? Alegro-me quando é tempo de alegria?
- Quando se exige coragem, sou destemido como um leão?
- Quando é tempo de dar conselho, estou preparado com conselhos sábios? Quando é tempo de receber ordens, estou pronto para recebê-las em obediência alegre?
- Demonstro liderança e iniciativa quando necessário? Demonstro submissão e obediência quando necessário?
- Assumo a responsabilidade por minhas ações? Demonstro como receber humildemente instruções, correções e repreensões dos outros?
- Demonstro sabedoria e violência na guerra contra o pecado?
- Sou um exemplo de fidelidade mesmo no sofrimento?
- Dou graças sempre e por tudo?

Ao buscar viver assim, devemos lembrar-nos da graça divina. É a graça que nos perdoa, cura, fortalece e capacita a viver a vida cristã. Quando recebemos, proclamamos e retratamos a Cristo dessa forma, tornamo-nos uma extensão da plenitude do Deus trino no mundo. Essa vida é a manifestação na terra da participação da condição de criatura na vida de Deus. Este é o cenário. Isto é tudo. Esta é a grande vocação para a qual fomos chamados.

¹ Citado conforme a tradução de Alípio Correia de Franca Neto. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/20-artigo-2008/2338-antologia-de-poemas?showall=&start=6>. Acesso em: 17 de abril de 2017. [N. do T.]

² SAT (Scholastic Aptitude Test ou Scholastic Assessment Test) é um exame educacional padronizado nos Estados Unidos aplicado a estudantes do ensino médio, que serve de critério para admissão nas universidades. Algo similar ao ENEM. [N. do T.]

³ Paulo parece ver seu amor às pessoas exatamente nestes termos. Em Fp 1.7-8, Paulo descreve como traz os filipenses no coração, porque são participantes da graça divina, e descreve sua saudade do bem-estar dos filipenses como anelo por eles “na terna misericórdia de Cristo Jesus”. A afeição de Paulo a seus irmãos crentes era um exemplo e expressão da afeição de Cristo por eles, incitando Paulo a orar (v. 9-11) e a encorajar os filipenses na fé (v. 6).

Sacrifício, abnegação e generosidade

Aos que doam um punhado, Deus abençoa um bocado.

— Charles Spurgeon

Ganhe tudo que puder. Guarde tudo que puder. Invista tudo que puder. Dê tudo que puder.

— John Wesley

O Novo Testamento tem muito que dizer acerca da abnegação, mas não acerca da abnegação como fim em si mesmo.

— C. S. Lewis

Deus é a fonte de todas as nossas bênçãos — ele é o oceano de bênçãos. As criaturas não são senão as mãos que distribuem sua caridade a um mundo necessitado.

— Samuel Davies

Chegamos agora a algumas das objeções centrais à visão da vida cristã apresentada neste livro. Uma ênfase em receber e desfrutar das dádivas divinas prejudica o chamado bíblico a voluntariamente abrir mão de coisas boas por causa do amor? Atrapalha o esforço missionário, em especial para com os povos não alcançados e não engajados? E quanto à abnegação? Será que pessoas que aspiram honrar a Deus desfrutando de suas dádivas de fato venderão todos os seus bens a fim de seguir a Jesus com fidelidade? Ou estamos em essência invertendo as palavras de Jesus em Atos 20.35, transformando “mais bem-aventurada coisa é dar que receber” em “mais bem-aventurada coisa é receber que dar”?

A resposta é “depende”. Não sou ingênuo a ponto de pensar que não se possa abusar das exortações neste livro. (Se alguém descobrir como escrever um livro imune ao abuso, avise-me.) É perfeitamente possível deturpar o que recomendo numa desculpa para receber boas dádivas e então sentar-nos sobre elas, acumulando-as para nós mesmos em vez de administrar o que Deus concedeu com sabedoria e generosidade. Mas não tem de ser assim.

O propósito deste capítulo é mostrar por que celebrar as boas dádivas não atrapalha os esforços missionários, não subverte o chamado bíblico à abnegação nem corta a raiz da generosidade radical. Na verdade, antes de terminarmos, espero mostrar que chamar as pessoas a desfrutar de tudo que Deus com fartura dá pode, aliás, fazer avançar a missão de Deus entre as nações e fortalecer uma generosidade sacrificial, de mãos e coração abertos.

Desfrutando das boas dádivas por causa das nações

Como exatamente desfrutar de Deus em tudo e de tudo em Deus promove a paixão divina pela glória do evangelho de Cristo entre os povos do mundo?

Em primeiro lugar, o chamado a desfrutar das boas dádivas por amor a ele lembra-nos de um dos propósitos centrais da Grande Comissão, a saber, ensinar as nações a obedecer tudo que Jesus ordenou (Mt 28.20). Estamos chamando as nações a confiar no Cristo crucificado e ressurreto pelos pecadores e então a amar a Deus e ao próximo no poder do Espírito Santo. Mas como amarão a Deus se não o conhecerem com profundidade? E como o conhecerão profundamente se não o veem com clareza e de forma correta nas coisas que ele criou? E como o verão de modo claro e

correto na criação se os próprios pregadores não veem nem saboreiam a Deus em todas as coisas?

Sou da opinião de que um dos nossos objetivos de longo prazo com relação aos povos não alcançados do mundo deve ser que um dia escrevam poemas e hinos que rivalizem com Herbert, Watts e Wesley; componham sinfonias que honrem a Deus e excedam em beleza a Bach e Handel; escrevam histórias e epopeias que retratem a beleza de Cristo como o fizeram Milton e Lewis; escrevam teologia e filosofia que excedam em brilho a Agostinho, Calvino e Edwards (em parte porque estarão sobre os ombros desses gigantes). E o pré-requisito para todos esses esforços culturais imersos em Deus é a capacidade de ver a verdade, a beleza e a bondade do mundo de Deus, ou melhor, de ver *Deus* no mundo dele.

Não me entendam mal; não estou defendendo que a produção de alta cultura esteja em primeiro lugar em nossa agenda missionária. Simples fé em Cristo, obediência a Deus e conhecimento das Escrituras devem ser os fundamentos que buscamos lançar entre os não alcançados. Mas temos de lembrar-nos de que o propósito de um fundamento *é que se construa uma casa sobre ele*. E a casa que esperamos construir como colaboradores de Deus é preenchida com adoração sincera ao Deus trino por meio da poesia, da arte, da filosofia, da música e da literatura (bem como pela comida, pelas fraldas limpas, pelo riso, pelos remédios e pelo trabalho frutífero). Portanto, devemos lançar um fundamento evangélico que reconheça a bondade divina em suas dádivas como os que têm sido enriquecidos pela bondade de Deus em suas dádivas.

E, para os que zombariam da noção de que os maiores teólogos, filósofos e produtores culturais na história da igreja podem enfim provir da Somália, da China ou do Afeganistão, lembrem-se deste

fato: mil anos atrás os vikings da Saxônia, Noruega e Dinamarca estupravam e pilhavam em sua passagem pela Europa. Adoravam a Odin, um deus caolho e sedento de sangue, e lutavam sob a bandeira do corvo negro. Antes da batalha, comiam cogumelos alucinógenos, pintavam-se de azul e entravam em combate nus.

Cinco séculos depois, um de seus herdeiros pregou um pedaço de papel a uma porta e acendeu a Reforma. Mais cinco séculos depois, e seus descendentes estabeleceram-se no meio-oeste americano, inventaram o *hotdish* e nos deram a Minnesota Nice. Um dos descendentes deles é o pastor líder do ministério de louvor em minha igreja. De guerreiro indomável doidão de cogumelo a adorador que exalta a Cristo. O evangelho faz isso. Isso acontece quando a graça divina pousa sobre rebeldes e transforma-os em amigos de Deus.

Por isso que a proclamação fiel do evangelho deve incluir uma teologia sólida da bondade das dádivas divinas na criação. Se Deus está chamando as nações a conhecê-lo como ele se revelou em sua Palavra e no mundo, então o elemento central do discipulado das nações deve ser ensiná-las a observar e a apreciar a beleza e a glória do Deus trino na natureza, no alimento, na família, em *tudo*. Portanto, como nós, os povos e nações do mundo devem aprender a honrar o doador ao desfrutar da forma correta de suas dádivas.

Missionários com grandeza de alma

Isso nos leva ao segundo modo com que o gozo das dádivas divinas faz avançar missões que exaltam a Cristo e o evangelismo ao redor do mundo. Um de meus desejos profundos é que este livro seja usado por Deus para criar missionários teocêntricos e que afirmem a criação. Atravessar a barreira cultural em direção a um povo não alcançado significa encontrar idólatras rebeldes que abusam do

mundo de Deus, adorando e servindo à criatura em lugar do criador. Isso é verdade, seja entre ocidentais mundanos fascinados pela tecnologia, seja entre tribos animistas que se prostram diante de espíritos criados e estátuas de pedra, seja entre budistas ascéticos que buscam afastar-se do mundo numa busca equivocada de extinguir o sofrimento.

Onde quer que levemos o evangelho neste mundo caído, confrontamos pessoas que rejeitaram o Deus criador e, portanto, tornaram a criação um deus, resultando em desejos degradados e, conseqüentemente, em condutas nocivas às pessoas. Portanto, uma necessidade central de tais pessoas é um exemplo vivo e natural de desejos ordenados com correção, do novo modo de ser humano, de uma celebração adequada da criação divina e da gratidão por suas dádivas e de adoração ao próprio Deus. Em outras palavras: não podemos exportar o que não temos. Ou, para parafrasear o apóstolo Paulo, como imitarão sem um modelo?

Precisamos de missionários com o coração do apóstolo dos gentios, que com alegria abriu mão de coisas boas por causa do evangelho entre as nações e então ensinou as igrejas que a terra é do Senhor e sua plenitude, toda a criação de Deus é boa e deve ser bem desfrutada, que devemos pensar com profundidade em tudo que é verdadeiro, honrado, justo, puro, amável, louvável e excelente. Paulo é o exemplo perfeito do missionário limítrofe entre a abnegação radical e a afirmação gloriosa da criação, e devemos orar com avidez para que essa tribo cresça.

Assim, louvar o gozo divino em tudo que ele criou significa esperar e orar por testemunhas do evangelho sinceras e com grandeza de alma que tenham mente, coração e categorias alargadas pelo gozo de Deus e de suas dádivas, a fim de que a grandeza da alma e a grandeza divina permaneçam, mesmo

quando bens e coisas afins que produzem a grandeza tenham sido perdidas por causa de Cristo e de seu reino.

Abnegação bíblica

Isso nos leva à questão da abnegação. Como o chamado a desfrutar das dádivas divinas se encaixa no chamado de Cristo a negar-nos a nós mesmos e segui-lo? Primeiro, devo dizer que esperar até agora para discutir isso foi intencional. A abnegação bíblica só pode ser compreendida com correção no pano de fundo da bondade do que abrimos mão. A abnegação bíblica sempre é abrir mão de uma alegria menor, legítima, por causa de uma maior. É renunciar algo bom por causa de algo melhor. Então, o que podemos dizer acerca da abnegação bíblica?

Primeiro, no sentido em que estou empregando o termo, a abnegação bíblica é a renúncia voluntária de coisas legítimas por causa do Cristo e de seu reino. Desse modo, é algo distinto da perda involuntária de coisas boas (que discutirei no Capítulo 12). Ademais, abnegação não é o mesmo que mortificação do pecado. Abnegação é parte da santificação, mas é diferente de renunciar a práticas pecaminosas. Renunciar a um carro luxuoso por causa de Cristo é diferente de renunciar a roubar um carro. Vencer o pecado exige que paremos de fazer certas coisas porque são pecaminosas, porque a Bíblia as proíbe. A abnegação bíblica exige a renúncia de certas coisas porque, embora sejam boas, Deus tem algo maior reservado para nós.

Segundo, a abnegação bíblica abraça o que C. S. Lewis chama “o bendito caráter de dois gumes do cristianismo”.¹ O cristianismo é uma religião paradoxal, pois ao mesmo tempo afirma o mundo e nega-o. Afirma o mundo, diz Lewis, porque seus adeptos sempre se devotam a afazeres deste mundo: curar doentes, cuidar dos pobres,

celebrar casamentos, produzir obras de arte, literatura e filosofia. Nega o mundo porque sua imagem central é um instrumento de tortura e morte, porque conclama ao jejum e ao banquete, e porque chama seus praticantes a acumular um tesouro no céu e não na terra. A combinação desses dois elementos coloca o cristianismo à parte das outras grandes religiões. Os cristãos celebram a criação porque foi feita por Deus. Mas os cristãos também lidam com a criação, em certo sentido, com cuidado, porque ela não é Deus. Assim, escreve Lewis, a abnegação cristã difere de suas contrapartes pagãs:

Por isso, em todo verdadeiro ascetismo cristão, há o respeito à coisa rejeitada que, creio, jamais encontramos no ascetismo pagão. O casamento é bom, mas não para mim; o vinho é bom, mas não devo tomá-lo; banquetes são bons, mas hoje jejuamos.²

O cristianismo nos deixa “livres quer para desfrutar de nosso café da manhã, quer para mortificar nossos apetites desordenados” (e até mesmo nossos apetites normais, que podem vir a ficar desordenados).³

Terceiro, a abnegação bíblica é uma das principais formas pelas quais estabelecemos a supremacia de Deus em nossa vida. É um dos pontos da abordagem comparativa que exploramos no Capítulo 5. Quando negamos a nós mesmos, o fazemos para que possamos seguir a Cristo e, como certa vez apontou C. S. Lewis: “Quase toda menção ao que vamos encontrar em última instância, se agirmos de acordo com essa ordem, contém um apelo ao desejo”.⁴ Em outras palavras, negamos a nós mesmos enquanto nos tornamos hedonistas cristãos, uma vez que, na Bíblia, ganhar a Cristo é sempre mostrado como algo “incomparavelmente melhor” do que tudo o mais que há no mundo (Fp 1.23).

Quarto, a abnegação bíblica é um tipo de morte. Jesus enfatiza a necessidade de morrer diariamente na que pode ser a passagem mais famosa sobre abnegação na Bíblia:

Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo? (Lc 9.23-25)

Deus nos deu desejos a fim de que fossem realizados, exatamente como nos deu vida para que a pudéssemos viver. Portanto, renunciar ao desejo é morrer, tomar a cruz nos ombros e seguir na estrada do Calvário. E mais, ao vincular a abnegação à morte e à vida, podemos vê-la do ponto de vista dos ritmos. Há um movimento de morte e ressurreição em toda a nossa abnegação. Perdemos a vida a fim de salvá-la. Perdemos o mundo a fim de ganhar-nos a nós mesmos. Sofremos voluntariamente a morte para que possamos, como Cristo, em triunfo ressurgir dos mortos.

Quinto, a abnegação bíblica sempre está acompanhada de “audaciosas promessas de galardão”.⁵ Pense nas palavras de Jesus a seus discípulos em Marcos 10. O jovem rico tinha acabado de recusar-se a deixar suas riquezas para seguir a Cristo. Jesus então adverte contra os perigos das riquezas e da dificuldade de entrar no reino com elas (v. 23). Depois que Jesus descreve a impossibilidade de salvação à parte de Deus, Pedro diz: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos” (v. 28). Em outras palavras, Pedro chama atenção para a abnegação dos discípulos. A resposta de Jesus é incrível:

Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos,

irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna. (Mc 10.29,30)

Algumas observações sobre essas palavras de Jesus. Em primeiro lugar, a abnegação se dá por causa de Jesus e do evangelho. Em segundo lugar, os que negam a si mesmos recebem de volta “já no presente” e também “no mundo por vir”. Em terceiro lugar, o que eles recebem de volta já no presente supera aquilo de que abriram mão (“o cêntuplo”).⁶ Em quarto lugar, a glória do que eles recebem em troca agora não é intocado pela dor e pela adversidade, mas ainda traz consigo perseguições.

Disso, concluo que, quando deixamos coisas boas por causa de Cristo, Deus nos dá em troca coisas boas, com juros. A forma que a dádiva devolvida pode assumir varia. Você pode abrir mão de sua casa por Cristo, e ele pode devolver-lhe uma casa melhor (definimos “melhor” como o que é mais frutífero para você, sua família, o reino, não necessariamente tamanho ou preço). Você pode perder sua família por causa do evangelho, e Deus pode restaurar a comunhão familiar por meio da igreja. A dádiva devolvida pode apenas ser a presença manifesta de Deus em sua vida em meio a suas perdas.⁷ Mas qualquer que seja a forma que a substituição da dádiva assuma, Jesus é claro — devemos esperar um valor centuplicado de volta a nós *nesta vida*, e devemos esperar a dádiva de volta em meio ao sofrimento e às perseguições.

Mais que isso, o fato de Jesus falar da recompensa na terra e em termos terrenos diferencia seu chamado à abnegação do paganismo. Sócrates estava disposto a perder tudo em sua vida pela busca da sabedoria num mundo etéreo de ideias eternas. Ele negou-se a si mesmo nesta vida e então tomou a cicuta porque esperava deixar para trás a prisão de seu corpo e ganhar o direito de contemplar abstrações para sempre. Portanto, Sócrates ficaria

inteiramente desconcertado com a promessa de Jesus nessa passagem. Receber o cêntuplo das coisas terrenas que ele buscava renunciar não teria soado como uma boa notícia. Contudo, Jesus oferece-nos mais do que o que deixamos e perdemos se renunciamos a essas coisas apenas por causa dele.

Por fim, a abnegação bíblica se dá com o coração alegre, mesmo enquanto negamos a nós mesmos. Pode ser difícil e dolorosa (afinal, é um tipo de morte), mas é suportada e recebida com alegria, porque a abnegação bíblica flui da fé no Deus ressuscitador dos mortos. Isso quer dizer que a abnegação bíblica não pode ser sombria. Quando nos submetemos ao martírio, fazemo-lo sem o complexo de mártir. Paulo enfatiza a alegria de nossa abnegação numa passagem breve, mas poderosa, em 2 Coríntios 12:

Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos. Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. (v. 14,15)

A abnegação aparece no final, em gastar-se e em deixar-se gastar. Paulo ajuda-nos a compreender a abnegação ao dar-nos uma metáfora. Auxilia nossa compreensão do ministério ao mostrar-nos algo profundo acerca da paternidade. Como promete voltar à igreja de Corinto, Paulo insiste em que não será um peso. Com isso, quer dizer que não *tomará* nada deles. Em outras palavras, se Paulo viesse a obter algo deles, estaria usando-os e seria, portanto, um peso. É por isso que Paulo diz que busca os próprios coríntios, não as coisas deles. Ao buscá-los dessa maneira, Paulo está agindo como um pai com seus filhos. E os pais não pesam para seus filhos nem os oneram. Ao contrário, pais acumulam para seus filhos.

Chegam a gastar-se e a deixar-se gastar por causa da alma de seus filhos. A palavra “acumular” é a mesma usada em Mateus 6.19,20:

Não *acumuleis* para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas *ajuntai* para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam.

Reunindo essas passagens, podemos dizer que há um tipo de “acúmulo” na terra também acumulado no céu. Quando pais acumulam bens terrenos a fim de gastá-los para o bem eterno de seus filhos, estão ao mesmo tempo ajuntando tesouros no céu. Ajuntam e gastam pela alma de seus filhos e, assim, ajuntam também um tesouro eterno para si mesmos (e, se Deus quiser, para seus filhos também).

Mas não só pais ajuntam e gastam sua riqueza terrena por causa de seus filhos; também gastam-se a si mesmos. E, talvez o mais importante, agem assim “com a máxima alegria”. Pais (e apóstolos) não dão de má vontade. As despesas dos pais são uma obrigação feliz.

E assim também acontece conosco em nosso sacrifício e abnegação voluntários. Quando trabalha no fogão para a família, uma mãe gasta-se e deixa-se gastar, e deve fazê-lo de coração alegre. Quando um pai renuncia a seus próprios planos e *hobbies* para investir em seus filhos, há de fazê-lo com um sorriso no rosto e alegria profunda. Quando um garçom aceita fazer hora extra a fim de ajudar seu colega de trabalho, não deve haver queixas ou reclamação, mas uma profunda alegria por fazer um bem a alguém. Em síntese, há uma forma de perder a vida que se parece com ganhá-la — porque significa ganhar a vida. Há uma forma de negar-se a si mesmo que lhe traz seu verdadeiro eu, seu eu mais pleno,

seu eu mais feliz. Há uma forma de abraçar o sacrifício e a adversidade e os inconvenientes (pouco importa se grandes ou pequenos) identificados por alguns como um tipo de gozo. Parecerá que você está tendo um tempo muito bom. Você vai gastar-se e deixar-se gastar, e o fará com um brilho nos olhos e um riso no coração.

O que então podemos dizer acerca da abnegação bíblica em relação às boas dádivas divinas? A abnegação bíblica celebra a bondade do que é renunciado. Salienta o mérito relativo e o valor divino acima de todas as suas dádivas. É um tipo de morte e, portanto, traz consigo a promessa de ressurreição, uma vez que estamos seguindo ao Senhor crucificado e ressurreto. A recompensa pela abnegação é dada tanto agora quando na era por vir, e isso nos permite gastar-nos com alegria em favor dos outros, uma vez que Deus “sempre devolve a eles com a mão direita aquilo que tomou deles com a esquerda”.⁸

E quanto às riquezas?

Mas a Bíblia nos recomenda mais que a mera renúncia. O chamado bíblico também é para dar aos outros. Em outras palavras, a verdadeira questão é se enfatizar o gozo das dádivas cortará a raiz da generosidade radical. O chamado a gozar das dádivas inevitavelmente resultará no pecado de juntar as dádivas, acumulando tesouro na terra, em vez do tesouro no céu?

Antes de tratar da questão da riqueza, vale a pena fazer uma pausa para um anúncio de utilidade pública. Escrever algo acerca do uso correto da riqueza é complicado. Não só o ensino bíblico é complexo, mas a gama de aplicações torna quase impossível dizer algo útil sem submeter-se a desentendimentos sérios. Permita-me, então, enfatizar que meu objetivo neste capítulo é relativamente

modesto. Quero apenas fazer algum progresso. Talvez só um passo ou dois na luta com o que significa honrar a Deus no uso dos recursos por ele providos.

Para fazer isso bem, quero chamar atenção para algumas limitações inerentes à minha abordagem da riqueza. Alguém disse certa vez que o grande desafio da comunicação é não dizer tudo o tempo todo. Toda comunicação é seletiva: isso significa estar sujeita a interpretações equivocadas. “Por que você não menciona essa verdade bíblica crucial?” “Porque eu só tinha cinco mil palavras para trabalhar. Porque não queria escrever uma trilogia. Porque precisava tirar uma soneca.”

O fato da seletividade é particularmente difícil quando toca em decisões de estilo de vida, como o uso adequado do dinheiro. Nem todos precisam ouvir o mesmo encorajamento, ou exortação, ou advertência. Nem todos têm as mesmas tentações, inclinações e tendências. Alguns pendem para a esquerda e precisam ser empurrados para a direita. Alguns pendem para a direita e precisam ser empurrados para a esquerda. Mas, ao empurrar para a direita, você pode fazer com que os que pendem para a direita caiam. E, como regra, tento evitar empurrar demais as pessoas.

Algumas pessoas pendem para o lado do ascetismo e estão muito afinadas com o perigo do mundanismo, consumismo e materialismo. São sensíveis à ameaça da adoração a Mamon a ponto de terem de ser lembradas de que as dádivas divinas são boas e devem ser recebidas com alegria. Outras lidam com o perigo da cobiça e da idolatria, e estão confortáveis demais com o mundanismo em torno delas. Luxo e conforto facilmente se tornam necessidades da vida, e precisamos ser lembrados de que Jesus nos chama para segui-lo no caminho *para a cruz*.

Além disso, sou limitado por minhas circunstâncias, tendências, formação e contexto. Em vez de fugir dessas limitações, decidi aceitá-las. Meus pensamentos sobre a riqueza foram indelevelmente moldados pelo fato de que sou um americano branco de classe média que nasceu no Texas, foi para uma escola pública e para uma universidade estadual, e agora vive em Minneapolis. Embora creia com firmeza que a Bíblia se dirige a todas as épocas e lugares com uma palavra fidedigna de Deus, ela não se dirige a todas as épocas e lugares *da mesma maneira*. Portanto, pediria apenas que o leitor fosse benevolente e pensasse com cuidado acerca do que digo, submetesse à prova das Escrituras, e perdoasse-me alguma negligência.

Três afirmações básicas

Quero começar fazendo três afirmações básicas acerca da riqueza na Bíblia: riqueza é mais que dinheiro; a riqueza é boa; a riqueza é perigosa.

1. Riqueza é mais que dinheiro

A Bíblia define a riqueza em sentido amplo. Embora normalmente pensemos na riqueza levando em conta o dinheiro, o dinheiro não é de fato riqueza. Dinheiro é uma medida de riqueza. Os pequenos pedaços de papel em meu bolso (ou os números em minha conta bancária com o cifrão na frente) são formas de estimar quanta riqueza temos. Ponha-me numa ilha deserta com uma montanha de cédulas verdinhas e serei tão pobre quanto qualquer camponês medieval. Verdadeira riqueza inclui todas as coisas que o dinheiro pode comprar.

Sem pretensão de ser exaustivo, isso inclui *iPhones*, casas, minivans, jeans, educação universitária, comida chinesa, as

Institutas de Calvino, computadores, o serviço dos garçons no Outback (e dos cozinheiros e demais ajudantes), ar condicionado central, fotos das crianças, uma viagem à Disneylândia, internet, tomografias computadorizadas e tênis confortáveis. Em outras palavras, inclui bens e serviços.

Também inclui uma série de coisas ainda mais passíveis de ser consideradas naturais, como estradas, pontes, infraestrutura, um sistema legal em funcionamento, acesso a médicos e enfermeiros qualificados que saibam baixar uma febre, as máquinas e os processos que de alguma forma transformam aveia e mel no cereal matinal Cheerios e então levam as caixas para a mercearia onde posso comprá-las, e Amazon.com.

Tudo isso são coisas que o dinheiro pode comprar, ou coisas que o dinheiro comprou que podem facilitar a compra de outras coisas. Envolve coisas concretas (como *iPads*), informação invisível que faz as coisas funcionar (como um *software*) e as competências e habilidades das pessoas que as projetam e constroem (de Steve Jobs até o cara que faz estruturas metálicas). Também inclui acesso a todo tipo de vantagens intangíveis que aumentam nosso conhecimento e prazer neste mundo, como nossas famílias, professores, escolas, amigos, pastores e mentores.

Em suma, a riqueza tem que ver com recursos em geral, e uma obsessão estreita com dólares e centavos pode obscurecer e distorcer mais do que pode ajudar a esclarecer.

2. A riqueza é boa

Na Bíblia, riqueza é um sinal de bênção. Prosperidade e fartura são dádivas divinas:

Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas; para confirmar a sua aliança, que, sob juramento, prometeu a teus pais, como hoje se vê. (Dt 8.18)

Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor
E se compraz nos seus mandamentos. [...]
Na sua casa há prosperidade e riqueza,
e a sua justiça permanece para sempre. (Sl 112.1,3)
Aos sábios a riqueza é coroa... (Pv 14.24)

Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus. (Ec 5.19)

O SENHOR te dará fartura de bens no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto do teu solo, na terra que o Senhor, sob juramento a teus pais, prometeu dar-te. O Senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo e para abençoar toda obra das tuas mãos; emprestarás a muitas gentes, porém tu não tomarás emprestado. (Dt 28.11,12)

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento. (1Tm 6.17)

O fato de estar digitando este livro num computador é uma coisa boa. O fato de que posso levar minha esposa ao médico quando ela fica doente, e eles podem dar-lhe um remédio que a faz sentir-se melhor, é uma coisa boa. O fato de que em meu caminho do trabalho para casa posso comprar uma pizza para o jantar é uma coisa boa. E todos esses são exemplos de riqueza.

A Bíblia de fato nos adverte quanto ao perigo da riqueza (v. próximo tópico), mas o fato de ser perigoso não significa que não seja bom. Não estamos espalhando uma maldição a vilarejos pobres na África quando cavamos um poço para ter água potável. Não estamos afligindo-lhes com males quando ensinamos às

pessoas melhores métodos de cultivar a terra ou construímos uma fábrica para ter um emprego estável. Quando distribuímos riqueza dessa forma, estamos distribuindo uma coisa boa.

3. A riqueza é perigosa

Riqueza é uma boa dádiva, e como toda boa dádiva, é profundamente perigosa:

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. (1Tm 6.6-10)

Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! (Mc 10.23)

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. (Mt 6.24)

Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. (Hb 13.5)

Desejar ser rico, amar o dinheiro, almejar a riqueza, servir a Mamom — todas essas coisas destroem nossa fé e põem em perigo a nossa alma. Boa como é, a riqueza pode impedir-nos de entrar no reino. Pode facilmente tornar-se um rival de Deus, o tipo que nos faz desprezá-lo. E Paulo nos diz que, caso se veja um mal no mundo, há uma boa chance de que o amor ao dinheiro espreite em algum lugar debaixo dele.

A riqueza deve ser recebida e dada

Dadas a bondade e o perigo da riqueza, Deus nos chama a duas atividades fundamentais quanto a ela. A primeira é a gratidão pela provisão divina. A segunda é a generosidade com a provisão de Deus. Ou, para usar as categorias que desenvolvemos no Capítulo 4, a riqueza nos é dada para suprir nossas necessidades e para nossa alegria, e a riqueza nos é dada como provisão para a missão.

Antes de olhar para a generosidade e para a missão, quero citar Richard Baxter a respeito da reação adequada à provisão de bens terrenos dada por Deus:

Precisamos guardar-nos de amar as riquezas e os cuidados do mundo. No entanto, nem todo o amor aos bens terrenos é pecado. A doçura desses bens é uma gota do amor divino e têm a bondade divina impressa em si. Despertam nosso amor a ele à medida que o amor é um sinal de nosso amigo mais querido. Amá-los é um dever, não um pecado.⁹

É um dever amar os bens terrenos providos por Deus. Na verdade, é pecado não recebê-los com alegria:

Porquanto não serviste ao SENHOR, teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a fartura de tudo. Assim, com fome, com sede, com nudez e com falta de tudo, servirás aos inimigos que o Senhor enviará contra ti; sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te haja destruído. (Dt 28.47,48)

Nosso serviço ao Senhor deve ser cheio de alegria e contentamento por causa da *fartura de tudo*. Não alegria em abstrato, mas alegria porque Deus nos supre com fartura de bênçãos, como o céu derrama neve num inverno de Minnesota. Aliás, Deus promete juízo contra nosso serviço ingrato e sem alegria.

Entretanto, não basta apenas receber a fartura de Deus com alegria. Receber e desfrutar dos bens terrenos rapidamente se torna um perigo para a alma se não integrado com a segunda reação necessária. É isso que diferencia as exortações deste livro a receber com alegria a provisão divina e o erro condenável do evangelho da saúde, da riqueza e da prosperidade.¹⁰

Eis a segunda resposta necessária. Tendo recebido das mãos divinas com gratidão a provisão de nossas necessidades, somos chamados a usar o que nos foi dado para abençoar outros — para atender suas necessidades físicas, emocionais e, sobretudo, sua necessidade espiritual do evangelho. Ou, mais uma vez, temos de usar o que recebemos de Deus com alegria a fim de cumprir a missão que Deus nos deu:

Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (Lc 12.33,34)

Identifique necessidades. Venda os seus bens e atenda a essas necessidades. Ao fazê-lo, estará ajuntando um tesouro no céu que nunca se consome. São essas ações que testificam que seu maior tesouro não está nas dádivas divinas, mas no próprio Deus, e que quando você goza desses bens terrenos, seu gozo é também um gozo em Deus.

A surpreendente palavra de Paulo aos ricos

Essas duas respostas à riqueza não resultam apenas da descontextualização criativa. Elas se mostram juntas na passagem crucial de 1 Timóteo. Como vimos antes, na carta a seu pupilo, Paulo adverte com firmeza contra os perigos do amor ao dinheiro, de desejar ser rico, de almejar a riqueza (1Tm 6.5-10). Tais desejos

são uma tentação mortal, uma armadilha perniciosa e destrutiva, a fonte de todos os tipos de males, incluindo a apostasia. Poucas sentenças adiante, ele volta com uma incumbência particular àqueles que têm grande riqueza:

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida. (1Tm 6.17-19)

Há três exortações no versículo 17: 1) Não ser orgulhoso. 2) Não depositar a esperança na riqueza, que pode esvair-se a qualquer momento. 3) Colocar a esperança em Deus, pois ele é firme e estável. Até aqui, essa exortação faz muito sentido. Mas em seguida Paulo nos surpreende ao lembrar-nos de que a riqueza proporcionada por Deus é para nosso aprazimento. Não podemos esquecer isso. Paulo quer que os *ricos* saibam que Deus proporciona sua riqueza para nosso aprazimento. Como vimos, as dádivas nos são dadas para nossa alegria. Elas não nos são dadas para que depositemos nossa esperança nelas. Mas deve haver uma diferença entre depositar a esperança em algo e apenas desfrutar disso. Paulo, como vimos no Capítulo 5, distingue entre pôr nossa mente (*phroneo*; Cl 3.1-4; Fp 3.19) em algo e pensar (*logizomai*; Fp 4.8) em algo. Igualmente, aqui em 1 Timóteo, somos chamados a colocar nossa esperança fundamental em Deus e, então, desfrutar com profundidade do que ele proporciona com fartura.

Todavia, ao lembrar aos ricos dos propósitos de Deus em suas dádivas, Paulo não perde de vista a segunda reação que devemos ter: nosso gozo das dádivas divinas deve resultar em boas obras. O rico na presente era deve ser rico em boas obras. Desfrutar não

deve ser acumular; ao contrário, devemos ser generosos e zelosos em compartilhar o que temos. Mas até mesmo a generosidade redundará em nosso bem, porque ao compartilhar com generosidade o que recebemos com fartura, também juntamos tesouros para o futuro. Este tesouro celestial é estável e certo, diferentemente da incerteza das riquezas desta era, e nesse fundamento tomamos posse da vida verdadeira e eterna.

No Capítulo 4, vimos que Gênesis 1-3 ensina-nos que as dádivas nos são dadas para nossa alegria, como provisão para a missão. Paulo confirma que esses propósitos permanecem mesmo neste mundo caído e cheio de pecado. Deus tudo proporciona ricamente para nosso contentamento. E proporciona tudo por causa de sua missão neste mundo. As dádivas serão frutíferas em nossa vida bem como no reino de Deus. Tudo é para nossa alegria, e ela aumenta quando a provisão divina se multiplica em boas obras, doação liberal, riqueza de generosidade e partilha entusiasmada e de mão aberta.¹¹

Quanto devemos dar?

Quanto de nossa riqueza devemos dar, então? Nas Escrituras, a quantidade varia. O Antigo Testamento exigia o dízimo do fruto da terra (Dt 14.22-27). Jesus ordenou que o jovem rico vendesse tudo e o seguisse (Lc 18.22). Quando foi salvo, Zaqueu deu metade de seus bens aos pobres (Lc 19.8). Barnabé vendeu um campo e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos (At 4.37). A viúva pobre depositou duas moedas no gazofilácio e foi elogiada por Jesus (Lc 21.1-3). A quantidade pode variar, mas o chamado básico é o mesmo — usar a riqueza para atender às necessidades dos outros.

Em sua exortação aos efésios, Paulo sublinha o progresso de receber a riqueza para dar a riqueza a fim de suprir necessidades:

Aquele que furtava não furtar mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado. (Ef 4.28)

Observe nesse versículo as três possíveis orientações perante a riqueza. Primeiro, podemos ser ladrões, obtendo riquezas por meios pecaminosos. Segundo, podemos abandonar o roubo e trabalhar honestamente com nossas mãos para obter riquezas de modo honrado. Por fim, podemos receber a riqueza do trabalho honesto a fim de que possamos compartilhar com os outros, sendo generosos com o que Deus nos proporcionou por meio de nosso trabalho. Roubar, trabalhar para ter, trabalhar para ter para dar — essas são as três opções, e só a última reflete a natureza do doador de todas as coisas.

Por último, a passagem mais conhecida sobre doação na Bíblia implica essa progressão de receber e dar:

Vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber. (At 20.34,35)

Como em sua exortação aos efésios, Paulo trabalha para ter a fim de atender suas necessidades e então dar com generosidade para aliviar o sofrimento dos pobres e fracos, motivando-se com as palavras de Jesus. Mas observe a implicação das palavras de Jesus. Dizer que é mais bem-aventurado dar que receber é dizer que é mais bem-aventurado receber *a fim de* dar. Não há atalho aqui; não podemos dar o que não temos, e não podemos ter se não o recebermos (1Co 4.7). Portanto, antes que possamos ser doadores generosos, devemos primeiro ser recebedores

agradecidos (e, segundo Paulo, trabalhadores diligentes). Generosidade profusa flui de uma recepção sincera.

É exatamente isso que vemos no livro de Atos:

Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos. (At 2.46,47)

Receber com alegria e doar generosamente andam de mãos dadas. A igreja primitiva recebia com alegria a riqueza suprida por Deus e então a usava para atender as necessidades dos irmãos (At 2.45). A riqueza que Deus supria não era uma barreira para a generosidade, mas um instrumento dela.

Essa dinâmica “recebimento que leva a maior doação” é exatamente o que descobri em minha vida. Minha experiência é que a recepção agradecida e de coração alegre das dádivas não atrapalha a generosidade; aumenta-a. É possível receber uma dádiva e escondê-la, mas, quando recebida como deve ser — com gratidão, satisfação e felicidade —, uma dádiva tem o efeito de alargar a alma e transbordar numa doação profusa. Tendo experimentado a alegria de receber, buscamos difundir essa experiência aos outros — dar dádivas concretas que atendam a necessidades reais, dar dádivas cuidadosas que satisfaçam desejos determinados, dar dádivas surpreendentes que despertem deleites inesperados. Antes que você possa ser um doador generoso, você deve primeiro ser um recebedor agradecido e empolgado.¹²

Motivação para dar

Isso nos leva à questão da motivação para dar. Para Paulo, a motivação para dar é tão importante quanto o ato de dar. Em suas

longas reflexões sobre a doação dos coríntios para alívio dos santos em Jerusalém, em 2 Coríntios 8-9, ele volta de novo e de novo ao tema da motivação. (Dada a extensão da passagem, você pode lê-la inteira na sua Bíblia. Vá em frente; eu espero.)

(Não, é sério; pegue sua Bíblia para que possa acompanhar junto com os comentários.)

Primeiro, Paulo repetidas vezes se refere à doação generosa como uma expressão da graça divina e como um ato de graça (8.1,6,7,19; 9.14). Para que a graça seja graça, deve ser dada de maneira livre e voluntária, sem coerção.

Segundo, Paulo sabe estar lidando com igrejas que já manifestaram disposição a dar. Tito tinha começado o plano de uma doação para alívio dos santos em Jerusalém um ano antes (8.6,10).

Terceiro, ele busca atingir o equilíbrio entre estimular a generosidade dos coríntios enquanto fazia tudo que podia para evitar qualquer sinal de compulsão ou coerção. Quer exercer pressão persuasiva, mas quer fazê-lo sem levar os coríntios numa viagem de culpa. Ele mostra o exemplo dos macedônios, que deram com alegria além de suas possibilidades em meio a sua própria aflição e pobreza (8.1-4). Mas então diz de imediato: “Não vos falo na forma de mandamento” (8.8). Aponta para Jesus como modelo: “Sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (8.9), e então destaca o fato de que não apenas começaram a fazer o trabalho, mas, mais importante, começaram a *desejar* fazê-lo (8.10). Paulo envia Tito e outros à sua frente a fim de garantir que a dádiva prometida está pronta “como expressão de generosidade e não de avareza” (9.5).

E, claro, uma das passagens mais conhecidas sobre doações: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com

tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (9.7). Não devemos dar com relutância. Não devemos dar sob coerção. Devemos dar com alegria, com satisfação, de boa vontade. Deve estar presente em nossa doação um elemento qualitativo. A ausência desta qualidade arruína a doação.

Culpa ou gratidão?

Vale a pena deter-nos um pouco mais na questão da motivação. A culpa é uma motivação terrível. Quando somos vencidos pela culpa, damos apenas o suficiente para tornar a culpa suportável. E essa culpa ajuda pouco aos que se encontram em necessidade. Apenas sentir culpa porque vivemos no Ocidente não ajuda os pobres a conseguir alimento adequado ou acesso ao evangelho. O que pode ajudar a aliviar o sofrimento em todo o mundo é uma recepção alegre do que nos é dado e gratidão profunda pela bondade divina que rebenta de nossa vida em riqueza de generosidade.¹³

Esse é o quadro pintado por Paulo em 2 Coríntios 8-9. A graça pousa na pobreza e na aflição da Macedônia e desencadeia uma torrente de generosidade de coração alegre (8.1-4). A graça pousa, e eles dão até ferir o coração. Ou, mais uma vez, na incrível promessa de 9.8: “Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra”. A graça abunda, temos tudo de que precisamos e, portanto, podemos abundar em toda boa obra. Deus nos dá graça e dádivas e riqueza para atender nossas necessidades, para satisfazer nossos desejos e para que sua missão global seja cumprida.¹⁴

Deus fornece a semente ao semeador para este semeá-la com fartura. Quando Deus identifica semeadores pródigos, ele multiplica a semente e dá o pão como alimento. Em outras palavras, ele

atende nossas necessidades e dá algo mais, a fim de que possamos distribuir com liberalidade e aumentar a colheita de nossa justiça (9.9,10).¹⁵

Paulo sustenta essa noção de riqueza e generosidade citando o salmo 112:

Aleluia!

Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR
e se compraz nos seus mandamentos.

A sua descendência será poderosa na terra;
será abençoada a geração dos justos.

Na sua casa há prosperidade e riqueza,
e a sua justiça permanece para sempre.

Ao justo, nasce luz nas trevas;
ele é benigno, misericordioso e justo.

Ditoso o homem que se compadece e empresta;
ele defenderá a sua causa em juízo;
não será jamais abalado; será tido em memória eterna.

Não se atemoriza de más notícias;
o seu coração é firme, confiante no Senhor.

O seu coração, bem firmado, não teme,
até ver cumprido, nos seus adversários, o seu desejo.

Distribui, dá aos pobres; a sua justiça permanece para sempre,
e o seu poder se exaltará em glória. (v. 1-9)

Este homem é abençoado por temer ao Senhor e se comprazer em sua lei. Duas vezes, o texto menciona que sua justiça permanece para sempre: primeiro quando Deus enche sua casa com prosperidade e riqueza (v. 3) e depois quando o homem rico distribui sua riqueza aos pobres (v. 9). Por fim, note a progressão em 2 Coríntios 9.11, 12:

Enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus. Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundará em muitas graças a Deus.

Como vimos antes, os coríntios são enriquecidos em tudo para que sejam generosos em tudo a fim de que abunde gratidão naqueles que recebem as dádivas. Atenção: o resultado da generosidade não é apenas atender às necessidades das pessoas, mas é também transbordar em gratidão a Deus. Este é o objetivo de nossa generosidade, porque é também o objetivo da generosidade divina. Isso quer dizer que o primeiro passo no cultivo de um coração e de uma vida generosos e doadores é cultivar profunda gratidão a Deus pelo que ele tem dado. Como diz outro autor, a graça gera doação, que gera gratidão, que gera mais gratidão.¹⁶

Portanto, a lição de Paulo em 2 Coríntios é clara. Extinguir o encolhimento da alma, a falsa culpa. Receber com culpa produz doação de má vontade. Em vez disso, receba a provisão divina com alegria e, então, com as necessidades atendidas e gratidão profusa, dê de acordo com seus recursos (e além deles!). Receba de graça e, então, dê de graça.

¹ “Some Thoughts”. In *God in the Dock*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 147.

² *Ibid.*, p. 149.

³ Charles Williams descreve a relação entre rejeição e acolhida, entre gozo e renúncia, levando em conta a pericorese ou coinerência: “Rejeição tinha de ser rejeição e não negação, como acolhimento tinha de ser acolhimento, mas não subserviência. Ambos os métodos, a via afirmativa e a via negativa, tinham de coexistir; pode-se dizer também coinerir, uma vez que cada um tem de ser a chave do outro”. Citado em Gilbert Meilaender, *A Taste for the Other: The Social and Ethical Thought of C. S. Lewis* (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 32-3.

⁴ *The Weight of Glory: and Other Addresses*. New York: Macmillan, 1949, p. 1.

⁵ *Ibid.*, p. 1.

⁶ A grandeza do que recebemos de volta também é enfatizada pela mudança na conjunção. Quando descreve o que se renuncia, Jesus usa a palavra “ou”: “casa, *ou* irmãos, *ou* irmãs”. Quando descreve o que se recebe de volta, Jesus usa a palavra “e”: “casas, e irmãos, e irmãs”. Com isso quero dizer que mesmo quando abrimos mão de um dos itens da lista, ainda recebemos de volta mais do que perdemos. Pode-se deixar a casa pelo evangelho, mas Deus ainda dá de volta “casas, e irmãos, e irmãs, e terras”.

⁷ Veja John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters: Multnomah, 2011), p. 239-40. [Lançado em português com o título: *Em busca de Deus: A plenitude da alegria cristã*. Trad. Hans Udo Fuchs (São Paulo: Shedd Publicações, 2001)]

⁸ C. S. Lewis, *The Screwtape Letters*. New York: Simon & Schuster, 1996, p. 59. [Lançado em português com o título: *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Trad. Juliana Lemos. São Paulo: Martins Fontes, 2009]

⁹ *The Practical Works of Richard Baxter, vol. 1: The Christian Directory*. Morgan: Soli Deo Gloria, 2000, p. 214-8.

¹⁰ Para uma crítica devastadora do evangelho da prosperidade, v. John Piper, *Let the Nations Be Glad*. 3. ed. (Grand Rapids: Baker, 2010), p. 15-32. [Lançado em português com o título: *Alegrem-se os povos*. (São Paulo: Cultura Cristã, 2012)] Piper define o evangelho da prosperidade como “um ensino que enfatiza o propósito de Deus de fazer crentes ricos e saudáveis enquanto negligencia ou minimiza os perigos da riqueza, o chamado bíblico para a mentalidade de tempos de guerra e a necessidade e propósitos do sofrimento” (p. 19).

¹¹ Gramaticalmente, a conexão entre as duas respostas à provisão divina é ainda mais direta. O v. 18 é, na verdade, continuação da sentença iniciada no v. 17. O último dos três mandamentos no v. 17 é colocar nossa esperança em Deus. Tudo depois disso é uma descrição do Deus em quem depositamos nossa esperança. Este Deus ricamente nos provê de tudo. Recebemos, então, quatro propósitos para essa rica provisão de Deus: 1) desfrutar dela; 2) fazer o bem com ela; 3) ser rico em boas obras; 4) ser generoso e repartir. Portanto, pareceria que não podemos obedecer à exortação de Paulo nesta passagem se não recebermos da parte de Deus com alegria tudo que ele ricamente provê e então cumprirmos os propósitos de seu reino para aquela provisão.

¹² A propósito, por isso a culpa é uma motivação tão terrível para doar; se todas as coisas boas em sua vida apenas o fazem sentir-se culpado, por que cargas d’água você quer distribuir aquele sentimento ruim ao dar coisas aos outros?

¹³ Essa explosão de generosidade não é opcional. É o que nos impede de (ab)usar da verdade de que toda a criação revela a Deus para justificar nossa indulgência com nossos desejos, pouco importando sua extravagância. É o que nos previne de acumular as dádivas divinas para nós mesmos, racionalizando nosso estilo de vida luxuoso, férias opulentas e compras caras com base no fato de que estamos apenas tentando desfrutar de Deus em tudo. Mas o ponto central do Novo Testamento está em gastar com alegria o que recebemos em favor dos outros. Deus nos dá a fim de que sejamos frutíferos com suas dádivas, a fim de que sejam desfrutadas para atender nossas necessidades e, então, gastas a serviço dos propósitos de seu evangelho no mundo. Como vimos no Capítulo 4, as dádivas são para nossa alegria e são provisão para a missão. Buscar uma à custa da outra é violentar o que Deus uniu. Verdadeiramente é mais bem-aventurada coisa dar que receber, e assim conhecemos a Deus de forma mais plena em dar com alegria do que o fazemos ao acumular de modo egoísta.

¹⁴ Peter Leithart sublinha com proveito a conexão entre receber com gratidão o que Deus dá e usar com sabedoria o que Deus dá para servir aos outros: “Para o apóstolo Paulo, não se expressa a gratidão tanto em devolver as dádivas quanto no uso fiel das dádivas dadas. Cristãos respondem com gratidão ao Espírito ao usar suas dádivas para servir ao bem comum do corpo de Cristo. Meister Eckhart captou isso quando disse que a fertilidade na dádiva é a mais perfeita forma de gratidão. Em lugar de um círculo fechado e estreito de doador generoso e recebedor agradecido, Paulo e Eckhart idealizam uma disseminação da dádiva” (“The Dark Side of Gratitude”). Disponível em: <http://www.firstthings.com/web-exclusives/2012/08/the-dark-side-of-gratitude>. Acesso em: 25 fev. 2014.

¹⁵ O texto de Pv 3.9-10 sublinha o modo de Deus de conceder abundância em resposta a nossa fidelidade com o que ele tem dado. “Honra ao Senhor com os teus bens / e com as primícias de toda a tua renda; / e se encherão fartamente os teus celeiros, / e transbordarão de vinho os teus lagares.” Dar as primícias a Deus não diminui nosso suprimento; aumenta-o. Do mesmo modo, a generosidade de coração alegre não esgota nossos recursos, antes traz à tona maior generosidade divina, que enche nossos celeiros a fim de que possamos ter o suficiente e dar com abundância.

¹⁶ Este é meu resumo dos comentários de Nancy Leigh DeMoss em seu excelente livro *Choosing Gratitude: Your Journey to Joy* (Chicago: Moody, 2009), p. 38-43.

Quando o “tempo de guerra” dá errado

Ponha seus filhos para dormir, protegidos, alimentados, aquecidos, agradeça a Deus por isso do mais profundo de seu coração e imagine como estender essa graça maravilhosa aos outros.

— Douglas Wilson

Você saberá quem é o maior santo no mundo: não é o que ora mais e jejua mais, não é o que dá mais esmolas ou o mais eminente por sua temperança, castidade ou justiça; mas é o que está sempre agradecido a Deus, que quer tudo que Deus quer, que recebe tudo como amostra da bondade de Deus e sempre conserva o coração pronto a adorar a Deus por isso.

— William Law

Vimos que a riqueza é boa e perigosa, que a acolhida de coração alegre deve levar à doação generosa e que nossa motivação para dar é tão importante quando nosso ato de dar. Este capítulo abordará uma forma útil e cada vez mais proeminente de descrever a relação cristã com a riqueza, a saber, o estilo de vida de tempos de guerra. O chamado a esse estilo de vida está enraizado nas passagens bíblicas que descrevem a vida cristã como combate e luta. Paulo luta com toda a força de Cristo em favor dos colossenses (Cl 1.29), como Epafra luta em favor deles em oração (Cl 4.12). Paulo descreve sua própria santificação como uma luta de boxe e uma corrida (1Co 9.26,27) e, portanto, disciplina seu corpo a fim de ganhar o prêmio. Ele conta aos coríntios que travamos uma guerra, mas não segundo a carne. Temos o poder divino para destruir fortalezas e levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2Co 10.3-5).

Em sua exortação acerca do ministério, Paulo diz a Timóteo: “combata o bom combate” (1Tm 1.18) e “nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida” (2Tm 2.4). Então, é claro, Efésios 6.12-18 analisa a vida cristã do ponto de vista de uma guerra, não “contra a carne e o sangue, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”. Assim, John Piper com correção conclui: segundo a Bíblia, “a vida é guerra”.¹

E prossegue descrevendo o tipo de estilo de vida resultante do profundo reconhecimento de que estamos em guerra:

Em tempos de guerra, os jornais trazem manchetes a respeito de como vão as tropas. Em tempos de guerra, as famílias conversam a respeito dos filhos e filhas nas linhas de frente, e escrevem para eles, e oram por eles com o coração partido de preocupação com sua segurança. Em tempos de guerra, estamos em alerta. Estamos armados. Estamos vigilantes. Em tempos de guerra, gastamos o dinheiro de modo diferente — há austeridade, não como fim em si mesmo, mas porque há modos mais estratégicos de gastar o dinheiro do que em novos adornos em casa. O esforço da guerra toca em tudo. Todos fazemos ajustes. O navio de luxo torna-se um veículo de transporte para as tropas.²

Adiante, escreve ele:

Jesus nos impele a um estilo de vida de tempos de guerra que não valoriza a simplicidade pela simplicidade, mas valoriza a austeridade do tempo de guerra pelo que pode produzir pela causa da evangelização do mundo. Diz ele: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome” (Lc 12.33). “E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16.9). “Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações. Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas

coisas; mas vosso Pai sabe que necessitais delas. Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12.29-31).

A ideia é que um salário de \$80 mil ou de \$180 mil não tem de ser acompanhado por um estilo de vida de \$80 mil ou de \$180 mil. Deus nos está chamando a ser canais de sua graça, não bicos sem saída. Nosso maior perigo hoje é pensar que o canal deve ser banhado a ouro. Não deve. Cobre serve. Não importa o quanto somos agradecidos, o ouro não fará o mundo pensar que nosso Deus é bom; fará as pessoas pensarem que nosso Deus é ouro. Isso não honra a supremacia de sua palavra.³

Ao defender esse tipo de estilo de vida de tempos de guerra, John Piper reconhece a necessidade de que os pastores assumam a liderança em ajudar o povo a tomar decisões sábias acerca do dinheiro que façam o reino avançar:

O que um pastor deve dizer a seu povo no que diz respeito à compra e propriedade de duas casas num mundo em que vinte e quatro mil de pessoas morrem de fome todos os dias e agências missionárias não conseguem penetrar em regiões de povos não alcançados por falta de fundos?

Então você perguntará: “É errado ter uma segunda casa que fique vazia parte do ano?”. E a resposta será: “talvez sim, talvez não”. A questão não se tornará mais simples se criarmos uma lei. Leis podem ser obedecidas sob coerção sem mudança do coração. Profetas querem novos corações para Deus, não apenas uma nova distribuição imobiliária. Você terá empatia com a incerteza deles e compartilhará sua própria luta para descobrir o caminho do amor. Você não presumirá ter uma resposta simples para cada pergunta acerca do estilo de vida. Reconhecerá que seu próprio estilo de vida, e você está nos Estados Unidos, é muito confortável em comparação com a maioria das pessoas no mundo.

Mas você as ajudará a decidir. Você dirá: “Sua casa representa ou estimula uma vida de luxo desfrutada sem levar em conta as necessidades dos outros? Ou é um retiro simples, usado com frequência para suprir uma necessidade de descanso, oração e meditação que envia as pessoas de volta à cidade com paixão para negarem-se a si mesmas para a

evangelização dos não alcançados e para busca de justiça aos oprimidos que sofrem?”. Você deixará a flecha alojada na consciência deles e os desafiará a buscar viver um estilo de vida em sincronia com o evangelho.⁴

Portanto, riqueza é um termo amplo que abrange todos os recursos providos por Deus. A riqueza é boa e perigosa, e dado que vida é guerra, devemos viver um estilo de vida de tempos de guerra, usando com estratégia nossos recursos para a glória de Deus e para o bem do povo.

O desafio

Com esses pressupostos bíblicos fundamentais, permitam-me apresentar um desafio com que deparei ao procurar viver esse tipo de estilo de vida. Para simplificar, é o seguinte: há um modo de abraçar o estilo de vida do tempo de guerra que destrói a generosidade radical, de coração alegre e de mãos abertas e prejudica os relacionamentos profundos, que dão vida e honram a Cristo. Observe isto: o tempo de guerra é um modelo útil para compreender o relacionamento do cristão com a riqueza e com o estilo de vida. Não estou desafiando a metáfora em si. Mas estou procurando trazer outras realidades bíblicas e empíricas para sustentar nossa compreensão do tempo de guerra a fim de evitarmos uma compreensão estreita, truncada, de como usar a riqueza para o avanço do reino.

Meu principal motivo para tratar dessa questão é que é uma parte importante de minha própria história. Por anos cultivei um entendimento da riqueza e do tempo de guerra que não apenas lesava alguns relacionamentos importantes em minha vida, mas na verdade destruía até o propósito de um uso estratégico dos recursos, a saber, a generosidade radical na causa do amor. Desse modo, o restante deste capítulo é em essência um recontar de

alguns momentos importantes da minha luta para lidar com o dinheiro, entremeado de reflexões bíblicas quando adequado. A maior parte das histórias são tiradas de minha própria vida, embora algumas tenham sido inventadas e outras sejam casos reais em que os nomes foram alterados para proteger os culpados.

Uma última advertência: tenho ciência plena de que minhas lutas não são as lutas de todos. Minhas tentações e tendências pecaminosas não são universais, o que quer dizer que há mais por ser dito do que o que posso dizer aqui. Este é o grande desafio de um capítulo como este. Então, se você acha que deixei de fora algo crucial a respeito do nosso uso do dinheiro, provavelmente você está certo. Minha esperança é apenas que essas reflexões sejam um corretivo aos outros que são como eu e talvez estimulem a paciência naqueles que não são.

O início

Nasci na nação mais rica na história do mundo, numa família de classe média no oeste do Texas. Frequentei a educação infantil uma boa escola particular não religiosa, e em seguida consegui meu espaço no sistema escolar público com professores dedicados que me ensinaram a ler, a escrever e aritmética. Tive pais amorosos que me levavam à igreja, treinaram meu time de beisebol, incentivavam a excelência em tudo que eu praticava e tornaram meus primeiros anos muito felizes. Trabalhei duro, tirei boas notas, pratiquei esportes, tive bons amigos e, em grande medida, mantive-me fora de encrencas. Ganhei um carro quando completei 16 anos (um Toyota mais velho que eu), e, depois, como recompensa por meu trabalho pesado, ganhei uma picape nova quando me formei com honra no colegial e ganhei uma bolsa de estudos da Texas A&M University. Sempre tive comida no prato e um teto sobre a cabeça, e

a cada momento caíram sobre mim chuvas de bênçãos, oportunidades e dádivas.

Também vivo num mundo em que outras crianças ficam órfãs, são abusadas, passam fome e são lançadas em situações terríveis e inimagináveis. Há pessoas sem acesso ao evangelho de Jesus Cristo, ou educação de qualidade, água potável, água encanada, refeições saudáveis e mil outras bênçãos que para mim eram naturais. Dada a disparidade do mundo, qual deve ser minha *primeira* reação a tudo que recebi?

Gratidão. Gratidão sem medida. Ação de graças profusa e transbordante. Sem culpa. Sem vergonha. Sem autorreprovação por ter nascido nos Estados Unidos ou por ter tido as oportunidades que tive. E a razão para a gratidão é pelo menos tripla.

Em primeiro lugar, Paulo nos diz que temos de dar graças sempre e por tudo (Ef 5.20). Você nasceu em Dallas? Seja grato. Nasceu em Calcutá? Seja grato. Nasceu rico? Seja grato. Nasceu pobre? Seja grato. Seus sofrimentos e desafios foram relativamente pequenos? Seja grato. Foram terríveis e de partir o coração? Seja grato.

Não estou dizendo que é fácil ou que devemos ser levianos. Mas se Paulo, o apóstolo náufrago, espancado e deixado à morte, preso e torturado injustamente, pode ser grato por tudo, então também podemos.

Em segundo lugar, não escolhi o lugar de meu nascimento, nem minha família, nem as inúmeras oportunidades que Deus me deu. Ele determina os limites da habitação de todos os homens na terra (At 17.26), o que quer dizer que sentir culpa pela decisão dele não é só tolice; é uma ofensa contra sua sabedoria inescrutável. Jesus não morreu na cruz para libertar-me do pecado de ter nascido nos

Estados Unidos. Ser cristãos no Ocidente não nos dá licença para viver como as pessoas mundanas do Ocidente; o que fazemos com todas as bênçãos e dádivas divinas tem uma importância imensa. Mas a Bíblia não abole a falsa culpa pelo que Deus nos proporcionou por sua graça. Não ostentamos essas dádivas (“O que têm que não receberam?”), mas tampouco rastejamos e lamentamos. Chegamos ao fundo do poço e maravilharmo-nos com sua bondade para conosco e seguimos em frente em obediência a sua Palavra.

Em terceiro lugar, Paulo diz que há um segredo para enfrentar fartura e abundância:

Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de fartura como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece. (Fp 4.12,13)

Embora amiúde reconheçamos a necessidade de aprender a enfrentar escassez e necessidade, nem sempre estamos cientes de que precisamos de ajuda semelhante para enfrentar a riqueza e a fartura. Não é fácil enfrentar a afluência a cada dia sem cometer idolatria ou sucumbir à ingratidão. De fato, a história da igreja está repleta de histórias de crentes sinceros que enfrentaram o abatimento, a fome, a necessidade, o sofrimento, a perseguição, a adversidade e a morte com alegria e fidelidade que honram a Cristo. Mas as histórias de fidelidade cristã em meio à opressão da abundância, da provisão, da fartura e da riqueza são menos comuns e mais raras. É por isso que Jesus diz que é difícil para o rico entrar no reino dos céus (Mt 19.23). Um dos principais desafios para cristãos no Ocidente é aprender a enfrentar nossa fartura sem precedentes com a força fornecida por Cristo e não pela riqueza.

Já mencionei que minha esposa e eu lutamos contra a infertilidade em nosso casamento, e, mesmo quando Deus graciosamente nos deu nosso primeiro filho, descobrimos que não estávamos nem de longe prontos para deleitar-nos nele. Lutamos com a culpa porque por causa da nossa luta encontramos outras pessoas em circunstâncias similares, e agora tínhamos recebido algo que elas não receberam. Lutamos contra a ansiedade na expectativa de que Deus tomaria nosso filho, e essa angústia estava enraizada num retrato de um Deus que não quer realmente dar boas dádivas a seus filhos. Lembro-me de ter uma conversa com minha esposa pouco depois que Sam nasceu em que um de nós disse algo como: “Sinto que fui preparado para sofrer, mas não fui treinado para desfrutar de uma dádiva preciosa de Deus de forma que o honre”.

O ponto central deste caso não é equiparar crianças e riqueza. O ponto é a dificuldade de receber coisas boas do modo correto. É duro. Requer graça. E a Bíblia diz que é possível e necessário que aprendamos a enfrentar a abundância, a fartura, a vida numa sociedade afluyente de modo que honre a Deus acima de todas as coisas e honre a Deus *em* toda a riqueza. Como diz Paulo: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”.

Tempo de guerra na universidade

Quando fui apresentado à noção de estilo de vida de tempo de guerra pelo ministério universitário de Piper, esta logo encontrou guarida em meu coração. Queria viver pelo reino de Deus e queria que meu uso da provisão divina refletisse isso. Então vivi com o mínimo possível. Colegas de quarto a mais para diminuir o aluguel. Nada de roupas de marca ou mobília cara. Muito macarrão

instantâneo e muito pão. Meu custo de vida era baixo em toda medida.

Mas aqui está o negócio. Nada disso foi muito difícil. Eu não queria vestir roupas caras. Gostava dos meus colegas de quarto. Realmente acho macarrão instantâneo bem gostoso. Então viver um estilo de vida de tempos de guerra não era bem um sacrifício. Embora a metáfora do tempo de guerra acrescentasse justificativa bíblica a escolhas de estilo de vida já feitas por mim, dando-lhes um verniz e uma textura santa, minha satisfação em meu estilo de vida estratégico era bem desproporcional ao grau de sacrifício. Abrir mão de coisas que você já não quer mesmo é fácil e é um campo minado de orgulho e presunção.

Não me entenda mal. Apoiava minha igreja local e outros ministérios. Era generoso com meu tempo e com meus talentos. E, de todo modo, não tinha muita renda disponível. Mas acho que algo podre estava incubado em minha alma nesses anos, uma atitude sutil perante as decisões de estilo de vida dos outros que cresceria e inflamaria durante meus anos de solteiro.

Permita-me um exemplo. Naqueles anos, raramente gastava dinheiro comigo mesmo. Usava minhas roupas até gastar. Comia comida barata. Evitava gastos extravagantes em tudo. Com exceção dos livros. Amava livros e amava comprar livros (e ainda amo). E justificava meu orçamento com livros nos termos do tempo de guerra. Eu imaginava que, por não comprar todas as coisas “mundanas” que todos os outros compravam, eu estava livre para ir à loucura na Amazon.com. Em outras palavras, isentava minhas compras favoritas da simplicidade do tempo de guerra sob a alegação de que eram espiritualmente estratégicos. Fala sério. Vai me dizer que *Mortification of Sin* [Mortificação do pecado], de Owen,

não era tempo de guerra? Que minha *luta* com o pecado não era *tempo de guerra*?

Para ser honesto, acho que meu raciocínio nesse caso estava absolutamente certo. Bons livros teológicos são (ou podem ser) uma aquisição estratégica em tempos de guerra para alimentar a alma e crescer em santidade. O problema é que se outros usavam sua renda disponível para comprar comida mais gostosa (ou mais saudável), ou roupas de marca, ou móveis de algum lugar que não da beira da estrada, eu sutilmente as julgava por não estarem sendo estratégicas no uso de seus recursos. Em outras palavras, tendo em primeiro lugar aberto mão de coisas que não queria e liberado compras “espirituais” que eu de fato queria, estava impondo minha aplicação subjetiva dos princípios do tempo de guerra como padrão para todos os demais.

Paulo parece tratar precisamente deste tipo de legalismo presunçoso em diversas passagens:

Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o sustentar. (Rm 14.4)

Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus. (Rm 14.10-12)

Um come, o outro se abstém. Um compra em lojas de departamento, o outro compra em lojas baratas. Um compra livros, o outro compra obras de arte. Que cada um esteja plenamente convencido conforme o próprio juízo. Não julgue ou despreze o

irmão. Para o seu próprio senhor está em pé ou cai. Estaremos todos perante o juízo de Deus.

Portanto, devemos estar atentos ao quanto podem ser subjetivas as nossas percepções do uso fiel da riqueza. Devemos resistir a impor aos outros a aplicação do tempo de guerra específica a nosso contexto e conforme nossa personalidade. Isso não é dizer que jamais devemos levantar questões acerca de como o dinheiro é usado. Quer dizer que não devemos tratar o tempo de guerra como se fosse um jogo de “Quão baixo você consegue ir?”. Porque a resposta a isso é sempre “mais baixo”.

Amor e casamento

Quando minha esposa e eu nos casamos, fomos morar num porão em Minneapolis. Tínhamos mudado para Minnesota para participar de um programa de formação na Bethlehem Baptist Church. Como muitos recém-casados, nossas primeiras discussões tinham que ver com dinheiro. Em particular, não conseguia entender por que minha esposa sentia a necessidade de comprar velas para nosso apartamento. Afinal, estamos no século XXI. E, de fato, tínhamos luz em casa. E dado que tínhamos pouco dinheiro (eu estava no seminário e trabalhando em meio período; ela trabalhava como assistente administrativa num escritório), velas eram uma aquisição realmente estratégica em tempo de guerra? Ou eram algo supérfluo e desnecessário?

Lembro-me de estar num seminário pastoral com nosso pastor executivo Sam Crabtree. Estávamos circulando pela sala e apresentando-nos. Quando chegou minha vez, disse: “Meu nome é Joe Rigney. Sou do Texas. Estou casado há mais ou menos um mês, e tem sido realmente maravilhoso. Ainda não consegui

entender por que velas são tão importantes, mas estamos trabalhando nisso”.

O pastor Sam olhou para mim sem acreditar: “Você não sabe por que velas são importantes?”.

Meio surpreso, disse: “Bem, não”. Suas palavras me acertaram em cheio como uma tijolada.

“Porque *ela* é”.

Ora, para muitas pessoas, a verdade daquela afirmação pode parecer óbvia, mas não era para mim. Mesmo que eu tivesse concordado em princípio, ela não tinha sido digerida da forma como precisava. Então, deixe-me explicitar o que aquele momento humilhante no seminário fez comigo.

Como vimos, tempo de guerra quer dizer estratégia. Mas estratégia para *quê*? Para o avanço do reino de Deus. Para a expansão do evangelho. Para a difusão da paixão pela supremacia de Deus sobre todas as coisas para alegria de todas as nações por meio de Jesus Cristo. Tempo de guerra quer dizer estratégia.

Isso quer dizer que o dinheiro existe para as pessoas. A riqueza existe para atender as necessidades delas. Necessidades espirituais. Necessidades físicas. Necessidades emocionais. E não só de pessoas em abstrato. Pessoas reais. Com nomes, rostos, estômagos vazios, almas sedentas e corações famintos por expressões concretas do amor de Deus.

Era isso que eu ainda não tinha entendido. Por alguma razão, cresci acostumado a ver o tempo de guerra levando em conta as privações por que *eu* estava passando em vez de considerar para que Deus tinha dado os recursos. Eu tinha uma visão truncada e estreita do que queria dizer estratégico. Uma casa aquecida e acolhedora é estratégica. Relacionamentos fortes com os próximos

a você são estratégicos, e se comprar algumas velas solidifica o relacionamento, então, a meu juízo, trata-se de um pequeno preço a pagar.

Um estilo de vida de tempo de guerra significa que desviamos recursos de atividades normais a fim de que sejam usados no *front*. Na maior parte das vezes, pensamos no “*front*” como os missionários pioneiros que levam o evangelho a povos não alcançados nos lugares mais difíceis. E devemos pensar assim. Devemos abrir mão de nossos luxos a fim de podermos financiar missionários do tipo paulino que plantam igrejas em lugares sem nenhum testemunho do evangelho.

Mas também devemos reconhecer que o *front* inclui pessoas e relacionamentos mais próximos de casa. A família é parte do *front*. Se somos pais, nossos filhos são parte do *front*. Deus nos chamou a criá-los no Senhor, a comunicar em palavras, obras e atitudes o que significa que Deus é nosso Pai por Cristo. Como vimos no último capítulo, pais são chamados a gastar-se e a deixar-se gastar, com alegria, em prol dos filhos (2Co 12.14,15).

Jesus diz que mesmo os homens maus sabem dar boas dádivas a seus filhos (Mt 7.11). Quanto mais os homens redimidos devem dar boas dádivas a seus filhos? E “boas dádivas” não quer dizer caras. “Boas dádivas” quer dizer criativas e personalizadas para nossos filhos. Ensinamos aos nossos filhos o sentido de *esbanjar* ao derramar sobre eles chuvas de beijos, abraços e afeto. Devemos esbanjar com eles elogios e deleites, *mac and cheese* [um tipo de macarrão com queijo], e, de vez em quando, *cookies* e sorvete. Quando é aniversário deles, devemos dar-lhes presentes personalizados e bem pensados, que comuniquem o fato de prestarmos atenção neles, da sintonia com seus desejos, prazeres e

interesses. E devemos comprar e dar tais presentes *precisamente porque queremos ser estratégicos no uso de nossas riquezas*.

Ouçame quanto a isso. Não estou recomendando mais gastos com brinquedos. Não estou incentivando presentes exorbitantes. Na verdade, em muitos casos, podemos comprar menos coisas se estivermos comprando melhor, presentes mais bem pensados. O que tento alcançar é a dimensão *qualitativa* da compra de presentes para nossos filhos (ou nossas esposas, nossos amigos, ou visitantes). As pessoas sabem quando estão dando algo e sentindo-se culpadas por isso. Sabem quando há um empecilho em nosso presente, uma relutância em nosso espírito porque não temos certeza de ser um uso estratégico, de tempos de guerra, de nossa riqueza. Podem sentir quando esquecemos que as pessoas são estratégicas, incluindo as pessoas que vivem sob o nosso teto. No longo prazo, esse tipo de doação relutante e carregada de culpa prejudica a relação. No extremo oposto, a generosidade com nossos filhos é uma das principais formas de criar filhos também generosos.

Para chegar a essa mesma questão vindo de outra direção, o livro de Provérbios adverte-nos acerca dos perigos de sentar à mesa do invejoso (literalmente: “o homem cujo olho é mau”):

Não comas o pão do invejoso,
nem cobices os seus delicados manjares.
Porque, como imagina em sua alma, assim ele é;
ele te diz: Come e bebe;
mas o seu coração não está contigo. (Pv 23.6,7)

Tanto pior ser de fato o invejoso, calcular na alma nossa doação com o olho mau, dirigir nosso olhar mais para o que *nós* estamos perdendo do que para a alegria das pessoas que recebem nossas dádivas. Tal “doação” não é nem mesmo digna do nome, uma vez que oferece dádivas sem colocar o coração ali. E é particularmente

trágico quando esse tipo de generosidade sem coração tem espaço numa casa cristã sob o rótulo de estilo de vida de tempo de guerra.⁵

As obrigações bíblicas funcionam de dentro para fora

Destacar a família como parte do “*front*” levanta todo tipo de questão acerca das variadas responsabilidades para com nossos filhos, nossa igreja, os missionários, os povos não alcançados e os pobres de nossa região. Assim, ofereço algumas reflexões sobre essas responsabilidades.

A Bíblia ensina-nos a pensar em círculos concêntricos de responsabilidade, com obrigações maiores conforme estamos mais próximos do centro. E embora haja certas exceções a isso, a progressão geral é da família para a igreja, da igreja para os pobres da região, e então para os descrentes e povos em todo o mundo.

Em primeiro lugar, a prioridade da família. Paulo diz a Timóteo: “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1Tm 5.8). A implicação é que o líder da casa tem maior obrigação com sua família que com os membros de outras famílias (embora também tenha algumas obrigações com elas). Da mesma forma, o pré-requisito para liderança na igreja local é que um homem “governe bem a própria casa” (1Tm 3.4-5). Essa exigência é apenas uma aplicação do princípio de Jesus segundo o qual devemos ser fiéis no pouco antes que Deus nos coloque sobre o muito (Lc 16.10; 19.17).

Em segundo lugar, a prioridade da igreja. Paulo exorta os gálatas: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, *mas principalmente aos da família da fé*” (Gl 6.10). Observe que devemos fazer o bem a todos, independentemente de serem ou não cristãos. Mas há uma obrigação especial para com a família da fé.

Acho que é este motivo por que Jesus pode dizer que o mundo saberá que somos seus discípulos pelo amor que temos uns pelos outros (Jo 13.35). O amor, o cuidado e a provisão dos cristãos com outros cristãos é uma apologia e um testemunho poderosos da realidade do evangelho.

Em terceiro lugar, a prioridade dos necessitados locais. A parábola do bom samaritano implica esse tipo de primazia. Embora haja um sentido em que o amor ao próximo inclui todas as pessoas de todos os lugares, a parábola de Jesus destaca as necessidades das pessoas bem à nossa frente. Jesus não condena o levita que mora a 80 km de distância da Galileia por não ajudar o homem ferido; condena o levita que passa de largo do outro lado da rua. O samaritano é louvado justamente porque atende às necessidades de alguém em sua proximidade, sem levar em conta a etnia ou credo religioso.

Um apoio adicional à prioridade dos locais pode ser encontrado em Provérbios 17.24: “A sabedoria é o alvo do inteligente, mas os olhos do insensato vagam pelas extremidades da terra”. Obcecar-se com o horizonte é muitas vezes uma forma de evitar obrigações claras e presentes. Como diz P. J. O’Rourke de modo memorável: “Todos querem salvar o mundo, mas ninguém quer ajudar a mãe a lavar a louça”.

A sabedoria tem suas exigências exatamente onde estamos. Honrar os pais — sim, aqueles que estão no quarto ao lado. Fugir da adúltera — a que acena dos recônditos da internet. Evitar a companhia íntima de tolos — os caras da academia que fazem piadas sujas e depreciam as mulheres. Deus nos coloca num lugar e nos dá responsabilidades. Ele nos manda ser fiéis em nosso posto, não nos esquivar das obrigações enquanto imaginamos

nossos triunfos e banquetes de fidelidade em outro posto em algum lugar além do arco-íris.

Em quarto lugar, círculos concêntricos não implicam que podemos negligenciar as necessidades daqueles em todo o mundo que sofrem na pobreza e enfrentam a eternidade sem a esperança do evangelho. As igrejas da Macedônia e de Corinto deram dinheiro para alívio dos pobres em Jerusalém (Rm 15.26; 2Co 8-9). Os santos em Jerusalém igualmente oravam pelos coríntios (2Co 9.14). Paulo esperava que a igreja de Roma estivesse muito preocupada com sua missão na Espanha (Rm 15.24).

Além disso, Deus chama alguns como Paulo para carregar uma carga maior pelos povos não alcançados do mundo. Paulo tinha a obrigação de pregar o evangelho por toda parte, a gregos e bárbaros, a sábios e tolos, a judeus e gentios (Rm 1.14,15; 1Co 9.19-23). Sua ambição era pregar a Cristo onde Cristo ainda não fora anunciado (Rm 15.20), e para esse fim ele renunciou a uma família, à casa de uma igreja estável, a uma comunidade local de necessidade, a fim de anunciar o evangelho até os confins da terra. E ele contava com a ajuda dos cristãos de todos os lugares no cumprimento da tarefa vital de completar a Grande Comissão.

Este é o equivalente necessário ao foco na generosidade em casa. A obrigação bíblica de ser generoso com o que Deus nos dá começa em casa. Não podemos exportar o que não temos. Mas ela *realmente* começa em casa e *de fato* trilha seu caminho. Se nossa generosidade termina em nossa família e amigos, então não estamos doando como cristãos. Não somos diferentes dos ímpios que dão boas dádivas a *seus* filhos. Como disse Jesus: “Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes só os vossos

irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?” (Mt 5.46,47).

O amor e a generosidade cristãos ultrapassam as relações naturais. Se nossa generosidade e doação não transbordam as margens de nossa família e amigos, então há algo errado. Jesus disse:

Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos. (Lc 14.12-14)

A ideia nessa passagem não é que sempre devemos evitar convidar nossos amigos para jantar. O próprio Jesus compartilhou a ceia de páscoa com seus discípulos. A questão é que nossa comunhão à mesa deve estender-se além de nossa família, nossos amigos e benfeitores. Devemos compartilhar nossa comida e festividade com os de fora, com os marginalizados e ignorados. Devemos dar banquetes maravilhosos e festas e convidar pessoas improváveis para juntar-se a nós.

Assim, ao enfatizar a importância dos que estão próximos a você como parte do *front*, não quero minimizar as necessidades prementes ao redor do mundo, seja no alívio do sofrimento físico, seja no alívio do sofrimento eterno. Mas acho que trabalhar com essas camadas de responsabilidade impede os desvios que destroem a generosidade em todos os níveis. Esse tipo de abordagem ampla e dirigida do tempo de guerra nos protege de sacrificar nossas famílias no altar do ministério.

Em suma, a generosidade deve começar com a acolhida alegre e agradecida da provisão de Deus, estender-se ao nosso contexto imediato (família, amigos e igreja), e então transbordar para as necessidades físicas e espirituais, e depois inundar o mundo com a riqueza da proclamação do evangelho e dos atos de amor.

Pensando em três dimensões

Apesar da repreensão no seminário, minhas lutas na aplicação do tempo de guerra não diminuíram. Na verdade, aumentaram. Felizmente, tinha uma esposa paciente que me ajudou a ver onde eu estava sendo tacanho. Por exemplo, minha concepção de tempo de guerra concentrava-se em particular no custo imediato de uma compra. Eu era míope quanto ao preço. Quando estávamos mobiliando nosso apartamento, precisávamos comprar uma escrivaninha para mim. Sugeriu que ficássemos com uma escrivaninha barata de aglomerado, ou na Craigslist ou na loja. Eu pensava que podíamos gastar menos de cinquenta dólares. Minha esposa, por outro lado, sugeriu que comprássemos uma escrivaninha de madeira maciça da World Market. Custaria cerca de duzentos dólares. Não preciso dizer, houve uma discussão acalorada.

No entanto, com essa discussão, minha esposa ajudou-me a ver como eu estava sendo míope quanto ao preço imediato da escrivaninha. “Podemos comprar uma mesa feia e barata por cinquenta dólares e precisar comprar outra daqui um ano, e outra depois disso. Ou podemos comprar uma escrivaninha bonita e de qualidade que podemos ter por anos. Olhe aquela estante ali. Comprei na faculdade, e espero de verdade dá-la aos meus netos”.

Em essência, minha esposa mostrou que eu não estava pensando estrategicamente *o bastante*. Pensar a curto prazo em

geral não é estratégico. Isso não é dizer que você sempre deve escolher a mesa de qualidade em detrimento da barata. A questão é enfatizar a grande variedade de fatores que devem ser considerados em nossas aquisições e não nos fixar numa única dimensão ou noutra. Ademais, devemos estar cientes de que pessoas diferentes podem chegar a conclusões *divinas* diferentes acerca de como gastar o dinheiro.

Minha definição de *estratégico* estava truncada porque carecia de uma apreciação da beleza e da estética. Embora eu fosse um beneficiário de bênçãos estéticas intangíveis, jamais pensei nelas como uso estratégico dos recursos. Mas Deus fez um mundo lindo e nos chama a imitá-lo, o que quer dizer que o tempo e o dinheiro gastos para tornar uma casa atraente e convidativa a visitantes são estratégicos. Embelezamento é estratégico. Transformar a casa num refúgio é estratégico. Tornar-se um cozinheiro melhor e fazer comida melhor para sua família é estratégico (especialmente se você faz o bastante para compartilhar!).

O valor da beleza permanece mesmo se levarmos em conta sua natureza temporária. De manhã, Deus veste as flores com a glória que excede a de Salomão, e esta glória morre no meio da tarde. Essa beleza efêmera ainda serve a milhares de propósitos divinos — agradar nossos olhos, lembrar-nos de nossa própria transitoriedade, despertar-nos para a beleza de Deus e muito mais. Igualmente, nossas iniciativas na beleza — seja na arte, na música, na arquitetura e em tudo o mais — podem servir a propósitos similares em nutrir nossa alma, em encorajar e abençoar os outros, e em honrar o belo Criador da beleza.

O mesmo vale quanto ao valor da vocação. Encanadores fazem do mundo um lugar mais bonito, quer na visão, quer no olfato. (Se duvida, visite um país que carece tanto de encanamento quanto de

encanadores.) Assim também as mães que trocam fraldas. Boa música tocada com excelência embeleza o mundo, chamando as pessoas para fora da prisão em si mesmas para algo maior e mais grandioso. Literatura, tanto ler quanto escrever, é estratégica. Quantas pessoas têm sido preparadas para receber o evangelho porque leram *As crônicas de Nárnia* quando crianças? E quanta filosofia medieval, poesia clássica e ficção fantástica C. S. Lewis teve de ler antes de estar habilitado a escrever aqueles livros preciosos?

Outra coisa que aprendi sobre mim mesmo naqueles anos foi o papel das aparências na minha avaliação do estilo de vida dos tempos de guerra. Se algo parecia elegante e caro, eu rechaçava. Se parecia desbotado e usado, então era de alguma forma mais virtuoso, independentemente do custo real. Com o tempo, cheguei a ver que, embora as aparências tenham, sim, importância, elas são um único fator, entre muitos outros, e que pode haver razões estratégicas para escolher itens que têm aparência de riqueza.

Digamos que um tio rico deu-lhe seu velho Lexus de presente. Um compromisso com o tempo de guerra exige que você o venda e compre um carro caindo aos pedaços, por receio de comunicar um estilo de vida ostentador? Ou você pode considerar outros fatores: a segurança e confiabilidade do carro, a honra àquele que lhe deu ao aceitá-lo como presente, os custos de manutenção e o investimento de tempo. De novo, o ponto não é dar uma resposta simples; é pôr todas as variáveis na mesa a fim de que possamos tomar uma decisão sábia.

Ao longo dessas linhas, contei que o modo como estava abordando a questão da riqueza afetava profundamente meus relacionamentos. Lembro-me de estar meio frustrado com minha esposa uma vez porque ela comprou batatinhas fritas mais caras

por saber que eu gostava delas. Ali estava ela mostrando-me gentileza de uma maneira simples e prática, e tudo que eu consegui fazer foi responder com ingratidão pela obsessão com o ínfimo custo adicional.

Curso básico de economia

Durante esses anos, comecei a crescer em entendimento de economia básica. Não me refiro a coisas de alto nível, com planilhas e gráficos. Refiro-me a verdades simples e óbvias como: “Não existe almoço grátis”. Alguém pagará as despesas. Pode estar oculto, mas, com toda certeza, alguém está pagando.

Para ilustrar, imaginem, se quiserem, um estudante universitário que vende seu carro para evitar as despesas com seguro, combustível e manutenção. Com o dinheiro extra, ele sustenta um missionário entre povos não alcançados. Entretanto, ele precisa agora pegar carona para ir à escola, ao trabalho, à mercearia, e seu colega de quarto é em geral seu chofer. O perigo fica óbvio. O segundo estudante arca com todos os custos de manutenção de ter um carro enquanto o primeiro estudante tem os benefícios proporcionado por um veículo, bem como a satisfação de enviar seus recursos para o *front*. Se ele não tiver cuidado, pode começar a sentir um orgulho sutil de seu estilo de vida de tempos de guerra em comparação com seu colega de quarto, que não vendeu o carro.

Ou tomemos outro princípio econômico que aprendi nesses anos: o valor do tempo. Muitas coisas podem ser feitas a preços mais baixos se você tiver tempo e energia para fazê-las acontecer. O problema é que o tempo gasto para baratear as coisas é o tempo tirado de outras atividades, atividades que poderiam ser mais valiosas que economizar alguns trocados. Se pensarmos só em dinheiro e não no valor do nosso tempo, podemos de fato ser menos

estratégicos no uso dos recursos que Deus nos tem dado para administrar.

Uma última verdade econômica: Deus não criou um mundo de soma zero. Não há uma quantidade fixa de riqueza no mundo de modo que, se uma pessoa fica mais rica, outra necessariamente fica mais pobre. Pode-se criar riqueza. Seres humanos podem misturar seu trabalho criativo com o vasto potencial da ordem criada por Deus e assim desenvolver e produzir coisas incríveis, aumentando a riqueza e o valor no mundo.⁶

Conclusão

Para voltar ao assunto original, o ponto principal é enfatizar a complexidade de viver com fidelidade num mundo de riqueza. É possível usar o que escrevi aqui para acumular coisas para nós mesmos e justificar nossa falta de amor concreto pelos não alcançados? Claro que é. Podemos receber a riqueza de modo equivocado e cultivar uma sensação de merecimento? Com certeza.

Mas nossas tendências pecaminosas a este respeito não são abordadas pela culpa de possuir riquezas. Não lidamos com nosso pecado ao tratar a riqueza como batata quente. E o caminho monástico e ascético tem seus próprios perigos. A abnegação é perigosa. A renúncia é perigosa. O tempo de guerra é perigoso.

Ao contrário, devemos buscar tornar-nos recebedores de coração aberto de tudo que Deus dá e almejar ser tão generosos quanto podemos ser conforme Deus nos dá oportunidade. Devemos abraçar a realidade de que o *front* na guerra começa com os mais próximos a nós e se estende aos povos não alcançados que jamais encontraremos, a menos e até que os encontremos no céu. Devemos buscar ser tão generosos com os outros quanto Deus tem

sido conosco. Em síntese, como disse antes, receber de graça, dar de graça.

¹ *Let the Nations Be Glad*. 3. ed. Grand Rapids: Baker, 2010, p. 65.

² *Ibid.*, p. 68.

³ *Ibid.*, p. 125.

⁴ *Brothers, We Are Not Professionals*. Nashville: Broadman, 2013, p. 203-04. [Lançado em português com o título: *Irmãos, nós não somos profissionais*. São Paulo: Shedd, 2009]

⁵ Para sublinhar a questão levantada antes, minha preocupação principal não é com a quantidade da doação. E decerto não quero sugerir que devemos dar a nossos filhos ou esposa tudo que pedem. Temos recursos limitados, afinal. O problema central é que uma vez que decidimos dar, devemos estar inteiros na dádiva. Nosso coração deve estar com aqueles a quem damos. Não uma doação manipuladora, hipócrita, cheia de culpa. Ao contrário, lidamos com a complexidade de nossa situação e do uso estratégico de nossos recursos limitados e em seguida agimos com fé e de consciência tranquila e coração alegre.

⁶ Há muitos livros excelentes sobre economia escritos de uma perspectiva cristã. Alguns dos que foram mais úteis para mim são os seguintes: Jay Richards, *Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem* (New York: HarperOne, 2009); e R. C. Sproul Jr., *Economics for Everybody: Applying Biblical Principles to Work, Wealth, and the World* (Sanford: Reformation Trust, 2012). Outros livros úteis que não necessariamente adotam uma perspectiva cristã incluem Thomas Sowell, *Basic Economics: A Common Sense Guide to the Economy*. 3. ed. (New York: Basic, 2007); e James Gwartney, Richard Stroup, Dwight Lee, Tawni Ferrarini, *Common Sense Economics: What Everyone Should Know about Wealth and Poverty* (New York: St. Martins, 2010).

Sufrimento, morte e a perda das boas dádivas

Dói tanto quanto vale.

— Julian Barnes

Todo pessimismo tem um otimismo secreto como seu objeto. Toda desistência da vida, toda negação de prazer, toda escuridão, toda austeridade, toda desolação tem como real objetivo esta separação de algo que possa assim ser pungente e perfeitamente aproveitado. Sinto-me grato pela leve torção que introduziu esta misteriosa e fascinante divisão entre um dos meus pés e o outro. O caminho para amar qualquer coisa é dar-se conta de que ela poderia ser perdida. Em um dos meus pés posso sentir quão forte e esplêndido é um pé; no outro posso perceber quão diferente ele poderia ter sido. A moral disto é totalmente entusiasmante. Este mundo e todos os nossos poderes nele são muito mais terríveis e belos do que até mesmo nós sabemos, até que algum acidente no-lo recorde.

— G. K. Chesterton

O gozo de Deus é a única felicidade com que nossas almas podem satisfazer-se. Ir para o céu, gozar plenamente de Deus, é infinitamente melhor do que a mais agradável das acomodações aqui. Pais e mães, maridos, esposas ou filhos, ou a companhia de amigos terrenos, não são senão sombras; mas Deus é a substância. Esses são raios esparsos, mas Deus é o sol. Esses não são senão rios. Deus é o oceano.

— Jonathan Edwards

Felizmente receber boas dádivas por amor a Deus não nos leva a acumular e ajuntar tesouros na terra. Torna-nos bondosos e liberais. Faz de nós generosos com os outros como Deus tem sido conosco. Leva-nos a dar com fartura nosso tempo, talento e tesouro para aliviar o sofrimento — seja perto, seja longe; seja temporal, seja eterno. Como diz John Piper: “Nós, cristãos, nos importamos com

todo o sofrimento, em especial o sofrimento eterno”.¹ Assim, um foco na acolhida alegre de tudo que Deus provê põe em ação no mundo um povo radicalmente generoso que está disposto abrir mão de coisas boas por causa do amor.

Mas e quanto à perda involuntária das coisas boas? E quando dádivas boas e preciosas que ampliam nossa capacidade de conhecer e desfrutar de Deus são arrancadas de nosso coração? O que uma abordagem integrada do desfrute de Deus e de suas dádivas diz quando a dádiva é tirada de nossas mãos? Será que essa ênfase em receber coisas boas de Deus nos desencaminharia se Deus tirasse nossos prazeres terrenos mais preciosos? Será que isso nos levaria a apegar-nos demais às dádivas porque desfrutamos delas tão profundamente? Não estamos nos preparando para a idolatria ao celebrar a bondade de dádivas que perderemos um dia?

Na minha cabeça, toda a tese deste livro é destruída por completo se não puder tratar de maneira fiel e bíblica das perdas mais pungentes das coisas boas. A Bíblia é um livro de sofrimento, de Gênesis 3 a Apocalipse 20. Perdem-se esposas. Perdem-se maridos. Perdem-se filhos. Perde-se riqueza. Perdem-se casas. Perdem-se reputações. Perde-se saúde. Perdem-se vidas. E esse tipo de sofrimento e perda é prometido aos seguidores de Jesus: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12); “por meio de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22). Então, um livro sobre desfrutar das dádivas divinas simplesmente deve enfrentar a inevitabilidade de perdê-las.

Comer, beber e alegrar-se debaixo do sol

Eclesiastes é um livro desconcertante, mas meu colega Jason DeRouchie ajudou-me a ver a esperança que o pregador e sábio do livro nos oferece.² O livro é uma longa reflexão sobre a vida “debaixo do sol” (1.3,9,14), vida num mundo divino, mas frustrante, partido, confuso. Tudo debaixo do sol é um enigma, um mistério insondável.³ Este mundo está partido e sob maldição divina, ainda que repleto de dádivas e prazeres para o homem desfrutar. Entretanto, por causa da certeza da morte, todos esses prazeres são efêmeros e temporários, e não sabemos quando serão tirados de nós (ou nós, deles). E mais, a injustiça sobeja neste mundo caído (4.1,2), mas nem sempre (2.26), e assim nos vemos aflitos e confusos pela incompreensibilidade do mundo e dos caminhos de Deus.

Vivemos num mundo torto que não pode, com nenhum nível de esforço humano, ser endireitado (1.15; 7.13). Está amaldiçoado, o que torna a bondade divina algo difícil de visualizar. “Como ele está fazendo o bem nisso?” Considere todas as coisas variadas que marcam nossa vida: empregos instáveis, órfãos, corrupção judicial, pneus estourados, pernas quebradas, tráfico de pessoas para exploração sexual, torneiras mal vedadas, soberania divina *versus* responsabilidade humana, adoções malsucedidas, boletos mensais, prazos de projetos, férias chuvosas, casamentos fracassados, dores crônicas nas costas, orgulho, pornografia, estradas escorregadias, relacionamentos rompidos, egoísmo, racismo, picadas de abelha, aborto, e a sempre presente morte de nossos queridos (ou a nossa própria). Este é o nosso mundo.

Clamamos: “Por que nós? Por que ela? Por que tão difícil? Por que deste jeito? Por que por tanto tempo?”. Ainda assim, como Jó, ficamos sem resposta. Não conseguimos nenhuma luz — só mais desgosto. Nosso crescimento em sabedoria só levanta mais questões, à medida que nossa tentativa de compreender plenamente o que Deus está fazendo ou por que está fazendo sempre chega a becos sem saída, pelo menos em algum nível.⁴

Somos criaturas e estamos sob maldição, portanto, nos vemos incapazes de compreender o funcionamento do mundo, incapazes de pastorear o vento. E assim vivemos com medo, frustração e aflição, o tipo que arruína nossa capacidade de desfrutar do que temos. Mais uma vez, DeRouchie resume a mensagem de Eclesiastes:

Com grande frequência, os propósitos luminosos e a bondade de Deus são esmaecidos da visão por trás do céu nublado, devido à ignorância (3.11; 11.5), à injustiça e opressão (4.1), ao descontentamento (4.8; 6.2), a perdas financeiras (5.13), ao juízo repentino (9.12; 11.2), à luta persistente com o pecado (9.3), à simples monotonia da rotina da vida (1.4-11), à natureza efêmera da sabedoria da destreza e da riqueza (2.21; 5.16), ou ao fato de que a vida de alguém é apenas esquecida depois da morte (2.14-16). A maldição criou um mundo onde rebeldes e remanescentes experimentam nascimento e morte, amor e ódio, paz e guerra (3.2,8). Esta é a natureza da vida “debaixo do sol”. Como alguém deve responder sob esses enigmas onipresentes?⁵

A resposta de DeRouchie, enraizada na leitura cuidadosa de Eclesiastes, é: embora não possamos pastorear o vento, há “um Pastor” que pode (12.11). Ele concede sabedoria aos que o temem e nos permite descansar e esperar em sua sábia e insondável providência. Ao agir assim, podemos reconhecer e aceitar nossas limitações de criatura e substituir nossa autossuficiência e busca por conhecimento total do mundo por uma profunda e radical dependência de Deus. Tal dependência liberta os que temem a Deus para “regozijar-se e levar vida regalada [...] e também para comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho — é dom de Deus” (3.12,13, com adaptações).

Por quê? É porque os que temem a Deus hoje estão habilitados para gozar deste mundo como dádiva do Criador e, portanto, como canal para a adoração (2.24,25; 6.1,2; 11.8; 12.1). É também porque os que andam em

sabedoria hoje, vivendo à luz do juízo vindouro, fugirão da ira que há de vir sobre os maus (3.17; 7.12,18,19; 8.12,13; cf. 12.13,14). O temor divino leva à aprovação de Deus, que liberta você e eu para deleitar-nos no dia de hoje enquanto esperamos pelo amanhã. “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras” (9.7; cf. 2.26; 7.26). “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas. [...] Lembra-te do teu Criador” (11.9; 12.1).⁶

Então, sim, as dádivas terrenas de Deus são passageiras. Sim, elas podem (e vão) se perder. Mas quando abraçamos nossa condição de criatura e olhamos para o único pastor, o Deus Criador que guia e governa este mundo torto e que se derrama sobre nós para nosso bem, somos libertos para beber, comer, alegrar-nos e desfrutar a vida com as pessoas que amamos, todos os dias de nossa vida enigmática, porque esta é nossa porção e Deus aprova.

Como o sofrimento põe à prova nosso gozo integrado

Uma coisa é perceber que a perspectiva de perder as boas dádivas não significa que não devemos desfrutar delas. Outra é perceber como devemos encarar a perda de modo a honrar a Deus *tanto* em tê-las *quanto* em perdê-las. Para isso, devemos começar reconhecendo que o sofrimento involuntário é um teste vital e inevitável de nosso amor integrado e desejos ordenados. Sofrer é o teste comparativo perfeito para garantir que nossa integração não se tornou idolatria (v. Capítulo 5).

Claro, devemos avaliar com regularidade nosso amor supremo a Deus, mesmo que este seja apenas hipotético. Assim o fazemos ao confessar com o salmista: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne

e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25,26).

Sublinhamos nossa máxima devoção a Deus pela adoração. Cantamos canções como:

Aleluia! Tudo que tenho é Cristo.

Aleluia! Jesus é minha vida.⁷

E:

Conhecer-te, Jesus

Conhecer-te

Não há nada maior.⁸

E:

Se temos de perder

Família, bens, prazer!

E tudo se acabar

E a morte enfim chegar

Com ele reinaremos!.⁹

Mas a perda real de coisas boas põe essas confissões à prova de maneira singular. Que faremos quando nossos amigos nos abandonarem durante nossa maior necessidade? Nossa fé desvanecerá? Ou imitaremos o apóstolo Paulo?

Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta! Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém! (2Tm 4.16-18)

Todos abandonaram Paulo. Mas ele não perdeu a esperança. O Senhor o assistiu e o fortaleceu, e o Senhor é melhor que qualquer amigo terreno.

Que faremos se até mesmos nossos pais nos rejeitarem e nos desampararem, virando as costas para nós num momento de necessidade? Diremos com o salmista: “Porque, se meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá” (Sl 27.10)?

Que faremos se vier a tempestade e lançar por terra a nossa casa com nossos livros dentro? Será que nos revoltaremos contra o céu? Amaldiçoaremos o Deus que nos criou e formou? Ou diremos com Jó: “o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1.21)?¹⁰

Na verdade, a história de Jó é apresentada como um teste das afeições e da fidelidade de Jó para com Deus. Jó era um homem piedoso, “íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (1.1). Deus tinha-o abençoado com dez filhos e sua riqueza era a maior do oriente (v. 2,3). Jó era um pai fiel que amava seus filhos e orava por sua proteção e oferecia sacrifícios em seu nome.

Quando aparece diante de Deus, Satanás acusa Jó de idolatria. Deus tem “abençoado a obra de suas mãos, e seus bens se multiplicaram na terra” (v. 10). Mas a piedade de Jó é superficial, diz Satanás, e se Deus apenas tocasse em tudo quanto Jó tem, “ele blasfemarà contra ti na tua face” (v. 11). Em outras palavras, Satanás está desafiando a integridade do coração de Jó. Ele alega que a integração de Jó entre dádiva e doador é, na verdade, idolatria das dádivas acima do doador. E assim Deus põe Jó à prova, tirando-lhe a riqueza e os filhos, a saúde e a felicidade do casamento. E embora reconheça a mão divina em tudo isso (1.21; 2.10), Jó não peca nem atribui a Deus falta alguma (1.22).

Então, o sofrimento testa nosso amor supremo a Deus mais que qualquer outra coisa. O sofrimento traz à tona a abordagem comparativa do doador e suas dádivas e obriga-nos a pôr nosso dinheiro, e nossa família, e nossa saúde e cada uma das coisas boas onde nossa boca está.

Integração na ausência

Mas o quadro é mais complicado que isso. O sofrimento de fato sublinha o valor supremo, decisivo e infinito de Deus acima de todas as coisas boas que ele provê. Mas a presença da abordagem comparativa não abole a integração entre dádivas e doador. A integração continua, *mesmo na ausência da dádiva*. Para ver como, precisamos lembrar-nos do que o amor integrado a Deus e suas dádivas está fazendo a nós e em nós.

O cerne da abordagem integrada para com Deus e suas dádivas é a expansão da alma. Amar as dádivas divinas amplia nossa capacidade mental de entender quem Deus é. Alarga a capacidade de nosso coração de deleitar-se e regozijar-se em sua identidade. Expande a capacidade de nossa alma de receber, abraçar e estimar tudo que Deus é por nós em Cristo. Ritmos de piedade direta e indireta remetem-nos às dádivas e então a Deus, esticando, alargando, ampliando nossa capacidade de ver e saborear Cristo e as coisas da terra.

Digamos assim: Paulo conta-nos que o amor de Deus em Cristo Jesus é tão largo, comprido, alto e profundo que excede todo o conhecimento (Ef 3.18,19). É estonteante em seu esplendor e glória, tanto que não temos força para compreendê-lo. Assim, Paulo ora para que Deus conceda-nos que “sejamos fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior” (v. 16) a fim de que tenhamos a força para compreender o incompreensível amor divino.

E uma das maneiras fundamentais pelas quais Deus dá a nossos corações e mentes um treinamento espiritual é comunicando sua bondade a nós por meio das dádivas criadas.

O valor desse relacionamento mutuamente benéfico é que nosso amor às dádivas leva nosso amor a Deus a novos patamares, significando que podemos deixar o apego fora de nosso amor às dádivas. Se estamos vivendo, pensando e regozijando-nos de forma integrada, cada vez que um prazer numa dádiva atinge o teto, leva Deus consigo, expandindo nossa capacidade de conhecê-lo. Para citar Edwards, “apetites espirituais não precisam de limites”.¹¹ E toda a questão deste livro é que todo gozo legítimo, seja em Deus ou em qualquer outra coisa, é intensa e profundamente espiritual.

Desse modo, a expansão integrada do coração é o objetivo. Mas a expansão do coração e o fortalecimento da alma acontecem de mais de uma maneira. O coração pode expandir-se quando a dádiva está presente, *e pode expandir-se quando a dádiva está ausente*, às vezes de modos que só são possíveis por meio das perdas.

Vivenciando uma grande perda

No Capítulo 8 dei alguns instantâneos de minha vida com meu pai, que morreu de Alzheimer e Parkinson em 2013 aos 68 anos de idade. Mais ou menos no último ano de sua vida, ele já não mais me reconhecia nem falava coisa com coisa. Por oito anos o vi morrer aos poucos, à distância (ele morava no Texas, eu em Minnesota). Quando voltava para casa periodicamente, ele estava cada vez menos presente. É terrível acompanhar alguém que você ama morrer assim. E não tenho dúvidas de que era muito pior para minha mãe, que estava lá a um passo de distância, enquanto seu marido e melhor amigo se esvaía.

É tolice comparar graus de sofrimento. Mas tenho a sensação de que por mais terrível que seja perder um pai, um irmão, a esposa, ou um amigo íntimo, a perda de uma criança é ainda pior. Tenho amigos bem chegados que perderam filhos, e tenho uma imaginação boa o suficiente para saber que tipo de coisas sentiria se algo acontecesse a algum dos meus meninos. Alguns anos atrás, alguns amigos chegados perderam seu bebê depois de seis meses de luta com uma doença terminal. Em certo momento durante aqueles meses com o coração apertado, lembro-me de ver algumas fotos de meu amigo segurando seu filhinho. Enquanto o via tocar com ternura e os olhos marejados a face do filho, comecei a imaginar o tipo de coisas que sentiria se estivesse no lugar dele, enfrentando a perda iminente de um de meus meninos. Por causa daquele pensamento doloroso, escrevi ao meu amigo uma carta, tentando encorajá-lo enquanto ele e a esposa enfrentavam uma perda incomensurável:

Considero um fato que Cristo seja supremo para você e sua esposa. Sei que ele é seu tesouro e sua vida. Sei que a fé nele está entranhada em você até a medula, que seu amor a ele consiste no cerne de seu ser. Posso imaginar que, em momentos como este, seu amor a Deus e sua confiança na soberania dele gere perguntas como: “Se Deus está levando nosso filho para si, é normal querer manter nosso pequenino nos braços o máximo de tempo possível? Estou resistindo a Deus de alguma forma quando meu desejo por meu filho é tão real, tão intenso, tão inegável, e ainda assim está tão claro que Deus vai tirar meu bebê de mim?”.

Então só queria dizer que, dada a profunda realidade de seu amor pleno e supremo a Deus, seu amor ao filho agonizante não pode ser intenso demais. É impossível que seu sentimento por ele seja intenso demais, porque você quer segurá-lo demais, porque deseja sua saúde e felicidade com demasiado fervor.

Deixe-me dizer de novo: você não pode amar seu filho demais. Isso porque, como você me disse repetidas vezes, seu filho é um presente para

você. Deus o deu a você como presente, e você o recebeu como tal. Seu filho é uma obra divina, uma expressão da glória, da graça e do amor de Deus, personalizada em especial para você e sua família. Você só pode amá-lo erroneamente se amá-lo *em lugar de* Deus. Mas, se o recebe *como uma dádiva divina*, em toda a sua maravilha, beleza, doçura e fragilidade, então não pode amá-lo demais ou valorá-lo demais, e não precisa sentir nenhuma ponta de culpa por amá-lo como o ama, anelar por sua saúde e desejar desesperadamente agarrar-se a ele, conhecê-lo e gastar tempo com ele o mais possível.

Então, só quero encorajar você e sua esposa a mergulhar de cabeça na dádiva. Saboreie cada momento com o bebê. Toque-o, segure-o, acaricie-o, deixe o amor que sente por ele crescer em você. Deixe que o leve às lágrimas, à tristeza e àquele sentimento de nó na garganta de que você faria qualquer coisa para socorrer seu filho. Deixe que seu amor a seu filhinho o leve além da dor e do lamento até à alegria indestrutível do Deus que dá boas dádivas *e não é ameaçado por elas*.

É como se Deus lhe dissesse: “Não sabes quão intenso é meu amor por ti, quão profundas são minhas afeições por ti. Mostrar-te-ei. Esticarei teu coração a ponto de quebrar. Será como se fosses morrer. Mas, se vens comigo, no amor, na dor, na aflição, no anelo e no desejo, então, quando tudo estiver dito e feito, saberás que ‘como um pai tem compaixão de seus filhos, assim também o Senhor tem compaixão de ti’”.

Assim se mostra a alegria integrada quando a dádiva preciosa está sendo tomada.¹² É o oposto de frio e distante. É o que nos liberta da mentira que diz “Se ama a Deus de verdade, você não lamentará nem se afligirá. Se realmente confiasse na bondade dele, você resistiria a todo este pranto”. A alegria integrada expulsa tal estoicismo para as trevas exteriores. Prescinde da noção equivocada de que Deus é honrado quando agimos como se nosso coração não estivesse gritando de angústia enquanto sentimos falta de nosso pai, ou marido, ou irmã, ou filho.

A alegria integrada liberta-nos para entristecer-nos como as figuras bíblicas. A confiança absoluta de Jó na bondade soberana

de Deus para com ele não o leva a aceitar estoicamente a perda de tudo que achava precioso. Ele não trata a perda de seus filhos com levandade. Rasgou seu manto. Rapou a cabeça. Lançou-se em terra. Lamentou, e chorou, e adorou a Deus entre as lágrimas.

Os salmos estão cheios de emoção intensa em meio a todos os tipos de sofrimento. Os salmistas lutam com Deus na adversidade, em perdas terríveis, no silêncio enlouquecedor dos céus. E de fato lutam e agonizam em oração. Reivindicam as promessas divinas, apelam ao caráter de Deus, clamam pela justiça divina e procuram o ouvido de Deus.

E não nos esqueçamos de Jesus. Homem de dores e que sabe o que é padecer. Chorando por Jerusalém. Profundamente comovido em seu espírito pelo luto de Maria e Marta. Vertendo lágrimas de aflição no túmulo de Lázaro, minutos antes de ressuscitá-lo dos mortos.

Não, o luto bíblico não é indiferente. Não é distante e com ares de superior. Nascido da alegria integrada, o luto bíblico não sofre a perda das dádivas preciosas de forma leviana. A experiência de sofrimento é dolorosa. Produz angústia e pranto verdadeiros. Revolta-se contra a escuridão e o vazio, contra o mundo amaldiçoado, cheio de morte e perdas, e contra o diabo e suas hostes que não fazem nada senão matar, roubar e destruir.

No entanto, por mais que nosso luto possa entregar-se ao pranto e à revolta, o luto bíblico jamais amaldiçoa ao Senhor, que dá e toma de volta segundo seus propósitos bons e sábios. A alegria integrada transforma-se em lamento e luto quando coisas preciosas são arrancadas de nossos braços. E, ao fazê-lo, até mesmo os sofrimentos e perdas mais terríveis expandem nossa alma, alargam nosso coração além do que pensamos que possa suportar a fim de

que descansemos mais profundamente no Deus que será sempre e para sempre a nossa porção.¹³

Gratidão sempre e por tudo

Às vezes os poetas podem dizer em verso o que sentem ser impossível dizer em prosa. Uma canção que comunica o cerne deste capítulo é *Gratitude* [Gratidão], de Nichole Nordeman. Na canção, ela faz um trabalho tremendo de incitar a admoestação paulina: “dando sempre graças por tudo” (Ef 5.20). A canção está cheia de orações e súplicas para que Deus mande chuva sobre a terra sedenta, mande o pão, para alimentar-nos, e nos conceda a paz num mundo ferido de guerra. Mas de novo e de novo a canção volta à verdade de que Deus pode não responder essas orações como gostaríamos. Ele pode escolher agir de outras maneiras mais duras, mais exasperantes. Mas, se o fizer, ainda assim “daremos graças a ti com gratidão, pelas lições que aprendemos sobre como confiar em ti”.¹⁴

A verdadeira gratidão permanece, mesmo quando as dádivas são suprimidas. A gratidão recebe alegremente *tudo* que Deus dá, acolhendo o que é bom com satisfação e as dificuldades com um profundo senso de “entristecidos, mas sempre alegres”. A gratidão sabe que Deus é honrado na acolhida alegre de dádivas maravilhosas e na profunda e inabalável satisfação em Deus quando essas dádivas maravilhosas se vão. E a gratidão ama demonstrar o mérito e o valor do doador de toda boa dádiva e de profunda compaixão.

Essa foi a descoberta de Paulo em suas provas e tribulações. Em meio à importunação demoníaca, Paulo implorou a Deus que removesse seu espinho na carne, que o libertasse de alguma fraqueza insuportável (2Co 12.7,8). Observe que não é errado pedir

alívio. Os cristãos não são masoquistas que se deleitam na dor como um fim em si mesmo. Mas, apesar do apelo sincero de Paulo, Deus respondeu negando seu pedido imediato e chamando a atenção para o fruto espiritual que transbordava da vida de Paulo como resultado de sua aflição: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). E Paulo responde, não negando a realidade da fraqueza ou da dor do tormento, mas gloriando-se de boa vontade nas fraquezas, para que sobre ele repousasse o poder de Cristo, e mostrando o mérito supremo de Jesus na adversidade e na aflição de Paulo e por meio delas.

Como a alegria integrada enfrenta a morte

Perder uma das grandiosas dádivas divinas pode partir-nos o coração. Perder várias delas, como Jó, pode lançar-nos em aflição. Mas o que faremos quando somos confrontados com a perda de *todas* as coisas boas? Que faremos quando a realidade da morte pousa sobre nós, a realidade de que nós e todas as delícias criadas que amamos são como neblina, sopro e erva que seca? Que diremos e faremos quando estivermos prestes a perder todos os raios criados da glória que nos aquece o coração e nos traz alegria?

Em nosso leito de morte, a alegria integrada busca engrandecer a Deus, quer pela vida, quer pela morte (Fp 1.20), ao gozar dele supremamente, ao conhecer até a medula que todas essas dádivas foram apenas “cintilações repentinas e distantes de um ser cuja destra são prazeres eternos”.¹⁵ O deleite integrado nas dádivas divinas sabe que Cristo é a alegria das alegrias, o prazer no coração de todos os prazeres, e que a morte apenas abre novas perspectivas para conhecê-lo e desfrutar *dele*. Por essa razão, a alegria integrada deseja partir e estar com Cristo, porque é muito melhor (Fp 1.24). A alegria integrada está ancorada no

conhecimento empírico de que a graça do Senhor é melhor que a vida (Sl 63.3). A alegria integrada trabalha para ver a vida como Cristo, para gozar Cristo em tudo e tudo em Cristo, e, portanto, a alegria integrada acolhe a perda de cada boa dádiva na morte *como lucro* (Fp 1.21).

Mas mesmo aqui a integração não termina. Paulo considera a presença da alma sem corpo e sem pecado da alma com Cristo muito superior à existência encarnada arruinada pela corrupção, pelo pecado e pela morte. Estar no céu com Jesus *sem* um corpo físico é melhor que estar no mundo caído *com* o corpo decadente, ainda que o Espírito o habite. Estar lá sem o corpo é melhor que estar aqui com dor e pecado. Mas a esperança suprema de Paulo transcende essas opções:

Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial; se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito. (2Co 5.1-5)

Três opções são apresentadas aqui. Podemos vestir-nos com um tabernáculo terreno (i.e., o corpo), sujeito à decadência e morte e ao pecado remanescente. Podemos estar nus (i.e., sem corpo), mas com Jesus, o que é melhor que a primeira opção. Ou podemos ainda revestir-nos com um corpo ressurreto, imortal e incorruptível, e essa última opção é nossa esperança final, a esperança que nos está garantida pelo Espírito Santo.

Deus nos está preparando para sermos homens e mulheres espirituais e encarnados. Ou seja, Deus nos está preparando para

viver em corpos animados e transformados pelo Espírito Santo, como aconteceu com Jesus na ressurreição. O último Adão é um Espírito vivificante, e devemos trazer sua imagem como povo transformado pelo Espírito Santo e que o encarna (1Co 15.45-49).

As implicações dessa esperança futura são extensas. Quer dizer que quando dizemos adeus a nossos prazeres terrenos na morte, estamos realmente dizendo “até mais”. Consideramos a morte lucro, primeiro porque estaremos com Cristo sem demora, e em seguida porque um dia ouviremos um arcanjo estrugir a trombeta e nos encontraremos restaurados em nossos corpos terrenos e livres para usá-los de modos que ainda não conseguimos compreender.

A morte leva embora nossos prazeres terrenos, e então a ressurreição restaura-os em profusão. Nenhum bem será uma perda final. Não é só que todas as melhores alegrias aqui apontam para as alegrias lá, mas muitas das melhores alegrias aqui realmente *estarão* lá, glorificadas, transfiguradas, intensificadas além de nossa imaginação. Isso quer dizer que até mesmo nossa concepção de esperança futura está colorida pelas abordagens integradas e comparativas das dádivas divinas. Como esperamos ansiosamente por novos céus e nova terra, devemos perguntar com sobriedade e seriedade:

Se você pudesse ter o céu, sem doenças, com todos os amigos que tinha na terra, com toda a comida que gostava, com todas as atividades relaxantes que você já desfrutou, todas as belezas naturais que já contemplou, todos os prazeres físicos que já experimentou, nenhum conflito humano ou desastres naturais, ficaria satisfeito com o céu, se Cristo não estivesse lá?¹⁶

Se nossa resposta for sim, então temos de temer o estado de nossa alma. Cristo não é glorificado em nosso gozo de suas dádivas à parte de sua presença. Desejar o céu sem Cristo é cometer uma

forma sutil e suicida de idolatria, que não nos recomendará a Deus no último dia.

Mas, se tivermos nascido de novo e se soubermos em nosso íntimo que jamais estaríamos satisfeitos no melhor céu sem Jesus, então expandimos nossa visão da esperança suprema ao antecipar com avidez a riqueza e a comida e os amigos e a família e a beleza natural e as realizações culturais e relacionamentos harmoniosos presentes no novo céu e na nova terra de maneira que simplesmente não podemos compreender.¹⁷

Em outras palavras, Deus não nos está ensinando a alegria integrada *aqui* a fim de que nos livremos dela quando chegarmos *lá*. Afinal, “aquilo pelo que a alma mais anseia é a ressurreição dos sentidos”.¹⁸ Quando passarmos pela porta do estábulo e deixarmos Nárnia para trás, entraremos na verdadeira Nárnia. Diremos adeus à Terra de Sombras e encontraremos nosso verdadeiro lar. Em termos práticos, quando chegarmos ao céu, ainda precisaremos e quereremos coisas como abraços. E não apenas abraços do próprio Jesus (por mais maravilhosos que sejam, sem dúvida). Na verdade, seremos capazes de receber um abraço de um amigo *como um abraço de Jesus* de um modo que permanece misterioso para nós agora. A integração celestial excede a capacidade da mente humana de saber. “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram [...] o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9).

Qual é nossa maior recompensa?

A plenitude dessa esperança celestial é lindamente descrita no livro de Hebreus, onde o autor dá uma definição clara da fé autêntica:

De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam. (11.6)

Portanto, fé é chegar a Deus, que existe para o galardão que ele oferece. Mas o que é esse galardão? Leia atentamente cada passagem abaixo, observando que somos chamados à esperança e ao tipo de estilo de vida terreno que essa esperança produz.

Porque não só vos compadecesteis dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio; ou, tendo ciência de vos possuídes a vós mesmos *por patrimônio superior e durável*. Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. (10.34,35)

Porque aguardava a *cidade que tem fundamentos*, da qual Deus é o arquiteto e edificador. (11.10)

Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma *pátria*. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiram a *uma pátria superior, isto é, celestial*. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade. (11.14-16)

Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o *galardão*. (11.24-26)

Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem *superior* ressurreição. (11.35)

Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, *a fim de sermos participantes da sua santidade*. (12.10)

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém *verá o Senhor*. (12.14)

Mas tendes chegado ao *monte Sião* e à *cidade do Deus vivo*, a Jerusalém celestial, e a *incontáveis hostes de anjos*, e à universal assembleia e *igreja*

dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel. (12.22-24)

Por isso, recebendo nós *um reino inabalável*, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor. (12.28)

Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta. Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério. Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a *[cidade] que há de vir*. (13.12-14)

Então qual é nossa esperança e galardão? O que nos capacita a acolher com alegria a perda de nossa propriedade e deixar nossa pátria e ir para onde Deus nos chama? O que nos habilita a renunciar tesouros terrenos e fugir do pecado, a suportar a tortura por causa de Cristo, e a receber de boa vontade a disciplina dolorosa de Deus? O que nos inspira a viver em paz com os outros e a rejeitar a imoralidade sexual e a impiedade e a adorar a Deus com correção, temor e tremor? O que nos liberta para deixar para trás os confortos das cidades terrenas e a aventurar-nos fora das portas para sofrer o vitupério com Jesus?

Uma coisa. Uma coisa complexa, grandiosa e em camadas múltiplas. Podemos dizer que em última instância é o próprio Deus, mas Hebreus nos obriga a dizer mais. O que nos sustenta nos momentos mais sombrios e desencadeia os maiores sacrifícios por causa do amor é *a presença santa e permanente de Deus com seu povo aperfeiçoado, transformado e encarnado em sua cidade-reino gloriosa e inabalável por toda a eternidade, no mundo que não terá fim, amém.*

Essa é nossa esperança. Estes são os prazeres (plural!) eternos que se encontram na destra de Deus. O céu de fato é um mundo de amor — o amor supremo ao Deus trino, amor expansivo pelo povo redimido e amor crescente pela criação renovada. E é nossa esperança na plenitude da glória de Deus que nos sustenta em meio ao sofrimento e à perseguição, adversidade e doença, perdas terríveis e a morte angustiante.

¹ “Making Known the Manifold Wisdom of God through Prison and Prayer”. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/conference-messages/making-known-the-manifold-wisdom-of-god-through-prison-and-prayer>. Acesso em: 18 fev. 2014.

² “Shepherding Wind and One Wise Shepherd: Grasping for Breath in Ecclesiastes”, *The Southern Baptist Journal of Theology* 15.3 (2011), p. 4-25.

³ DeRouchie defende que *hevel*, o termo hebraico que a ESV [English Standard Version] traduz como “ vaidade”, deve ser traduzida como “enigma”. Assim, ele quer dizer que “a vida ‘debaixo do sol’ é desconcertante, confusa ou incompreensível, embora ainda com significado e significância”. *Ibid.*, p. 10. Deste modo, ele rejeita a noção de que Ecclesiastes defende que a vida é completamente sem valor, sem sentido e sem esperança. Ao contrário, está repleta de enigmas, bons e maus, e que nossa mente finita e caída é incapaz de compreender por completo como o mundo funciona.

⁴ *Ibid.*, p. 14.

⁵ *Ibid.*, p. 14-5.

⁶ *Ibid.*, p. 15.

⁷ Jordan Kauflin, “All I Have Is Christ”, Sovereign Grace Music (2008).

⁸ Graham Kendrick, “Knowing You (All I Once Held Dear)”, Make Way Music (2008).

⁹ Martinho Lutero, “Castelo Forte”(–1529). [Versão do hinário Novo Cântico, da Igreja Presbiteriana do Brasil.]

¹⁰ Ecoando Jó 13.15, Shane Barnard e Shane Everett expressam este sentimento glorioso e de cortar o coração: “Though You slay me, / Yet I will praise you. / Though you take from me, / I will bless your name. / Though you ruin me, / Still I will worship, / Sing a song to the one who’s all I need” [Ainda que me mates, / Eu te louvarei. / Ainda que tires tudo de mim, / Bendirei o teu nome. / Ainda que me arruines, / Ainda assim adorarei, / Entoarei um cântico àquele que é tudo que preciso.]. Shane Barnard, Shane Everett, “Though You Slay Me” (Brentwood: Fair Trade Services, 2013).

¹¹ “Spiritual Appetites Need No Bounds”. In: *The Puritan Pulpit American Series*: Jonathan Edwards. Don Kistler, org. Morgan: Soli Deo Gloria, 2004, p. 223-35.

¹² Ao dizer que não podemos amar demais as dádivas, tento evitar pensar em nosso amor a Deus e em nosso amor às suas dádivas em termos apenas quantitativos e comparativos. Relativamente falando, é possível amar as dádivas de Deus demais quando preferimos a estas e não a ele. Mas, na verdade, a pessoa que ama demais as dádivas de Deus não as ama o suficiente. O glutton é alguém que não ama o bastante a comida. Se a amasse o suficiente, deixaria que a comida fosse apenas comida em vez de fazer dela um deus. Portanto, uma vez que o amor supremo, pleno e expansivo a Deus orienta nossas afeições, ele permite que nossos amores menores sejam o mais possível intensos, elevados e poderosos, desde que sua intensidade sirva apenas para aumentar nosso amor pelo doador de todas as coisas boas.

¹³ No Capítulo anterior, falei do modo como a Bíblia expande nossa mente ao empurrar-nos para direções opostas e que devemos acolher o mistério e recusar-nos a permitir que uma verdade anule a outra. Isso não é menos verdadeiro em nossa vida emocional. Um dos mandamentos aparentemente impossíveis encontra-se em Rm 12.15: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram”. O evangelho nos impõe ambos os

mandamentos. Os que sofrem são chamados a somar sua alegria à alegria dos bem-aventurados. Os que recebem favor devem unir-se aos enlutados em meio a sua aflição. E devemos agir assim sem permitir que uma emoção tire a outra. Os de coração alegre não devem agir com superioridade sobre os aflitos. Os feridos não devem permitir que sua dor abafe uma alegria verdadeira quando é dada por Deus. O amor deve ser genuíno (Rm 12.9), e devemos esforçar-nos para viver em harmonia uns com os outros (Rm 12.16). Falando em termos práticos, isso quer dizer que nossa vida será caracterizada pelo mesmo coração que o apóstolo Paulo, que dizia: “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10). Também quer dizer que sabedoria e discrição governarão nossa alegria e nosso pranto, a fim de que nos movamos segundo o ritmo de Ec 3.4: “Tempo de chorar, e tempo de rir”. E a única forma com que faremos algum progresso na obtenção desses ritmos corretamente é se formos abertos e honestos na comunicação uns com os outros e se formos confiantes na graça de Deus como suficiente para todas as nossas necessidades. É a graça que capacita o enlutado a alegrar-se com os que se alegram, em especial quando eles recebem algo que queremos desesperadamente ou que tragicamente perdemos. É a graça que capacita os que se alegram a suportar o sofrimento dos que sofrem, em especial quando nosso coração explode de alegria. A graça deve reinar, o amor deve cobrir uma multidão de pecados, feridas e descuidos, e Cristo deve fazer o que é impossível para nós.

¹⁴ Nichole Nordeman, *Gratitude*, 2002.

¹⁵ *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*. New York: Harcourt Brace, 1964, p. 90.

¹⁶ John Piper, *God Is the Gospel*. Wheaton: Crossway, 2005, p. 15. [Lançado em português com o título: *Deus é o Evangelho*. Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2006]

¹⁷ Em seu lindo poema *Mythopoieia*, J. R. R. Tolkien oferece uma sugestão de como o gozo do céu não se restringirá apenas a Deus, à parte dos novos céus e da nova terra: “No Paraíso pode o olho vagar / do Dia imorredouro contemplar / a ver o que ele ilumina, e nova / Verdade ter com isso como prova” (Trad. Fábio Bettega. Disponível em: <https://www.valinor.com.br/6266>. Acesso em: 28 de abril de 2017). No céu contemplaremos a Deus com olhos novos e imaculados e assim encontraremos nossa mais profunda alegria nele. Entretanto, mesmo lá nossos olhos podem esquivar-se de olhar diretamente para Deus, que é o dia imorredouro, e ver tudo que o dia ilumina — a família, os amigos, os anjos, as glórias criadas e as atividades humanas. E ao ver a luz de Deus refletida e refratada neste espelho criado, nossa visão do próprio Deus será renovada e aprimorada. Mesmo no céu, sugere Tolkien, teremos ritmos de piedade direta e indireta, espiralando para sempre na Grande Dança.

¹⁸ C. S. Lewis, *Letters to Malcolm*, p. 121.

Abrace sua condição de criatura

Gratidão é a felicidade multiplicada pelo espanto.

— G. K. Chesterton

Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

— Romanos 8.31,32

O *insight* principal do hedonismo cristão é que não temos de escolher entre a paixão pela glória de Deus e a paixão por nossa alegria. Como diz John Piper: “Que sua paixão seja uma só”. São a mesma paixão. A tese deste livro é que não temos de escolher entre amar a Deus e amar suas dádivas e que isso continua sendo verdade mesmo quando perdemos as boas dádivas ou delas abrimos mão por amor a ele.

O salmo 16 contém muitas das verdades que exploramos neste livro, e podemos ter um refrigério nelas com um breve passeio por esta canção maravilhosa:

Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.
Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor;
outro bem não possuo, senão a ti só. (v. 1,2)

O Senhor, Yahweh, é meu Senhor e soberano, e é o autor e fonte de tudo de bom que tenho. Não pode haver separação entre doador e suas dádivas, pois fora dele não há nenhum bem para mim.

Quanto aos santos que há na terra, são eles os notáveis

nos quais tenho todo o meu prazer. (v. 3)

Por não gozar de nada de bom à parte de Deus, toda a minha alegria pode ser posta em seus santos excelentes. Não há limites para meu deleite no povo de Deus. Toda a minha alegria, todo o meu prazer, toda a minha afeição está neste povo, porque todo o meu bem está em Deus.

Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses;
não oferecerei as suas libações de sangue,
e os meus lábios não pronunciarão o seu nome. (v. 4)

Meu amor pleno e supremo por Deus e suas dádivas quer dizer que rejeito todos os falsos deuses, toda a separação destrutiva e pesarosa entre as dádivas e o doador. Resisto ao impulso até mesmo de nomear tal idolatria com meus lábios.

O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice;
tu és o arrimo da minha sorte.
Caem-me as divisas em lugares amenos,
é mui linda a minha herança. (v. 5,6)

Deus é minha porção, meu cálice, minha sorte. Como os levitas (Nm 18.20), Deus é minha herança, excedendo todas as suas dádivas terrenas com sua linda presença e provisão.

Bendigo o Senhor, que me aconselha;
pois até durante a noite o meu coração me ensina.
O Senhor, tenho-o sempre à minha presença;
estando ele à minha direita, não serei abalado. (v. 7,8)

Mesmo com Deus como minha porção, bendigo-o e agradeço-lhe por suas dádivas, como, por exemplo, seu conselho e sabedoria. Além disso, Deus sempre está diante de mim, sempre em meu campo de visão, mesmo quando me dedico a cumprir seus

mandamentos e instruções. Porque ele é supremo em minha vida, não sou abalado quando chega a crise, a tragédia ou o sofrimento. Quando a terra se abala e o mar se agita, quando sombras caem sobre a minha casa e meu lar, quando as nações se levantam e os reinos escarnecem, então permaneço em Deus, a minha rocha.

Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta;
até o meu corpo repousará seguro.

Pois não deixarás a minha alma na morte,
nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. (v. 9,10)

Por causa do lugar de Deus em minha vida, sou livre para regozijar-me de corpo, alma e coração. Há profunda segurança, estabilidade e liberdade, sabendo que minha fidelidade fundamental é dedicada a ele. E esta segurança não pode ser roubada pela morte. O *Sheol* não pode roubar-me a alegria, uma vez que Deus prometeu-nos libertar-nos do túmulo e garantiu isso ao ressuscitar seu Filho como as primícias da colheita da ressurreição (At 2.24-33; 13.32-39; 1Co 15.20-23). Portanto, podemos regozijar-nos, alegrar-nos e habitar seguros, porque nenhum bem, afinal, se perderá.

Tu me farás ver os caminhos da vida;
na tua presença há plenitude de alegria,
na tua destra, delícias perpetuamente. (v. 11)

Assim vemos que Deus nos mostra o modo como devemos viver: colocando o Senhor diante de nós como nosso Senhor, nossa porção, nossa herança, e então desfrutando e deleitando-nos em tudo que ele dá, sejam santos encantadores, seu sábio conselho ou qualquer outro bem que possamos conceber. Sempre habitamos *coram Deo*, diante de sua face. E só em sua gloriosa presença encontramos plenitude de alegria, e essa plenitude nos é garantida

em todos os mais variados prazeres que sua destra nos concede, agora e para sempre.

Abrace sua condição de criatura

No cerne deste livro está o chamado a abraçar sua condição de criatura. E o cerne da condição de criatura é a receptividade. Deus é fundamentalmente um doador. Na Trindade, os membros da divindade dão-se uns aos outros de forma plena e completa. Em relação à criação, ele dá a todos os homens a vida, e o ar, e todas as coisas. Ele abre sua mão e satisfaz o desejo de cada coisa viva. Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho a nós, e o Pai se compraz tanto em seu Filho que nos deu a ele. O Pai e o Filho juntos nos dão o Espírito Santo. O Espírito nos dá consolo e graça e poder e a si mesmo em nosso coração e em nosso meio como lugar de sua habitação eterna. Sim, Deus é fundamentalmente um doador.

Portanto, ser criatura é ser um recebedor. “E que tens tu que não tenhas recebido?” (1Co 4.7). O grande privilégio do homem é receber tudo que Deus dá de todos os modos que ele dá, e então conhecer essas coisas, e desfrutar dessas coisas, e cantar sobre essas coisas, e conhecê-lo nessas coisas e desfrutar *dele* nessas coisas e cantar sobre *ele* nessas coisas. Tudo é verdadeiramente nosso — “seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3.21-23).

Assim, abrace sua condição de criatura. Não procure *ser* Deus. Ao contrário, abrace os limites e limitações que Deus colocou sobre você como personagem na história dele. Abrace o fato de que a criação é uma lente mágica, do tipo que permite que você veja a Deus com mais clareza quanto mais grossa ela fica. Abrace seu

tempo e seu espaço como características sábias e gloriosas da existência da condição de criatura. Abrace seu corpo e seus cinco sentidos e as maravilhas que eles podem perceber e receber no mundo. Abrace seu coração e sua mente, sua capacidade de pensar e sentir, seu entendimento e sua vontade, a imagem incrível do Deus trino que ele tem incrustado em sua alma. Ancore-se no supremo, completo e expansivo amor a Deus e em seguida deixe correr solto o gozo das dádivas que ele dá.

E então procure viver *como* Deus — generoso, transbordante, profuso. Compartilhe seu tempo, seus talentos e tesouro com os que estão próximos e distantes como forma de difundir a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas que você tem recebido dele com alegria por intermédio de Jesus Cristo.

E, como exortação final, deixe-me recomendar uma vida de gratidão. Gratidão é a resposta adequada à fartura de dádivas. Gratidão é a postura da alma que mais prontamente aumenta a receptividade. Gratidão exige humildade, uma vez que só os que reconhecem sua dependência, sua necessidade, e seu prazer na bondade e na benignidade do outro podem ser gratos. Dê graças sempre e por tudo. E seja específico. Para esse fim, permita-me oferecer ações de graça a Deus por sua bondade multiforme para comigo.

Sou grato pelos dias frescos de outono e pelas cores brilhantes que passam por eles; pelos esforços diligentes de minha esposa para cuidar de mim e dos nossos meninos, especialmente quando é difícil; pelos colegas da faculdade que me ajudaram com o trabalho no jardim; pelos meus parentes que visitaremos nas próximas semanas; pelos nove anos de esplendor e graça no casamento; porque Deus tem todos os animais sobre as montanhas; porque consigo ensinar e investir minha vida no Bethlehem College and

Seminary; porque tenho dois travesseiros para dormir à noite, um sob a cabeça e o outro entre meus joelhos; porque o reino avança quando estou fiel em meu posto; por Nárnia e pelo Norte; pelas dádivas, talentos e sucesso dos outros; pelo Parkway Pizza e pela Oatmeal Stout; pela capacidade de pensar e lembrar; porque Deus governa sobre os negócios dos homens, incluindo os meus; porque Jesus pagou por completo.

Se você está inundado no oceano das dádivas divinas, mergulhe e saboreie-as. Deleitar-se em tudo que há é deleitar-se nelas como meio de expandir sua mente e seu coração para conhecer a Deus mais profundamente. Receba as dádivas divinas com alegria, dê graças por elas e então seja generoso com os outros como Deus tem sido com você. E se você está em meio à perda de algo ou de alguém precioso para você, não se afaste. Siga em frente. Deus é seu único consolo, e ele está presente em sua perda de modos que você não pode compreender se correr do desejo, do anelo e da dor.

1. Tudo que você tem é Cristo,
2. Se você o tem em todas as boas dádivas que ele derrama sobre você;
3. Se você o tem em todas as boas dádivas que você alegremente recebe e então distribui livremente por causa do amor;
4. Se você só o tem na perda de tudo o mais que é precioso para você.

Que o pai das luzes, que sabe como dar boas dádivas a seus filhos, lhe ensine o segredo de enfrentar fartura e fome, abundância e necessidade, de ser humilhado e de ser exaltado. Que ele lhe conceda a graça de fazer todas as boas coisas, receber todas as boas coisas, perder todas as boas coisas e suportar todas as coisas difíceis por Cristo, que o fortalece.